

Estrangeiros no futebol português: a «torneira» fecha hoje

Pelas 17 horas de hoje conclui-se o prazo para inscrição de jogadores «não portugueses» na Federação Portuguesa de Futebol. Assim, mesmo os atletas recrutados no Brasil passam a ser considerados «estrangeiros», perfeitamente em igualdade de condições com qualquer futebolista profissional recrutado em outros países. Uma única excepção continua aberta aos clubes

continua na pág. 28



Negociações em curso visam realização de espectáculo conjunto

FRANK SINATRA, LISA MINELLI E SAMMY DAVIS JR. EM LISBOA?

Estes três «monstros» da música ligeira norte-americana poderão dar um espectáculo conjunto em Lisboa, no Verão de 1989, se as negociações nesse sentido, já encetadas pelo Casino do Estoril, tiverem uma conclusão satisfatória.

Pág. 32

Diário de Lisboa

ANO 68

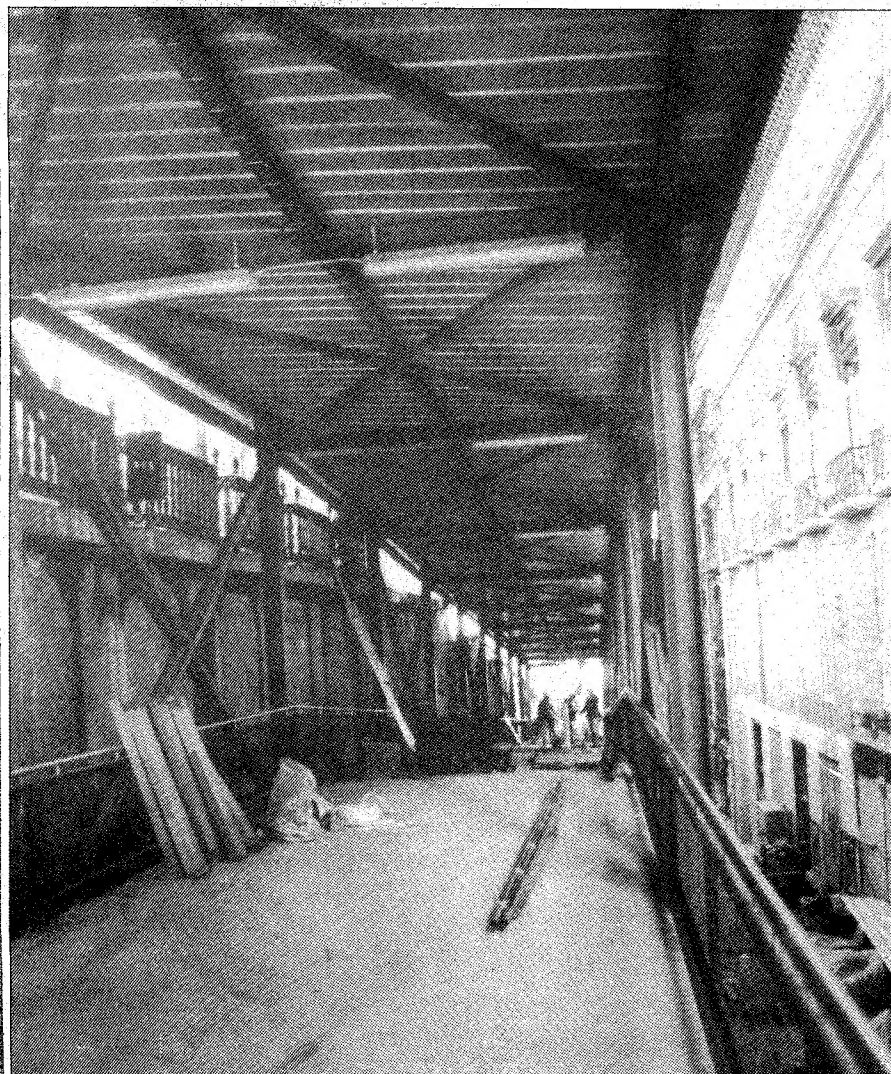
N.º 22 853

Sexta-feira, 30 de Dezembro de 1988

Preço 50\$00

Depois das promessas de rapidez feitas há mais de 4 meses

CHIADO ESTÁ MEIO PARADO



O Chiado está meio parado, segundo acusações ontem formuladas por autarcas da CDU, com base no facto de o presidente da Câmara não convocar, desde há três semanas, reuniões da Comissão de Vereadores que foi criada para tratar e aprovar as medidas de recuperação da zona. Segundo as mesmas fontes, no fundo trata-se de uma actuação de Abecasis que mais não visa do que fazer tudo sozinho. Do mesmo modo, foi revelado por um dos vereadores daquela força política que a Câmara ainda não entregou ao arquitecto Siza Vieira um programa de fundo para que ele possa começar a fazer o plano de recuperação.

Pág. 5

Hoje no «DL»

REVISTA DO ANO

A análise dos principais acontecimentos de 1988 num suplemento de 48 páginas



Informa as suas estimadas clientes que já se encontram em laboração plena e totalmente remodeladas, as instalações da Av. da República, 6, onde aguarda a V. visita.

Aproveita para desejar

Festas Felizes

esperando continuar, no próximo ano, a merecer a V. preferência.

LOTARIA DO FIM DE ANO:

180 MIL CONTOS PARA O 32417

A extracção da Lotaria de Fim de Ano, realizado ao fim da manhã, atribuiu o primeiro prémio ao número 32417 — 180 mil contos, vendido em Lisboa. O segundo prémio — 36 mil contos — foi para o 47075, e foi vendido também em Lisboa, assim como o terceiro prémio — 12 mil contos — que foi para o 11297.

Macau joga o seu futuro nos próximos dez anos. Não é somente a questão da transferência da administração portuguesa para a República Popular da China que está em causa, mas também o facto desse período coincidir com a necessidade da adopção de grandes medidas de fundo que moldem a sua estratégia económica para as próximas décadas. Em todo esse processo, Portugal e os seus agentes económicos, têm um papel importante a desempenhar mas que até agora só um número restrito de empresários encarou a sério. Nesta entrevista ao DL, Edmund Ho, figura do mais alto relevo nos meios económicos de Macau, analisa algumas das grandes questões que se colocam ao desenvolvimento do território e ao seu futuro, e aborda também as possibilidades únicas de que os portugueses dispõem para consolidar uma posição importante nesta zona do mundo.

EDMUND HO AO "DL"

DESEJO QUE OS PORTUGUESES INVISTAM E FIQUEM EM MACAU MESMO PARA ALÉM DE 1999

Augusto Vilela

«A tendência do desenvolvimento económico mundial do próximo século está agora virado para a zona do Pacífico. A República Popular da China naturalmente utilizará Hong Kong e Macau como as suas janelas para o investimento e contacto com o exterior. Se Portugal pensar, também, que o futuro desenvolvimento económico mundial passará para aquelas regiões, ser-lhe-á vantajoso aproveitar os doze anos do período de transição para desenvolver Macau como uma espécie de base para incrementar negócios com a China e com outros países da região».

Esta afirmação, feita ao DL por Edmund Ho, presidente do Banco Tai Fung e da Associação de Bancos, vice-presidente da Assembleia Legislativa de Macau e membro da Assembleia Nacional de Pequim, traduz um pensamento que é partilhado pela generalidade das principais figuras públicas do território, membros influentes da comunidade chinesa e opinião pública local. Assume, no entanto, particular importância, se tivermos em conta que Edmund Ho, não só por razões de família - seu pai, Ho Yin foi uma figura de enorme prestígio em Macau - mas principalmente por mérito próprio, tem vindo a tornar-se uma personalidade em crescente ascensão, não só junto da comunidade chinesa de Macau como em Pequim. Nos meios políticos e empresariais do território não falta quem lhe anteveja um papel da mais alta importância no futuro, designadamente para além de 1999.

Profundamente chinês na sua raiz cultural, mas também profundamente ocidental na sua visão ampla do mundo, Edmund Ho é um dos homens que mais advoga uma presença portuguesa em Macau que possa servir de base aos interesses económicos do nosso País na região. Inversamente admite que Portugal pode representar idêntico papel no Ocidente em relação ao gigante chinês.

«A cooperação com Portugal, lembra Edmund Ho, é muito van-

tajosa para a China, na medida em que Portugal mantém boas relações com os países de África. Isso contribuirá para melhorar ainda mais o desenvolvimento das relações económicas entre os dois países».

A sua perspectiva sobre o futuro de Macau, inclui Portugal com um lugar importante nesta região e Edmund Ho desejaria que esse

papel fosse decisivamente assumido pelo nosso País. É este quadro objectivo de interesses bilaterais e de relações de cordialidade entre os dois países, que dá solidez e conteúdo ao acordo luso-chinês e justifica a confiança das duas partes no futuro, confiança que é tanto mais elevada quanto mais próximo se está dos níveis de decisão mas se torna menos firme junto de cidadão comum, reflexo de uma falta de informação que é urgente suprir.

«Todos sabemos, afirma Edmund Ho, que Portugal e a República Popular da China assinaram uma declaração conjunta na qual se estipula que em 1999 a República Popular da China reasumirá a soberania de Macau. Mas não podemos esquecer uma coisa: é que Macau passará a ser uma região administrativa especial. Penso que no sector empresarial não haverá mudanças, apesar de estarmos agora a atravessar

um período de transição. Aliás este período é uma boa oportunidade para que os portugueses façam investimentos em Macau. É uma espécie de salvaguarda para os interesses dos investimentos portugueses feitos agora».

Investimentos e tecnologia

Edmund Ho afirma existirem condições para os investimentos e a transferência de tecnologia portugueses. Sublinha que Portugal e a República Popular da China «resolveram satisfatoriamente» a questão de Macau, que existe uma grande amizade entre os dois países, salienta que a cooperação tecnológica e económica entre os dois países é um procedimento normal.

«É claro que as relações intensas existentes entre os dois países trarão reflexos positivos para o desenvolvimento da tecnologia e

da economia. Portugal, no passado, enfrentava algumas dificuldades económicas e por causa disso não podia fazer muitos dos investimentos que pretendia. Mas desde que entrou na CEE a sua economia melhorou significativamente.

Nos últimos dois ou três anos, a República Popular da China tem vindo a adoptar uma política de abertura. Estes dois factores - entrada de Portugal na CEE e abertura da RPC - são factores objectivos normais que contribuem para que os negócios entre os dois países aumentem. No passado não havia condições para ambos os países. Portugal tinha as suas dificuldades e a RPC ainda não tinha aberto as portas. Não havia condições para promover estes negócios. Depois da assinatura da declaração conjunta, os dois países assumiram a responsabilidade da promoção do desenvolvimento da economia de

Macau. Estou convencido de que vão investir ainda mais no território».

Preparar o futuro

De há alguns anos para cá a indústria de Macau tem obtido resultados notáveis nas suas exportações, com os têxteis à cabeça, logo seguidos dos brinquedos, electrónica, etc. Mas está longe de ser uma indústria moderna e tecnologicamente avançada. Os empresários locais e a administração têm consciência disso. Edmund Ho aborda também essa questão como factor essencial ao desenvolvimento.

«A indústria de Macau, afirma, encontra-se numa fase de mudança. Macau vem dependendo, fundamentalmente, apenas da mão de obra, da força laboral, com preços baixos, para o fabrico de produtos baratos. Isto acontece também na Índia, no Sri Lanka e na Tailândia, onde há mão de obra barata. Mas ultimamente em Macau tudo tem encarecido. E se continuar assim, no futuro, o território perderá condições concorrenciais em relação aos referidos países, ou será eliminado, passando o seu lugar a ser substituído por outros países. O êxito alcançado no passado pelo sector industrial não terá possibilidade de subsistir no futuro. Há dois pontos a considerar: se o Governo de Macau deverá introduzir uma nova geração industrial, para fabricar produtos de melhor qualidade, ou se continua a insistir em manter a actual forma, o actual «status».

Interrogado sobre se era favorável à entrada de nova tecnologia, Edmund Ho responde que tanto ele como qualquer empresário não podem tomar uma decisão concreta, e afirma que «o Governo de Macau, através dos seus especialistas, deve estudar a evolução da política industrial nos próximos 20/30 anos e daí tomar



Edifícios modernos são a nota do crescimento do território, mas os símbolos históricos permanecem



Edmond Ho — símbolo de uma nova geração de empresários e dirigentes políticos chineses

uma decisão».

É de certo modo uma posição de confiança na capacidade da administração portuguesa, mesmo em questões que, como esta, terão os seus reflexos para além do horizonte de 1999, data que ele considera não um limite para os portugueses, mas um novo horizonte.

«Como acabei de referir, o Governo de Macau terá previamente de definir uma política industrial, sobretudo no que se refere à introdução de tecnologias moder-

É necessário definir uma estratégia

Partindo do princípio que Macau é um território pequeno e que, por isso, a indústria depende fundamentalmente da exportação, Edmond Ho lembra que para haver exportação é necessário entrar em concorrência com os outros países.

«Para isso há que criar condições no sentido de introduzir uma tecnologia no fabrico dos produtos, a fim de ultrapassar a Índia e

a fabricar em Macau esses produtos. O Governo de Macau, por sua vez, deverá criar condições para a concretização desses projectos de forma a que Macau possa tornar-se um território com um sistema económico independente».

Os grandes empreendimentos

Um novo horizonte se pode adivinhar para Macau com os novos empreendimentos projectados nos planos da administração

Esta imagem serviu ao nosso entrevistado para insistir em que uma das grandes questões de Macau é a análise da sua estratégia para os próximos anos.

«Macau é um bom começo para os investidores. Há que definir uma política. Sem ela o que é que os portugueses vêm cá investir? Após dois ou três anos, ou fracasam, ou fazem um investimento a curto prazo, ou vão-se embora. Há que definir uma política industrial de modo a que os industriais, tanto portugueses como chineses, possam fazer investimentos a longo prazo».

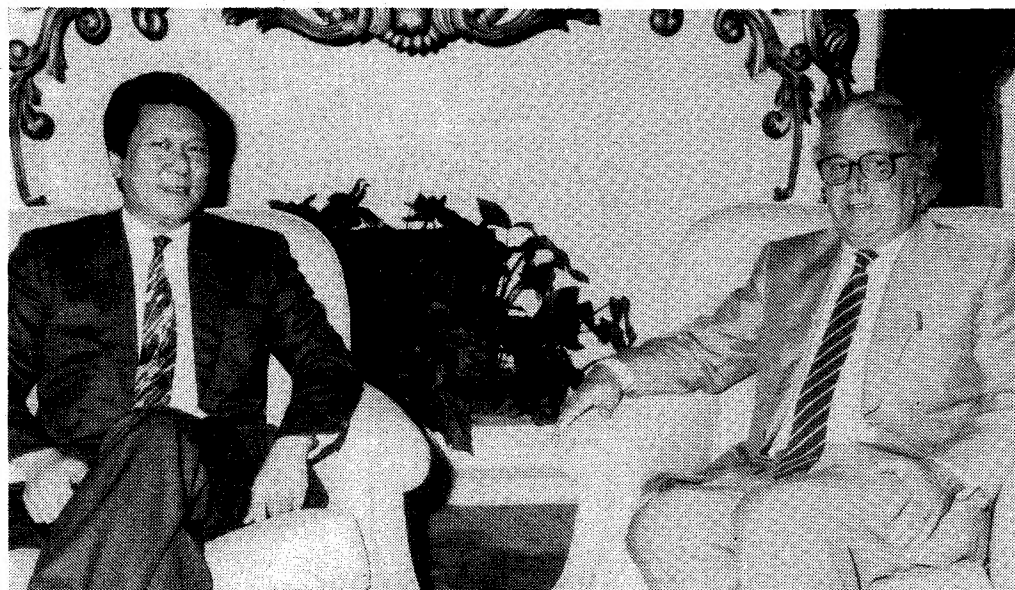
Colocado perante a questão de qualquer estratégia a longo prazo exceder os horizontes temporais da administração portuguesa, Edmond Ho parece não ver nisso um inconveniente.

«É mesmo necessário haver um projecto de longo prazo, sublinha. Quem pode tomar a iniciativa é a administração portuguesa, que neste momento é quem administra Macau. Em certos assuntos concordo que sejam efectuadas consultas com a República Popular da China através do grupo de ligação.

Na minha opinião é muito importante para Macau que empresários portugueses venham investir e alcancem sucesso. Não desejo que os portugueses venham aqui e façam investimentos a curto prazo. Desejo que os portugueses invistam e fiquem em Macau mesmo depois de 1999».

A concluir, Edmond Ho reafirma a sua satisfação pelo empenho manifestado pelos empresários portugueses em investir em Macau e na China, de que já existem casos de inegável sucesso.

«É meu desejo que as relações íntimas entre Portugal, Macau e a República Popular da China se mantenham e estreitem ainda mais no futuro. Pessoalmente manifesto a minha disponibilidade e prazer em ajudar qualquer empresário português que queira investir tanto em Macau como na China».



Edmond Ho com o governador Carlos Melancia

nas. Só assim a RPC e Portugal poderão conjugar os seus esforços no sentido de promoverem o desenvolvimento económico de Macau, tendo assim uma melhor perspectiva, não só durante o período de transição, como para além de 1999. Na ausência de uma política industrial, é óbvio que não haverá investimentos a longo prazo, mas apenas a curto prazo, o que não é vantajoso para o desenvolvimento económico do território, podendo assim resultar um desenvolvimento desequilibrado e não duradouro. Só havendo uma política industrial definida é que os investidores portugueses e chineses estarão interessados em investir».

a Tailândia neste aspecto. A Coreia, Taiwan a Singapura são mais difíceis, mas pelo menos teremos que ultrapassar aqueles países. O fundamental é não deixar haver uma estagnação».

Embora reconhecendo que a indústria têxtil é a mais importante, Edmond Ho não refere nenhuma área como prioritária, insistindo que «o importante é definir uma estratégia».

Considera, por outro lado, que existem diferenças entre Macau e Hong Kong. «A indústria em Hong Kong está muito bem sucedida em relação a Macau. O que é que Macau deve fazer? Deve estudar, procurar as indústrias que não há em Hong Kong e começar

do território. Mas na opinião de Edmond Ho isso por si só não resolve todos os problemas.

«A construção do aeroporto e do porto de águas profundas trará grandes vantagens ao desenvolvimento de Macau. São infra-estruturas. Cito no entanto um exemplo que é preciso não esquecer: temos uma cozinha, comprámos novos fogões, novos frigoríficos. Há condições para fazer muita e variada comida. Mas há que ter em conta o seguinte: quais as comidas que poderão ser vendidas para conseguirmos ganhar dinheiro. Se não tivermos em conta os pratos, conforme a exigência da clientela, isto não dá para nós. O efeito é nulo».

Fernando Nogueira acredita que os socialistas vão cumprir o acordo de revisão constitucional

O ministro da Presidência e da Justiça afirmou que não lhe passa «pela cabeça» que o acordo de revisão constitucional estabelecido entre o PSD e o PS possa ser posto em causa pelos socialistas e mostrou-se confiante no seu cumprimento. Fernando Nogueira, entrevistado ontem pelo programa «Cantar do galo», da RDP/Centro, falou sobre a natureza do acordo, frisando que ele «será porventura a reforma mais importante de que o país carecia».

O ministro da Justiça acrescentou a este propósito que «há uma necessidade clara de Portugal se encontrar em pé de igualdade com os demais países europeus da CEE e o acordo de revisão constitucional surge, por isso, como algo da maior relevância para o interesse nacional».

Interpelado sobre se não seria preferível não acumular as pastas da Justiça e da Presidência do Conselho de Ministros, Fernando Nogueira referiu que «outras pastas do Estado têm sido acumuladas com pastas sectoriais» e considerou ser «de

certo modo, um privilégio para a Justiça ter um ministro com tarefas políticas especiais no Governo».

Aquele membro do Executivo de Cavaco Silva falou ainda sobre outras questões como a regionalização, a reforma fiscal e sobre alguns problemas com que se tem confrontado o Ministério da Justiça.

No que se refere à regionalização, Fernando Nogueira manifestou-se prudente, sustentando que o problema deve ser extremamente reflectido. «Importa saber que atribuições devem ter as regiões administrativas», afirmou o ministro, acrescentando que «não faz sentido transformar a regionalização num factor de divisão».

Foi ainda interrogado sobre um problema que lhe diz directamente respeito, o da criação dos tribunais de círculo. Quanto a este ponto o ministro da Presidência e da Justiça afirmou que esses tribunais são necessários e que contribuirão para conferir maior rapidez à resolução dos processos judiciais.

Cardoso e Cunha e Augusto Seabra passam «réveillon» na Madeira

O comissário europeu Cardoso e Cunha e o embaixador de Portugal na UNESCO, José Augusto Seabra, vão passar o fim-de-ano à região autónoma da Madeira. O ex-ministro da Educação aproveita também a ocasião para analisar, juntamente com o secretário regional do Turismo e Cultura, questões relacionadas com o apoio da UNESCO para as obras de recuperação da zona velha da cidade do Funchal. Apoio já solicitado pelo gabinete insular.

O Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, também estará na Madeira e assiste no Funchal ao «Te Deum» que se realiza na Sé Catedral e que será presidido pelo bispo da diocese, D. Teodoro de Faria. Participa também nesta cerimónia o cardeal da Cidade do Cabo, África do Sul, D. Mccann Owen, que efectua uma visita à região e durante a qual manterá encontros de trabalho com o prelado madeirense que é actualmente o presidente da Comissão Episcopal para migrações.

PCP encontra-se com o PRD

Os resultados do XII Congresso dos comunistas, realizado recentemente no Porto, foi um dos pontos abordados ontem durante o encontro entre duas delegações do PCP e do PRD. A reunião de mais de duas horas, na sede dos renovadores, foi solicitada pelos comunistas e Álvaro Cunhal considerou-a «uma conversa larga, útil e sem conclusões».

O secretário-geral do PCP, que se deslocou à Travessa do Fala Só acompanhado por Octávio Pato, Carlos Brito e Luís Sá, não referiu aspectos concretos discutidos durante a reunião, apenas disse que «foram trocadas impressões sobre a actual situação política, de uma forma franca e frontal».

Frisando que o PCP «é um partido preocupado com a evolução da política nacional», Álvaro Cunhal afirmou que «é necessário que os portugueses

piensem e actuem com vista a uma alternativa à política de direita». Neste sentido, o PCP tencionava solicitar encontros semelhantes com «outros partidos democráticos». O líder dos comunistas afirmou que o PS já aceitou essa reunião, a realizar logo após o seu congresso.

Interrogado sobre a eventual abordagem de coligações para as eleições autárquicas, Álvaro Cunhal não se pronunciou e insistiu nas críticas à actual situação política e as preocupações do seu partido suscitadas pelo processo de revisão constitucional.

A delegação do PRD que recebeu os comunistas era constituída por Hermínio Martinho, Marques Júnior, Pedro Canavarro e Bartolo Paiva Campos, não tendo o presidente dos renovadores proferido quaisquer declarações no final.

RUI MINGAS SERÁ O NOVO EMBAIXADOR ANGOLANO EM LISBOA

O aparelho diplomático e de Estado de Angola vai sofrer algumas «mexidas» no segundo trimestre de próximo ano. Uma fonte oficial angolana, que pediu o anonimato, revelou que o secretário de Estado angolano dos Desportos, Rui Mingas, deverá ser nomeado em 1989 embaixador do seu país em Portugal e Espanha, com residência em Lisboa.

A mesma fonte, declarou ser dada como certa a nomeação em Março ou Abril de Rui Mingas como substituto de Mawete João Baptista, actual embaixador de Angola em Portugal e Marrocos, que passará a chefiar a representação diplomática angolana em Rabat. No entanto, Mawete João Baptista

desmentiu ontem, no telejornal da RTP, a sua eventual transferência para aquela cidade.

As outras «mexidas», também previstas para os meses referidos, dizem respeito a Alexandre Rodrigues «Kito», actual ministro do Interior, que deverá abandonar esta pasta, que aliás está há algum tempo a cargo do presidente José Eduardo dos Santos. Por outro lado, está previsto que o ministro da Indústria, Henrique Carvalho dos Santos, transite para o cargo de comissário provincial do Huambo, sendo substituído nas actuais funções pelo ministro do Plano, António Henriques da Silva.

No sector diplomático, Daniel Chipenda, ex-líder da cha-

mada «revolta do leste» acolhido à política de clemência do Governo angolano, vai ser nomeado embaixador no Cairo. O actual chefe da representação diplomática em Paris, Luís Almeida, transita para a embaixada angolana junto da Organização de Unidade Africana (OUA), na capital da Etiópia, Adis Abeba, sendo substituído em França por Elysio de Figueiredo, neste momento embaixador em Londres.

EUA querem reduzir tropas na Namíbia

Segundo um informador contactado pela agência LUSA, os Estados Unidos pretendem

reduzir as forças da ONU na Namíbia para três dos sete batalhões previstos. Medida que está a causar inquietação em Luanda, que considera este número insuficiente para o controlo eficaz das fronteiras.

Entretanto, no plano económico, o mesmo informador, referiu que a produção de petróleo e diamantes tem vindo a progredir naquela região. A Elf-Aquitaine aumentou este ano a sua produção no Palanco do Soio para mais de 50 mil barris/dia, totalizando agora 130 mil barris/dia, ao passo que a produção de diamantes duplicou, passando de 16 milhões de dólares em 1985 e 100 milhões em 1987 para 200 milhões actualmente.

Reunião de ontem

do Conselho de Ministros

Condenados à extinção

Instituto de Investimento Estrangeiro e Gabinete da Área de Sines

A extinção do Instituto de Investimento Estrangeiro e do Gabinete da Área de Sines, e a aprovação de um decreto-lei que estabelece novas regras para o recrutamento e selecção do pessoal para a administração pública, foram algumas das decisões tomadas ontem pelo Conselho de Ministros durante a sua habitual reunião das quintas-feiras.

Segundo Fernando Nogueira, porta-voz do plenário ministerial, com as novas regras os concursos para a administração pública passarão a ser «muito mais simples, podendo levar menos dois ou três meses a concluir». O novo decreto-lei visa acabar com a imensa legislação dispersa, codificando num único decreto toda a matéria legal relativa à admissão de pessoal na administração pública.

«A existência do Instituto de Investimentos Estrangeiros (IIE) é desnecessária», afirmou Fernando Nogueira ao anunciar a decisão da sua extinção e a transferência das funções daquele organismo para o Instituto do Comércio Externo de Portugal (ICEP) - a quem caberá promover o investimento estrangeiro no nosso país - e para o Banco de Portugal que ficará encarregue de acompanhar e controlar esse investimento.

O ICEP passará a ser o único interlocutor com o investidor estrangeiro até à emissão de decisão final ou até à celebração do contrato de investimento, passando a responsabilidade da fase posterior do processo para o Banco de Portugal, explicou o ministro da Justiça. A transferência de competências será feita logo que seja publicado o decreto-lei, havendo, porém, normas referentes ao pessoal que levarão algum tempo a executar, acrescentou.

A decisão resultou da duplicação de meios, com o consequente acréscimo de custos, resultante da reestruturação que o IIE sofreu em 1986 na sequência da adaptação da legislação portuguesa às regras da CEE. Desta forma, o Instituto passou a ter como principal actividade a promoção do investimento estrangeiro, actividade que vai de encontro ao objectivo dominante do ICEP que consiste na correcção estrutural da balança de bens e serviços. Paralelamente à extinção, o Governo

decidiu igualmente rentabilizar as delegações do ICEP no estrangeiro.

Gabinete de Sines: decreto extingue o elefante branco

Na sequência da resolução de transferir as competências até agora cometidas ao Gabinete da Área de Sines (GAS) para outros organismos, anunciada na semana passada, o Conselho de Ministros decidiu ontem extinguir o próprio Gabinete. Para isso, foi aprovado um diploma que cria a figura do administrador liquidatário do GAS, que substitui o actual Conselho de Gestão daquele «auténtico elefante branco da economia portuguesa».

A actividade do administrador liquidatário reduz-se à extinção propriamente dita, tendo como ponto principal o processamento final das contas, ou seja, a eliminação dos créditos e dos débitos eventualmente ainda existentes em nome do GAS.

O processo de extinção tinha sido decidido no Conselho de Ministros de 7 de Fevereiro de 1986 pois, segundo uma fonte do Governo, «há muito que ficou demonstrado tratar-se de um organismo desajustado da realidade nacional, sobredimensionado e dotado de competências que, com vantagem, deveriam ser cometidas a outras entidades».

O Ministério da Agricultura, o Serviço Nacional de Parques, a Direcção Geral dos Recursos Naturais, o Instituto de Gestão e de Alienação do Património Habitacional do Estado e algumas autarquias locais ficarão responsáveis pelo espólio e competências do GAS. Findo este processo, «o Gabinete é já, apenas, uma estrutura residual, esvaziada das suas funções, património e pessoal», diz ainda o Conselho de Ministros no seu comunicado.

O Gabinete da Área de Sines foi criado há cerca de 17 anos como gabinete de projecto para a constituição de uma plataforma industrial ligada a um novo terminal oceânico que funcionaria como alternativa aos polos de desenvolvimento de Lisboa e Porto. Na origem da sua inviabilidade estiveram alterações estruturais e conjunturais.

Em 1989

Partidos custam ao Estado 711 milhões de escudos

As subvenções legais aos cinco partidos com acento parlamentar vão custar em 1989 ao Estado 711 milhões de escudos, o que significa um acréscimo de 66 milhões de escudos relativamente a este ano. Os aumentos são feitos de acordo com a actualização do salário

mínimo decidida ontem pelo Governo, sendo a verba distribuída de acordo com o número de votos de cada partido.

Assim, o PSD, partido com maior número de votos, receberá do Estado cerca de 380 milhões de escudos, ou seja, mais

de metade do total. O PS vai ter pouco mais de 168 milhões de escudos, enquanto o PCP será contemplado com 92 milhões de contos que terá que dividir com a Intervenção Democrática nos termos dos acordos eleitorais celebrados no âmbito da CDU. Finalmente, o PRD rece-

berá pouco mais de 37 milhões de escudos e o CDS quase 34 milhões. No ano de 1988 os sociais-democratas receberam 345 milhões de escudos, os socialistas 152 milhões, os comunistas 83, os renovadores 33 e os centristas 30.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

	(Por Unidade)	
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	50\$50	56\$56
ALEMANHA FED. (marco)	81\$60	82\$80
AÚSTRIA (xelim)	11\$60	11\$80
BÉLGICA (franco)	3\$696	3\$946
BRASIL (cruzado)	\$089	\$189
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	122\$45	124\$95
(notas de 5 a 1000)	122\$95	125\$45
DINAMARCA (coroa)	21\$10	21\$50
ESPAÑA (peseta)	1\$241	1\$361
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	146\$05	149\$55
(notas de 5 a 1000)	146\$55	150\$05
FINLÂNDIA (marka)	34\$90	35\$50
FRANÇA (franco)	23\$90	24\$60
HOLANDA (florim)	72\$25	73\$35
IRLÂNDIA (libra)	219\$20	223\$20
ITÁLIA (lira)	1\$101	1\$116
JAPÃO (iene)	1\$121	1\$176
NORUEGA (coroa)	22\$10	22\$60
REINO UNIDO (libra)	262\$45	266\$95
SUÉCIA (coroa)	23\$70	24\$20
SUIÇA (franco)	96\$35	97\$85
VENEZUELA (bolívar)	3\$309	4\$109

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.



Teatro da Cornucopia

VIDA E MORTE DE BAMBÁ

de Lope de Vega

3.ª a sáb. às 21 h., dom. às 16 h.

Teatro do Bairro Alto

Rua Tenente Raul Cascais, 1 A (a S. Mamede)
1200 Lisboa — Telf. 66 15 15 / 66 92 05

ESTREIA DIA 6 DE JANEIRO

Publicações não periódicas e livros isentos de IVA

A secretária de Estado da Cultura, Teresa Patrício Gouveia, anunciou que o Governo decidiu isentar de IVA os livros e as publicações não-periódicas.

A secretária de Estado falava durante a cerimónia de assinatura do contrato-programa entre a autarquia de Sousel e o Instituto Português do Livro e da Leitura.

«Embora incorrendo em infracção às obrigações comunitárias, uma vez que esta isenção não foi negociada aquando do tratado de adesão, o Governo considerou que era esta a posição coerente com a prioridade atribuída no seu programa a esta área cultural», disse Teresa Patrício Gouveia.

A responsável pela área cultural no Governo revelou que está em curso um programa para a criação de uma rede de dados bi-

bliográficos, a partir da Biblioteca Nacional.

Elegendo «as autarquias como núcleos» da futura rede nacional de bibliotecas, a secretária de Estado da Cultura referiu que até ao final de 1988 deverão ser celebrados cerca de setenta contratos-programa com os municípios.

O desenvolvimento do Projecto Itinerâncias, destinado a levar espectáculos a locais onde eles raramente se produzem, foi igualmente realçado por Teresa Patrício Gouveia. Trata-se de um trabalho conjunto entre a Secretaria que dirige e as autarquias para a realização de espectáculos de música, teatro e dança.

Este programa envolveu já 90 concelhos, num investimento de 95 mil contos.

TAP aumenta as tarifas para Madeira e Açores a partir de 1 de Janeiro

As viagens aéreas para as Regiões Autónomas da Madeira e Açores vão sofrer a partir de domingo um aumento das tarifas entre os 5,9 por cento e 6,9 por cento.

O responsável pelo departamento de análise de preços da transportadora aérea nacional disse que para a Madeira a tarifa normal de 13 800 escudos passa para 14 750 escudos.

A tarifa de excursão para o arquipélago madeirense passa de 17 900 escudos para 19 000 escudos.

Os residentes e os estudantes da Madeira que pagavam, respectivamente, 14 500 e 10 500 escudos, com a nova tarifa de-

sembolsarão 15 500 escudos e 11 200 escudos.

Relativamente aos Açores, a tarifa normal de 22 200 escudos passará para 23 500 escudos.

A tarifa de excursão nesta Região Autónoma, que era de 29 mil escudos será substituída por outra no valor de 31 000 escudos.

Os residentes nos Açores que pagavam 23 400 escudos passarão a desembolsar 25 000 escudos e os estudantes verão a sua tarifa crescer de 16 000 para 17 100 escudos.

Aquele responsável acrescentou que o aumento da tarifa normal será de 5,9 por cento e as restantes na ordem dos 6,9 por cento.

500 anos dos descobrimentos portugueses

Cunho da medalha foi destruído pelo Montepio

O Montepio Geral de Lisboa destruiu ontem o cunho da primeira medalha comemorativa dos 500 anos dos Descobrimentos portugueses. A operação «teve como objectivo principal garantir a raridade dos exemplares produzidos, impossibilitando a sua reprodução» - informou o presidente do Conselho de Administração do Montepio, António Costa Leal.

«Este acto de destruição tem um aspecto positivo, porque se destina a valorizar as medalhas», acrescentou Costa Leal, que presidiu à cerimónia.

O autor da medalha, Niels Fischer, e o seu gravador, Vasco Nuno, participaram também na cerimónia de destruição do cunho.

Os responsáveis do Montepio Geral decidiram celebrar os Descobrimentos, emitindo três medalhas de prata fina e de prata fina revestida a ouro nos anos de 1988, 1989 e 1990.

Cada medalha representa um tema com valor próprio, embora sendo coerente com os motivos das restantes que completam a colecção.

A medalha, cujo cunho foi ontem destruído, evoca no anverso o mito do pelicano, símbolo do Montepio Geral, e no reverso a multiplicidade, através de «um bando de aves em voo que reflectem a liberdade cultural conquistada pelos portugueses» há 500 anos.

Na produção das medalhas, foi utilizada a antiga técnica de brunir, exclusivamente portuguesa, aplicada pelo gravador artesão Vasco Nuno.

«A alta qualidade da técnica de brunir, agora reavivada, associada à garantia prestada pela contrastaria da Casa da Moeda e a edição limitada, conferem a estas medalhas alto valor artístico», concluiu o presidente do Montepio.

CDU denuncia em reunião da sua "Câmara-sombra"

RECUPERAÇÃO DO CHIADO ENCONTRA-SE MEIO PARADO

«Para além do túnel de passagem que foi inaugurado a 5 de Dezembro não se tem feito mais nada para a reconstrução do Chiado. Nem mesmo a comissão de vereadores que foi criada para a recuperação tem reunido. O presidente da Câmara não convoca reuniões há 3 semanas e está-se a perder o ritmo. Mais uma vez Krus Abecassis quer fazer tudo sozinho». Rui Godinho, vereador da CDU na CML falava assim na décima reunião da Câmara Alternativa CDU de Lisboa que se realizou ontem na Junta de Freguesia de Santo Estevão.

Os dois pontos agendados para discussão naquele encontro foram a preparação das jornadas de debate e reflexão sobre Lisboa (que se realizará nos dias 25 e 26 de Fevereiro de 89) e ainda o processo de reabilitação das zonas de Alfama e Mouraria.

Sobre o Chiado, Rui Godinho informou que a Câmara ainda não entregou ao arquitecto Siza Vieira um programa de fundo para a recuperação da zona afectada. Assim ainda nada está definido. Não se sabe qual a estrutura funcional que a edilidade lisboeta quer implementar na recuperação do Chiado. Para Rui Godinho «é obrigação da Câmara definir se aquela zona deve ter um carácter essencialmente comercial, cultural ou habitacional e isso ainda não foi feito». No entanto, Siza Vieira em entrevista ao semanário «O Jornal» garantiu que vai começar a trabalhar no início do próximo ano na recuperação do Chiado.

Perante a situação a CDU já elaborou uma base de discussão para um programa de recuperação. Segundo aquele documento, «a reconstrução do Chiado deve ser dirigida a utentes, moradores, trabalhadores, empresários e proprietários. Os objectivos da reconstrução devem visar «a revitalização urbana da área atingida pelo incêndio e zona envolvente, de forma a transformá-la num espaço simultaneamente para viver, trabalhar, adquirir bens e de lazer». Segundo a CDU, a recuperação do Chiado «deve respeitar o seu enquadramento na área histórico-monumental e as volumetrias existentes, e conservar as fachadas que tenham inequívoco valor patrimonial».

A CDU propõe um tratamento especial para os edifícios

do Chiado e Grandella, a criação de novos percursos entre a Baixa e o Chiado bem como a redução drástica dos espaços que eram ocupados por escritórios.

O comércio, segundo aquela coligação, deve permanecer com as mesmas características do existente antes do incêndio, o número de armazéns na área deve ser drasticamente reduzido, os índices de ocupação habitacional devem rondar entre os 30 e 40 por cento e os equipamentos a contemplar devem ser essencialmente de hotelaria, cultura e lazer. Quanto ao estacionamento, ele deve ser destinado à população residente e às actividades locais.

Para além da questão do Chiado, outras foram abordadas no ponto prévio de discussão.

Sobre a esplanada frente ao cinema S. Jorge, Vítor Costa informou que a CDU fez um pedido para a remover, porém o PSD propôs uma negociação com os construtores do referido edifício. Rui Godinho fez referência ainda à zona do Terreiro do Paço. Segundo aquele vereador, nesta questão o presidente da Câmara tem demonstrado uma forma centralizadora de actuar andando a reboque dos ditames da administração central, subalternizando o papel da edilidade.

Jornadas de reflexão e debate

Previstas para os dias 25 e 26 de Fevereiro, estas jornadas visam debater e aprovar um programa de política para «fazer viver e modernizar a cidade». Nos encontros constituir-se-ão secções onde serão debatidos temas específicos como: o planeamento, a cidade e a gestão; a habitação e equipamentos; reabilitação do património cultural edificado; política cultural e desportiva e uma política de juventude.

Para Silva Dias, membro da Câmara Alternativa CDU, «estas jornadas deverão ser diferentes de todas as outras que se vão realizar na mesma altura e para que tal aconteça deverão ser mais provocatórias e inovadoras».

Alfama e Mouraria

Os presidentes das juntas de freguesia de S. Estevão e S. Miguel, directamente ligados à zona de Alfama, também estive-

ram presentes na reunião de ontem e fizeram o ponto da situação.

Segundo João Constantino, presidente da Junta de S. Estevão, «só estão a ser feitas obras pontuais nos prédios com bocados a cair. Já se verificaram até subidas ilegais na altura de alguns edifícios. A situação é praticamente a mesma de há três anos, quando foi criado o Gabinete Técnico Local de Alfama. Nada de concreto foi feito. O GTL desculpa-se com a falta de locais para colocar as pessoas a desalojar».

Para o presidente da Junta de S. Miguel, «verifica-se por parte do GTL uma política de omissão. Não há comunicação entre as juntas e o Gabinete, e deste não partem iniciativas. Só toma medidas cautelares que se traduzem na colocação de plásticos nos telhados deteriorados e nenhum prédio em ruína emite-se a ser verdadeiramente recuperado».

CDU tem propostas

Segundo a Câmara Alternativa CDU a desorientação estratégica por parte do Pelouro da Cultura da CML nesta matéria é evidente, por isso aprovou uma moção com propostas concretas.

Nela se manifesta a preocupação pelo atraso da recuperação de Alfama e Mouraria e pela não aplicação de medidas cautelares que garantam a conservação da estrutura física e funcional dos bairros». Tentando evitar a aplicação de medidas dispersas, a CDU propõe a adopção de um Plano de Pormenor Integrado de Recuperação e Reabilitação Urbanística para Mouraria e Alfama que deverá ser discutido com as Juntas e as populações. Segundo a CDU, a metodologia de intervenção que tem estado a ser seguida «assenta numa visão parcelar, casuística e permissiva, nomeadamente com o aumento de volumetrias e destruição das condições ambientais existentes, que pode desembocar em inaceitáveis descaracterizações e numa estratégia elitista de recuperação».

A Câmara Alternativa da CDU propõe ainda uma recomendação ao Parlamento Europeu e Conselho da Europa. Visa com esta medida explicitar o acesso aos dinheiros do FEDER para financiamento de recuperação de centros culturais.

Otelo não se considera culpado de terrorismo

Otelo Saraiva de Carvalho não aceita ser indultado pois não se considera culpado das actividades terroristas atribuídas às Forças Populares 25 de Abril, propondo como única «solução correcta» para o seu caso a amnistia e o arquivo do processo. O estratega da revolução de Abril, fez estas declarações à estação de rádio espanhola «Ser», durante uma entrevista conduzida pelo jornalista Ramon Font, e que foi transmitida ontem no programa «Hora Vinte».

Detido há cerca de quatro anos e meio, Otelo apelou da sentença que o condenou a 15 anos de cadeia pois, em sua opinião, «ninguém pode estar preso mais de três anos nessas circunstâncias». Na conversa telefónica mantida com o antigo correspondente em Lisboa da TVE, da Rádio Nacional de Espanha e da agência EFE, o ex-responsável do Copcon acusou o presidente Mário Soares de «não estar à altura dos acontecimentos» e de «ter actuado contra os seus interesses». Otelo Saraiva de Carvalho revelou ainda que, apesar de estar na cadeia, tem uma vida social intensíssima, recebendo até inúmeros convites para viajar no estrangeiro.

Bancários solidários com Otelo

O Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas expressou um voto de solidariedade para com o movimento de amnistia existente à volta do processo das FP 25 através de um comunicado agora divulgado.

Invocando a recente manifestação promovida em Lisboa por iniciativa do grupo Arco Íris do Parlamento Europeu, e que apelava à implementação de uma lei de amnistia para Otelo Saraiva de Carvalho e seus companheiros, o comunicado dos bancários recorda igualmente o envolvimento neste processo de Mouta Liz e Maria da Luz, dois antigos activistas daquele sindicato.

Entretanto, a Comissão Pró-Amnistia apelou às editoras de livrarias para que oferecessem livros a Otelo e aos seus companheiros presos, considerando que «o livro é um dos melhores presentes para os prisioneiros».

A referida Comissão divulgou ainda que nas últimas semanas editoras como a Assírio e Alvim, a Presença, a Quetzal, a Teorema, a Ulmeiro e a Vetorial, bem como o professor Agostinho da Silva, fizeram já diversas ofertas.

Conselho de Ministros aprovou ontem novos valores

SALÁRIO MÍNIMO: CGTP QUER NOVA NEGOCIAÇÃO

UGT PROMOVE MANIFESTAÇÕES EM JANEIRO

O Governo fixou ontem em 30 contos o salário mínimo nacional para os sectores dos serviços, comércio e indústria, em 28.800\$00 para a agricultura e em 22.400\$00 para o serviço doméstico. Segundo Fernando Nogueira, porta-voz do Conselho de Ministros, onde o diploma foi aprovado, «trata-se de aumentos consideráveis, com algum conforto no que respeita à inflação esperada». Da mesma opinião são a CAP e a CCP, enquanto as centrais sindicais consideram aqueles valores insuficientes. Assim, a CGTP anunciou já a sua intenção de solicitar ao Executivo a abertura de negociações de modo a que a actualização daqueles valores seja feita antes de 1 de Julho do próximo ano, e a UGT está disposta a «ir para a rua» em Janeiro, caso o Governo não altere a sua actuação.

Segundo o Ministério do Emprego, o Governo procurou cumprir o princípio da anualidade da revisão do salário mínimo nacional, expressamente consagrado num decreto-lei de Fevereiro de 1987, ao aprovar ontem o seu novo valor, para vigorar no próximo ano.

Os novos valores representam, em relação ao salário mínimo actualmente em vigor, um acréscimo de 10,3 por cento para os serviços, comércio e indústria e de 14,9 por cento para os outros sectores.

«Houve a preocupação de procurar diminuir o fosso exis-

tente entre os salários dos trabalhadores da indústria e serviços e os dos trabalhadores domésticos e da agricultura», disse Fernando Nogueira no final da reunião do Conselho de Ministros.

Esta uniformização gradual que o Governo pretende promover tem em conta «o nível de desenvolvimento das forças produtivas e as exigências da estabilidade económica e financeira» a que alude o número 2 do artigo 60 da Constituição, realça uma nota que o Ministério do Emprego divulgou ontem mesmo.

Na determinação do valor para o comércio e indústria, o Executivo teve em conta, em primeiro lugar, a evolução do Índice de Preços no Consumidor previsto para o próximo ano, ressalta a mesma nota.

A previsão de aumento da produtividade média do trabalho nas actividades económicas e a tentativa de aproximar o salário mínimo dos salários médios praticados, de modo a assegurar que o ordenado mínimo nacional «possa funcionar como corrector de distorções salariais na perspectiva social que deve cumprir», foram outros os aspectos que o Governo teve em conta, segundo afirmou.

O diploma ontem aprovado, além de fixar os novos valores do salário mínimo, reduz de 30 para 20 o número máximo de trabalhadores que uma empresa pode ter para requerer a isenção do cumprimento da remuneração mínima.

Centrais sindicais

contra novos valores

O Governo refere ainda que, antes da aprovação daquele diploma, que altera um decreto de 31 de Dezembro do ano passa-

do, ouviu os parceiros sociais, através do Conselho Permanente de Concertação Social.

No entanto, os valores ontem aprovados em Conselho de Ministros ficaram aquém das reivindicações das centrais sindicais.

Assim, a CGTP vai solicitar ao Executivo a abertura de negociações, de modo a que a actualização do novo salário mínimo ocorra antes de 1 de Julho.

Ao comentar a aprovação do salário mínimo nacional para 30 contos, a Intersindical considerou-o «insuficiente» para o trabalhador viver, e que, «mesmo assim representa uma perda do poder de compra na ordem dos 2 por cento, sendo ainda mais grave pelo facto de a inflação poder atingir os 10 por cento».

Aquela central sindical refere ainda que, em relação ao relatório do grupo de trabalho governamental sobre o salário mínimo, que opinava um aumento de 12 por cento como corrector do atraso em relação aos salários médios, «não foi cumprido e o actual aumento situa-se em 10,3 por cento».

A CGTP considera que foi violado pelo Governo o direito de participação das organizações sindicais na fixação dos salários mínimos, que é definida por norma em vigor resultante de directiva da Organização Internacional do trabalho, subscrita por Portugal.

A UGT, por seu lado, considera que os novos salários mínimos «nem sequer contemplam as correcções salariais por força da degradação do nível de vida e em função dos disparos da inflação».

Vitor Hugo Sequeira, daque-

la central sindical, afirmou ainda que «não houve negociação no Conselho de Concertação Social, e o Governo não apresentou o relatório final, como deveria», acrescentando que, «se em Janeiro o Executivo não alterar a sua actuação, iremos para a rua».

CAP e CCP estão de acordo

Por sua vez, duas das confederações patronais - a CCP e a CAP - mostram-se de acordo com os novos valores do salário mínimo aprovados pelo Conselho de Ministros.

A Confederação do Comércio Português (CCP) considera que o aumento do salário para a indústria, comércio e serviços está de acordo com o espírito do acordo de política de rendimentos e preços assinado no início do ano.

Crespo de Carvalho, presidente da confederação, afirmou que o aumento decretado pelo Governo tem em conta a inflação prevista e os ganhos de produtividade, pelo que o Executivo «actuou bem» ao aumentar o salário mínimo em 10,3 por cento. «De acordo com esta perspectiva, o aumento é justo», acrescentou.

Idêntica opinião tem a Confederação da Agricultura Portuguesa (CAP), para quem o aumento «se situa em valores aceitáveis e desejáveis».

José Manuel Casqueiro, secretário-geral da confederação, disse que o aumento foi «equilibrado», continuando a registar-se uma aproximação do salário mínimo do sector agrícola ao da indústria, comércio e serviços, facto de reputou «positivo».

ral e o de serviço doméstico valiam 3794 escudos e 3638 escudos, respectivamente.

Evolução dos salários mínimos

A evolução dos salários mínimos a preços correntes e calculados a preços constantes do ano da sua criação (1974, 1977 e

1978) permite verificar que, em 1988, o salário mínimo para a indústria e serviços valia 2356 escudos de 1974, enquanto o ru-

Mínimo que é e o que devia ser repor o poder de compra

O salário mínimo nacional, desde a sua criação até 1987, foi sofrendo, de acordo com a CGTP/IN, quebras sucessivas da sua capacidade aquisitiva. A coluna da direita indica o va-

lor do salário mínimo nacional (SMN) actualizado com o índice de preços no consumidor ou, por outras palavras, o valor que o SMN deveria ter para o poder de compra ser reposto.

Ano	Salário mínimo nacional (V. médio)	Índice de preços no consumidor (Var.)	Salário mínimo nacional (V. actualizado)
1974	3 300,0	-	3 300,0
1975	3 708,0	20,5	3 976,5
1976	4 000,0	18,3	4 704,2
1977	4 500,0	27,3	5 988,4
1978	5 400,0	22,4	7 329,9
1979	6 150,0	24,2	9 103,7
1980	7 875,0	16,6	10 614,9
1981	9 425,0	20,0	12 737,9
1982	10 700,0	22,4	15 591,2
1983	13 000,0	25,5	19 566,9
1984	15 600,0	28,0x	25 045,6
1985	19 200,0	19,0x	29 804,3
1986	22 500,0	13,1x	33 708,7
1987	25 200,0	10,2x	37 147,0
1988	27 200,0	-	-

(x) Índice de preços ao consumidor, considerando as rendas de habitação.

(valores expressos em escudos)

Novo pré-aviso entregue para Janeiro

Trabalhadores da lotaria nacional suspenderam a greve de hoje

Os trabalhadores da lotaria nacional, reunidos ontem em plenário, decidiram suspender a greve que estava marcada para hoje e entregaram novo pré-aviso para 20 de Janeiro, afirmou Vítor Duarte, da Federação de Sindicatos da Função Pública.

Aquele sindicalista explicou que a greve foi suspensa por o secretário de Estado da Segurança Social, Luís Filipe Pereira, ter avançado, numa reunião efectuada segunda-feira com os sindicalistas, «algumas hipóteses de solução».

O pré-aviso de greve para o próximo dia 20, que abrange todas as extracções da lotaria que se realizem nessa semana, foi ontem entregue, referiu o dirigente sindical, acrescentando que «esta medida cautelar» se deve ao facto dos trabalhadores não terem ficado convencidos «com as posições do secretário de Estado».

Uma nova reunião entre Luís Filipe Pereira e a Federação está marcada para 16 de Janeiro.

Os trabalhadores da lotaria nacional exigem a aplicação, pela Misericórdia de Lisboa, do decreto 248/85 sobre carreiras profissionais, em vigor há quatro anos, e a implementação de direitos e regalias acordados na altura da greve de Abril de 1987.

Aqueles funcionários reivindicam ainda o pagamento das retribuições monetárias para compensar as horas extraordinárias que fazem (incluindo sábados e domingos) e não têm sido pagas.

Lotaria «andou à roda»

A lotaria do fim-do-ano «andou à roda» ao meio-dia, uma vez que a greve dos trabalhadores foi suspensa.

A última lotaria deste ano, com um capital superior a 1,3 milhões de contos, emitidos em 85 mil bilhetes ao preço de 15.600\$00 (divididos em duodécimos de 1.300\$00), terá um prémio de 180 mil contos.

Os segundos e terceiros prémios têm respectivamente a quantia de 36 mil e 12 mil contos.

Serão ainda atribuídos 50 prémios de 300 mil escudos, dois de 514.800\$00, 1.275 e de 36 mil escudos, 252 de 90 contos, 3.400 de 24 mil escudos, 297 de 30 contos, 8.499 de 15.600 escudos e 8.500 prémios de 16.600\$00.

Decidido em plenários sectoriais

TRABALHADORES DA CARRIS "DISPONÍVEIS" PARA A GREVE

Os trabalhadores da Carris, em plenários sectoriais, manifestaram ontem a sua «disponibilidade» para uma greve do sector, a realizar «em breve», afirmaram dirigentes sindicais.

Segundo a FESTRU (estrutura filiada na CGTP), «os trabalhadores aprovaram por unanimidade o desenvolvimento de todas as acções, incluindo a greve, para o desbloqueamento do Acordo de Empresa».

O SITRA (sindicato da UGT), por seu turno, referiu que os trabalhadores seus filiados, em

reuniões sectoriais, aprovaram uma moção de solidariedade para com os trabalhadores do Metropolitano, e manifestaram «disponibilidade» para uma eventual greve na empresa.

José Brandão, dirigente do SITRA, acrescentou que a proposta de aumento salarial de 4 por cento apresentada pela empresa é «intolerável».

Entretanto, a FESTRU anunciou que instaurou um processo de ilegalidade da portaria da requisição civil da Carris, em Fevereiro último. O proces-

so corre os seus termos no Supremo Tribunal Administrativo.

Por sua vez, os trabalhadores do Metropolitano estiveram ontem em greve, com uma adesão «praticamente total», segundo os dirigentes sindicais.

Durante a greve de 24 horas apenas circulou uma composição, já durante a tarde, entre as estações da Rotunda e Colégio Militar, acrescentaram dirigentes do SITRA e da FESTRU.

A prestação de serviços mínimos estipulados pela admi-

nistração - 11 comboios em vez dos habituais 24 - não foi cumprida pelos trabalhadores.

Os sindicalistas daquelas estruturas sindicais disseram que, para já, não estão previstas novas greves, «mas os trabalhadores vão continuar a luta se as suas reivindicações não forem atendidas».

Entre outras exigências, os trabalhadores do Metro pretendem o cumprimento do horário semanal de 40 horas.

Na CEE

Portugal: mais pobres e menos Segurança Social

— revela estudo da UGT

Apesar de ter o maior índice de pobreza da CEE, atingindo cerca de 30 por cento da população, Portugal é o Estado comunitário que menor percentagem do PIB dedica à protecção social, afirma a UGT em documento agora divulgado.

De acordo com a UGT, Portugal dedica à protecção social 13,5 por cento do Produto Interno Bruto (PIB), sendo o segundo pior valor o da Espanha (18 por cento), tendo a distância em relação à média da CEE passado de 7,3 por cento em 1980 para 12,8 por cento em 1985.

A UGT assinala que os regimes não contributivos e de acção social, que — segundo a lei — deveriam ser financiados pelo Orçamento do Estado (OE), vão custar à Segurança Social cerca de 100 milhões de contos em 1989.

Acrescenta que o OE apenas transfere 44 milhões de contos para o orçamento da Segurança Social, o que quer dizer que 56 milhões de contos vão sair das contribuições dos trabalhadores.

A UGT adianta que, representando a acção social e regimes não contributivos mais de 30 por cento das despesas correntes, as contribuições dos trabalhadores e empregadores representam 91 por cento das despesas orçamentadas de 516 milhões de contos.

Aquela central afirma que é a falta de cumprimento das obri-

gações do Estado e a criação de isenções de pagamento de contribuições e perdões de juros de dívidas das empresas decididos pelo Governo que «impedem que se proceda a uma efectiva melhoria das prestações do regime geral».

Assinala que em Portugal o subsídio de doença tem «limitações ao seu acesso perfeitamente insustentáveis», as filas de espera são «intermináveis» nos hospitais e centros de saúde, é «fraqüíssima» a comparticipação no custo dos medicamentos, as reformas têm «na sua esmagadora maioria valores muito abaixo do limiar mínimo de subsistência» e a protecção do desemprego, especialmente do de longa duração, «pode dizer-se que não existe».

Para a UGT, impõe-se que o Estado assuma as suas obrigações, financiando na totalidade os regimes não contributivos, o défice dos regimes escassamente contributivos e a acção social e a participação das associações sindicais na gestão da Segurança Social.

Propõe a criação de um subsídio de inserção social, a atribuir a todos os que não beneficiem do regime geral e se encontrem em situação de carência económica ou social, ficando essas pessoas isentas do pagamento de serviços essenciais como a luz, água e gás.

Horas depois do início

Técnicos de manutenção da TAP suspenderam greve

A direcção do Sindicato Independente dos Técnicos de Manutenção de Aeronaves (SITEMA) decidiu suspender, a partir das 7 e 45 horas de hoje, a greve iniciada às zero horas. A paralisação visava pressionar o Conselho de Administração da empresa a regulamentar as carreiras profissionais.

Em declarações à agência Lusa, o dirigente sindical Antó-

nio Cuco, da direcção do SITEMA, disse que a greve estava a registar, às 6 horas, uma adesão total.

«A direcção do Sindicatos dos Técnicos de Aeronaves, tendo constatado que a greve da TAP estava a ser cumprida com uma adesão de 100 por cento e que há uma completa incapacidade negocial por parte do Conselho de Gerência da

empresa, decidiu fazer cessar a greve», disse António Cuco.

O sindicalista da TAP salientou que o processo negocial entre os trabalhadores filiados no sindicato e a administração da empresa está numa «inevitável situação de bloqueio».

Os 800 técnicos de manutenção de aeronaves portugueses começaram às zero horas uma greve de 48 horas, convo-

cada pelo SITEMA, que acusa a empresa de não respeitar compromissos assumidos no sentido de concluir até ao fim do ano a regulamentação das carreiras.

Recorde-se que aqueles trabalhadores iniciaram já este mês uma greve de 24 horas, que o sindicato também resolveu suspender antes do seu termo.

CP: sindicatos preparam-se para greve geral

A administração da CP apresentou já aos sindicatos a sua contraproposta salarial para 1989, que contempla um aumento de quatro por cento nos vencimentos e recusa a revisão dos Acordos de Empresa, apesar de ser ano de negociação das alterações do clausulado. Segundo o «DL», apurou, os sindicatos pretendem responder com a greve geral.

Perante esta situação, a maioria dos sindicatos da UGT — que juntamente com o Sindicato dos Maquinistas (independente) assinou um documento em que reivindicam um aumento salarial de 14,5 por cento na tabela e 15 por cento no

restante clausulado — consideram a proposta da administração «um afrontamento aos trabalhadores», pelo que «a resposta necessária é a greve geral».

«A proposta da gerência da CP vem na sequência da que foi apresentada aos trabalhadores da Carris e da TAP, e que se perfila para outras empresas. Perante esta situação, não se devem desperdiçar energias em greves sectoriais, mas carregar baterias para a greve geral», afirmou uma fonte sindical ao «DL».

A mesma fonte adiantou que a proposta da administração da CP «demonstra que não há vontade

negocial. O Conselho de Gerência está a actuar como porta-voz do Governo, pelo que se deve dar uma resposta nacional: a greve geral».

A predisposição demonstrada pela maioria dos sindicatos da UGT na CP vem na sequência da estratégia da central, que pretende juntar ao pacote laboral também o protesto contra a política fiscal e a política de rendimentos para 1989. Assim, segundo vários sindicalistas afirmaram ao «DL», a UGT pretende que não se façam greves sectoriais para evitar que, na eventualidade de se chegar à greve geral, os trabalhadores não estejam já desmotivados para aderirem.

Em causa a flexibilização dos horários

Transportes em greve na Madeira

A flexibilização do horário de trabalho no sector dos transportes públicos, pretendida pelas entidades patronais e rejeitada pelo sindicato, é a causa principal da greve geral que hoje e amanhã decorre na região autónoma da Madeira, afirmou uma fonte sindical.

Segundo o Sindicato dos Transportes da Madeira, o Contrato Colectivo de Trabalho para 1988 não chegou a ser assinado, «porque as entidades patronais pretenderam impor, após a obtenção do acordo nas cláusulas de expressão pecuniária,

a flexibilização dos horários de trabalho».

Aquela estrutura representativa dos trabalhadores alega que a pretendida flexibilização «não poderia ser aceite, na medida em que prejudicaria os trabalhadores do sector dos transportes».

Versão diferente foi apresentada pela secção dos transportes da Associação Comercial e Industrial do Funchal — entidade que representa os empresários do sector — que acusa o sindicato de «dar o dito por não dito»

nesta matéria.

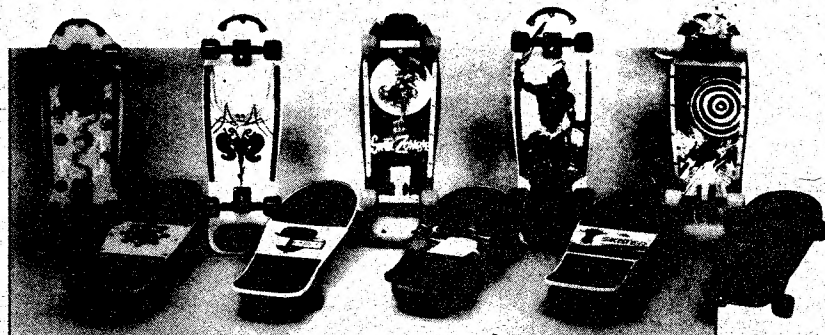
Os empresários referem que nas negociações do Contrato Colectivo para 1988, realizadas ainda em 1987, «foi acordada a flexibilização da prestação diária de trabalho para 8 ou 9 horas, com a consequente alternativa do período de descanso semanal».

A greve de dois dias poderá afectar os transportes públicos de passageiros e de turismo até à madrugada de 1 de Janeiro, coincidindo com as festas de fim-do-ano na Madeira.



AGUIAR & MELLO, LDA.

SEDE: PRAÇA DO MUNICÍPIO, 13-1.º - 1100 LISBOA
TELEF. 320455-321151-321152 - TELEX 18207 ARMELO P



- BICICLETAS DE GINÁSTICA
- MOTOS E MOTORIZADAS SUZUKI E CASAL
- BODYBOARDS E TODA A GAMA DE ACESSÓRIOS



EXPOSIÇÃO E VENDAS. PR. DO MUNICÍPIO, 11 — LISBOA — Telef. 321151
R. ARTUR LAMAS, N.º 32 — LISBOA — Telef. 636182



Oito milhões de contos para acessos ao Algarve

A melhoria dos «acessos ao Algarve», numa extensão de 185 quilómetros, exigiu um investimento da ordem dos oito milhões de contos, disse uma fonte da Junta Autónoma das Estradas.

O informador da JAE referiu que os melhoramentos introduzidos estão em grande parte realizados, mas os acessos só ficarão totalmente concluídos com a construção no próximo ano da variante de oito quilómetros de Alcácer do Sal, orçada em 1 800 000 contos e que inclui uma ponte sobre o Rio Sado, a terminar em 1991.

Relativamente aos acessos ao Algarve, já foram construídos os lanços Almada-S. Bartolomeu de Messines num total de 175 quilómetros (Almada-Sines), estradas nacionais 5 e 120 - Águas de Moura/Cruz com a EN 120, Ponte da Marateca, variante de Grândola, ponte sobre Padrões, Alvalade/Ourique e Ourique/S. Bartolomeu de Messines.

Os «acessos ao Algarve», integrados no Itinerário Principal número 1, e nas grandes vias de tráfego internacional (E 01), têm constituído uma das principais prioridades da JAE no âmbito do actual plano rodoviário, no sentido de dotar aquela região de características «turísticas por excelência, de acessos rápidos, cómodos e seguros e, simultaneamente, melhorar os acessos Sul à fronteira com Espanha (Ponte do Guadiana - Castro Marim)».

Sob o ponto de vista de acessibilidade global na região algarvia, acrescentou que este empreendimento permitirá uma melhor facilidade de chegada, não só à Península de Tróia, mas também à zona industrial de Sines, pólos que constituem significativos geradores de tráfego susceptíveis de utilizar a variante. As fortes formações de gelo que assolam Trancoso, distrito da Guarda, estão a dificultar o trânsito rodoviário.

«É um dos espectáculos mais belos e característicos da natureza nesta terra de montanha onde as temperaturas desceram já este ano a cerca de cinco graus negativos», disse Júlio Sarmento presidente do município.

Trancoso, uma das localidades mais frias da Beira Interior, tem registado nos últimos três dias temperaturas baixas, sobretudo nos locais mais abrigados e húmidos.

A brigada de trânsito da GNR dá hoje início à segunda parte da operação Natal fazendo deslocar para as estradas do País mais de 700 efectivos.

A operação Ano Novo iniciou-se às 08h00 prolongando-se até ao dia 8 de Janeiro.

No período do Natal deste ano morreram nas estradas portuguesas mais do dobro dos automobilistas que no ano passado.

Sinistralidade em números

No período de 24 horas que findou ao meio-dia de ontem a Brigada de Trânsito da GNR e a Divisão de Trânsito da PSP registaram, respectivamente nas estradas e nas zonas urbanas do País, 159 acidentes de que há a lamentar um caso mortal e 89 feridos dos quais 29 em estado grave.

Início das obras marcado para 1989

TRÊS NOVAS PRISÕES PROJECTADAS PARA FARO, LISBOA E FUNCHAL

A construção de três novos estabelecimentos prisionais, no Funchal, em Faro e em Lisboa, foi autorizada pelo Ministério da Justiça em 1988, tendo o gabinete do ministro Fernando Nogueira anunciado o início das obras para 1989.

O estabelecimento do Funchal «está em fase de adjudicação da respectiva empreitada, prevendo-se que as obras se iniciem em Janeiro do próximo ano», afirma um documento do gabinete do ministro da Justiça.

O mesmo texto acrescenta que o estabelecimento de Faro «está em fase de expropriação de terrenos e elaboração do projecto, prevendo-se que as respectivas obras de construção se iniciem no segundo semestre do próximo ano».

Sobre o anunciado estabelecimento prisional de Lisboa, que virá substituir a Prisão de Monsanto cuja desactivação já foi anunciada pelo ministério, o documento governamental afirma que «se está em fase de definição da respectiva localização».

As «principais realizações nos serviços prisionais durante os dois últimos anos» são enumeradas no mesmo documento do Ministério da Justiça, que destaca o «desenvolvimento dos regimes abertos», a «pacificação e disciplina no ambiente prisional» e a «implementação da frequência escolar e da formação profissional nas prisões».

Os exemplos que o gabinete de Fernando Nogueira divulgou por ocasião do final de 1988 são os seguintes:

- «Diminuiu o número de evasões, con-



segundo-se os melhores resultados dos últimos 13 anos.»

- «Diminuíram significativamente os incidentes disciplinares envolvendo funcionários.»

- «Os casos de regime aberto para o exterior aumentaram de 41 (existentes em 1986) para 150.»

- «O regime aberto para o interior sofreu um notável incremento, existindo actualmente nessas circunstâncias 600 reclusos.»

- «Nas oficinas e explorações agro-pecuárias dos estabelecimentos prisionais foram ocupados 4 mil e 600 reclusos.»

- «Em todos os estabelecimentos prisionais funcionam cursos do ensino básico.»

A «implementação de esquemas de tratamento penitenciário específicos, nas áreas da saúde mental e da toxicod dependência» foi outra das medidas sublinhadas pelo Ministério da Justiça como «uma das prioridades» dos últimos dois anos.

Fogo em residência devido a curto-circuito

Um incêndio de pequenas proporções deflagrou ontem no rés-do-chão do número 5 da Calçada da Patriarcal, ao Príncipe Real, Lisboa, provocando apenas estragos materiais.

A única pessoa residente na local, uma mulher idosa, afirmou que «um curto-circuito no corredor da habitação terá estado na origem do fogo.»

O incêndio foi dado como extinto às 13h06, 31 minutos depois do alarme (12h35), disse uma fonte dos sapadores bombeiros.

Os sapadores bombeiros fizeram deslocar ao local quatro viaturas e cerca de 15 homens.

No local esteve também uma viatura dos voluntários da Ajuda.

Chuva no dia de Ano Novo

O Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica prevê possibilidades de chuva no litoral Centro e Sul do Continente para o primeiro dia do ano de 1989.

Para o dia 31, o Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica considera que o Continente irá ter um céu pouco nublado ou limpo, vento fraco ou moderado de sueste e neblina ou nevoeiro matinal.

A Madeira, no sábado, vai ter o céu muito nublado, vento moderado de sueste, em regime de aguaceiros e condições favoráveis à ocorrência de trovoadas, enquanto no domingo o céu estará geralmente muito nublado, com vento fraco ou moderado de sueste e períodos de chuva.

O primeiro de Janeiro nos Açores deverá ter um tempo mais aligeirado, de acordo com o INMG. Assim, prevê-se apenas que o céu esteja pouco nublado, com vento moderado de norte.

Neste arquipélago, no dia 31, o céu estará igualmente pouco nublado, com vento moderado de noroeste nos grupos central e ocidental e de sudoeste no grupo oriental. A previsão deste dia inclui ainda chuva ou aguaceiros.

Mau tempo dificulta abastecimento de combustível na Madeira

O mau tempo que se fez sentir na Madeira nos últimos dias, afectou o normal abastecimento de combustíveis, mas a situação não apresenta qualquer gravidade.

A forte agitação marítima sentida na costa sul da Madeira nos últimos quatro dias impediu que o navio-tanque «São Mamede» acostasse no cais da Praia Formosa - onde se localizam os depósitos de combustível da Shell - a fim de proceder à descarga de gasolina.

Em alternativa a Shell optou por fazer com que o «São Mamede» atracasse no terminal do porto do Funchal, tendo a descarga de combustível sido efectuada através do recurso a camiões-cisterna.

A situação está normalizada não havendo perigo de rupturas nos abastecimentos, aguardando a Shell que as condições de navegabilidade ao longo da costa litoral da Madeira melhorem, afim de o «São Mamede» efectuar a descarga do resto do combustível para os depósitos.

Desmoronamento de prédio desaloja 12 pessoas no Barreiro

Escavações para a construção de um prédio no Barreiro, ocasionaram desmoronamentos de paredes de residências de duas famílias e brechas em imóveis de outras duas, no pátio da Rua Vasco da Gama, fazendo 12 desalojados.

As famílias ontem desalojadas são as seguintes: Maria Elisa Neves Matos Dias, marido e filha, José Pereira e esposa, Iracema Maria Rodrigues dos Santos e marido, um casal com uma criança menor, e ainda Marta da Conceição Gameiro e marido.

«O desmoronamento foi devido a escavações feitas no local para a construção do novo imóvel», disse a PSP do Barreiro, que tomou conta da ocorrência.

Por sua vez, Manuel Guerra Pimenta, da firma construtora do novo prédio, assumiu o compromisso de alojar os residentes da Rua Vasco da Gama. Segundo este empreiteiro, «os prejuízos estão cobertos pelos seguro.»

O segundo-comandante dos BV Salvação Pública, João da Glória, que ocorreu ao local com elementos da corporação, advertiu que «deve haver mais protecção aos prédios contíguos quando se fazem escavações para alcerces dos novos prédios. É o segundo caso deste género no Barreiro. O primeiro foi na Rua Miguel Pais, em Agosto», disse.

Os 15 desalojados da Rua Miguel Pais ainda não dispõem da casa.

«Deve haver uma fiscalização mais atenta para estes casos por parte dos engenheiros responsáveis por estas obras. Felizmente nos 2 casos não houve vítimas a lamentar. Neste de agora nem um único ferido. Mas qualquer dia pode acontecer algo de grave», sublinhou.

Seguro automóvel aumenta 15 por cento

O seguro de responsabilidade civil automóvel, que vai aumentar em média 15 por cento a partir de 1 de Janeiro de 1989, manterá ainda no próximo ano o limite mínimo obrigatório de 20 mil contos.

Entretanto, conforme se soube de fonte do ramo segurador, não sofrerá alteração em 1989 o preço do seguro automóvel de danos próprios.

O custo médio do prémio de responsabilidade civil foi em 1988 de 11 mil escudos, embora um seguro novo (sem agravamentos) custe cerca de 14 mil escudos.

A revisão do preço do seguro de responsabilidade civil do ramo automóvel fora solicitada pelas seguradoras em meados do ano ao Instituto de Seguros de Portugal e o agravamento agora decidido é mais baixo do que o pretendido por muitas companhias.

As seguradoras argumentam com os elevados prejuízos de exploração do ramo automóvel, que aumentam de ano para ano devido à grande taxa de sinistralidade.

A Associação Portuguesa de Seguradores, que congrega a maior parte das companhias do sector, calcula que os prejuízos de exploração do ramo automóvel atinjam em 1988 os 16 milhões de contos.

O custo médio por sinistro este ano rondou os 120 mil escudos, contribuindo para isso os aumentos constantes dos preços das peças e da mão-de-obra, que em 1987 relativamente a 1986 registaram agravamentos, de 30 por cento e entre 50 e 70 por cento, respectivamente.

**GALP
DINAMIC
Gasóleo**

À hora de saída dos jornais

CAIXA DA EDP REBENTA NO BAIRRO ALTO

Uma caixa de distribuição de electricidade rebentou ontem na Rua da Rosa, ao Bairro Alto, em Lisboa. O acidente não causou feridos, mas levou o pânico a casa de muitos habitantes da zona - para além dos que assistiram à explosão. Uma viatura pesada, que ao princípio da tarde subia a Rua da Rosa, vinda do Calhariz, ia sendo atingida pela caixa da EDP que, de súbito, se desfez em pedaços de cimento. Um técnico da Electricidade de Portugal admitiu ao «DL» que a explosão possa ter sido «accionada» por aquele pesado, a confirmar-se a hipótese de que se encostou bastante ao passeio esquerdo, ao subir aquela artéria.

O trânsito, que àquela hora (saída dos jornais das casas de venda) é normalmente intenso na Rua de Rosa e que ontem não constituiu excepção, não se ressentiu muito do acidente. As «bichas» formadas foram iguais às de outros dias, à mesma hora.

Não se registaram feridos, como acima se diz, já que os fragmentos da caixa de cimento não apanharam as poucas pessoas que na altura subiam ou desciam aquela artéria ou passavam na Travessa das Mercês, com a qual a Rua da Rosa entronca no local em que ocorreu a dita explosão. Mas houve pessoas que não ganharam para o susto. Curioso é o facto de muitos dos moradores da zona não saberem que havia ali uma caixa da EDP.

A remoção dos destroços e destruição completa da caixa de cimento levou bastante tempo a processar-se, ao que parece porque os técnicos da EDP demoraram algum tempo a chegar ao local. Os Bombeiros Voluntários Lisbonenses apresentaram-se quase de imediato. A explosão ocorreu pouco depois das

14 horas e às 20 ainda havia pessoal da Electricidade de Portugal a separar os diversos cabos que cada caixa contém.

Aliás, não foi muito fácil resolver o problema. Nem poderia ser rápida a assistência, uma vez que junto a uma caixa da EDP está normalmente uma outra de gás (agora sob a égide da PGP - Petroquímica de Gás de Portugal), bem como da EPAL.

O «DL» deu ontem conta de uma posição dos vereadores do PS à Câmara Municipal de Lisboa quanto ao rebentamento de condutas telefónicas ou de caixas de outros tipos de distribuição, a propósito da que na terça-feira aconteceu na Avenida 5 de Outubro.

Na circunstância, o vereador Vasco Franco, que assinava o documento do PS, salientou o facto de não existir uma conjugação de esforços nem uma coordenação eficaz entre os TLP, EDP e EPAL, isto é, os utilizadores por excelência do subsolo da capital, que inundam com toda a espécie de cabos, tubos e condutas.

É curioso - no momento em que ainda se não conhece a razão por que rebentou a cabina da EDP na Rua da Rosa - destacar uma outra afirmação de Vasco Franco: «Não se deseja que se ande a tapar buracos aqui e ali e que, quando acidentes deste tipo ocorrem, nos venham dizer que a culpa foi de um camião mais pesado que passou por aquele local».

A EDP garante que o curto-circuito que esteve na origem do rebentamento de ontem à tarde na Rua da Rosa foi alegadamente provocado pelo embaite de uma camioneta, carregada com bobines de papel de jornal, com a caixa da EDP, quando subia aquela artéria. Um dos ganchos do pesado terá agarrado parte da caixa, arrancando-a do solo, onde se encontrava fi-

xada. A explosão ocorreu de seguida.

A PSP «cortou» inicialmente o trânsito na Rua da Rosa e Travessa das Mercês, de modo a que os BVL e a EDP garantissem a segurança no local.



Num mundo de cartões escolhi o primeiro



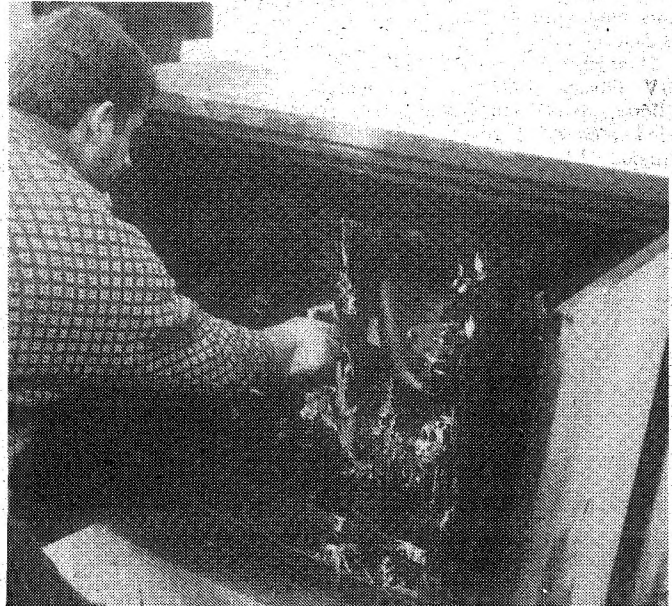
Escolhi o Cartão de Crédito SOTTOMAYOR porque foi o primeiro em Portugal - lançado em 1970 - e é o de mais fácil e rápida atribuição.

Até para mim, que ainda não era cliente do Banco, foi fácil obtê-lo.

E, porque é VISA... é realmente internacional.

o cartão de crédito

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR



Acesso ao ensino superior

LEITURA INFORMAL DE TESTES REVELA IGNORÂNCIA E IMATURIDADE

O novo modelo de acesso ao ensino superior coloca um dilema não só ao Ministério da Educação e ao Governo, mas ao país em geral: qual a melhor solução, suspender a entrada de alunos, durante um tempo, naquele nível de ensino para lhes ensinar a dominar a língua portuguesa, desenvolvê-los intelectualmente e conferir-lhes maturidade cultural quanto basta à admissão, ou continuar a admiti-los no ensino superior ignorantes, incultos e imaturos, na esperança de os recuperar durante

o período mínimo de cinco anos que estudarão na Universidade?

Ao impor uma prova geral de acesso aos candidatos ao ensino superior, não eliminatória mas com um peso de 30 por cento na classificação final, para avaliar o seu domínio da língua portuguesa, grau de desenvolvimento intelectual e maturidade cultural, das duas uma: ou se reprova a esmagadora maioria deles e se lhes faz «marcar passo» até atingirem o mínimo de nível exigido, ou se baixa o ni-

vel da prova de modo a que a maioria possa entrar.

Se não se tinha ainda pensado nisto, é-se obrigado a pensar, ao tomar-se conhecimento de alguns dados, não tratados, «colhidos do modo mais informal possível», nos muitos testes-diagnóstico já feitos nos Nap, Núcleos de Apoio ao Ensino, por alunos do ensino secundário.

«Há situações escandalosas surpreendentes, especialmente ao nível do domínio da língua portuguesa e da maturidade

cultural», disse-nos o coordenador pedagógico daquela auto-definida associação privada sem fins lucrativos, António Rocha, frisando que se tratava do resultado de uma «análise quase empírica» dos testes realizados, pois não houve ainda tempo de os tratar convenientemente.

Respostas do calibre de «Timor e a China ficam na América Latina» são muito frequentes, como é quase geral a ausência de pontuação, as falhas gravíssimas de ortografia, sendo,

na componente desenvolvimental intelectual, a falha mais grave a «incapacidade de transportar o conhecimento específico das disciplinas para uma análise global das coisas».

Os alunos, que apenas tiveram de pagar 75 escudos de impressos para se candidatarem à realização do teste-diagnóstico, responderam «com toda a seriedade, demonstrando expectativa e nervosismo, como se de uma prova de exame se tratasse.»

A equipa que presidiu à or-

ganização do teste foi constituída, segundo António Rocha, por sociólogos da Universidade Nova, psicólogos do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, docentes do ensino secundário da área de Línguas, Filosofia, História e Geografia.

«O produto final, ou seja, o modelo de teste final, foi encontrado por consenso, engloba as três componentes determinantes para a prova geral de acesso, e conta também a possibilidade de tratamento informático.»



• LOJA 1

Rua Artur Ferreira da Silva, 31-C
Tel.: 251 92 53 * MOSCAVIDE

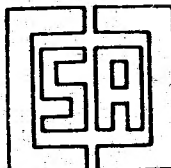


• LOJA 2

Centro Comercial Santo António, Loja 32
Tel.: 988 30 69 * STO. ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

• LOJA 3

Centro Comercial Fojos, Loja 47
BOBADELA



DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 9-C Processo 1/107

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do § 1.º do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, n.º 81-3.º andar, tel. 54 88 07, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP - Electricidade de Portugal, EP, Direcção Distribuição Tejo, a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Modificação da linha aérea a 10 KV, n.º 1832, com 191 metros, entre os apoios n.ºs 3 e 8 para o PST n.º 6841, freguesia da Pontinha, concelho de Loures.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL, dentro do citado prazo. Lisboa, 15 de Outubro de 1988

João Manuel F. C. Garcia
Director de Serviços

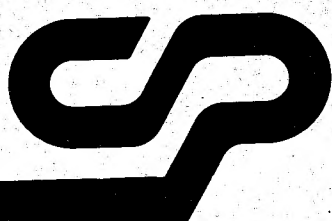
Informação

COMERCIAL

NATAL E ANO NOVO

ALTERAÇÕES NO SERVIÇO SUBURBANO DA LINHA DE SINTRA, PRAIAS-SADO E VIA FLUVIAL

A CP informa que por motivo das Festas de Natal e Ano Novo, o serviço suburbano da **Linha de Sintra, Praias Sado e Via Fluvial** terá algumas alterações de 23 de Dezembro a 1 de Janeiro de 1989.



Caminhos de Ferro Portugueses

«HABILCONTA - APOIO DE GESTÃO A EMPRESAS, LIMITADA»

VIGÉSIMO SÉTIMO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
A CARGO DA NOTÁRIA, LIC. MARIA DAS DORES CANUDO CABAÇA
CERTIFICO

Para efeitos de publicação, que, por escritura de hoje, lavrada neste Cartório, de fls 66 a fls 68 v.º, do livro de notas 1-B, José Joaquim Miguens da Veiga Peres, ao deixar de fazer parte da sociedade em epígrafe, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o n.º 60 987, renunciou à respectiva gerência. Pela mesma escritura, Luís Manuel Rodrigues de Carvalho e José Manuel Rodrigues Lopes de Carvalho, como únicos sócios da aludida sociedade, mudaram a sede social da Praça Dr. Nuno Pinheiro Torres, n.º 2, 9.º andar, esquerdo, em Lisboa, para a Rua das Gáveas, n.º 59, 3.º esquerdo, em Lisboa e alteraram os art.ºs 1.º, 3.º e 5.º do respectivo contrato social os quais passaram a ter a redacção constante da presente fotocópia a qual está conforme.

Lisboa aos dezanove de Dezembro de mil novecentos e oitenta e oito.

A Ajudante,

Maria da Conceição Machado de Almeida da Silva Malvar

PRIMEIRO: — A sociedade continua a adoptar a firma HABILCONTA - APOIO DE GESTÃO A EMPRESAS, LIMITADA, tem a sua sede em Lisboa, na Rua das Gáveas, número cinquenta e nove, terceiro esquerdo e conta o seu início a partir de dezoito de Março de mil novecentos e oitenta e cinco, data da sua constituição.

TERCEIRO: — O capital social, integralmente realizado em dinheiro e nos demais valores constantes do activo social, é de um milhão de escudos e corresponde à soma das duas seguintes quotas: uma de setecentos e cinquenta mil escudos pertencente ao sócio Luís Manuel Rodrigues de Carvalho, e uma de duzentos e cinquenta mil escudos pertencente ao sócio José Manuel Rodrigues Lopes de Carvalho.

QUINTO: — UM — A gerência e administração da sociedade incumbem a ambos os sócios que desde já ficam designados gerentes.

DOIS — A sociedade fica vinculada com a assinatura de dois gerentes em conjunto.

TRÊS — Os gerentes poderão não ser remunerados, se tal vier a ser deliberado em assembleia geral.

QUATRO — É vedado aos gerentes obrigar a sociedade em actos e documentos estranhos aos negócios sociais, tais como letras de favor, fianças e outros semelhantes.

Um esclarecimento do dr. Pinto de Andrade

"HOSPITAL DA PRELADA FETTO PARA DESTRUIR UM SERVIÇO PÚBLICO"

O director clínico do Hospital da Prelada, médico ortopedista Pinto de Andrade, enviou ao Diário de Lisboa uma cópia da carta que recebeu do director do Hospital de Santo António, Paulo Mendo, que a seguir transcrevemos:

«Dada a diversidade de versões que actualmente circulam sobre a forma como foi conduzida a abertura e nomeação de pessoal para o Hospital da Prelada Dr. Domingos Braga da Cruz (H.P.) e porque alguns põem em causa o comportamento pessoal do Dr. Agostinho Pinto de Andrade, sinto-me na obrigação, como Director do Hospital Geral de Santo António e conhecedor de perto de todo o processo, de prestar o seguinte esclarecimento:

1º Em 1987 foi acordado entre o Ministério da Saúde e a Misericórdia do Porto que o Hospital da Prelada fosse posto em marcha durante o corrente ano como hospital privado administrado pela Santa Casa da Misericórdia (SCM). O Hospital comprometer-se-ia a prestar serviços na área da Ortopedia, Cirurgia Plástica e Reconstructiva e Medicina Física e Reabilitação, melhorando em conforto e quantidade de actos a oferta até então feita pelo Hospital Geral de Santo António (HGSA) pelos seus serviços instalados no Hospital Rodrigues Semide, também pertença da S.C.M., com instalações muito degradadas.

2º O pessoal necessário ao funcionamento do novo hospital poderia provir dos quadros dos serviços instalados no Hospital Rodrigues Semide (HGSA) e beneficiaria da concessão de comissão de serviço.

3º A pergunta do S.C.M., o HGSA respondeu que sugeria para eventuais Director e Enfermeira Directora do novo hospital os nomes do Sr. Dr. Pinto de Andrade e da Enf.ª Pinto de Almeida.

4º Desde estes factos, passados no início de 1988 e o convite formalizado a estas duas personalidades decorreram perto de 8 meses,

durante os quais este HGSA teve pouca participação, como é natural, no processo em curso.

5º Como Director do HGSA e a convite do Dr. Pinto de Andrade tive porém ocasião de, em duas ocasiões, me poder dirigir a todos os médicos do seu serviço, reunidos no Hospital Rodrigues Semide e de lhes explicar o estado da situação e da impossibilidade em que se encontrava o Dr. Pinto de Andrade de tomar quaisquer iniciativas uma vez que não estava sequer formalmente convidado e o próprio HGSA nada podia prever seguramente ou decidir.

6º Quando finalmente em 9/8/88 o Sr. Dr. Pinto de Andrade foi convidado e aceitou o convite que lhe foi dirigido pela SCM imediatamente (10/8/88) me deu disso conhecimento, me anunciou que iria reunir o serviço para explicar a situação nesse mesmo dia e iniciar a actividade necessária à rápida estruturação dos serviços do novo Hospital.

Assim:

Toda a sua actuação ao longo de todo o ano foi não só por mim conhecida mas partilhada e a sua preocupação foi sempre a de ter em conta o interesse deste Hospital, a enorme importância do sucesso do projecto «Hospital da Prelada» e a necessidade de um bom entendimento entre as duas instituições.

Finalizando, posso assegurar que em relação à actuação do Sr. Dr. Agostinho Pinto de Andrade nada mais posso dizer que foi aquela a que já nos tinha habituado quando, ao longo dos mais difíceis anos de grande indefinição social e política, dirigiu os destinos deste Hospital de Santo António, dignificando o seu cargo, dignificando o Hospital e merecendo indiscutivelmente a sua reeleição para um segundo mandato de três anos.

Nota da redacção: Esta carta foi enviada ao «Diário de Lisboa» a

propósito duma notícia publicada no dia 23 em que são transcritas afirmações do médico José Bárbara Branco que, no Hospital Rodrigues Semide, substituiu o médico Pinto de Andrade na chefia do Serviço de Ortopedia.

As afirmações feitas pelo Dr. Bárbara Branco e que dizem respeito a factos objectivos foram confirmadas por outras fontes. Quanto às afirmações de carácter subjectivo feitas pelo Dr. Bárbara Branco, não são obviamente susceptíveis de confirmação, nomeadamente quando ele diz sentir-se «traído». Poderíamos considerá-las um desabafo sem lugar nas páginas deste jornal se a actuação do Dr. Pinto de Andrade no Hospital Rodrigues Semide não tivesse sido objecto de uma tomada pública de posição por parte da Sociedade Portuguesa de Ortopedia, como foi o caso. Somando isto ao facto de contra o mesmo médico existir uma queixa no Conselho Regional do Norte da Ordem dos Médicos, que ele próprio dirige, considerámos as declarações do Dr. Bárbara Branco como matéria a publicar.

Do mesmo modo, publicamos agora o ofício do Dr. Paulo Mendo, director do Hospital de Santo António, do qual o Dr. Pinto de Andrade dependia enquanto médico responsável pelo serviço de ortopedia do Hospital Rodrigues Semide.

Na carta que escreveu a este jornal, o Dr. Pinto de Andrade declarou: «O ofício que recebi do Sr. Director do H.G.S.A. que junto envio, confirma claramente que o meu comportamento como médico daquele hospital sempre foi correcto, sem que a opção que fiz de aceitar trabalhar no Hospital da Prelada tenha posto em causa as minhas obrigações para com o H.G.S.A.».

Além disso, o dr. Pinto de Andrade considera que no texto publicado no «DL» foram feitas «afirmações falsas, caluniosas e ofensivas da minha dignidade profissional, que só a inveja e o despeito podem explicar». Pela nossa parte, aqui ficam os esclarecimentos.

CHEFE DE SERVIÇOS DE ESTUDOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS PARA INSTITUTO PÚBLICO DA ÁREA DOS TRANSPORTES

1 — FUNÇÕES

- Coordenação de estudos relacionados com o aproveitamento racional de recursos, quer naturais quer dos construídos, numa óptica empresarial de rendibilização física, económica e social;
- Promoção de estudos de avaliação da aptidão vocacional de infra-estruturas, edificações e áreas de apoio, tendo em especial atenção aspectos de integração no meio ambiente;
- Preparação de bases para desenvolvimento de acções de planeamento estratégico, físico-económico, com recurso a análises estatísticas e tratamento informático de dados.

2 — REQUISITOS

- Licenciatura em engenharia civil (há mais de 5 anos);
- Experiência no domínio da investigação em áreas relacionadas com o aproveitamento de infra-estruturas, recursos naturais, prática na simulação do comportamento de sistemas em vários cenários evolutivos e seu impacte ambiental;
- Preparação adequada à utilização de meios informáticos;
- Capacidade de chefia.

3 — CONDIÇÕES OFERECIDAS

- Remuneração anual da ordem dos 2200 c., acrescida de diuturnidades;
- Benefícios sociais dos serviços privativos do organismo;
- Actividade a desenvolver num bom ambiente de trabalho pluridisciplinar, em instalações adequadas.

As candidaturas, acompanhadas de «curriculum» detalhado, deverão ser dirigidas, até 20 de Janeiro de 1989, ao n.º 30012 deste jornal.

EMPREENDIMENTO DE ALQUEVA

A propósito de notícias veiculadas pela comunicação social sobre o aproveitamento de Alqueva, na sequência de encontro promovido pela Câmara Municipal de Moura com a Assembleia Distrital de Beja, julga a EDP oportuno reafirmar os seguintes aspectos, que nesse encontro, houve oportunidade de referir:

1. O empreendimento de Alqueva é um aproveitamento hidráulico destinado, designadamente, ao fornecimento de água para rega e outros fins e à produção de energia eléctrica.
2. A concretização do empreendimento depende forçosamente da definição clara das parcelas em que se desdobra o seu custo total e da determinação de quais as entidades responsáveis por cada uma delas.
3. A produção de energia eléctrica justifica apenas sensivelmente menos de metade do custo total do empreendimento.
4. Nestas circunstâncias, o relançamento da obra, é decisão que transcende a EDP.
5. A EDP no seu «Plano de Construção de Novos Centros Produtores» tem previsto uma gama de empreendimentos que, estritamente, sob o ponto de vista da valia da produção eléctrica, são prioritários relativamente ao de Alqueva.

JOGO DE ESPINHO E DA PÓVOA: CONTRATOS JÁ ESTÃO ASSINADOS

Os contratos de exploração das zonas de jogo de Espinho e Póvoa de Varzim, concedidas pelo Governo português respectivamente à Solverde e à Sopete, foram ontem assinados em Lisboa.

Em representação do Executivo assinou o ministro do Comércio e Turismo, Ferreira do Amaral, estando a Solverde e a Sopete representadas por diversos administradores.

Os termos das concessões são coincidentes, terminando o prazo daqui a vinte anos, comprometendo-se ainda o governo a não consentir novas explorações daquele tipo num raio de 150 quilómetros.

Como primeira contrapartida, a Solverde compromete-se a pagar um total de 6,1 milhões de contos, em quatro prestações semestrais.

Por seu lado, a Sopete pagará 5,812 milhões de contos, nas mesmas condições.

Como outras contrapartidas, as concessionárias do jogo de Espinho e da Póvoa de Varzim comprometem-se a entregar metade do total das receitas brutas declaradas dos jogos explorados nos casinos.

Estas verbas são realizadas de diversas formas, destacando-se o pagamento do imposto especial sobre o jogo e a compensação

pelos encargos com o funcionamento da Inspeção-Geral de Jogos.

Além disso, ambos os contratos prevêem a dedução até 50 por cento de diversos encargos com o jogo.

O Instituto Nacional de Formação Turística passa a ser anualmente contemplado com 100 mil contos, a dinheiros de 1987, devidos pelas duas zonas de jogo (45 mil da Póvoa e 55 mil de Espinho).

São ainda previstas deduções anuais de 30 mil contos (a preços de 1987) por cada zona de jogo para subsidiar entidades locais com relevância social.

Anti-inflamatórios: perigos devem aparecer nos rótulos

Um anti-inflamatório à venda em Portugal constituído por uma prostaglandina sintética foi hoje aprovado aprovado pela Administração Federal Norte-Americana para a Saúde e Alimentação (Food and Drug Administration - FDA), como «o único na prevenção das doenças gástricas provocadas pelo uso de anti-inflamatórios».

Em documento enviado para as associações de farmácias dos Estados Unidos, aquele departamento refere que o medicamento foi classificado este ano, a par do «AZT» para a Sida,

como «I A», o que quer dizer «medicamento único» para determinado fim.

A FDA determinou que os anti-inflamatórios, cujo consumo excessivo e prolongado é responsável por doenças gástricas que podem levar à hospitalização e até à morte, passem a ter nos rótulos os perigos que acarretam, bem como uma recomendação aos médicos no sentido de se manterem atentos.

Comercializado sob a designação de «Cicotec», o medicamento é usado no tratamento das sequelas provocadas pelo

uso excessivo de anti-inflamatórios, nomeadamente da aspirina e anti-reumáticos, responsáveis, segundo especialistas internacionais, por 25 por cento das úlceras gástricas. Calcula-se que 13 milhões de norte-americanos tomam anti-inflamatórios.

A FDA advertiu os consumidores dos efeitos secundários graves dos anti-inflamatórios não esteróides, referindo que 80 por cento do total de mortes relacionadas com úlceras ocorreram em doentes medicamentados com estes fármacos.

SECRETARIA NOTARIAL DE LEIRIA PRIMEIRO CARTÓRIO

Notária Lic. Maria da Conceição Malheiro Vilar Vieira

CERTIFICO que, por escritura de 20 de Dezembro de 1988, exarada de fls. 40 a fls. 43 do livro de notas para «Escrituras Diversas» n.º 208-A deste Cartório a sociedade PLASTRADE - COMÉRCIO INTERNACIONAL DE PLÁSTICOS, Limitada, sociedade comercial por quotas, com sede em Lisboa, na Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 206 - 4.º Dt.º, freguesia de São Sebastião da Pedreira, pessoa colectiva n.º 501 166 750, com o capital social de 44 000 000\$00 e matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o n.º 55 821 a folhas 196 do livro C - cento e trinta e nove - dois, foi transformada em sociedade anónima denominada PLASTRADE - COMÉRCIO INTERNACIONAL DE PLÁSTICOS, SA, e que se regerá pelos Estatutos que a seguir se transcrevem.

Como condição prévia do contrato de Transformação HENRIQUE JOSÉ SOUSA NETO renunciou à gerência que tinha na sociedade por quotas.

ARTIGO 1.º

A sociedade adopta a denominação de Plastrade - Comércio Internacional de Plásticos, SA e tem a sede social na Rua Rodrigo da Fonseca, número duzentos e seis, quarto, direito, na freguesia de S. Sebastião da Pedreira, na cidade de Lisboa.

ARTIGO 2.º

O seu objecto é a comercialização no mercado interno e externo de bens que se situam no sector de plásticos e similares, bem como a concepção, projecto, transformação e aperfeiçoamento dos nomes.

ARTIGO 3.º

1. O capital social, integralmente realizado é de quarenta e quatro milhões de escudos dividido em quarenta e quatro mil acções do valor nominal de mil escudos cada.
2. As acções são nominativas ou ao portador, livremente convertíveis, cabendo aos accionistas todos os encargos da conversão.
3. Haverá título de uma, cinco, dez, cinquenta, cem e mil acções.

ARTIGO 4.º

1. São Órgãos da Sociedade a Assembleia Geral, o Conselho de Administração e o Conselho Fiscal.
2. Os membros para os cargos nos diversos Órgãos Sociais são eleitos pela Assembleia Geral por quatro anos de entre os accionistas ou outras pessoas.
3. É permitida a reeleição de qualquer membro dos Órgãos Sociais por uma ou mais vezes.

ARTIGO 5.º

1. A Assembleia Geral é constituída por todos os accionistas, correspondendo um voto a cada 100 acções.
2. A Mesa da Assembleia Geral é composta por um Presidente e um Secretário.

ARTIGO 6.º

A administração da Sociedade é exercida por um Conselho de Administração, composto por três ou cinco membros, com dispensa de caução, que elegerão de entre si o Presidente.

ARTIGO 7.º

A fiscalização da Sociedade é exercida por um Conselho Fiscal, composto por três membros efectivos e um suplente eleitos em Assembleia Geral, que deverá indicar o Presidente.

ARTIGO 8.º

- A sociedade fica vinculada:
- a) Pela assinatura de dois administradores;
 - b) Pela assinatura de um administrador e de um procurador, dentro dos limites da procuração a este conferida;
 - c) Pela assinatura de dois procuradores, dentro dos limites das respectivas procurações;
 - d) Pela assinatura de um procurador constituído para a prática de acto certo e determinado.

ARTIGO 9.º

Os lucros líquidos resultantes do balanço, deduzida a percentagem obrigatória para a constituição de reserva legal, serão distribuídos pelos sócios na proporção das suas acções, salvo se, por deliberação da Assembleia Geral, forem afectos total ou parcialmente, à constituição e reforço de outros fundos ou destinados a outras aplicações específicas.

ARTIGO 10.º

Ficam desde já eleitos os Órgãos Sociais da Sociedade para o primeiro mandato, que terminará na primeira Assembleia Geral de mil novecentos e noventa e três e que ficam assim constituídos:

Mesa da Assembleia Geral: Presidente, Francisco Vareda de Jesus Pedroso; Secretário, José Carlos Costa Lourenço Nunes Bandeira.
Conselho de Administração: Presidente, Henrique José de Sousa Neto; Vogais, Joaquim Manuel Mota Menezes e José Fernando Pinto dos Santos.
Conselho Fiscal: Presidente, José Henriques Vareda; Vogais, Manuel Pinto Nobre e Artur Neto Barros; e Suplente, Joaquim Rocha e Silva.

Vai conforme original na parte transcrita.

Leiria e Secretaria Notarial, aos vinte e dois de Dezembro de mil novecentos e oitenta e oito.

A Notária do 1.º Cartório

(Maria da Conceição Malheiro Vilar Vieira)

O MAIOR ESPECTÁCULO DO MUNDO NO «O CURRAL»

RÉVEILLON 88-89

ARTISTAS NO PALCO:

Francisco Ferrer • Victor Tiago •
Gasparinho • Américo Rasquinho
• Dídia Maria • Helena Maria •
a brasileira INÊS MAIA

FOLCLORE c/o conjunto internacional
Conjunto típico «OS REGIONAIS»

Momento hilariante c/o artista brasileiro das telenovelas brasileiras
«Emigrantes» e «Avenida Paulista»
JÚLIO CALLADO

BAILE TODA A NOITE

EMENTA:

Crepes de Marisco — Arroz Xau-Xau —
Pato no forno c/ arroz — Costeletas à
Zingara, Vinho tinto e branco da Adega do
Guimarães

CHAMPANHE, NOZES E FIGOS

5 000\$00 P/PESSOA

Atenção: LOTAÇÃO LIMITADA

RESTAURANTE-ADEGA TÍPICA

“O CURRAL”

DE CARLOS GUIMARÃES
ESTRADA DE CARNAXIDE
(aos Cabos d'Ávila)
CASAL DO CANAS

Reservas p/telefone 90 55 78



SECRETARIA NOTARIAL DE LEIRIA SEGUNDO CARTÓRIO

Licenciado Higinio Rodrigues Valente.

CERTIFICO que me foi apresentado o livro de actas da sociedade Plastrade - Comércio Internacional de Plásticos, Lda., com sede na Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 206, 4.º, Dt.º, freguesia de São Sebastião da Pedreira, em Lisboa, o qual tem cinquenta páginas devidamente numeradas e não rubricadas, com termo de abertura e sem termo de encerramento, aquele sem data, estando selado pela Repartição de Finanças do 11.º Bairro Fiscal de Lisboa, em nove de Fevereiro de mil novecentos e oitenta e um, pela verba fiscal de quinhentos escudos.

Que, deste livro, me foi requerido, verbalmente que, extratasse em pública forma parcial, a acta que se encontra exarada de página quarenta e sete a página quarenta e oito, cujo teor é o seguinte:

ACTA NÚMERO QUARENTA

Pelas dez horas do dia quinze de Novembro de mil novecentos e oitenta e oito, reuniu na sua sede social, na Rua Rodrigo da Fonseca, número duzentos e seis, quarto andar, direito, freguesia de S. Sebastião da Pedreira, concelho de Lisboa, a Assembleia Geral da empresa Plastrade - Comércio Internacional de Plásticos, Lda., sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com o capital social de quarenta e quatro milhões de escudos, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, sob o número cinquenta e cinco mil oitocentos e vinte e um, a folhas cento e noventa e seis, do livro C - cento e trinta e nove - dois, com a presença dos sócios:

Henrique José de Sousa Neto, Joaquim Manuel Mota Menezes, José Fernando Pinto dos Santos e Ângelo Barbedo César Machado, com quotas de cinco milhões e quinhentos mil escudos, cada um e Iberomoldes - Centro de Projecto e Cooperação da Indústria de Moldes, Lda., com uma quota de vinte e dois milhões de escudos, representada pelos seus únicos sócios e gerentes Henrique José de Sousa Neto e Joaquim Manuel Mota Menezes, estando, portanto, representada a totalidade do capital social.

(...) foi aprovado por unanimidade, que os gerentes Joaquim Manuel Mota Menezes e Francisco Vareda de Jesus Pedroso cessem funções no dia vinte de Dezembro de mil novecentos e oitenta e oito (...).

Assinados: — a) assinatura ilegível; a) Joaquim Manuel Mota Menezes; a) assinatura ilegível; a) Ângelo Barbedo César Machado; Pela Iberomoldes - Centro de Projecto e Cooperação de Indústria de Moldes, Lda.; a) assinatura ilegível; a) Joaquim Manuel Mota Menezes.

É pública forma parcial que fiz extrair e vai conforme o original, declarando que da parte omitida nada consta que altere, prejudique, modifique ou condicione a parte transcrita. No mesmo original, fiz a devida anotação, o rubriquei e o restituí ao apresentante.

Secretaria Notarial de Leiria aos vinte e oito de Dezembro de mil novecentos e oitenta e oito.

O Ajudante,

Assinatura ilegível

La Gran Tassa

con sabor...

Restaurante
WINE-BAR

R. Sebastião J. C. e Melo, 3
CASCAIS
Entre a Estação
e Praia da Rainha

JANTAR FIM DE ANO
ATÉ ÀS 24 H

Até 2 h manhã
Reservas: Tel. 28 11 40

Geotermia agride ambiente da Lagoa do Fogo (Açores)

O deputado europeu Vasco Garcia afirmou que a «agressão» ao ambiente na lagoa do fogo, ilha de S. Miguel, com a execução do projecto geotermico «poderia ter sido evitada».

Numa conferência de Imprensa em Ponta Delgada, o parlamentar do PSD acrescentou que, se os técnicos do ambiente tivessem sido chamados a acompanhar o processo, teria sido evitada a situação de degradação do ambiente, naquela zona classificada.

Contudo, referiu, muitos erros cometidos já estão corrigidos, «não valendo a pena agitar o problema».

Para Vasco Garcia, o consórcio que executou na lagoa do Fogo o projecto para aproveitamento da energia geotérmica na ilha de S. Miguel foi induzido em erro por «dados fornecidos pelos norte-americanos».

Devido aos trabalhos de prospecção geotérmica foi contaminada uma nascente de água para abastecimento público ao concelho da Ribeira Grande e o abate de muitas árvores, além do deslocamento de grande volume de terras.

Vasco Garcia vai apresentar o assunto à instância do Parlamento Europeu que trata das questões do equilíbrio ambiental, onde realçará a convicção de que a «geotermia é o petróleo das ilhas, sendo o seu aproveitamento essencial ao desenvolvimento económico insular».

O plenário do Parlamento Europeu debaterá em Janeiro um relatório de autoria do deputado português sobre pesca artesanal em que é proposta a criação da categoria da «pequena pesca artesanal», para a qual seria reservada uma zona restrita na faixa das seis milhas costeiras.

Apoios financeiros a «boca aberta»

Adiantou que esta medida, acompanhada de apoios financeiros à aquisição de meios pelos pescadores, permitirá a sobrevivência dos chamados «barcos de boca aberta» que exercem a faina nos Açores.

Ao mesmo tempo que defende a valorização do pescado fresco na comunidade e a melhoria das suas estruturas de comercialização e conservação, Vasco Garcia preconiza a integração dos incoventos dirigidos à pesca artesanal em programas de desenvolvimento regional que contemplem especialmente as regiões insulares marítimas europeias, como os Açores.

Neste arquipélago, segundo revelou, dos 4700 pescadores existentes, cerca de 4300 exercem a pesca artesanal.

O deputado social-democrata disse pretender-se, a prazo, a conversão da frota em que operam, sendo inevitável o desaparecimento futuro dos «barcos de boca aberta».

Vasco Garcia, que revelou a sua disponibilidade para se recandidatar pelo PSD nas eleições de 1989 para o Parlamento Europeu, admitiu que a recente abolição de fronteiras nas relações comerciais Estados Unidos/Canadá poderá repercutir-se na cooperação entre a América do Norte e o mercado da CEE.

Fim de ano para todos os gostos

ENTRE O ESTORIL E A MADEIRA A BOLSA COMANDA A ESCOLHA

Não faltam ofertas de «réveillon» para amanhã. Do Casino do Estoril à Madeira, passando por restaurantes e casas de espectáculos, de Norte a Sul, Portugal promete ser uma alegria absorvente. Também há quem festeje o fim-de-ano em casa, por estrito costume familiar. Mas são cada vez menos os portugueses nessas circunstâncias. A ordem é bailar, bailar, bailar. Bailar ao som da mais variada música, dar ao pé até de madrugada. Em festas abrilhantadas por artistas conhecidos, outros a caminho da fama, outros ainda á procura de uma oportunidade. É a festa de fim-de-ano e está tudo dito.

O resto ver-se-á amanhã, em clubes recreativos e associações, em colectividades que têm no 31 de Dezembro ocasião de embolsar dezenas de contos para porem as contas em dia, em casas de fado ou outras, o pé só parará quando o cansaço for superior às forças. Mas, atenção: para passar o fim-de-ano não é obrigatório dançar ou saber dançar.

Mal iria o mundo se assim fosse. Comemorar o fim-de-ano é também conviver. E quem o não fez durante os 365 anteriores de 1988, terá amanhã o último ensejo para o fazer e se despedir em boa consciência deste ano.

É claro que numa situação destas uma condição se poderá colocar, mas não a todos: a da disponibilidade financeira. Por isso, de acordo com o realismo, as necessidades e conveniências de cada um, a questão dos preços é aqui equacionada. É aí que, para muitos, começará o drama. O drama da escolha, da opção. Tudo depende, para além de outras exigências que não vêm agora a preceito, do que se quiser gastar com a folgança, na noite de São Silvestre. Ele há locais, sítios e atractivos para tudo e todos. Para todos e todos os gostos. Desde, por exemplo, um hotel na Madeira, de luxo, que não nos faz a coisa por menos de uma estada de oito dias (no mínimo), tudo isso por cem ou mais contos, ao «réveillon» da «Voz do Operário», um dos mais baratos que conhecemos. Por meio milhão de escudos, caso obtenham mesa para quatro pessoas. De outro modo, o ingresso individual subirá para 750 escudos.

Na mesma área deste, mas saindo 25 quilómetros de Lisboa, apresenta-se o baile de fim-de-ano da Euterpe de Alhambra (uma tradição de mu-



tos anos) ou, aqui bem à porta, no Bairro Alto, o do Clube Rio de Janeiro. Com fama grangeada a pulso e à custa de várias iniciativas, outra solução associativa na capital é a dos «Alunos d' Apolo». Em qualquer dos casos, o ideal é serem quatro pessoas e marcarem mesa.

São estes últimos, na relatividade de todas as coisas, os «réveillons» mais em conta. O do SCP (Sporting Clube de Portugal) também não é exagero, como já devem ter constatado pelos anúncios em profusão que a direcção «leonina» mandou publicar. Para os seus adeptos curtirem mágoas dos pontos (e para alguns, também contos) que lhe faltam na tabela, uma mesa de quatro pessoas custa 10 contos, no Pavilhão de Alvalade, ao passo que a entrada individual se fica pelos 750 escudos. Mas com mesa é outra coisa. O «Duo Ouro Negro» e Alexandra são os artistas anunciados.

Amália e Herman no Estoril

Amália Rodrigues e Herman José são os artistas que animarão o fim-de-ano no Casino do Estoril, juntamente com a brasileira Joanna, que aqui dispensa apresentações. Com direito a um jantar e a uma ceia leve, de madrugada, ir amanhã ao Casino do Estoril, onde a passagem de ano é assinalada a preceito e com requinte (é um costume enraizado no espírito de muitos), custar-lhe-á 25 notas de mil. Se lá pretende ir, não vacile (passe a exortação): é que a lotação estava esta manhã prati-

camente esgotada.

Já que falamos de tradições, frise-se esta: a presença, uma vez mais, de Amália Rodrigues no fim-de-ano do Casino Estoril. Uma tradição associada a outra. Uma instituição (da canção nacional) ligada a outra. E, já agora, uma revelação: ao bater dos primeiros quinze segundos do ano de 1989 o amplo salão de festas do Casino transformará-se à noite para o dia. Estejam atentos, portanto.

Mais longe, no «Estoril-Sol», em Cascais, por 15 contos, poderá ouvir Fernando Pereira e dois conjuntos, com direito a jantar e ceia. Além da companhia amiga de Fernando Pereira, o cliente do «Estoril-Sol» assistirá a um programa de fogo de artifício.

Nas imediações, o mesmo tipo de fogo de artifício poderá ser observado no restaurante «Baluarte», em Cascais, ao preço de nove mil escudos (com música ao vivo e duas ementas à escolha), e, na mesma cidade - Cascais -, com a presença de Lenita Gentil, o «Equador» convida-o, por 6 500 escudos, para apreciar e ouvir cantar aquela artista, com ceia na ementa. No mesmo aparthotel, no «Pub la Folie», terá espectáculo idêntico, com uma diferença: em vez de ceia comerá uns «petiscos». O preço também será diferente, para menos: 2 250 escudos.

Hotéis também têm propostas

Os admiradores de Lenita

Gentil podê-la-ão ver, antes de Cascais, em Lisboa, no Hotel «Altis», juntamente com Mariana Mota, Carlos Cunha e Arlindo Campos. Esses artistas, o espectáculo e o jantar, tudo junto por doze mil escudos.

Ainda hotéis: no «Mériadien», em Lisboa também, por 11 200 escudos haverá ceia, orquestra e fogo de artifício, uma vez mais. No «Ritz», duas opções: ou jantar de luxo, à luz de velas, por nove contos; ou baile no salão nobre, depois do jantar de luxo, por mais três mil escudos.

Os restaurantes também alinham, e em força, nesta «festa». Por exemplo: «O Curral», em Carnaxide, onde actuarão Inês Maia e Júlio Calado, artistas das telenovelas brasileiras «Emigrantes» e «Paulista».

Mas outra proposta, à partida inédita - para nós e aliciante para todos -, nos faz a CP, em ano de grandes iniciativas nesta empresa, de que o TECO é um exemplo. Pois num barco da CP, no Tejo, por 3 200 ou 3 700 escudos (a ouvir o «AfroBrazil» ou a ver os efeitos do raio laser, respectivamente), poderá passar um fim-de-ano diferente. Se fizer bom tempo, como se prevê, ainda melhor.

Onze mil escudos custa o jantar, na companhia de Adelaide Ferreira (a cantar, claro), no «Panorama», de Monsanto. Caso não lhe agrade nenhuma das propostas que atrás lhe fazemos - o que não é crível -, então opte, já agora, por Tróia, onde dois dos seus restaurantes têm também propostas interessantes. O «Rosmaninho» e o «Bico das Lulas» oferecem o fim-de-ano por oito contos e 7 500 es-

cudos, respectivamente. Além disso, há um «package» especial, com alojamentos para casal entre 12 600 e 14 600 escudos.

Não dissemos tudo: um grupo de finalistas do ISLA promove na cantina do ISE uma passagem de ano com música brasileira ai vivo, com entrada uniforme e por 2 500 escudos (direito a bolo rei e espumante). Também em instalações universitárias, mas sem nada ter a ver com estudantes, referência aqui à festa que a empresa BAN promove no Pavilhão de Exposições do Instituto de Agronomia a favor da Cruz Vermelha.

No «Bananas» (jantar por 11 contos com bar e mini-ceia; ou cinco contos, com entrada para a discoteca e o conjunto «Heartbreakers»), «Rock Rendez-Vous» (ingresso por 1 500 escudos para dançar ao som do samba, da marcha e do «pop») e nos «Alunos d' Apolo», em Campo de Ourique (quatro numa mesa, com espumante e bolo-rei, dez contos no salão de cima e 8 no de baixo, e música ao vivo em ambas), são outros tantos locais para passar a noite de amanhã e entrar no ano de 1989 a dançar, fazendo da alegria um hino.

No Norte (Porto, Póvoa do Varzim, Espinho e Gaia), bem como no Algarve - onde a oferta é abundante -, também se comemora o fim-de-ano. Uma chama especial de atenção para o Algarve: Quinta do Lago, Aldeia das Açoteias, Albufeira, Vilamoura e Montechoro são as propostas que lhes deixamos, sendo os locais conhecidos de todos.



Donas de casa em luta numa bicha para o pão em Belgrado, capital da Jugoslávia. Esta foto ficou em primeiro lugar num concurso da agência de notícias Tanjung.

O congresso europeu de associações de "gays" e lésbicas, a decorrer em Amsterdão, aprovou várias resoluções contra as leis discriminatórias vigentes no Reino Unido e Áustria em apoio do catalão Juan António Reina. Trata-se do primeiro espanhol que solicitou o reconhecimento legal de uma ligação homossexual. O congresso debate hoje uma proposta de resolução para que os partidos políticos da assembleia da CEE se pronunciem sobre a homossexualidade antes das eleições para o Parlamento Europeu, as quais ocorrem em Junho de 1989. A reunião, com a presença de 200 delegados de 30 organizações de 20 países europeus, acusa as leis vigentes na Áustria por elas proibirem a associação dos homossexuais.



Foto de arquivo de Sabri El Banna, também conhecida apontado como um dos possíveis responsáveis pela explosão Pan Am sobre a Escócia, que provocou 270 mortos.

Chile: jornalistas pedem liberdade de Imprensa

O colégio de jornalistas chileno exigiu ao governo do general Pinochet o restabelecimento da liberdade de Imprensa e o fim dos processos judiciais de 20 profissionais de órgãos de Comunicação. Depois de reiterar o seu «compromisso com a democracia», mensagem que teve por motivo o fim do ano, o presidente do colégio, Jaime Moreno Laval, manifestou que os chilenos requerem «um país aberto, em democracia», sublinhando que isso «só será possível com plena liberdade de expressão». Os jornalistas chilenos realizaram três greves este ano para exigir o restabelecimento da liberdade de expressão, e ontem Moreno indicou que continuam em vigor as exigências sobre a devolução aos «seus legítimos proprietários» dos meios de Comunicação expropriados desde o golpe de estado de 1973.

Poluição no México atinge níveis mortíferos

Milhões e meio de crianças e idosos mexicanos correm o risco de morrer devido aos elevados índices de poluição existentes na Cidade do México, apesar das medidas de emergência anunciadas pelas autoridades — advertiram organizações ecologistas. Com a aproximação dos meses frios de Inverno, os níveis de ozono na capital mexicana triplicaram os valores limite estabelecidos pela Organização Mundial de Saúde (OMS). No dia 14, na sequência de protestos públicos contra a aparente inação oficial, o governo anunciou oito medidas de combate à poluição, que incluem a proibição da circulação de veículos um dia por semana e o prolongamento das férias escolares por mais um mês, até ao final de Janeiro. Apesar de terem aplaudido as medidas — que segundo o governo vão reduzir em um quinto a poluição — os grupos ecologistas locais manifestaram algum ceticismo quanto à sua execução efectiva. «O grande problema é que as autoridades não conseguiram obrigar as pessoas a cumprir as medidas».

URSS prossegue retirada do Afeganistão

Os Estados Unidos afirmaram ter indicações de que a União Soviética está a completar a retirada das suas forças estacionadas no Afeganistão. «Esperamos que os soviéticos realizem os seus propósitos... de modo a retirarem-se até 15 de Fevereiro. Estamos cientes de indicações de que eles estão a iniciar movimentos conducentes a uma retirada de tropas», afirmou a porta-voz do Departamento de Estado, Phyllis Oakley. As declarações de Oakley seguem-se a um artigo do «Washington Post» que refere fontes dos Serviços Secretos dos Estados Unidos como tendo afirmado que as forças soviéticas estão a fazer os últimos preparativos para uma retirada total. De acordo com o mesmo jornal, as forças soviéticas estão já a desmantelar equipamento e a convergir para áreas de reunião. Os acordos de Genebra apontam para a retirada total do contingente de 100 000 homens que a União Soviética mantinha há nove anos estacionado no Afeganistão.

Situação no Médio Oriente poderá ser desbloqueada em 1989

SHAMIR PROPÕE REALIZAÇÃO DE UMA CONFERÊNCIA DE PAZ

O Primeiro-Ministro israelita, Yitzhak Shamir, propôs a realização de uma conferência de paz para o Médio Oriente dentro de dois meses, sob a mediação dos estados Unidos e da União Soviética. Embora continue a opor-se a uma conferência internacional sob os auspícios das Nações Unidas, Shamir afirmou que poderá considerar a realização de eleições municipais nos territórios árabes ocupados, antes mesmo do início das negociações.

Esta foi uma das condições que, segundo notícias veiculadas em Jerusalém, os líderes do levantamento palestino nos territórios ocupados por Israel terão imposto para suspenderem a rebelião que dura há mais de um ano.

Assessores de Shamir afirmaram que a iniciativa poderá coincidir com a sua deslocação a Washington em finais de Fevereiro ou início de Março, para conversações com a nova administração dos Estados Unidos.

"As superpotências poderão desempenhar um papel de mediadores, como factores importantes de aproximação do fosso existente entre as partes, sem que

lhes imponham o que quer que seja", afirmou Shamir.

O Primeiro-Ministro israelita acrescentou que espera poder contar na sua iniciativa com a colaboração do Egipto, único país árabe a manter relações de paz com Israel.

"O Egipto pode desempenhar um papel importante, já que é o mais importante país árabe e a experiência e influências egípcias poderão encorajar os outros partidos árabes a participar num esquema de paz com Israel", afirmou Shamir.

Neste sentido, está a levantar alguma expectativa o encontro dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos dois países por al-

tura da realização, na próxima semana, em Paris, de uma conferência sobre desarmamento.

As perspectivas para 1989

O ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, Francisco Fernandez Ordoñez, afirmou entretanto que 1989 "pode ser o ano do desbloqueio da situação dramática" no Médio Oriente.

Durante o primeiro semestre de 1989, período da presidência espanhola da CEE, os "Doze" jogarão papel de "estímulo, de contacto e de persuasão", para incitar as partes implicadas no conflito do Médio Oriente a realizar uma conferência internacional de paz.

Bhutto e Gandhi têm hoje conversações sobre relacionamento Índia-Paquistão

Os primeiros-ministros Rajiv Gandhi, da Índia, e Benazir Bhutto, do Paquistão, têm hoje conversações formais que servirão de teste à nova cordialidade estabelecida desde ontem entre os dois países.

Segundo fontes paquistanesas, os dois dirigentes — ambos de uma geração sem memória da violência provocada pela divisão do subcontinente indiano, em 1947 — terminaram hoje de madrugada o seu primeiro encontro informal.

Gandhi, de 44 anos, e Bhutto, de 35, deverão voltar a encontrar-se ainda hoje, durante cerca de duas horas, em Islamabad, onde ambos participam na quarta cimeira anual da Associação Sul-Asiática para a Cooperação Regional (SAARC).

Fontes oficiais pensam que os

dois dirigentes discutirão «tudo» o que possa ter a ver com o relacionamento entre os dois países, incluindo um pacto de não agressão, o disputado Estado de Caxemira e o comércio.

A realização da cimeira da SAARC está a ser ofuscada pelas conversações entre Bhutto e Gandhi, que realiza a primeira visita de trabalho ao Paquistão efectuada por um primeiro-ministro indiano desde 1960.

«Parece não haver grandes hipóteses de um maior desanuviamento porque os problemas existem desde há várias décadas» — disse um diplomata.

O Paquistão e a Índia estiveram três vezes em guerra desde 1947, quando os dois países se tornaram independentes com a partilha da Índia britânica.

«Ambos parecem dispostos a melhorar as relações entre os dois países, mas o encontro será sobretudo uma sessão para se conhecerem melhor um ao outro» — acrescentou o diplomata.

Fontes indianas e paquistanesas informaram, entretanto, que Gandhi e Bhutto poderão assinar um acordo proibindo ataques às instalações nucleares de cada país.

Após as negociações formais de hoje, Gandhi e Bhutto deverão ainda encontrar-se amanhã, depois do final da cimeira.

Durante os três dias da cimeira, hoje a decorrer à porta fechada, nos arredores da capital paquistanesa, os líderes dos sete países participantes deverão discutir planos de combate ao terrorismo e à pobreza.

Proposto fecho das bases do estrangeiro

Dois senadores dos Estados Unidos, apelo de bases militares no estrangeiro, para a defesa, antes de ser considerada qualquer nível interno.

As declarações seguiram-se à escolha oficial de 145 bases a serem encerradas ou reduzidas, por forma a poupar milhões de dólares.

«Como podemos nós justificar o encerramento do nosso território quando não se considera para uma sequer das 1500 que mantemos no estrangeiro, por exemplo, o senador democrata Alan Dixon, pelo seu colega de bancada Paul Simon.

Os dois senadores pertencem ao Estado de Nova York e prevêem a ser encerradas duas bases militares nas respectivas comunidades.

O encerramento de algumas das 3600 bases militares dos Estados Unidos foi iniciado em 1970, por alegada discriminação racial.

O Departamento norte-americano da Defesa divulgou a lista das bases constantes do documento da comissão especial, composta por militares e funcionários da administração.

A revolução cubana 30 anos depois

Há 30 anos, precisamente no dia 1 de Janeiro de 1959, os guerrilheiros barbudos de Fidel Castro entravam triunfalmente em Havana, depois de derrotarem, numa guerra civil que durou dois anos, o exército do ditador Fulgêncio Batista, que era apoiado pelos Estados Unidos.

Actualmente com 62 anos, Fidel Castro não mostra sinais de abrandar o seu zelo revolucionário e rejeita para Cuba quaisquer reformas que «cheirem a capitalismo», numa alusão aparente à «perestroika» de Gorbachev.

Precisamente há dois anos, quando o dirigente soviético começava a falar na necessidade de abertura da economia como forma de superar a escassez de bens de consumo, Fidel Castro punha termos a uma experiência cubana desse tipo que iniciara na agricultura alguns anos antes.

Para combater a escassez de produtos alimentares, o dirigente cubano permitiu que os agricultores vendessem livremente os seus produtos no mercado.

O abastecimento alimentar melhorou espectacularmente mas os mercados livres acabaram por ser encerrados quando Fidel Castro descobriu que certos agricultores estavam a enriquecer, chegando a ganhar vinte vezes mais do que um cirurgião ou engenheiro.

Em Maio de 1986, ao anunciar

o fim da experiência de mercado livre, Fidel disse que a revolução não permitiria que «os neocapitalistas» levantassem de novo a cabeça.

Salvou-se a pureza ideológica mas os alimentos voltaram a faltar nas lojas e, pior ainda, surgiu um «mercado negro» clandestino onde as pessoas se abastecem, apesar das pesadas sanções aplicadas aos delitos económicos.

Actualmente quase não se passa um dia sem que os meios de Comunicação Social anunciem a prisão de especuladores, açambarcadores e comerciantes envolvidos no mercado negro. Entre os crimes económicos punidos figura o de aceitar dinheiro para tomar o lugar de outra pessoa numa bicha para comprar alimentos racionados.

Contudo, mesmo os mais duros críticos da revolução cubana reconhecem que em trinta anos foram resolvidos os problemas da segurança social, da saúde e da educação.

Para os cubanos a recusa cate-

górica de tudo o que «cheire a capitalismo» significa muito claramente que Fidel Castro não está disposto a seguir a «perestroika» soviética, apesar de Gorbachev não se cansar de explicar que o seu objectivo não é o de abandonar o socialismo mas antes de o aperfeiçoar e tornar mais atractivo.

Uma ocasião para tirar a limpo quem melhor defende o socialismo, num confronto cara a cara, foi recentemente adiado quando Gorbachev cancelou a sua visita a Cuba para regressar precipitadamente a Moscovo devido ao terramoto na Arménia.

Nenhum observador pensa que Moscovo vá abandonar o seu aliado das Caraíbas por causa de divergências ideológicas mas quando finalmente Gorbachev se avistar com Fidel Castro terá um argumento de peso a seu favor: os cinco mil milhões de dólares em auxílio económico que a URSS fornece anualmente a Cuba.

Na Imprensa soviética já apareceram alusões à «utilização imperfeita» desse auxílio em certos projectos industriais cubanos e o próprio Castro admitiu publicamente que Havana pode esperar «dificuldades vindas do campo inimigo mas também dificuldades que possam surgir dos nossos amigos».

Reféns franceses finalmente livres

Mário Sampan

Correspondente DL

O «suspense» terminou. Marie-Laure e Virginie Valente, as duas miúdas francesas detidas desde Novembro do ano passado pelo dirigente terrorista Abu Nidal — um dos principais suspeitos do atentado contra o avião Pan Am — acabam de ser postas em liberdade na Líbia do coronel Kadhafi, cujas estradas foram postas excepcionalmente à disposição dos «invasores» do Mali.

Paris-Dakar. O mundo é realmente pequeno!

Marie-Laure e Virginie já chegaram a França, a Marselha, mais precisamente. Elas tinham sido ontem entregues a Leon Bouvier, um enviado especial do governo francês de Trípoli, na Líbia. O avião que as trouxe de Trípoli aterrou pouco depois das 21 horas num aeroporto militar perto de Marselha. Família, amigos, funcionários, e principalmente muitos jornalistas encontravam-se lá para as acolher.

Missão da ONU em Angola submeter-se-á às leis nacionais

O comandante da missão de verificação das Nações Unidas em Angola (UNAVEM), o general brasileiro Péricles Ferreira Gomes, afirmou que o grupo de 70 militares e 20 civis que irá chefiar deverá submeter-se às leis angolanas.

«A nossa actividade não será supranacional, pois a nossa presença em Angola obedecerá a um tratado bilateral entre duas nações soberanas», disse o general.

Ferreira Gomes, que chegou a Nova Iorque na quarta-feira para receber instruções do subsecretário-geral para

O escritório da Jana, a agência Noticiosa Líbia, tinha anunciado ontem ao fim da manhã que as miúdas iam ser postas em liberdade «em consequência dum apelo do guia da revolução, o coronel Muammar Kadhafi, por ocasião da festa de Natal», e que elas já tinham chegado a Benghazi, a leste de Trípoli. «Medidas foram tomadas para que elas sejam hoje entregues ao delegado do governo e à sua família», acrescentara a Jana.

Num comunicado tornado público pouco antes pelo Quay D'Orsay, o Ministério dos Negócios Estrangeiros francês, o ministro Roland Dumas tinha anunciado que um dispositivo de acolhimento se encontra pronto desde há dias e um enviado especial do governo, Leon Bouvier, embaixador de França, encontrava-se em Trípoli.

A libertação de Marie-Laure e de Virginie foi coroar diversos meses de esforços efectuados principalmente pelos

Ministérios dos Negócios Estrangeiros e do Interior do precedente governo de Jacques Chirac e do actual governo de Michel Rocard.

A chegada a França das duas pequenas foi pôr fim a uma série de peripécias, após a libertação ter sido prometida no sábado passado pelo grupo Fatah de Abu Nidal.

Ficaram contudo ainda na posse dos raptos seis outros reféns: Jacqueline Valente e seis belgas, que se encontravam a bordo do barco «Silco» quando este foi apresado no ano passado ao largo das costas libanesas. Durante o seu cativeiro, Jacqueline Valente deu à luz uma criança, que se chama Liberté (Liberdade).

Sobre o destino destes «reféns esquecidos» ninguém sabe, e o gesto de boa vontade da parte de Abu Nidal e do coronel Kadhafi não se tornará a repetir se não quando estas duas figuras da política do Médio Oriente decidirem que a altura chegou para tirar do seu gesto o maior proveito publicitário possível.

para a cobertura das despesas da retirada cubana do seu país, calculadas em 800 milhões de dólares (120 milhões de contos).

Segundo a agência Angop, o pedido de financiamento foi feito em carta enviada ao secretário-geral da ONU, o peruano Javier Perez de Cuellar.

A carta foi entregue em Luanda ao delegado adjunto do programa da ONU para o desenvolvimento (PNUD), Mathew Ganda, pelo ministro angolano dos Negócios Estrangeiros, Afonso Van Duenen «M'Binda».

24 HORAS

Sakharov tenta resolver conflito étnico

O líder soviético Mikhail Gorbachev aprovou a deslocação à Arménia e Azerbaijão do activista de Direitos Humanos Andrei Sakharov, para tentar resolver a disputa étnica entre as duas Repúblicas — disse ontem Yelena Bonner, mulher de Sakharov. Yelena Bonner, entrevistada telefonicamente, disse que ela e o marido integraram uma delegação de cinco elementos que visitou a capital arménia, Erevan, a capital do Azerbaijão, Baku, e Stepanakert, a principal cidade do enclave de Nagorno-Karabakh, que está no centro da disputa. O grupo regressou na segunda-feira a Moscovo e poderá fazer uma outra visita à região — acrescentou.

'Contras' aceitam recomeçar negociações

A resistência nicaraguense (RN) apresentará no próximo dia 3 ao governo da Nicarágua uma proposta para recomeçar as negociações de paz em 25 de Janeiro, na sede da Organização dos Estados Americanos (OEA), em Washington. Aristides Sanchez, membro do directório da RN, explicou que o plano dos «contras» propõe um calendário para o cumprimento dos acordos de paz de Esquipulas II e a forma de os verificar, reforçando a comissão que vigia a aplicação desse pacto. Segundo a oferta, e para favorecer o êxito das negociações, deveriam estar presentes João Baena Soares, secretário-geral da OEA, e Monsenhor Miguel Obando y Bravo, bispo de Manágua, da comissão de verificação dos acordos.

Bush defende "castigo severo" para autores de atentado

O presidente-eleito George Bush disse que puniria «severamente» os responsáveis pelo atentado bombista que causou o despenhamento do jumbo da Pan Am na semana passada sobre a Escócia, matando pelo menos 270 pessoas. Bush falava a jornalistas no final de uma viagem particular durante a qual participou numa caçada à codorniz e em vésperas de partir para o Alabama, para algumas horas de pesca, no seu regresso a Washington. Ao ser-lhe pedida uma reacção à tragédia do jumbo da Pan Am, Bush disse que era de «horror» e acrescentou ser necessário «procurar e punir firmemente, decisivamente, os que fizeram isso, se for possível encontrá-los».

Primeiro-ministro jugoslavo demite-se

O primeiro-ministro jugoslavo Branko Mikulic, demitiu-se hoje — anunciou a rádio de Belgrado.

A demissão de Mikulic surge depois de o seu orçamento para 1989 e os planos de reforma económica terem sido bloqueados no Parlamento. A emissora acrescentou que Mikulic explicará ainda hoje ao Parlamento os motivos da sua demissão e que o governo continuará em funções até à formação de um novo gabinete. A demissão de Mikulic noticiada também pela agência Tanjug, foi a primeira de um governo federal desde que o Partido Comunista assumiu o poder na Jugoslávia após a Segunda Guerra Mundial.

Apelo à unidade dos timorenses

A Convergência Nacionalista de Timor apelou hoje, em mensagem de Ano Novo divulgada em Sydney à «unidade de todas as comunidades timorenses» para que a luta do povo maubere «não seja esquecida». A mensagem, assinada por João Carrascalão, afirma que o governo da Austrália continua a recusar os pedidos de vistos a refugiados timorenses com medo de hostilizar a Indonésia e que «o Governo de Lisboa pouco tem feito para resolver o seu problema». A mensagem da Convergência Nacionalista de Timor concluiu afirmando que o povo timorense continua sujeito ao cativeiro indonésio e que só a libertação da pátria importa.

Explosão nas Filipinas mata 11 pessoas

Pelo menos 11 pessoas morreram em consequência de uma explosão numa fábrica ilegal de fogo-de-artifício, na cidade filipina de Bocaue, na província de Bulacan, a norte de Manila — informou a Polícia. Segundo a fonte, a explosão provocou também mais de 20 feridos e destruiu 10 casas nas proximidades. Quando se verificou a explosão, que foi ouvida a vários quilómetros de distância, 10 pessoas trabalhavam na improvisada fábrica fazendo foguetes.

Novo ministro japonês

O primeiro-ministro japonês, Nobubu Takeshita, nomeou hoje um novo ministro da Justiça, o segundo em três dias, na sequência de um escândalo envolvendo compra de acções e que está a suscitar apelos à demissão do governo. Masami Takatsui, de 78 anos, antigo juiz do Supremo Tribunal, foi nomeado hoje ministro da Justiça, em substituição de Takashi Hasegawa, que se demitiu após três dias no governo.

ases dos EUA

idos apelaram ao encerramento, pela redução do orçamento e qualquer medida idêntica a

escolha por uma comissão especializada ou remodeladas dentro dos 700 milhões

o encerramento de bases no considera o mesmo tratamento antes no estrangeiro?», perguntou Dixon, no que foi secundado Simon.

ao Estado de Illinois, onde se as bases, com as inerentes actividades civis.

as 3800 bases que os Estados o foi interrompido em meados a decisão regional nas decisões.

do da Defesa recusou-se a di- por militares, empresários pri- ração.



Sensus tem nova directora criativa

A dr.^a Maria Luísa Malaquias é a nova directora criativa da Sensus - Publicidade e Marketing, SA associada da multinacional norte-americana Bozell, Jacobs, Kenyon & Eckhardt International.

Com uma vasta carreira profissional, designadamente em cargos de direcção criativa, a dr.^a Luísa Malaquias colaborou anteriormente com a Lintas, a Cies/NCK (Grupo FCB), a McCann Erickson e a Antena/BBDO, entre outras agências de publicidade. É autora de algumas das campanhas publicitárias mais conseguidas lançadas no nosso país e a sua integração nos quadros da Sensus corresponde a uma aposta forte na qualidade dos serviços criativos da empresa.



Império atribui prémios a jornalistas

O jornalista Ferreira Simões, do «Diário Popular», (à esquerda na foto) foi o vencedor do Prémio Império de Jornalismo/88, enquanto ao jornalista de «O Primeiro de Janeiro», Carlos Martins, foi atribuído o Prémio Império Jovem Jornalista/88, numa iniciativa da Companhia de Seguros Império. Os prémios foram atribuídos por unanimidade por um júri constituído por Afonso Serra (Casa da Imprensa), Nicolau Santos (Sindicato de Jornalistas), Veiga Pereira (Clube de Jornalistas) e Diogo Pires Aurélio (Clube Português de Imprensa).

Mobil abre posto nas Caldas da Rainha

A Mobil inaugurou em 20 de Dezembro, mais um posto de abastecimento de combustíveis em sistema «Self-Serve» localizado nas Caldas da Rainha. Este novo «Self-Serve» resulta da profunda remodelação numa posição já existente no mesmo local e está aberto 24 horas por dia.

Com a nova configuração que a Mobil está a adoptar em todo o mundo e que designa por «Pegasus 21», esta posição oferece aos automobilistas um serviço de maior rapidez e comodidade, já que dispõe de bombas de abastecimento «Multiproduto» através das quais o cliente tem à sua disposição na mesma bomba os combustíveis de grande consumo - gasolina e gasóleo - sem ter necessidade de se orientar para um outro produto quando entra na posição.

Na Estação de Serviço encontram-se os habituais serviços de lubrificação, mudança de óleo, «Express Lube» e lavagem automática. O Mini-Mercado oferece uma gama completa de acessórios e artigos de conveniência.

Actividade do Crédito Predial Português

Nos primeiros nove meses de 1988 o total dos meios libertos do Crédito Predial Português (2756 milhares de contos), mais do dobro do valor acumulado no final do primeiro semestre do ano em curso, registou um substancial acréscimo (+ 72%) comparativamente a período homólogo do ano anterior. Para aquela expressão contribuiu em grande parte a constituição de dotações para provisões, cujo valor próximo de 1,8 milhões de contos traduz, assim, uma medida de política visando uma melhor adequação do perfil do risco da carteira de crédito da instituição.

De igual modo, assinala-se, no final do terceiro trimestre, o reforço da solidez financeira da instituição, através do acréscimo de reservas de reavaliação da ordem dos 960 milhares de contos, o qual, em conjugação com a emissão em curso de 5 milhões de contos de títulos de participação, irá permitir que o valor dos capitais próprios e equiparados do Crédito Predial Português se eleve de 14,3 milhões de contos, em Junho último, para mais de 16,3 milhões de contos, em Dezembro de 1988.

Grupo Sonae

Três empresas do grupo Sonae destacaram o seu património mais de seis milhões de contos, em participações sociais para serem incorporadas na sociedade dominante do grupo, a Sonae Indústria e Investimentos, SA. A escritura pública, 3.^a-feira publicada em suplemento ao «Diário da República» com data de 2 de Dezembro, refere ainda que as empresas cindidas (Sonae-Imobiliária e Turismo, SA, Sonae Informática, SA e Sonae Distribuição, SA) reduziram o seu capital social por extinção de acções, mantendo-se o capital da empresa dominante.

B.P.A.

O Banco Português do Atlântico tornou público que, já é possível aos contribuintes efectuarem o pagamento da Taxa Social Única aos seus balcões. Segundo o banco, os pagamentos podem ser feitos até ao dia 15 do mês seguinte àquele a que as contribuições dizem respeito, nas seguintes modalidades: numerário, cheque, transferência conta a conta, com entrega apenas das respectivas guias. O BPA aconselha o pagamento conta a conta, «pela maior segurança de valores e facilidade de procedimento».

TAP/Estocolmo

No dia 1 de Novembro chegou a Estocolmo o primeiro voo regular TAP Air Portugal, pilotado pelo comandante R. Esteves, que liga Lisboa àquela cidade sueca, com duas frequências semanais, às terças-feiras e sextas-feiras. Esta operação concretiza a ligação regular directa entre Portugal e a Suécia.

Agfa-Gevaert

A partir de 1.1.1989, a empresa Agfa-Gevaert, Lda., terá um novo director-geral. Trata-se

sr. Gilbert van Loven, de 45 anos de idade, nacionalidade belga, formado em Engenharia, que entrou na Agfa-Gevaert N.V. (Mortsel) - Bélgica, em 1970, para o departamento de engenharia de produção. Mais tarde mudou para a filial da Agfa-Gevaert em Paris, França, onde deu apoio à direcção. Nos últimos seis anos foi responsável pela divisão de sistemas de escritório. Após vinte anos ao serviço na Agfa-Gevaert, Lda., em Portugal, o sr. B. Worthmann regressará a Leverkusen, Alemanha, onde coordenará as actividades comerciais das fábricas da empresa nos países do bloco da Europa de Leste.

Aspirina da Bayer

A MMW (Muenschener Medizinische Wochenschrift), uma das mais conceituadas revistas médicas da Alemanha Federal, elegeu a Aspirina como «Medicamento do Ano» em 1988. Este galardão foi entregue ao Director do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento do Sector Farmacêutico da Bayer AG pelo Director da MMW, dr. Jochen Aumiller. Este prémio é o 2.^o do tipo que a Bayer conquista com a Aspirina tendo o Galenus, atribuído por uma revista médica da RFA, sido o primeiro em 88.

GALPGás da Petrolgal

A Petrolgal, com a colaboração de fabricas e representantes de qualificadas marcas de aquecedores a gás, está a promover este Inverno uma campanha de aquecimento. Ao comprar ou ao alugar um aquecedor a gás num dos postos de venda GALPGás a primeira garrafa de gás, assim como o novo redutor, são grátis. No Stand Petrolgal no Marquês de Pombal, n.º 1, em Lisboa, desde 6 de Dezembro, está aberta ao público uma exposição de material para aquecimento, onde serão prestados todos os esclarecimentos sobre a sua eficaz utilização.



Ytong ajuda reconstrução do Chiado

O presidente da Ytong A.G., de Munique, entregou um cheque simbólico de 4 000 000 de escudos ao ministro da Indústria e Energia, eng.^o Mira Amaral. O donativo destina-se a auxiliar as vítimas do incêndio que devastou grande parte do bairro lisboeta do Chiado.

«A Ytong Ibérica - Materiais de Construção, Lda, sucursal portuguesa da Ytong A.G., de Munique, (...) pretende ajudar as entidades oficiais responsáveis a construir rapidamente novas habitações para aqueles que estão dependentes da ajuda dos seus concidadãos», afirmou, entretanto, Lars Sjoborg, presidente da Ytong. O Ytong é um material de construção inteiramente novo que permite uma maior rentabilização do trabalho, grande isolamento térmico e uma estrutura construtiva a partir de elementos naturais.



Vale do Lobo já tem vencedores da sua Campanha do Sorriso

A Administração de Vale do Lobo, presidida por Sander van Gelder, distinguiu os 50 funcionários mais simpáticos, do seu grupo de empresas, eleitos pelos clientes do Aldeamento, num esquema inédito de incentivo e motivação de pessoal.

A atribuição dos prémios foi feita com base na votação dos clientes de Vale do Lobo, que durante todo o ano elegeram o funcionário da sua preferência, através do preenchimento de um impresso próprio que depois era colocado em locais definidos em todo o complexo.

A funcionária mais votada foi a Sr.^a Paula Aço, do Departamento de Vendas, que recebeu uma viagem ao Disney

World, Florida. As seguintes foram Maria de Lurdes Rocha (Restaurante O Favo), Angela Leandro (Recepção) e Isabel Paleta (Construção). Entre os prémios atribuídos, destacam-se ainda férias em Paris, Londres, Madeira, Marrocos e em diversos pontos do País, máquinas fotográficas, relógios e cheques.

A Campanha do Sorriso, assim se chama a iniciativa, foi lançada no princípio do ano por Sander van Gelder e acolheu de imediato a adesão entusiástica quer dos seus colaboradores quer dos clientes de Vale do Lobo que, reconhecendo a sua validade e ineditismo, entregaram largos milhares de votos para distinguir o melhor funcionário.

IPE e Câmara de Comércio Italiana assinam protocolo

O IPE - Investimentos e Participações do Estado, SA, e a Câmara de Comércio Italiana em Portugal acabam de assinar um protocolo pelo qual se comprometem a promover consultas regulares a fim de «analisar, em conjunto, áreas onde seja possível implementar acções comuns». Para tal, as duas entidades irão constituir uma comissão que, através de reuniões periódicas, definirá os respectivos programas de acção. O IPE e a Câmara de Comércio Italiana comprometem-se, também, a realizar acções conjuntas destinadas a favorecer o investimento produtivo recíproco, a criação de «joint ventures» e a cedência de licenças de fabrico e patentes.

A assinatura do protocolo corresponde à preocupação de incentivar as relações bilaterais entre Portugal e a Itália, tendo em conta o seu relativamente fraco desenvolvimento em comparação com outros países da Europa comunitária. Por outro lado, visa caminhar desde já no sentido da integração e interconexão de estruturas que a criação do Mercado Único implica.

O IPE, ao longo dos últimos anos, tem vindo a desenvolver contactos com empresários italianos dos quais resultou já a associação com a Ariston (Grupo Merloni), tendo em vista a produção de electrodomésticos, num investimento que envolve 2 milhões de contos até 1991.

Quatro festas de fim de ano em Hotéis do Grupo Fernando Barata

É sob um denominador comum - o do voto, decerto formulado por todos, de «que 1988 seja decente e o dr. Cadilhe não lixe a gente»... - que o Grupo Fernando Barata organiza Festas de Fim de Ano em quatro das suas unidades hoteleiras. Antes de mais, no Hotel São João no Funchal, que serve um variado «Buffet» de Gala e põe todo o mundo a dançar ao som do conjunto New Wave Band. A longa noite, aliás, só terá dois momentos de pausa: para assistir, primeiro, ao «show» dos ilusionistas Aquiles e Hortense e para à meia-noite se brindar no terraço (10.^o andar) ao Ano Novo, admirando o feérico fogo de artifício que ilumina a ilha inteira.

No Hotel Sol e Serra, de Castelo de Vide, onde o jantar será também excelente, a animação corre por conta do Conjunto Euterpe, de Portalegre, e do organista Carlos Olivença. Um «cocktail de boas-vindas» no início e uma simpáti-

ca açorda às 3 da manhã já estão previstos.

Em Albufeira, finalmente, os Hotéis Sol e Mar e Auramar prometem rivalizar nas «boas saídas» e «melhores entradas». No Auramar vai haver, além dum jantar impecável, música pelo Trio de Paderne e pelo organista João Manuel, o Johnny Walker Cabaret Show e as surpresas de Jan Müllers e uma exibição do «ballet» inglês Go-Go Girls.

Quanto ao Sol e Mar, salmão, lagosta e lombo de novilho fazem as honras da mesa e o Conjunto Stop, o homem-orquestra Duncan, Zé Praia e Filho, Carlos Lara, Nuno Morgado e os «magos» Serge & Faty tratam da música e do «show», cabendo ainda lembrar que, ali, ao lado, no Sol e Mar Disco Club, Guida Scarlatty marca presença com o seu altamente «politizado» novo espectáculo «Rum com Coca-Cola» - «Cuba Libre», não é?

Comboio TECO Ibérico une Portugal e Espanha em mercadorias

Com a designação de comboio Teco Ibérico, foi criado recentemente pelas duas empresas ferroviárias da Península, CP e RENFE, uma ligação directa de mercadorias a unir Lisboa e Madrid. O lançamento comercial de um serviço com estas características, já tentado, aliás sem êxito, noutras circunstâncias, revestiu-se de bastantes cuidados tendo em vista o atrás afirmado.

Deste modo, e dando razão à oportunidade do projecto em si, à estratégia comercial delineada e ao empenhamento dos Caminhos de Ferro Portugueses e Delegação da intercontainer em Lisboa, pode-se hoje

mostrar o resultado conseguido num dos últimos fins-de-semana com o transporte ferroviário directo no sentido Lisboa-Madrid de 61 TEU's (contentores com 20 pés) num comprimento de quase 500 metros. Tratou-se pois do maior comboio de contentores percorrendo a mais extensa relação directa com origem em Portugal, no mais curto prazo de tempo.

No «novo» caminho-de-ferro que se pretende construir na península, estas iniciativas só demonstram as virtualidades do sistema ferroviário, quando posicionado no espaço de mercado que lhe é devido.

Hoje na Maia (e na RTP)

BOAVISTA-BENFICA COM APITO DE PRATAS

José Pratas (Évora) é o juiz do embate Boavista-Benfica que se realiza esta noite (21 e 30) no Estádio da Maia (por interdição do Bessa) e será transmitido directamente pela RTP (2.º Canal). Sabe-se já que Raul Águas irá fazer algumas mudanças no seu novo «team», como se nota pelo bloco de convocados: Hubart; Casaca, Valdir, Frederico e Marcos António; Jaime, Parente, Walker, Elói e Isafas (ou Juary) e Jorge Andrade («team» mais provável) mais Alfredo, Monteiro, Chiquinho Carioca, Nelson, Queiró e Juary (ou Isafas).

Por seu lado, o Benfica irá alinhar sem Magnusson (afastado a conselho médico) e Lima (que, por livre arbítrio, resolveu prolongar as férias natalícias no Brasil e está já sujeito a inquérito disciplinar). Entretanto, o clube da Luz fez deslocar ao Porto 18 jogadores: Silvino, Dias Graça, Veloso, Mozer, Ricardo, Fonseca, Garrido, Álvaro, Elzo, Valdo, Diamantino, Hernâni, Paneira, Pacheco, Chalana, Abel, Vata e Ademir.

Simultaneamente, o emblema da águia prorrogou contratos até Junho de 1992 com Valdo, Magnusson, Ricardo, Ademir, Abel, Dias Graça e Fonseca, mantendo-se em fase de impasse a continuação de Álvaro Veloso, Bento, Sheu e Diamantino que concluem os actuais compromissos no termo desta temporada.

Artur Jorge:

«Estamos mais fortes»

A equipa do FC Porto encontra-se no início de um trabalho longo e difícil que a levará aos padrões evidenciados noutras épocas não muito distantes — afirmou à agência Lusa o treinador dos portistas, Artur Jorge.

«O facto de estarmos melhor confortados e dá-nos mais força para continuar a trabalhar com mais vontade no intuito de conseguirmos atingir os padrões internacionais que já conhecemos», acrescentou.

Colocado perante a questão de o FC Porto estar a quatro pontos do Benfica e em vésperas de uma viagem difícil a Alvalade, Artur Jorge mostrou-se optimista confiando na sua equipa.

«Quatro pontos não é uma diferença significativa e irreversível para nós», salientou Artur Jorge, adiantando que o FC Porto «vai fazer o que estiver ao seu alcance e ver o que o Benfica será capaz de realizar».

Relativamente ao encontro de amanhã com o Sporting, Artur Jorge preferia que ele fosse realizado um mês mais tarde, embora manifestasse a convicção de que a sua equipa «já está em condições de lutar de igual para igual, com qualquer adversário e em qualquer campo».

«Sabíamos que nesta altura iríamos ser confrontados com um calendário exigente, mas temos presente que o nosso objectivo imediato é não desloarmos demasiado do Benfica», recordou o técnico portista. Sobre o baixo índice de con-

cretização revelado pela equipa que veio encontrar há cerca de um mês (12 golos em 14 golos), Artur Jorge frisou que «os 11 golos marcados nos últimos dois encontros ilustram de forma evidente a melhoria da equipa neste aspecto», concluiu o técnico do FC Porto.

Luso-sueco fica nas Antas

O luso-sueco Fransson, que tem estado a treinar à experiência nas Antas, vai assinar contrato com o FC Porto, declarou o departamento de futebol do clube.

A mesma fonte acrescentou que Fransson poderá assinar contrato com os portistas ainda esta semana, desconhecendo-se por enquanto o tempo que o ligará ao clube das Antas.

Antero Gustavo Fransson, que há 20 anos nasceu no Porto, emigrou para a Suécia com 11 anos e esta temporada jogou num clube do campeonato da segunda divisão daquele país.

Jogando preferencialmente como médio de ataque, Fransson aproveitou da melhor forma os dez dias que esteve à experiência no FC Porto e durante os quais teve hipóteses de demonstrar o seu valor.

Fransson é assim a sexta aquisição dos portistas efectuada nos últimos tempos, depois do FC Porto ter assegurado o concurso dos brasileiros Edvaldo, José Carlos e Paulo Pereira, do cabo-verdiano Kiki (actualmente ao serviço do Braga) e de Dimas (Académica).

Entretanto, o FC Porto renovou contrato com Semedo e está a negociar o passe do jogador Rifa com a direcção do Vizela, havendo grandes possibilidades deste jovem minhoto vir a representar os «dragões» na próxima temporada.

Águas e Pacheco fora dos convocados

A convocação da defesa Carvalho e as ausências de Rui Águas e Jaime Pacheco constituem as novidades do FC Porto para o encontro de Alvalade.

O treinador dos portistas Artur Jorge, convocou 18 jogadores destacando-se igualmente os regressos de Inácio, Everton e Rui Manuel.

Rui Águas, por lesão, e Jaime Pacheco, por opção da equipa técnica, são as ausências mais marcantes no conjunto «azul-branco», para além de Jaime Magalhães, que já há alguns jogos que não faz parte do lote dos convocados.

Para o jogo de Alvalade, frente ao Sporting, Artur Jorge convocou os seguintes jogadores: André, Bandeirinha, Branco, Carvalho, Dito, Domingos, Everton, Geraldão, Gomes, Inácio, João Pinto, Madjer, Rui Manuel, Semedo, Sousa, Vitorinho, Vítor Baia e Zé Beto.

Federação castiga

A instauração de um processo disciplinar ao Belenenses e a suspensão por quatro jogos a Vitinha do Farense são as notas mais salientes da lista de castigos aplicados pelo Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol.

O técnico João Cardoso do Académico de Viseu foi suspenso em 10 dias e multado em cinco mil escudos, mas a sanção é referente à última eliminatória da Taça de Portugal.

Com dois jogos de suspensão foram castigados os seguintes jogadores: Waldir (Boavista), Toninho (Nacional da Madeira) e Duílio (Estrela da Amadora) e Germano (Guimarães), ambos em jogos da Taça de Portugal.

Também referente à Taça, o benfiquista Mozer foi castigado com um jogo de suspensão, o mesmo acontecendo com os seguintes jogadores: José Carlos (Portimonense) e Vítor Santos (Guimarães) e ainda Juanico (Belenenses), mas este referente à última jornada do Nacional.

Para além do processo disciplinar, o Belenenses foi ainda multado em 15 mil escudos.

O Vitória de Setúbal em 20 contos e o Benfica em mil escudos foram também multados, mas na sequência dos seus últimos encontros na Taça de Portugal.



Manuel Barbosa e Raul Águas: uma dupla em dia de estreia

Juniões em Israel

A selecção portuguesa de juniores «A» goleou o Liechtenstein por 7-0, em encontro do torneio internacional de juniores, em Israel.

Ao intervalo Portugal venceu por 1-0.

Os golos da equipa das «quinas» foram marcados por João Pinto I (3), Paulo Pilar, Bruno, Alexandre e Paulo Torres.

Portugal alinhou: Rogério; Elias (Jorge Costa, 25), Rui Bento, Alexandre e Paulo Torres; João (Miguel Galdes, 60), Jordão, Bruno e João Pinto II (Figo, 55); João Pinto I e Paulo Pilar.

O torneio prossegue hoje, com a realização do encontro dos

«BB» frente à Polónia e, em caso de triunfo, a turma lusa ficará apurada para a final. Quanto aos «AA» restam os encontros com a Irlanda e a Islândia mantendo hipóteses de chegar à fase final.

Clubes olham futuro

Baidek prolongou o contrato com o Belenenses até 1991 e Rui Lopes (Penafiel, Vitória de Setúbal) firmou compromisso com o Varzim, até ao termo desta época. Por seu lado, o búlgaro Tenev (dianteiro) vem reforçar o Fafe.

Outra «chicotada»

Mudança no Estrela de Figueiredo, avançou o técnico Jorge Almeida. Segundo a nossa estatística, trata-se da 60. «chicotada psicológica» da época,

apenas em clubes das três principais divisões nacionais...

Francisco Silva no «derby» de Alvalade

O Conselho de Arbitragem (ou o seu presidente?) escolheu o credenciado árbitro algarvio Francisco Silva, para dirigir o confronto de amanhã em Alvalade, entre o Sporting e o FC Porto. Considerando o excelente ritmo de actuações positivas daquele juiz de campo teremos que considerar acertada a decisão do órgão coordenador da arbitragem. Apenas se pede que jogadores, técnicos, dirigentes e público não perturbem um espectáculo que se exige venha a decorrer dentro da desejável ética.

Futebolistas: seguro desportivo não é obrigatório

O futebol é uma modalidade «em que não se justifica a obrigatoriedade do seguro desportivo», por dispor de um sistema próprio, refere um despacho do ministro da Educação, hoje publicado no «Diário da República».

O seguro desportivo é obrigatório para todos os atletas, árbitros, juizes, cronometristas, treinadores, monitores, animadores e dirigentes desportivos, desde que inscritos nas federações ou associações desportivas, de acordo com um Decreto-Lei de 1987.

«Considerando que o futebol já possui, em plena execução, um sistema de cobertura dos respectivos riscos, corporizado num contrato de seguro próprio, o qual abrange um muito vasto número de beneficiários» e que «na orgânica desportiva federada tal contrato de seguro próprio mais não é que a consagração de uma prática já tradicional», o ministro determina que não se justifica a obrigatoriedade do seguro desportivo no futebol.



Francisco Silva, Rui Silva e José Raimundo: o trio chamado a «coordenar» o encontro de amanhã, em Alvalade

Dirigente do CDUL, denuncia

"MISTÉRIOS NO ESTÁDIO UNIVERSITÁRIO"

Os novos campos de ténis do Estádio Universitário de Lisboa encontram-se interditados aos praticantes enquanto não se resolver o contencioso entre o empreiteiro e o Conselho de Direcção do Estádio, que alega irregularidades na construção daqueles recintos.

Na base do litígio, já entregue aos tribunais competentes, está o facto de terem surgido fissuras no piso sintético dos «courts», causadas por raízes que teimaram em nascer no meio do cimento.

Para o vogal do Centro Desportivo Universitário de Lisboa (CDUL), João Paulo Fortes, as raízes são fruto de «alguns mistérios» que se relacionam com a actuação do Conselho da Direcção do Estádio.

Os trabalhos de construção dos recintos há muito que terminaram, mas a sua utilização regular ficou comprometida pelo aparecimento de pequenos arbustos entre as fissuras do pavimento sintético dos «courts».

Os «courts» deveriam ter entrado em funcionamento em Dezembro de 1988, tendo posteriormente a sua estreia sido adiada para Junho de 1989.

A empresa construtora nega responsabilidades no caso, embora tenha sido já movida uma acção judicial contra esta por negligência na construção dos recintos, revelou João Paulo Fortes.

Para este dirigente, os campos em questão, apenas serão entregues aos utilizadores quando estiver escrito «preto no branco» a quem pertence a responsabilidade pelo estado dos recintos e quando estiver «assegurada a manutenção futura dos mesmos».

O vogal do CDUL revelou ainda existirem dificuldades no diálogo entre aquela Associação Desportiva e o Conselho de Direcção do Estádio Universitário.

Para João Fortes, não foram respeitadas as anteriores propostas apresentadas pelas associações de estudantes e que teriam inclusivamente sido já expostas ao ministro da Educação, Roberto Carneiro.

«O regulamento foi feito contrariando frontalmente a vontade do CDUL e da Associação Académica de Lisboa», e «sai completamente fora da ór-

bita destas colectividades devido ao facto de a maioria dos elementos do conselho de direcção não serem propostos por aqueles organismos».

As nomeações para o Conselho de Direcção do Estádio dependem do ministro da Educação mediante a apresentação de propostas da DGD, do CDUL e da Associação Académica de Lisboa, cabendo a cada um indicar um vogal.

O Ministério da Educação, por seu turno, indigita os restantes dois elementos, respectivamente o secretário permanente e o director de conselho.

José Fortes adiantou ainda que a nomeação destes dois elementos contou, desde logo, com o desacordo do CDUL, devido à sua actuação em anteriores conselhos de administração.

O regulamento de utilização do estádio foi assim aprovado pela maioria dos elementos do conselho, apesar do papel das estruturas universitárias ter sido ignorado, acrescentou ainda José Paulo Fortes.

Por outro lado, aquele dirigente sublinhou que o actual regulamento não beneficia as associações universitárias, porque as obriga ao pagamento de taxas de utilização das instalações desportivas do estádio, caso não programem as suas actividades por um prazo de três a 12 meses.

Esta cláusula do regulamento obriga ao pagamento da utilização daqueles recintos, pois a programação dos trabalhos das secções desportivas não é possível a tão longo prazo.

Os encargos resultantes desta situação, afirma José Fortes, são extremamente desfavoráveis em relação a uma associação como o CDUL, que a nível económico possui condições pouco favoráveis.

O CDUL queixa-se também do facto de não lhe ser concedida prioridade em relação a utilização dos recintos do estádio.

Uma das propostas que foi apresentada para a renovação do regulamento, e que contou com o aval das associações desportivas, previa a prioridade do CDUL na utilização das instalações desportivas universitárias.

Apesar da unanimidade de opiniões, a posição do CDUL não foi respeitada, facto que mereceu o desagrado dos dirigentes do Centro.

Todas estas questões suscitadas pelo teor do regulamento têm impossibilitado a realização de treinos e prejudicado a organização de várias iniciativas, sublinhou José Fortes.

A realização de jogos oficiais no estádio também tem gerado conflitos com o conselho de administração do estádio, que «desconfia da sua realização», obrigando a apresentação de documentos que, por vezes, não podem ser requisitados.

Os jogos e competições oficiais não necessitam do pagamento de taxas de utilização dos espaços desportivos, assim «quando solicitamos instalações ao conselho ele obrigava-nos a uma guerra burocrática que nada abona as relações entre estes e o CDUL» — destacou.

Sobre a questão da deterioração das instalações desportivas do Estádio Universitário, João Fortes explicou que também neste caso particular existem «alguns mistérios» por desvendar.

Como exemplo concreto referiu o caso dos campos de futebol destruídos devido às obras do Metropolitano de Lisboa e que não foram ainda reconstruídos, apesar daquelas obras terem já terminado há algum tempo.

O Estádio Universitário encontra-se «superlotado na sua utilização» e a utilização daquelas instalações é sem dúvida importante na dinâmica desportiva das associações universitárias. No entanto, outros factos «misteriosos» mereceram o comentário crítico de João Fortes, que afirma serem «factos que

exigem de facto uma explicação».

A indisponibilidade da utilização da sala de musculação do pavilhão do estádio figura entre as atitudes consideradas «menos claras» do actual conselho de direcção. A sala de musculação, como informou aquele responsável universitário, está vedada aos atletas, pois serve de arrecadação de materiais de um antigo barracão clandestino que foi demolido.

Foi já construído um outro pavilhão dentro das instalações do estádio, no entanto e apesar das diligências que o CDUL fez para a remoção dos materiais da sala de musculação para o referido pavilhão, este encontra-se igualmente impróprio para a prática desportiva, ao ser utilizado para arrecadação de máquinas.

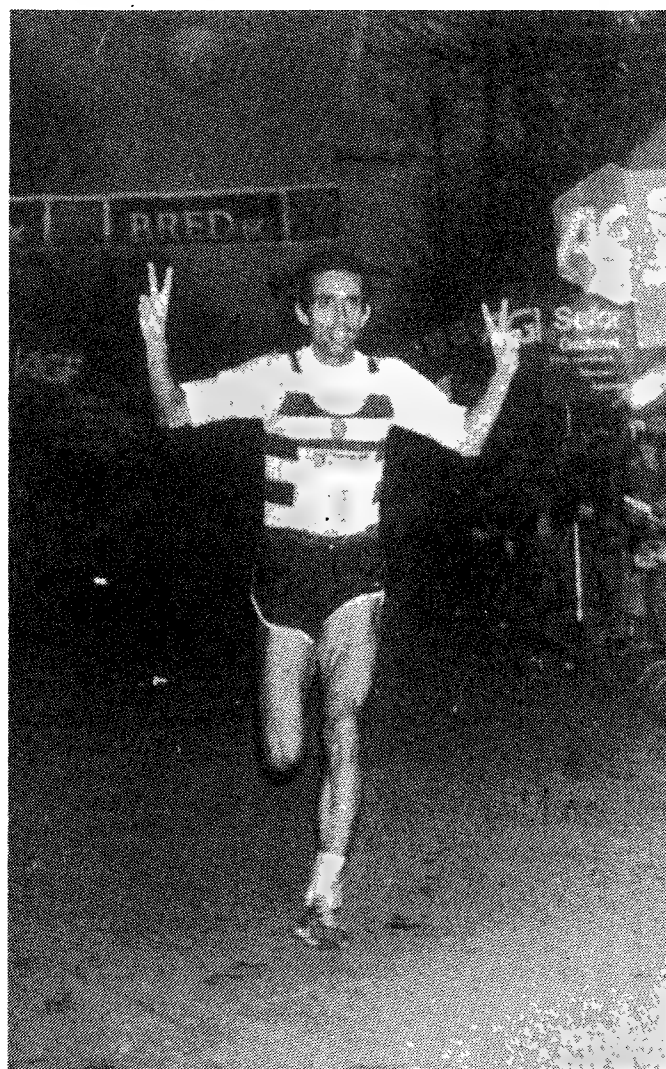
«Num país no qual os equipamentos como estes rarciam, a inutilização dos mesmos constitui realmente um facto misterioso» — alertou aquele responsável.

Foi também prometida a iluminação de um dos campos secundários do complexo desportivo universitário, mas apesar de as obras se terem iniciado, as fundações terem sido abertas e os postes de suporte à iluminação terem sido transportados para o local, o CDUL foi posteriormente informado que o quadro eléctrico do estádio não suportava mais voltagem.

Por outro lado, o pavilhão polivalente do estádio não se encontra nas melhores condições pois chove no seu interior e as marcações são quase inexistentes.

João Fortes acrescentou ainda que os árbitros podem perfeitamente recusar-se a arbitrar jogos das diversas modalidades em virtude das marcações do pavilhão não serem as melhores, criando situações verdadeiramente «ridículas».

João Fortes apontou ainda a «exiguidade» de funcionários como um entrave à actuação do Centro Desportivo Universitário de Lisboa, salientando, porém, a importância do trabalho destes em prol do desporto universitário.



Mamede: um gesto que hoje se espera nas ruas dos Olivais

Atletismo

Fernando Mamede: figura de proa na S. Silvestre dos Olivais

Os gémeos Domingos e Dionísio Castro do Sporting vão apadrinhar a S. Silvestre dos Olivais, a realizar hoje à noite, dando um deles o tiro de partida numa prova a que concorre o recordista mundial dos 10 000 metros, Fernando Mamede.

Os gémeos Castro estão confirmados na S. Silvestre da Amadora que se realiza amanhã, mas hoje dão um pequeno contributo à Junta de Freguesia dos Olivais, entidade promotora da corrida.

A presença de Fernando Mamede é um dos incentivos para a populosa freguesia dos Olivais, e a par de Mamede os organizadores esperam contar com Fernando Reis e Delfim Moreira.

Curiosamente, o prémio monetário para o vencedor da prova masculina é igual ao da S. Silvestre da Amadora — 100 contos — mas nesta prova «não há 'cachets' de presença», garantiu à agência Lusa um elemento da organização, que aguarda mais de mil atletas.

A vencedora da prova feminina recebe 60 contos.

S. Paulo: percurso alterado

A S. Silvestre de S. Paulo, a maior festa desportiva da cidade, será corrida este ano no sentido inverso ao habitual esperando os organizadores evitar os atropelos de anos anteriores.

Recorde-se que Rosa Mota, campeã olímpica da maratona, vencedora da S. Silvestre por várias vezes, foi atirada ao chão em 1986 no início da prova, mas isso não a impediu de ganhar.

Este ano, os organizadores alteraram o percurso e aumentaram o valor dos prémios monetários esperando reunir um lote

de atletas de elevado nível.

Portugal, que tem boas tradições na corrida paulista, através dos triunfos de Manuel Faria, Carlos Lopes e Rosa Mota, tem possibilidade de os seus dois atletas — Luís Horta e Aurora Cunha — subirem ao pódio. Ambos já conhecem a prova e a Imprensa brasileira destaca a presença da atleta do FC Porto, recente vencedora da maratona de Tóquio.

As suas principais adversárias são a equatoriana Marta Tenorio (vencedora em 1987) e a inglesa Wendy Sly. Para Luís Horta, (4.º classificado em 1986) o seu maior rival é o equatoriano Rolando Vera, vencedor em 1986 e 1987, mas a Imprensa destaca os quenianos Ibrahim Hussein e Peter Koeck assim como o italiano Orlando Pizolatto.

O tiro de partida será dado cinco minutos depois das 23 horas e os primeiros classificados deverão cortar a meta cerca de 20 minutos antes do Ano Novo.

O princípio e o fim da S. Silvestre é na Avenida Paulista, mais moderna da cidade, em frente ao prédio da «Gazeta Esportiva», que organiza a prova.

Quando chegarem os primeiros corredores inicia-se o fogo-de-artifício, seguindo-se os bailes populares, nas ruas até de madrugada.

Coimbra: 300 concorrentes

Cerca de 300 atletas participam hoje à noite na XIII edição da corrida de «S. Silvestre de Coimbra», iniciativa promovida pela delegação local do INATEL.

A competição, com a distância de 6 mil metros, destina-se aos escalões femininos, veteranos e seniores masculinos.

Rallye Paris-Dakar

Primeira etapa na Líbia ganha por ICKX (Peugeot)

O belga Jackie Ickx, em Peugeot 405 T16, e o italiano Claudio Terruzzi, em Ogiva, venceram ontem a primeira etapa do Rali Paris-Dakar, 746 quilómetros entre Tozeur e Ghadames.

A etapa foi marcada pelo registo de vários acidentes entre os quais, os de três motociclistas, já em território líbio.

Na sequência dos acidentes, Pescheur e Zenou foram hospitalizados com traumatismo cerebral e Galeron com fractura das costelas.

Ickx e Terruzzi venceram o

contra-relógio de 308 quilómetros em 1.23.10 horas e 3.13.25, respectivamente.

Hoje, os concorrentes terão de percorrer 789 quilómetros entre Ghadames e Sabha, em território líbio ainda desconhecido dos pilotos.

Classificação da primeira etapa

Motos — 1.º, Terruzzi, Cagiva (Itália), 3.13.25 horas; 2.º, Ne-

veu, Yamaha (França), a 2.09; 3.º, Peterhansel, Yamaha (França), 4.13; 4.º, Lalay, Honda (França), 5.41; 5.º, Rahier, Suzuki (Bélgica), 8.48; 6.º, Orioli, Cagiva (Itália), 9.05; 7.º, Bacou, Ecureuil (França), 11.19; 8.º, Marinoni, Yamaha (Itália), 11.51; 9.º, Findanno, Yamaha (Itália), 12.08 e 10.º, Carlos Mas, Yamaha (Espanha), 12.26.

Automóveis: 1.º, Ickx-Tarin, Peugeot 405 T16 (Bélgica), 1.23.10 horas; 2.º, Frequelin-Fenouil, Peugeot 205 T16 (Fran-

ça), a 2.10; 3.º, Vatanen-Berglund, Peugeot 405 T16 (Finlândia), 6.39; 4.º, Pescarolo-Fourtic, RR 200 (França), 6.48; 5.º, Lartigue-Maingret, Mitsubishi (França), 11.29; 6.º, Zaniroli-Andrie, RR 200 (França), 11.36; 7.º, Shinozuka-Magne, Mitsubishi (Japão), 14.54; 8.º, Wambergue-Guehennec, Peugeot 205 T16 (França), 20.30; 9.º, Prieto-Juncosa, Nissan Patrol (Espanha), 20.36 e 10.º, Fontenay-Musmara, Mitsubishi (França), 20.48.

Sporting: mudança nos "comandos"

De Alvalade chega a notícia: Damas estará a partir de amanhã sentado no banco ao lado de Pedro Rocha, enquanto Fernando Peres passará a desempenhar as funções de «olheiro».

Patinagem: "mosquitos por cordas"

Segundo notícia hoje publicada no jornal «Record», andam «mosquitos por cordas» no hóquei em patins português. Por um lado, refere-se que a Polícia Judiciária «já apurou actos concretos de corrupção, que envolvem várias árbitros e dirigentes da Federação Portuguesa de Patinagem, que receberam designadamente aparelhos de vídeo e televisores para favorecerem determinados clubes» e, simultaneamente, o antigo seleccionador nacional Armando Ribeiro anuncia ter movido uma acção em juízo contra a federação «por diversas ilegalidades cometidas pelos actuais responsáveis da FPP na assembleia geral de 7 de Fevereiro, nomeadamente a prorrogação dos mandatos até Dezembro de 1992».

Ficamos à espera dos próximos capítulos.

Halterofilismo: bronze para português

Eduardo Jorge Gomes de Carvalho, residente em Joanesburgo, classificou-se em 3.º lugar no Campeonato Mundial de Halterofilia disputado nos EUA, revela o último número do semanário «O Século de Joanesburgo».

O «mundial» disputou-se na base da Força Aérea em Moreno Valley, na Califórnia, com a participação de mais de uma centena de atletas.

Jorge Carvalho, de 20 anos, nasceu em Moçambique, mas foi viver para a África do Sul com 6 anos.

Com os seus 100 quilos de peso, efectuou os três exercícios clássicos de competição, totalizando levantamentos de 705 quilos, respectivamente: cócoras (squat-290 kg), sentado num banco (bench press-155 kg) e arranque final (deadlift-260 kg), que lhe deu o terceiro lugar entre os competidores pesando uma centena de quilos.

Ray Leonard: oferta tentadora

O empresário australiano Bill Mordey ofereceu três milhões de dólares (cerca de 450 mil contos) a Ray Leonard para defender o seu título de campeão mundial de boxe de supermédios, versão WBC, contra Jeff Harding, em Fevereiro.

Leonard, que já conquistou cinco títulos mundiais, tem subido poucas vezes aos ringues e o combate de Novembro contra o canadiano Donnie Lalonde foi o terceiro em sete anos.

Coreia unificada nos Jogos Asiáticos

A Coreia do Sul aceitou a proposta da Coreia do Norte, no sentido da formação de uma equipa conjunta para os Jogos Desportivos Asiáticos, a disputar em Pequim em 1990.

Essa possibilidade coincide com as aspirações de todo o povo coreano, afirma Kim Chong-Ha, presidente do Comité Olímpico da Coreia do Sul, em carta dirigida ao seu homólogo do Norte.

A resposta de Seul à proposta de Pyongyang surge um dia depois do fracasso da reunião de deputados dos dois países (a sétima este ano) que visa obter um acordo para recomençar o diálogo intercoreano, suspenso desde 1986.

Paraguai: árbitro suspenso

A Liga Paraguuaia de Futebol suspendeu o árbitro internacional Juan Francisco Escobar de toda a actividade por um ano, após uma reunião extraordinária do seu Tribunal de Justiça realizada, ontem à noite.

Juan Escobar, um dos árbitros designados para o Campeonato do Mundo de futebol de salão a realizar em Janeiro na Holanda, foi processado pelo presidente da Liga, Jesus Pallares, por «lamentar a forma de funcionamento de um órgão da Liga», ao criticar a actividade do departamento de árbitros.

«Toda a actividade do departamento de árbitros foi um desastre, criando desavenças entre os árbitros e todo o tipo de problemas e não soube gerir a arbitragem», afirmou recentemente Escobar aos jornalistas.

MICROSCÓPIO

CM Oeiras patrocina equipa de corfebol

A equipa de corfebol do ISEF AGON CLUBE que vai representar o nosso país na Taça dos Clubes Campeões Europeus a realizar em Arnheim na Holanda, em 7 e 8 de Janeiro de 1989, recebeu um subsídio da Câmara Municipal de Oeiras.

Na semana precedente à realização desta competição, a equi-

pa realizará um estágio de formação junto da equipa técnica de um clube da 1.ª divisão holandesa de corfebol — o DAL-TO.

O primeiro jogo a disputar pela equipa portuguesa realiza-se no dia 7/1/89, frente à equipa inglesa do Mitcham KC. Considerando o esquema competitivo, os jogos seguintes dependerão do resultado deste primeiro jogo.

O orçamento é de dois milhões

COMPLEXO DESPORTIVO DA MAIA EM FASE DE CRESCIMENTO

O Estádio Vieira de Carvalho, na Maia, onde esta noite se realiza o encontro Boavista-Benfica, é parte integrante de um complexo desportivo orçado em dois milhões de contos.

Segundo Domingos Cruz (chefe das instalações), a obra deverá ser concluída até 1991 e a Câmara Municipal da Maia não conta com a comparticipação de nenhuma entidade oficial.

Até agora já foram gastos cerca de 700 mil contos na construção do estádio, de um pavilhão ginnodesportivo e um campo de treinos, revelou o chefe das instalações.

O Estádio José Vieira de Carvalho, «está dotado de todas as infra-estruturas necessárias para a prática do atletismo e do futebol».

Com capacidade para 25 mil espectadores, este estádio possui um marcador electrónico e é o único do Norte do País que dispõe de pista de tartan para a prática de atletismo.

Possui também balneários para quatro equipas completas, para além da cabina dos árbitros, tem

tanque de imersão, salas de musculação e posto médico completamente equipado.

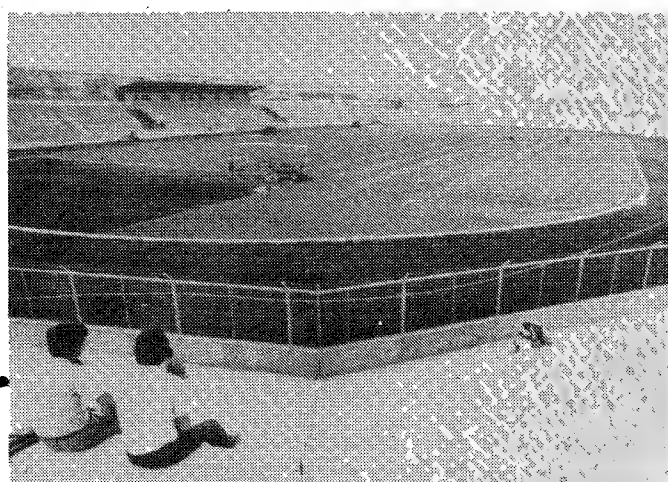
Agora vamos montar equipamento completo para saunas, banhos turcos e hidromassagens, adiantou Domingos Cruz.

O estádio foi inaugurado em Junho de 1986 e, entre outras importantes provas, foi palco da realização do campeonato da Europa de atletismo.

O FC Porto, durante a fase de rebaixamento do Estádio das Antas, o Salgueiros e o Rio Ave, por interdição dos respectivos estádios, já utilizaram o Estádio José Vieira de Carvalho para efectuarem alguns encontros de futebol do campeonato nacional da primeira divisão.

O Maia, actualmente a disputar o campeonato nacional da 3.ª divisão, utiliza este anfiteatro desportivo para todos os treinos e jogos da sua equipa.

Domingos Cruz afirmou, no entanto, que a Câmara Municipal da Maia está a apostar directamente no desporto em geral e a prova disso é que estão doze atletas de atletismo do



Maia: um marco de orgulho

Norte do País a utilizar assiduamente as nossas instalações.

O responsável máximo por este palco desportivo revelou ainda que o município «vai agora arrancar com a construção de sete campos de treinos e um «court» central com bancada a toda a volta destinado à realiza-

ção de torneios internacionais».

«Vamos também apresentar o projecto para a construção das piscinas, orçado em cerca de um milhão de contos, cujas obras serão iniciadas no próximo ano, para além de um pavilhão exclusivamente destinado à prática da ginástica», disse Domingos Cruz.

Para desfazer boatos

Não foi o Sporting que pagou almoço de cinco jornalistas com o presidente verde-branco

Em telex remetido da Rádio Renascença e dirigido ao nosso companheiro Neves de Sousa recebeu-se no «DL» o seguinte texto, rubricado pelo jornalista Ribeiro Cristóvão:

«Li, com atenção e interessadamente, como sempre, a tua peça sobre o nosso almoço com o presidente do Sporting. Tudo bem, excepto uma falha em relação a um aspecto que considero importante e te deve ter passado: é que conviria esclarecer quem pagou o almoço fomos nós, os jornalistas, já que tanto o presidente do Sporting como os seus acompanhantes foram nossos convidados.

Refiro este aspecto porque, como muito bem sabes, andam por aí mosquitos por cordas e já nos basta sermos acusados por coisas que não nos dizem respeito.»

Ribeiro Cristóvão tem toda a razão: e, para evitar que se avolumem as já ontem nascidas «falas de cosevilheiras de alco-

va», resgatamo-nos desse pequeno lapso de informação: Jorge Gonçalves (presidente do Sporting), Rui de Oliveira (preparador físico), os jornalistas José Manuel Frota (assessor do presidente verde-branco) e António Capela (repórter-fotográfico oficial dos «leões») e o também «leão de gema» «Penalty», estiveram na «Cocheira Alentejana», a convite dos jornalistas Ribeiro Cristóvão e Paulo Catarro (Rádio Renascença), Mário Rui (RTP), Carlos Arsénio («Record») e Neves de Sousa («Diário de Lisboa») e o convívio decorreu no Bairro Alto porque nenhum destes trabalhadores de Imprensa tem conta aberta em qualquer hotel lisboeta, nomeadamente onde recentemente um «vice» leonino se encontrou com alguns dos nossos camaradas de Informação, a convite desse membro do executivo verde-branco. Ou do Sporting, não se sabe bem.

N. de S.

Meninas do Carcavelos/«CM» vão chutando melhor

Mais um êxito do «team» feminino do Grupo Sportivo de Carcavelos/«CM». Desta feita ante o Académico de Alvalade, no campo do Palmense. Com arbitragem de Joaquim Vicente, que esteve acompanhado por Armando Castelo e José Neves, alinharam:

Carcavelos/«CM»: Luísa; Pilar (Xana I), Júlia, (Xana II), Patrícia e Paula Jordão; Anabela, Alina, Ana Maria e Anusha; Maria João Neves de Sousa e Mena. Suplentes: Lena Costa, Rita e A. Lúcio. Treinador: Márcio Romeo. Adjunto: Joaquim Milho.

Académico de Alvalade: Tita (Ana Gabriela); Ana, Celisa, Manuela e Fátima; Adélia, Cely, Celeste e Carla; Orlanda e Ana Conde. Suplentes: Paulinha, Ângela e Luísa. Técnico: José Sobral.

Tentos por Ana Maria, Mena e Alina (Carcavelos/«CM») e Carla (Académico de Alvalade).

Cartão amarelo para Maria João Neves de Sousa e Anusha.

Jogo muito disputado, com resultado durante largo tempo bastante incerto e as duas formações a equivalerem-se, confirmando uma rivalidade que vem de longa data. Maior pendor atacante das moças de Alvalade no período final, com as representantes do Carcavelos/«CM» a fecharem muito bem o percurso para a sua galiza e a brilharem em tom global. No bloco de Alvalade, destaque especial para Carla e para uma defensiva que, mesmo sofrendo três golos, actuou em plano relevante.

A péssima iluminação do campo prejudicou a actuação do juiz, que não terá estado inteiramente feliz no domínio do cartão amarelo.

Resultados completos da ronda: Académico de Alvalade, 1 - Carcavelos/«CM», 3; Manique, 0 - Costa do Estoril, 12 e Mártir Santo, 2 - ISEF, 3.

MODALIDADES

Basquetebol: Torneio de Cadetes

Portugal garantiu a 3.ª posição no Torneio Internacional de Basquetebol de Cadetes Femininos, ao derrotar na última jornada a selecção da Galiza por 65-60, em encontro disputado em Viana do Castelo.

O torneio foi ganho pela selecção da Catalunha com o total de vitórias (3), seguida de Israel com duas vitórias e uma derrota, Portugal com uma vitória e duas derrotas e da Galiza só com derrotas.

Ainda na jornada de ontem, a Catalunha derrotou Israel por 64-52.

Râguebi: selecção de juniores no Sul de França

A selecção nacional de juniores de râguebi venceu o Comité dos Pirenéus por 22-7, no primeiro jogo de uma digressão

que está a efectuar ao Sul de França.

Os pontos portugueses foram marcados por Marco Pereira, João Pinto e Vilar Gomes.

A Federação Portuguesa de Rugby elaborou o calendário do campeonato nacional da 1.ª divisão. Quanto à 1.ª volta será assim:

1.ª jornada 7/8 Janeiro: 1.º Grupo: Cascais-Belenenses, Académica-CDUL e Direito-Benfica (7-1); 2.º grupo: Moitense-CRAV (8-1), Lousã-Técnico (7-1) e Económicas-U. Livre (8-1).

2.ª jornada 14/15 Janeiro: 1.º Grupo: Belenenses-Académica (15-1); Benfica-Cascais (14-1) e CDUL-Direito (14-1); 2.º Grupo: CRAV-Lousã, U. Livre-Moitense e Técnico-Económicas (todos no dia 15).

Divulgadas em Houston fotos da Lua

O Centro espacial de Houston (Texas) facultou ontem ao público as fotografias tiradas pelos astronautas da "Apolo 8", durante a sua viagem às proximidades da Lua. Numa fotografia colorida pode ver-se a superfície da Lua com um tom cinzento-amarelado, tal como os astronautas a haviam descrito oralmente. As caracteras aparecem nitidamente definidas. Noutra imagem, vê-se a Lua em primeiro plano e a Terra muito ao longe. Numa outra, a Terra parece uma pequena bola azulada, mostrando os continentes, obscurecidos pelas nuvens, com uma tonalidade acastanhada. Noutra foto, a preto e branco, vêem-se especialmente os picos de três

crateras. Junto de uma delas, o solo está sulcado de canais muito acentuados, assemelhando-se a desenhos feitos na neve por uma criança.

Pablo Casals - 92 anos

Com oitenta amigos - o dobro dos que costuma convidar - o violoncelista Pablo Casals comemorou o seu nonagésimo segundo aniversário. «Sinto-me óptimo - declarou na festa. - E espero poder comemorar ainda muitos aniversários.» Antes da festa, Casals e sua mulher ouviram missa na igreja da Piedade, situada perto da sua casa (São João de Porto

Rico), sendo celebrante o padre Pacífico, velho amigo da família.

Frio - cuidado com ele

O frio que assola o País vai para três dias exige que se tenha cuidado com ele. O Serviço Meteorológico Nacional registou, entre as 18 horas de ontem e as 6 horas de hoje, as seguintes temperaturas mínimas: Penhas Douradas, -5 graus; Braga, -3; Vila Real, -2; Porto, idem; Coimbra, -1; Cabo Carvoeiro, 0,5; Lisboa, 0,4; Portalegre, 0,3; Évora, 0,2; Beja, 0,1; Sagres, 0,6; e Faro, 0,3.

PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Max.	As 13 h.
Bragança	-1	-1	0,0	Neblina
V. Castelo	1	1	0,0	Limpo
Vila Real	2	1	0,0	Neblina
Porto	6	5	0,0	Limpo
Coimbra	5	5	0,0	Limpo
C. Carvoeiro ..	9	9	0,0	Limpo
C. Branco	3	3	0,0	Limpo
Portalegre	8	8	0,0	Limpo
Lisboa	7	7	0,0	Limpo
Évora	5	5	0,0	Neblina
Beja	4	4	0,0	Limpo
Faro	13	13	0,0	P. nub.
Sagres	14	12	0,0	M. nub.
P. Delgada	16	15	0,0	Chuva
Horta	15	15	0,0	Aguac.

Temp. max. prevista para hoje: Lisboa 14, Porto 13, Faro 17, Ponta Delgada 19, Funchal 21.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

	Min.	6 h	As 18 h.
Madrid	-3	-3	Pouco nub.
Londres	7	7	Pouco nub.
Paris	4	4	Enob.
Bruxelas	4	4	Nevoeiro
Amsterdão	6	6	Chuvisco
Genebra	1	1	Neblina
Roma	2	1	Neblina
Oslo	0	-2	Muito nub.
Copenhaga	7	6	Chuvisco
Estocolmo	0	-1	Muito nub.
Berlim	6	6	Neblina
Viena	2	0	Limpo
Varsóvia	6	5	Chuva
Atenas	8	6	Pouco nub.
Moscovo	1	-8	Neve

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Max.	As 13 h.
Caracas	17	23	Nublado
Joanesburgo ..	13	24	Chuva
Los Angeles	3	13	Limpo
Montreal	-3	-3	Chuva
Nova Deli	7	21	Nublado
Nova Iorque	6	15	Nublado
R. de Janeiro ..	20	27	Nublado
S. Francisco	4	9	Nublado
São Paulo	20	29	Chuva
Tóquio	7	10	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

No Continente:

Em todo o território: Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco soprando por vezes moderado do quadrante leste. Nevoeiro em Trás-os-Montes e Beira Alta, que nalguns casos poderá subsistir até ao fim do dia. Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação noroeste de dois metros na costa ocidental e de pequena vaga com ondulação sueste de dois metros.

Nos Açores:

Grupo Ocidental: Céu pouco nublado, tornando-se muito nublado. Vento forte de noroeste, moderado, tornando-se moderado de oeste. Aguaceiros passando a períodos de chuva a partir da tarde.

Grupos Central e Oriental: Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de sul. Aguaceiros. Estado do mar: Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação oeste de três metros.

Na Madeira:

Céu muito nublado. Vento moderado a forte de sueste. Aguaceiros.

Estado do mar: Costa Norte: Mar cavado a grosso. Ondulação de noroeste de dois metros.

Costa Sul: Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação de sueste de um a dois metros.

Funchal: Céu muito nublado. Vento fraco a moderado de sueste. Aguaceiros.

AMANHÃ

Céu pouco nublado, por vezes muito nublado com nuvens altas. Vento fraco soprando temporariamente moderado do quadrante oeste. Formação de geada.

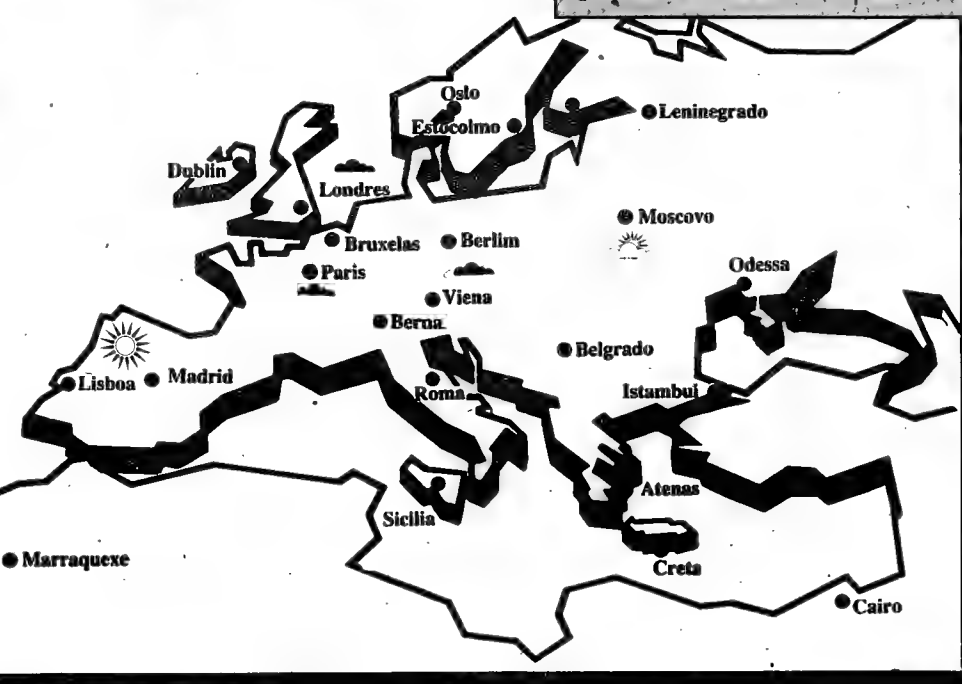
DEPOIS

Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de sueste. Possibilidade de chuva no litoral centro e sul. Neblina ou nevoeiro. Formação de geada nas regiões do interior.

MARÉS

Hoje	Praia-Mar	Baixa-Mar
07.33	3,5 m	00.44 1,7 m
20.03	3,3 m	13.26 1,8 m
Amanhã		
08.22	3,4 m	01.38 1,9 m
21.00	3,2 m	14.23 1,9 m

Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.



Informação da agência Lusa

EFEMÉRIDES

1758 Através do Tratado secreto de Paris, a França continua, a manter tropas na Alemanha. 1777 Na sequência da morte de Maximiliano III, a Baviera passa para o domínio de Carlos Teodoro, senhor do Palatinado.

1803 Na Índia, Sindhia de Gwalior submete-se aos britânicos.

1880 Os Boers do Transvaal, comandados por Stephanus Kruger, declaram a República.

1886 Portugal e a Alemanha chegam a acordo sobre a divisão da parte sul da África.

- Emídio Navarro assina o decreto que reforma o ensino técnico em Portugal.

1903 Mais de 500 pessoas morrem num incêndio num teatro de Chicago, Illinois (EUA).

1911 A Assembleia Revolucionária provisória chinesa elege Sun Yat Sen como primeiro presidente da Nação.

1947 O rei Miguel, da Roménia, abdica, sendo criada a República Socialista da Roménia.

1958 Os Estados franceses da África Ocidental decidem constituir uma Federação no âmbito da Comunidade francesa.

1962 A China adverte que é instável o cessar-fogo na região fronteiriça com a Índia.

1964 O Conselho de Segurança da ONU decide por termo à intervenção estrangeira no Congo, impôr o cessar-fogo e ordenar a retirada da zona de todos os mercenários.

1971 As igrejas Católica e anglicana anunciam terem chegado a acordo sobre os dogmas essenciais da sagrada comunhão.

1972 Um grupo de cristãos inicia, na Capela do Rato, em Lisboa, uma greve de fome para assinalar o «Dia Mundial da Paz».

1978 Em Teerão, fontes políticas admitem que o Xá Reza Pahlevi «faça férias de rotina», caso o dirigente da oposição, Shapou Bakhtiar, consiga formar novo Governo.

1982 O dirigente do Solidariedade, Lech Walesa, promete combater a nova situação imposta pelo regime da Lei Marcial que pretende rotulá-lo de simpatizante nazi.

1983 Tropas sul-africanas, apoiadas pela aviação, perseguem guerrilheiros da Swapo no sul de Angola, no seguimento da maior operação da África do Sul no país vizinho, acção que foi condenada pela OUA, pela Grã-Bretanha e pela Alemanha Federal.

1985 A dirigente nacionalista negra Winnie Mandela é presa pela segunda vez em oito dias por desobedecer a uma ordem da polícia sul-africana que a proíbe de ir a sua casa no Sowto.

- O presidente Mohammed Zia Ul-Haq anuncia o levantamento do estado de sítio no Paquistão que vigorava há oito anos e meio.

1986 A Polícia Judiciária localiza um bebé rapto há dois anos e meio do Hospital Particular de Lisboa e captura a mulher envolvida no caso.

- Morre o poeta Joaquim Namorado, 72 anos, pertencente ao grupo Neo-Realista Coimbrão.

1987 Robert Mugabe é empossado como o primeiro presidente executivo do Zimbábue.

Dirigida por Ana Hatherly, vai sair para a semana o 1.º número de "Claro-Escuro"

O BARROCO EM REVISTA

Rodrigues da Silva

E se fosse um jogo? É (também) um jogo. Este, por exemplo: tente o leitor adivinhar o que está escrito no desenho, aqui ao lado na página. Serão apenas letras? Não, é mais do que isso, é uma frase.

Esta: «Fénis a mais bela Maria Sofia Isabel». Uma frase que se pode ler de múltiplas e simultâneas maneiras, excepto de um modo: linear. Dito isto, está dito quase tudo, ou o essencial: estamos perante um texto visual barroco, escrito há 310 anos, por Luís Nunes Tinoco, em louvor da futura mãe de D. João V. Estamos também perante aquela que será a imagem da capa do 1.º número da revista a lançar para a semana em Lisboa, «Claro-Escuro», a primeira publicação periódica portuguesa exclusivamente dedicada à investigação e ao estudo do barroco.

Sobre isto, já lá vamos; sobre a revista e o seu cartão de visita, diga-se ainda algo mais. Se a imagem emblemática de «Claro-Escuro» é um texto iconográfico de há três séculos, o título esse é a expressão hoje consagrada como melhor definidora do que foi (é) o espírito do barroco: jogo de contrastes, conciliação de opostos, tudo numa mesma coisa excepto uma coisa só... claro/escuro.

Quem tudo isto me diz é Ana Hatherly, a directora de «Claro-Escuro», ela própria uma especialista do barroco, doutorada na matéria e professora na Universidade Nova. E seria mesmo na Universidade Nova que tudo começou, melhor dizendo que o projecto da nova revista nasceu.

**«Eles não podiam
deixar de acreditar
e nós não temos
em que acreditar»**

Na origem, um mestrado de Literatura Barroca Portuguesa dirigido por Ana Hatherly, dirigido, pelos vistos, tão bem que aos alunos, para além do habitual, veio-lhes à ideia o lançamento de uma revista. Uma revista que não sendo universitária (entenda-se, vinculada à Universidade) pudesse ser um ponto de encontro interdisciplinar de quantos investigam e estudam o barroco português e afim, isto é, os de Espanha e Brasil, preferencialmente.

Se a revista é um ponto de encontro é também um meio de divulgação, naturalmente do que se está a investigar, não só na Literatura e nas Artes Plásticas, mas também na Música e na Filosofia.

O momento parece ser favorável ao aparecimento de uma revista assim e isto não tem a ver só com o entusiasmo escolar de umas dezenas de alunos em estudos de pós-graduação. Tem a ver, também, com o renascimento da curiosidade e do interesse pelo estudo do barroco um pouco por todo o Mundo, na Europa em particular.

Ana Hatherly, a propósito, explica que este renascer do gosto pelo barroco surgiu após séculos em que ele suportou uma forte carga pejorativa, a ponto de se poder considerar «uma área cultural censurada». No caso português, a crítica literária decretara o barroco como um mau período, identificado, para mais, com a escrita em castelhano em parte devido ao domínio filipino.

Ana Hatherly pioneira

Em Espanha, esta intuição surgiu nos anos 20; em França, meio século depois, em Portugal, só agora. Só agora? Talvez um pouco antes. É que poetas como Melo e Castro e Ana Hatherly, por exemplo, já nos anos 60 produziram obra «barroca» sem o saberem.

No caso de Ana Hatherly, po-

de mesmo dizer-se (e é ela que o diz) o gosto pela investigação do barroco surgiu no momento em que descobriu que aquilo que fazia... já outros o tinham feito de modo semelhante, 300 anos antes.

A descoberta (como todas as grandes descobertas) terá ocorri-

do um pouco por acaso. Depois... bom, depois, foram dez anos mais de investigação, de busca por tudo quanto é biblioteca. O resultado é deslumbrante e pode ser constatado no livro «A Experiência do Prodígio», uma antologia de textos-visuais do século XVII e XVIII portu-

gueses publicada em 1983, por Ana Hatherly.

Subitamente, Portugal descobria-se como um país com uma grande produção literária barroca, mais cinco anos e um tal Luís Nunes Tinoco, que ninguém sabia quem era, dava a capa de uma revista com um seu

texto-visual de uma modernidade que tem mais de 300 anos.

Os jovens investigadores do barroco só não tiveram uma experiência igual à de Ana Hatherly porque ela foi nisto pioneira. Mas o campo de investigação de uma época que na literatura vai, «grosso modo», da morte de Camões (1580) à de D. João V (1752) é infinito.

Se não está tudo por estudar está o suficiente para uma vida inteira ou vidas inteiras, são vários os investigadores. São dois séculos de produção literária mal estudada e Portugal, neste campo, é um dos países onde as descobertas podem ser quase quotidianas, graças aos catálogos das bibliotecas que nem sempre revelam exactamente o que há.

«Claro-Escuro», a partir de agora, semestralmente, dirá do ponto da situação, tentará abrir pistas, proporcionar debates, elaborar números temáticos (o n.º 2 será dedicado a D. João V e ao seu centenário). Apoiada pela Fundação Gulbenkian, a revista tem meios para dois números. Depois se verá.

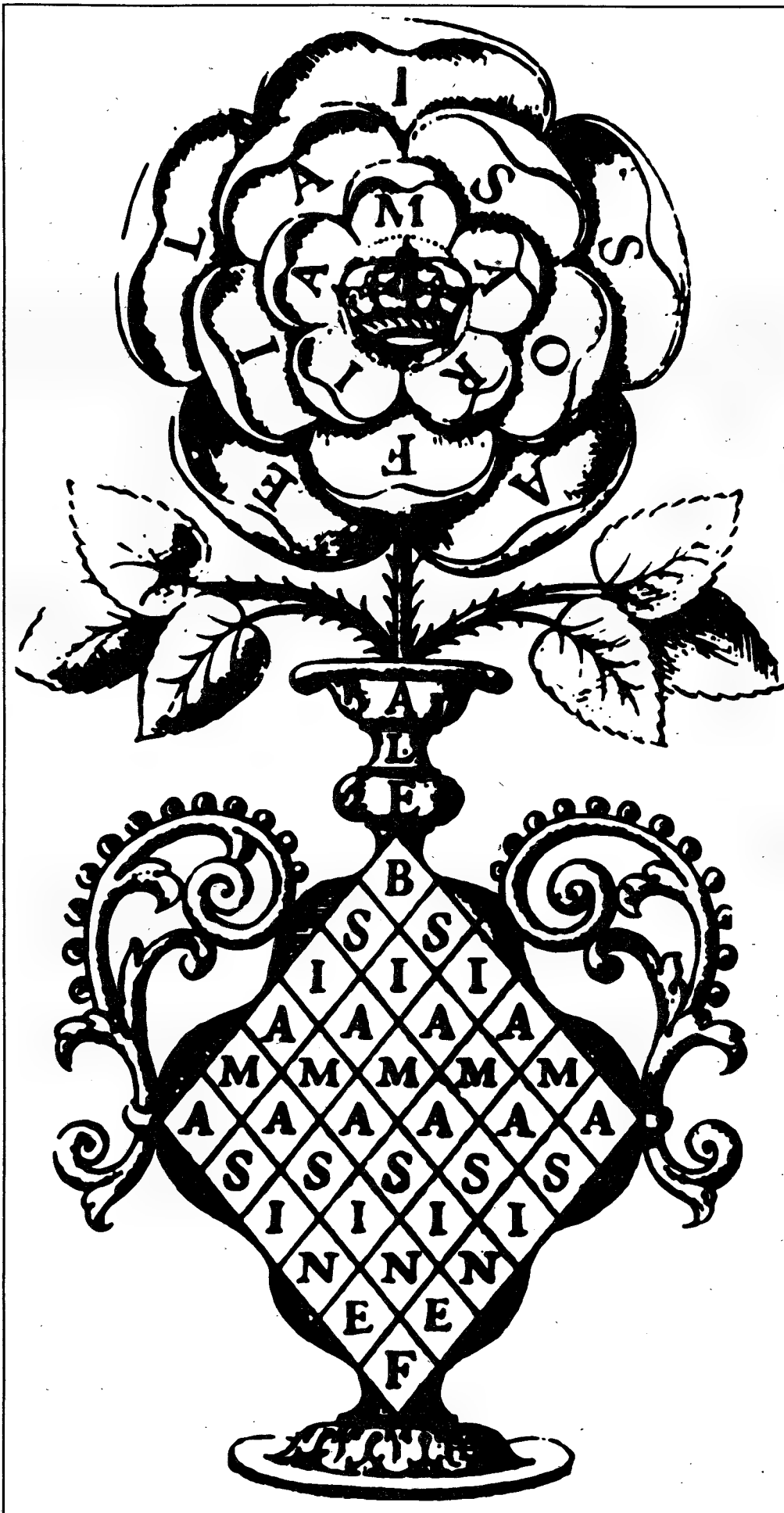
Se este «se» pode ter a ver com o cepticismo tão barroco, seria não entender o barroco, ignorar que ele é também possuído de perspectiva e paixão. Traduzindo (no barroco nada é linear) augure-se longa vida para «Claro-Escuro».

Sumário do N.º 1 de "Claro-Escuro"

É o seguinte o sumário do 1.º número de «Claro-Escuro»:

- Estratégia da convicção na temática dos cinco sentidos (Ana Hatherly).
- Retórica da fé-simbolismo e decoração no escadório dos cinco sentidos (José Fernandes Pereira).
- O que significa pensar? Barroco e Filosofia (Carlos Couto de Sequeira Costa).
- Reflexões acerca da poética barroca (Maria Lucília Gonçalves Pires).
- Sobre as origens barrocas da Literatura Brasileira (Leodegário A. de Azevedo Filho).
- As margens do texto na Arte de Furtar (Maria Theresa Abella Alves Marques).
- Anatomia do primeiro periódico português (Filomena Belo e Manuela Rocha).
- Unidade e Transformação – Nota acerca de uma estética da arquitectura barroca (Maria João Madeira Rodrigues).
- Alguns documentos inéditos sobre o arquitecto Manuel da Costa Negreiros (Horácio Manuel Pereira Bonifácio).
- Homenagem a Jerónimo Baía no terceiro centenário da sua morte (Ana Hatherly).
- Contribuição para a bibliografia de Frei Jerónimo Baía (Ivo Castro).

«Claro-Escuro», directora, Ana Hatherly; director adjunto, José Fernandes Pereira; editor e proprietário, Quimera Editores; assinatura anual, 1500\$00; capa do 1.º número, Luís Nunes Tinoco, «A Phoenix de Portugal Prodígiosa», Lisboa, 1678.



Entrevista com o produtor Carlos Maria Trindade

"A MÚSICA NÃO ME CANSA"

Maria Jose Belo Marques

Foto de José Tavares

Carlos Maria Trindade é teclista dos "Heróis do Mar". É o elemento deste grupo que mais despercebido passa, em termos de grande público. No entanto é dos seus elementos mais activos. Contribuiu para a feitura de muitos discos de músicos e artistas sobejamente conhecidos, como produtor.

Aceitou dar a conhecer um pouco de si. Falou das suas inúmeras actividades, experiências e deixou vislumbrar a sua personalidade.

Tem uns olhos que não sendo duros são de difícil acesso. Há uma postura defensiva. Um alerta permanente contra a eventual impertinência da tentativa de invasão de território. É de fino trato. Tem trinta e três anos. Alguns passados em Inglaterra, onde deve ter adquirido a fleuma.

Intimidada adquire a curiosidade suficiente para o início de conversa.

— Dos "Heróis do Mar" és o elemento que raro aparece. Mesmo nos cli ps do grupo tu passas despercebido. Isso deve-se a quê?

«— Às vezes sou eu que não quero. Recuso-me a promover certos trabalhos. Eu fui um bocado vítima, eu e todos, quando começámos fomos, sistematicamente, atacados pela imprensa. Portanto criámos uma espécie de uma defesa automática em relação à imprensa. Isso com os anos passou. Mas, no meu caso, prefiro que o meu trabalho diga o que faço do que eu falar sobre ele. Talvez seja uma questão de feitio, também. Não me projecto para a frente. Não sou uma pessoa, que numa fotografia, me ponha à frente de outra. É impossível. Quanto muito ponho-me atrás. Nunca à frente.»

Carlos Maria afirma estar feliz por não ser figura de primeiro plano. Quer preservar a sua intimidade.

De corpo inteiro nos "Heróis do Mar"

A sua contribuição para os "Heróis", nos últimos tempos, tem sido pequena, em relação a trabalhos anteriores.

«— O meu trabalho nos últimos tempos, no grupo, especialmente a seguir ao "Inventor", foi mais para a produção do que para a composição.»

— Isso não tem a ver com um afastamento ou um cansaço do projecto?

«— Não, não. Tem a ver com disponibilidade. Eu estava a trabalhar no disco dos "Delfins" quando o disco dos "Heróis"

estava a ser composto.»

— E, o projecto em si? Não estará ele estafado?

«— Eu posso falar como produtor deste disco. Este disco teve dificuldades que chegavam para não ter saído. Ficámos sem baterista em plena fase de ensaio. Quando um elemento original sai a banda fica um bocado a olhar uns para os outros. Será que vale a pena. Nós tínhamos prometido, uns aos outros, não continuar sem a formação original. Estávamos com um LP nas mãos e resolvemos ir para a frente. Tudo isto criou um nervosismo muito grande, que se reflecte no disco.»

— Não consideras, o vosso último LP de qualidade inferior?

«— É capaz de ser um LP mais disperso. Porque os papéis estão mais especializados. Foram só duas pessoas a fazer letra e música, aliás três. A noção do grupo é capaz de se ter desfeito um bocado. A saída de um elemento da formação, ao fim de oito anos, foi um abalo. Trata-se de um momento menos lúcido da banda. Quando tens um revez não consegues ser tão

lúcido como quando tens a vida fácil.»

Há oito anos ligado à Produção de discos

Carlos Maria Trindade ao longo da sua carreira, como produtor musical, trabalhou para discos de músicos tão diferentes como: "Delfins", "Rádio Macau", António Variações, "Xutos & Pontapés" ou os "Ópera Nova".

«— São tudo projectos com os quais eu aprendi. Reconheço que agora estou um bocado cansado e, este ano, já recusei uma série de trabalhos. Vou filtrar muito, muito, os trabalhos que vou fazer no futuro. Porque, de facto, é mais cansativo do que estar numa banda. Acabo, normalmente, um trabalho ou com um esgotamento físico ou nervoso. Estou a descansar, um bocado, dessas actividades.»

— Que tipo de envolvimento é que tu tens com os trabalhos que produzes?

«— Muito. Eu, geralmente, ponho bastante do que sei nos trabalhos. Embora haja um lado da produção que me irrita. Tenho que lidar com a produtora em assuntos de dinheiro. E, isso é muito chato.»

— Gostas, a nível musical, dos projectos todos em que trabalhas?

«— Gosto. Porque eu sempre tive tendência para trabalhar com o maior número de músicos. Meto-me em projectos que, às vezes, as pessoas dizem que

eu não tenho nada a ver. Tenho. Porque eu sinto que tenho a ver com eles. Não tenho de explicar porquê. Agora estou cansado. Porque um trabalho pode demorar seis meses. São seis meses em que eu não posso pensar em mais nada.»

— Então, quer dizer que consideras, independentemente do teu trabalho, todos os projectos em que participaste de qualidade?

«— Não. Não estou satisfeito. Nunca fico satisfeito com um disco. Até hoje, ainda, não fiquei com nenhum. Nem dos "Heróis" nem dos "Rádio Macau" nem dos "Xutos". Não estou satisfeito com nenhum.»

— Tu, como produtor e músico, és uma pessoa atenta. Tens acompanhado o que se está a fazer de novo, em termos musicais, no país?

«— Nos últimos tempos o meu interesse decaiu um bocado, porque tenho querido descansar do meio. Sei que há uma nova geração, que já não é a minha, os miúdos de 17, 20 anos, que está a fazer nova música.

não estou interessado. Há poucas editoras em Portugal, e as que há estão centralizadíssimas. Acho que é preciso criar editoras independentes que não sejam um flop e, que não vão à falência. Espero estar num projecto desses, daqui a uns anos. Gostava que fosse uma editora alternativa. O mundo pop já tem muito por onde sair. Gostava de investir noutras coisas.»

— Se eu te pedisse um comentário sobre a actividade da "Ama Romanta"...

«— Eu acho que a "Ama Romanta" é uma boa iniciativa. Tem um bom critério de edição. Mas, acho que luta com demasiadas dificuldades financeiras. Eu, quando me meter num projecto, não quero ter esse tipo de dificuldades. Pelo menos, nos primeiros tempos. O importante é criar uma equipa. E, é a isso que estou atento neste momento.»

Um projecto a solo perfeito

Mas Carlos Maria Trindade

Do outro lado do disco, passando despercebido aos olhos do grande público, há sempre um produtor. Há quem pense que a ele compete investir o dinheiro, tal como no cinema, para a produção da obra. No entanto, o seu trabalho é bastante diferente. Responsável pelo som apresentado, ele é o arquitecto do disco.

ca. Dentro dessa música não estou. Mas, isso, de qualquer parte do mundo. Se quiser pôr-me, dentro de um mês, up to date, consigo. Mas, neste momento,

não começou a sua actividade como músico nos "Heróis do Mar". Há um outro passado musical.

«— É muito difícil estar a sin-

tetizar. Há uma carreira que não é conhecida do público. E, sobretudo, não foi feita em Portugal. A única coisa que fiz, em Portugal, na área da música de vanguarda, foi para a Gulbenkian. Foi um concerto único. Eu tenho uma formação, iminentemente, clássica, desde os seis anos de idade. Aos 16 resolvi entrar num grupo de pop, quase por piada. Depois saí. Fartei-me e, voltei, novamente para a vanguarda. Então encontrei uma pessoa com quem gostei de trabalhar. Uma pessoa que não está, neste momento, em Portugal, nem é conhecido. O Pedro Calapéz. Foi a pessoa que me ensinou mais.

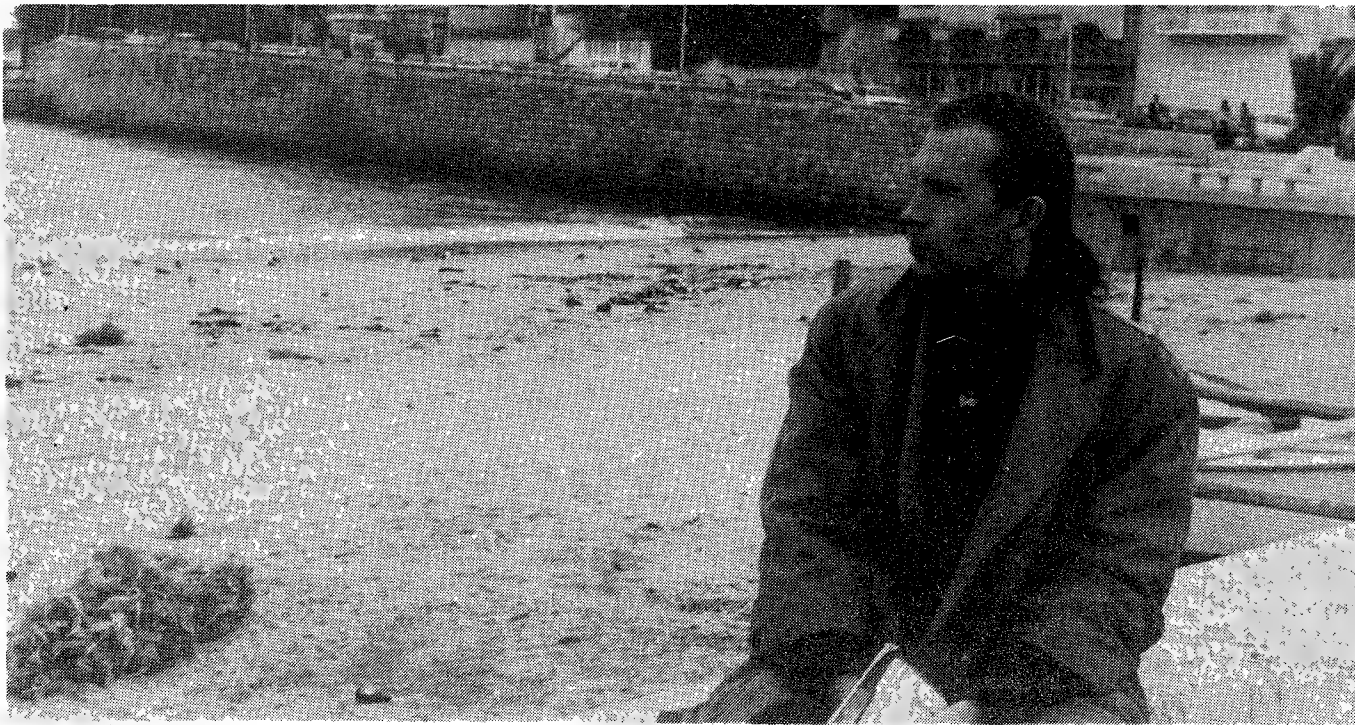
Na altura eu estava no meio pop. Nós conhecemo-nos no Conservatório Nacional. Foi uma pessoa dum meio, completamente, diferente que me abriu os olhos para a vanguarda.»

— Há muito tempo que não editas nada em termos individuais.

«— Estou a trabalhar. Como trabalhei com muita gente o que sofre é o conceito. Por isso

é que estou a descansar para retomar o meu trabalho. Que está escrito mas está, há muito tempo, parado. Vai ter que levar uma volta, porque, já, tem vários anos. E é, neste momento, o que eu estou a fazer, para além de continuar com a vida dos "Heróis". Estou a trabalhar numa base um bocado mais de alta tecnologia, computadores, e não sei quê. Que é uma coisa que sempre me interessou muito.

Eu gostava que sásse um trabalho meu. Eu sou tão exigente em relação ao meu trabalho, eu sou ultra-paranóico em relação ao meu trabalho. Estou a trabalhar sem metas. Estou a trabalhar numa base de qualidade, seja de concept, seja de aquilo que é audível no fim. Quero que as pessoas consigam ouvir um LP, ou o formato que tenha, do princípio ao fim, e digam que, de facto, está impecável, não há erros nenhuns. Podem gostar ou não. Quando eu conseguir fazer um trabalho desse tipo (que acho muito difícil) es-



Carlos Maria Trindade: em busca da perfeição

Dia 1 canta em Lisboa, pela última vez

CHAMA-SE ROSETTE KELLY A PIAF À PORTUGUESA

Daniel Reis

tou satisfeito.»

Voltámos a falar da música que se está a fazer de novo por aí. Da pobreza confrangedora das bandas que estão, agora, a aparecer. Carlos Maria têm as suas opiniões sobre o assunto.

«-- Não somos um país que prime pela musicalidade. Deixámos morrer o folclore todo. O nosso povo não é educado, a nível de ouvidos. É capaz de ver melhor do que ouve. Eu vejo isto no relacionamento, diário, que as pessoas têm. Uma pessoa que seja sensível ao barulho que existe aí, percebe que há qualquer coisa errada. Não somos, suficientemente, sensíveis para criticar uma motorizada que passa a dar-nos cabo dos tímpanos. Enquanto formos assim não conseguimos fazer música. Porque música é ouvidos, não é olhos. Depois, também, o nosso método de trabalho. Somos muito impulsivos só que, depois, a energia é mal canalizada. Para além disso, acho que se ensaia demasiado alto. Não é necessário tocar tão alto. Quando se toca alto há demasiado som que acaba por diluir-se. Outro aspecto muito importante é que um músico não tem dinheiro, a maior parte das vezes. A maior parte das bandas, antes de serem conhecidas, passam fome. Via as bandas comer, todas, de uma lata de sardinhas. Coisas que me metiam impressão. Porque eu, na altura, visto andar cá há mais tempo, já tinha dinheiro para comer num restaurante. Esse tipo de coisas reflecte-se na qualidade de som que a banda produz.»

Não tem pejo em falar de dinheiro, porque ele é necessário para, inclusivé, se trabalhar. Fala da poluição sonora, tendo consciência de como nos afecta. Da mesma forma se preocupa com outras vertentes do problema, daí o amor que põe quando fala da terra onde vive, Cascais. O trabalho de estúdio também o cansa por ser feito em ambientes fechados, com luz artificial e cheiros de fumo.

Tem outras consciências. Sabe que um êxito comercial pode destruir uma carreira e critica a má promoção de que enfermam todas as editoras, mesmo as multinacionais.

É uma pessoa que sabe o que é qualidade de vida. É saudável. Amante da natureza é-o também da liberdade. Respeitador do outro, magoa-se por não ser respeitado como ser humano, tal como é. Daí o desabafo:

«-- A música não me cansa. O que me cansa são as pessoas.»

Piaf está na moda e vai ser, inclusive, tema único de um espectáculo que a actriz brasileira Bibi Ferreira se prepara para montar em Lisboa, no mês de Janeiro. Mas há outras «Piafs» no mundo e uma delas--bem portuguesa, ainda que de nome artístico francês e vivência parisiense--tem encantado os lisboetas que a ouviram por aí, em apresentações avulsas e marginais. Chama-se Rosette Kelly e canta, em Lisboa, na noite do próximo dia 1, pela última vez antes de regressar aos restaurantes e cabarets de Paris, onde tem trabalhado o quanto baste para se sentir realizada como cantora profissional.

Pouco ou quase nada conhecida no seu País, Rosette Kelly justifica, no entanto, algumas linhas de apresentação, mesmo que já não vão a tempo de alertar, para a sua presença fugidia em Lisboa, todos os que decerto gostariam de a ouvir. É que esta mulher sabe cantar, muito para além da delícia que é ouvi-la interpretar os temas mais conhecidos de Edith Piaf.

Vivendo há muitos anos em França, a maior parte dessa vivência trabalhando como cantora de cabaret, Rosette Kelly só este ano se decidiu a cantar um pouco em Portugal, dando-se a conhecer aos seus compatriotas, particularmente na interpretação de canções de Piaf, que surpreenderam quem a ouviu.

Anteriormente vinha aqui de férias e apenas para descansar e se abastecer com o quanto baste de gravações de orquestra para alimentar os espectáculos, ao longo do ano, em que não recorria à sua viola, como único suporte da voz. A doença prolongada de um familiar reteve-a mais tempo do que era normal e alguns amigos, em especial o pintor Tony Bastos, convenceram-na a cantar por aí, sem rumo certo e contratos prolongados, mas de modo a que também o público lisboeta pudesse conhecer um pouco desta «Piaf portuguesa».

A última dessas apresentações é no dia 1, num pequeno bar do Bairro Alto--o 99 da Barroca, passe a publicidade. Serão poucos os felizardos,



Rosette Kelly numa das suas raras apresentações em Lisboa

porque o espaço é curto: mas é, simultaneamente, propício a sentir melhor a riqueza da voz e o intimismo desta cantora portuguesa de formação parisiense.

Primeira há dez anos na Antenne 1

Da Ana Rosa que emigrou para França, pouco resta hoje na pele da Rosette Kelly, que canta Piaf: talvez a formação musical de base--estudou piano e solfejo em Lisboa até à ado-

lescência--e, como não podia deixar de ser, a paixão do fado.

«As canções de Piaf--conta ela--comecei-as exactamente a cantar porque se assemelham ao fado. Entendia-as como ressonâncias parisienses do fado português e mais aprofundei esta opinião à medida que as fui incluindo, cada vez mais, no meu repertório.»

O jeito para imitar Edith Piaf tornou-se importante arma profissional, a partir do concurso

organizado pela Antenne 1, há dez anos, e em que Rosette Kelly ganhou o primeiro prémio com a canção mais famosa de Piaf, "Je ne regrette rien". Rosette (de Rosa) Kelly (primeiro nome da filha) estava lançada e, desde então, nunca mais parou.

Como portuguesa que é, tem sido nos restaurantes portugueses de Paris que mais tem trabalhado: só no «Lisbonne» esteve cinco anos a cantar. Mas passou por outras casas de espectáculos, como o restaurante-cabaret «Chez Luisette». Ainda no próximo mês de Janeiro parte para nova temporada noutra local de reunião dos portugueses de Paris, o «Arroz Doce», na rue des Entrepôts. Reportório: essencialmente Piaf e fado.

«Piaf só houve uma e não convém fazer misturas», responde Rosette quando lhe perguntamos se não gosta de ser conhecida como a «Piaf portuguesa».

Acrescenta até que para se tornar independente dessa conotação piafiana vai gravar, em breve, um disco exclusivamente com canções próprias, umas novas a estreiar no regresso a Paris, outras mais que rodadas e maduras para passarem ao disco. Nada de Piaf, que foi importante para a lançar, mas já começa a ser curto para quem tem outras ambições.

Passagem de ano na RTP com António Silva e Descobrimientos

Comédia e música à portuguesa

Uma antologia da comédia portuguesa dos anos 40 seleccionada por Lauro António, integrada num programa de quatro horas e meia - inspirado nos Descobrimientos, concebido e apresentado por João Maria Tudela - constitui o núcleo da programação televisiva da passagem de ano. A antologia centra-se na figura inconfundível de António Silva, que aparecerá nos pequenos ecrãs ao lado de colegas como Maria Matos, Vasco Santana, Ribeirinho, etc. A seguir, Tudela apresenta a história de uma criança que brinca na Praça do Império e que é abordada pelo Infante D. Henrique, que a convida a entrar na "Sagres" e fazer uma viagem pelos Descobrimientos portugueses. Em cada porto há um número de variedades, interpretado por gente natural da terra.

Segundo o autor deste programa, a sua principal preocupação consistiu em respeitar o carácter festivo da quadra, mas fazendo-o substancialmente diferente do programa de Natal: este era mais intimista, o de fim de ano mais de acordo com os pressupostos da data, que têm a ver com nascimento, vida, esperança no futuro. É pois natural - diz Tudela - que tudo se inicie sob o signo da boa disposição.

Voltando à componente musical do programa, que tem início cerca das 23 horas, logo após a antologia da comédia portuguesa: a "Sagres" não dará, de facto, a volta ao mundo (o que seria incomportável em termos financeiros) mas a bordo do navio-escola serão apresentados danças e cantares evocativos dos povos que os portugueses contactaram. Rão Kiao,

por exemplo, que viveu na Índia e cuja música foi influenciada pela indiana, representa as terras aportadas por Vasco da Gama; artistas de vários países africanos radicados em Portugal cantam ou dançam temas de Angola, Moçambique, Guiné, Cabo Verde...

A viagem imaginária tem o seu termo com o regresso da criança a Portugal, onde é recebida com uma grande festa na Praça do Império, na qual participam ginastas do Ginásio Clube Português, a Banda da Marinha, o Grupo Coral da Philips, e a fanfarra da GNR.

Simbolicamente, a criança, que passou por onde passaram os nossos antepassados da época das descobertas, regressa com a bandeira das Comunidades, já que a Europa - diz-se - é

o nosso futuro...

Depois da meia-noite que será assinalada com doze badaladas para os telespectadores poderem comer a dúzia de passas tradicionais, João Maria Tudela surge pela primeira vez no pequeno ecrã, para uma saudação. A cena passa-se então no Vilamoura Marina Hotel, onde decorre um show de variedades que se estende pela noite dentro.

O espectáculo começa com um bailado baseado num tema português, a cargo da classe de Ginástica do Sporting. Vitorino, Paulo de Carvalho, Lara Li, João Braga, Sétima Legião e o grupo coral BaHdat, são alguns dos artistas presentes.

Por outro lado, dando sequência ao show, patinadoras do Ginásio Clube Português dançam um "bailado sobre ro-

das" da autoria de José Sarmiento (director musical de todo o programa) e do próprio João Maria Tudela. Ao fim de uma vintena de anos de afastamento, este cantor aparece a interpretar duas canções: "Fim de Ano" com letra e música de Fernando Guerra e "Poema para o Meu Amor Doente", com música de J. Maria Tudela sobre um poema com o mesmo nome de Eugénio de Andrade.

Um duo constituído por Paulo de Carvalho e Lara Li encerra o espectáculo de variedades, interpretando um tema propositalmente escrito para o programa da passagem de ano. Um programa, sublinhe-se, feito integralmente por portugueses (realizado por Zita Rocha e produzido por Piedade Maio e José Montalvão) e só com artistas portugueses.

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

WILLOW, NA TERRA DA MAGIA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

JOVENS PISTOLEIROS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

QUEM TRAMOU ROGER RABBIT
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

MOONWALKER, PASSAGEIRO DA LUA
(maiores 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Alfa Club

TUCKER, O HOMEM E O SEU SONHO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras

Amoreiras 1

WILLOW NA TERRA DA MAGIA
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 2

MOONWALKER, PASSAGEIRO DA LUA
(maiores 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 3

JOVENS PISTOLEIROS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 4

TUCKER, O HOMEM E O SEU SONHO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 5

FUGA À MEIA-NOITE
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.30 e 00.15 h

Amoreiras 6

QUEM TRAMOU ROGER RABBIT
(maiores 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 7

ASSALTO AO ARRANHA-CÉUS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 00.15 h

Amoreiras 8

SOS FANTASMAS
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15 h

Amoreiras 9

ENTRE O INFERNO E O CÉU
(maiores 16 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 10

AS NOVAS AVENTURAS DA PIPI DAS MEIAS ALTAS

Pub. QUEM TRAMOU ROGER RABBIT?

É a história de um homem, uma mulher, e um coelho num triângulo de sarilhos.



A TOUCHSTONE PICTURES e STEVEN SPIELBERG apresentam, um filme de ROBERT ZEMECKIS BOB HOSKINS CHRISTOPHER LLOYD «WHO FRAMED ROGER RABBIT» e JOANNA CASSIDY produzido em associação com SILVER SCREEN PARTNERS III música de ALAN SILVESTRI
Produtores executivos STEVEN SPIELBERG KATHLEEN KENNEDY baseado no livro «Who censored Roger Rabbit?» de GARY K. WOLF
argumentos de JEFFREY PRICE e PETER SEAMAN produzido por ROBERT WATTS e FRANK MARSHALL realizado por ROBERT ZEMECKIS

TERMINAL — TIVOLI — AMOREIRAS — NIMAS — 7.ª ARTE — ALFAS

(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Apolo 70

TUCKER, O HOMEM E O SEU SONHO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Ávila

— T. 539930

PAPUÇA E DENTUÇA
(maiores 6 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.45 e 23.45 h

Berna

— T. 776060

SOS FANTASMAS
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Capitolio

— T. 372358

LOUCURAS SEXUAIS
(interdito men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Cinebolso

OBSESSÕES CARNAIS
(maiores 18 anos)
Pornográfico
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
ORGIAS DA ADOLESCÊNCIA
(maiores 18 anos)
23.30 h

Cine Camões

T. 324194

COMBOIO EM FUGA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine 222

— T. 533253

SALSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
FORÇA ESPECIAL DE INTERVENÇÃO
24.00 h

Cinemateca Portuguesa

ESSE OBSCURO OBJECTO DO DESEJO/1977
18.30 h
SINFONIA NUPCIAL/1928
21.30 h

Cine Portela

— T. 9434773

Estúdio Anusha

SALSA
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00 e 21.30 h

Estúdio Sheza

CORPOS ESCALDANTES
(maiores 16 anos)
15.00, 17.15 e 21.15 h

City Cine

— T. 549999

BIRD
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

ASSALTO AO ARRANHA-CÉUS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

O REGRESSO DO NINJA AMERICANO
Estreia
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

A ÚLTIMA TENTACÃO DE CRISTO
(maiores 16 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

UM PRÍNCIPE EM NOVA IORQUE
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

PELLE, O CONQUISTADOR
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

JOVENS PISTOLEIROS
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

UM PRÍNCIPE EM NOVA IORQUE
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

SHINING
(maiores 18 anos)

Gemini

— T. 734009

O REGRESSO DO NINJA AMERICANO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

A MULHER DO PROXIMO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Sala 2

ASSALTO AO ARRANHA-CÉUS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império

— T. 555134

NA ROTA DA DROGA
Estreia
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

King Triplex

SALSA
(maiores 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30, e 21.45 h

Sala 2

ARMADILHA FATAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3

BARFLY - AMOR MARGINAL
(maiores 16 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

CAFÉ BAGDAD
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Politeama

T. 326305

NA ROTA DA DROGA
Estreia
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

CAFÉ BAGDAD
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
SELVAGEM E PERIGOSA
(maiores 16 anos)
23.45 h

Sala 2

A APAIXONADA
Estreia
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
TERROR NA AUTO-ESTRADA
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 3

PAPUÇA E DENTUÇA
(maiores 6 anos)
15.00, 18.30 e 21.30 h
A MULHER DO CHEFE DA ESTAÇÃO
(maiores 16 anos)
24.00 h

Sala 4

A LEI DO DESEJO
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
NAS TEIAS DA MAFIA
(maiores 12 anos)
23.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

WILLOW NA TERRA DA MAGIA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

SOS FANTASMAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.10 e 21.45 h

Sala 3

TUCKER, O HOMEM E O SEU SONHO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

QUEM TRAMOU ROGER RABBIT
(maiores 6 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Star

— T. 804210

TUCKER, O HOMEM E O SEU SONHO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

QUEM TRAMOU ROGER RABBIT
(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Tivoli

— T. 570595

QUEM TRAMOU ROGER RABBIT
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

O REGRESSO DE JEDI
(maiores 6 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon

T. 368480

CÓDIGO: VÍBORA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA - Babilónia -
«Quem Tramou Roger Rabbit», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores 6 anos).

CACÉM - Cinestúdio Flores
- Os rapazes da noite, maiores 16 anos

MEM MARTINS - Estúdio Dois Eme «A Hora dos Heróis».

ALGUEIRÃO - Cine Teatro Chaby - «Fuga à Meia-Noite», às 21.30 h (maiores 12 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL - Casino Estoril - Encerrado para obras.

ALGÉS - Cinema 2000 - «Inferno Vermelho», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

OEIRAS - Alto da Barra - Sala 1 - «Corpos Escaldantes», às 15.15 e 21.30 h (maiores 16 anos).

Sala 2 - «Um Homem e o Seu Sonho», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos).

NOVA OEIRAS - Cine Palmeiras - Sala 1 - «Café Bagdad», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).

CARCAVELOS - Atlântida Cine - «Salsa», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

CASCAIS - Miramar - Sala 1 - «Assalto ao Arranha-Céus», às 15.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h (maiores 16 anos).

Sala 2 - «Quem Tramou Roger Rabbit», às 15.15 e 21.30 h (maiores 6 anos).

Outra Banda

ALMADA - Academia - «Fuga à Meia-Noite», às 15.30 e 21.15 h, (maiores 6 anos).

ALMADA - Incrível Almada - «O Último Imperador», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

COVA DA PIEDADE - Clube Piedense - «O Guerrelheiro», às 21.30 h (maiores 16 anos).

BARREIRO - Cinestúdio Barreirense - «Preto no Branco», às 15.00 e 18.30 h (maiores 12 anos).

JOÃO LOUREIRO EM CASTELO BRANCO

Até 10 de Janeiro, encontra-se patente no Museu Tavares Proença Junior, em Castelo Branco, uma exposição de pintura de João Louro com o título "Arterelativa". Nascido em 1963, contacta em Castelo Branco com núcleos de artistas e conclui aí os seus estudos pré-universitários. Estudos complementares na Faculdade de Arquitectura de

Lisboa e Escola de Arte e Comunicação - AR. CO, também em Lisboa.

João Louro participou em três exposições colectivas: "Imagens" (Hotel Astória, Termas de Monfortinho - 1982); "Oito Jovens Artistas de Castelo Branco" (Museu Tavares Proença Junior - 1984); "Pintura e Escultura de Castelo Branco" (Lions

Club - 1986). Está representado em várias colecções particulares, residindo actualmente em Lisboa onde desenvolve a sua actividade artística.

Esta exposição - a primeira individual de João Louro - integra 16 trabalhos, divididos em duas séries: Aleatória e Relativa.



EXPOSIÇÕES

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA: até Março de 89, a exposição temporária "Imagens do Tempo", escultura portuguesa do século XIII ao XVIII.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até 28 de Fevereiro de 89, Tapeçarias de Vieira da Silva.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até 30 de Dezembro, uma exposição de Maria José Oliveira de "Ourivesaria Têxtil" intitulada "Pano para Mangas". E ainda as exposições: "tapeçarias de Vieira da Silva" até 28 de fevereiro de 89; exposição evocativa do marquês de Angeja, "Tapeçaria de Cidália de Brito, "Travessia sobre a Época de Fernando Pessoa", traje de 1888 a 1935, até 31 de Dezembro de 1989; "Traje de Ópera - Guarda Roupas de Tomás Alcaide" até 30 de Dezembro de 1988.

BIBLIOTECA NACIONAL: até meados de Fevereiro, a exposição "Fernando Pessoa no seu Tempo", com o lançamento das obras "Fotobibliografia de Fernando Pessoa" e o número especial da "Revista da Biblioteca Nacional" dedicado a Pessoa.

MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS: exposição evocativa de Fernando Pessoa "O Ganges passa também pela Rua dos Douradores".

FUNDAÇÃO GULBENKIAN (galeria de exposições temporárias): pintura e desenho de Oskar Pinto Lobo.

BRIC-A-BRAC (R. Alexandre Herculano, 16-Coimbra): até 8 de Janeiro, pintura de Nadir Afonso.

GALERIA ATELIER E.C. (Várzea de Colares): até 1 de Janeiro, às quartas das 16 às 19 e às sextas, sábados e domingos das 12 às 20, pintura de Zélia Roque.

GALERIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): até 10 de Janeiro, de segunda a sábado das 12 às 23,

"Made In - Objectos 88", de Cristina Ataíde.

BAR DOM PINGAROLAS (Óbidos): até 15 de Janeiro, de terça a domingo das 12 às 2 horas, pintura de Graziella Rinaldis.

GALERIA R75 (R. Castilho, 75-C): até 6 de Janeiro, de segunda a sexta das 14 às 19, pintura de Catarina Castel-Branco.

GALERIA VIRAGEM (Cascais): até 5 de Janeiro, a exposição "Anos 60".

IGHREM (R. Academia das Ciências, 2-D): exposição "Mok-cerâmica de alto fogo" de Manuel Osório de Castro.

RATTON Cerâmicas (R. Academia das Ciências, 2-C): em homenagem à pintora Sarah Affonso, em exposição um conjunto das suas obras, pertencentes a colecções particulares e os primeiros exemplares do livro "Sara Affonso de Maria José Almada Negreiros" editado pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda. "Signos do Zodíaco", azulejos de Sarah Affonso, colecção limitada a 1000 exemplares.

GALERIA PRÍNCIPE REAL (Pº do Príncipe Real, 32): até 14 de Janeiro, de segunda a sábado das 14 às 20 horas, pintura de Telles da Silva.

AAPACO (Associação de Artistas Plásticos e Artesãos de Campo de Ourique - R. Freitas Gazul, 24-D): o ex-Atelier 15 apresenta uma exposição de 30 serigrafias produzidas nos últimos três anos nas suas oficinas, da autoria de Américo Silva, Maria Irene, Vasco Folha, Maria Soares, Luís Cruz e Teresa Folha. De segunda a sexta às 18 às 21, sábados das 15 às 19.

GALERIA ÍCARO (R. Presidente Arriaga, 70): a exposição "Ícaro", de Artur Bual. De segunda a sábado das 14 às 19,30.

OCTÓGONO (Av. Visconde Valmor, 2): até 29 de Dezembro, de segunda a sexta das 15 às 19,30, a exposição de pintura

"Geração de 70" de Miguel Telles da Gama.

GULBENKIAN (Galeria de Exposições Temporárias): "10 Aspectos do Desenho Contemporâneo Canadiano"

GALERIA DE ARTE DOS CTT (Forum Picoas): até 2 de Janeiro, nos dias úteis das 11 às 13,30 e das 14,30 às 19, Desenhos de Sara Portela e brinquedos da primeira metade do séc. XX.

GALERIA ARCADEA (Parque do Estoril): até 11 de Janeiro, todos os dias das 11 às 13 e das 14 às 19, a exposição "Colectivo Ilustre - Ilustração/Desenho/BD."

GALERIA DE SANTA JUSTA (R. de Santa Justa, 93-2º): até 19 de Janeiro, de segunda a sábado das 15 às 20, pintura de João Paulo.

GULBENKIAN (Jardim dos Congressos): Escultura em pedra e madeira de Maria Manuela Madureira intitulada "Comunicações Espaciais".

GULBENKIAN (Galeria das Exposições Temporárias): "Imagens Tácteis" de Fernando Cluado Matos.

GALERIA PALMA (Cª Pa.ma de Baixo, 6): até 31 de Dezembro, pintura de Armando Anjos, patente de segunda a sábado das 14 às 20.

MUSEU MUNICIPAL DE LOURES: até 11 de Janeiro, patente a exposição "Fácies", de Ricardo Paula.

ARCADAS DO PARQUE (Estoril): a Junta de Turismo da Costa do Estoril, a exposição de tapeçarias e cerâmica de Cândida do Rosário.

GALERIA ARTELA (R. Prof. João Barreira, loja 15): até dia 30 de Dezembro, a colectiva de pintura e escultura com trabalhos de Bual, Espiga Pinto, Francisco Simões, Rui de Azevedo e Rui Matos.

GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): até 2 de Janeiro, de segunda a sábado das 9,30 às 13 e das 15 às

19, guaches de Fernando Ançã.

GALERIA NOVO SÉCULO (R. do Século, 23 a): até 10 de Janeiro, de terça a sábado das 14 às 20, exposição colectiva - Ludo, pintura e escultura.

GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA: até 31 de Dezembro, pintura de António Galvão sobre o tema "Modas e Cantes Alentejanos de Amor e Ânimo". Patente das 17 às 23.

GALERIA DE S. MA-MEDE (R. da Escola Politécnica, 167): Pintura de Justino Alves.

GALERIA DO GILDE (S. Torcato-Guimarães): guaches e tinta da China de Sónia Delaunay.

GALERIA ARTDOMUS (Escadinhas dos Aliados, 4-S. Pedro de Sintra): até 28 de Dezembro, uma colectiva de pintura e cerâmica.

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA DO DISTRITO DE SETÚBAL (Av. Luisa Todi, 162-Setúbal): até 31 de Dezembro, a exposição "Tempo Esquecido", fotografia e lápis de Eduardo Carqueijiro.

GALERIA ROCA (Marinha Grande): até 30 de Dezembro, colectiva de pintura e cerâmica do 3º aniversário.

GALERIA MIRON (R. do Mirante, 14 r/c à Feira da Ladra): até 9 de Janeiro, pintura de Lança Semedo, de segunda a sábado das 15 às 20.

LOJA DE DESENHO (R. da Academia das Ciências, 2B): até 7 de Janeiro, de terça a sábado das 15 às 19,30, a exposição "Figuras" com trabalhos de Ana Jota, Areal, Arpar Szenes, Gaetan, Miguel Branco e Xana.

SNBA (R. Barata salgueiro, 36): a exposição "Revelações em Papel: Desenhos da América", que inclui 35 desenhos da autoria de 20 artistas norte-americanos vivos.

GALERIA ARCADEA (Parque do Estoril): até 11 de Janeiro, exposição de Nova Joalharia.

BOHEMIA (Cª Marquês de

Abrantes, 38-A): até 31 de Dezembro, pintura de Fernando Silva.

GALERIA EMI-VALENTIM DE CARVALHO (R. da Cruz dos Poiais, 111): exposição do 4º aniversário da galeria, "Pintura Anos 60/70/80", de Álvaro Lapa, Ângelo de Sousa, António Sena, Joaquim Bravo e Jorge Martins.

GALERIA ALMADA NEGREIROS (Av. da República, 16): a exposição iconográfica "Fernando Pessoa - O Impossível - Possível Retrato" com trabalhos de Almada Negreiros, Júlio Pomar, Costa Pinheiro, Mário Botas, Artur Bual, Pedro Chorão, José João Brito, Rico Sequeira, Miguel Yeco, Laura Cesana e Alfredo Margarido.

GALERIA DE ARTE DO CASINO ESTORIL: até 2 de Janeiro, o IX Salão de Outono.

GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): até 8 de Janeiro, desenhos de Pedro Proença, de terça a sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19.

GALERIA ROMA E PAVIA (R. D. Manuel II, 346-B-Porto): até 3 de Janeiro, de segunda a sábado das 14,30 às 20, a exposição "Uma Geometria do Desejo" de Fernando Marques de Oliveira.

GALERIA S. BENTO (R. do Machadinho, i-ao Quelhas): até 3 de Janeiro, pintura de Manuel Gantes, de terça a sábado das 11 às 13 e das 15 às 20, segundas das 15 às 20.

SOCIEDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA (R. de S. José, 41): até 31 de Dezembro, "Três Mulheres" apresentam trabalhos de artesanato: M. Jesus, Jô e Ana.

GALERIA S. FRANCISCO (R. Ivens, 40): até 30 de Dezembro, a exposição de moderna joalharia, da autoria de Alberto Gordilho.

GULBENKIAN (galeria de exposições temporárias): "A Arte eo Sagrado", colecção de João Marino.

CENTRO DE ARTE MODERNA (Gulbenkian): Acontecimentos III, a exposição de fotografia "A Obscuridade e as luzes da noite em Lisboa" de Bernard Plossu e Keiichi Tahara.

GALERIA O PATAMAR (R. da Ferraria 13-Sintra): até 13 de Janeiro, uma colectiva de pintura.

GALERIA TITA (Setúbal): A Cetária - Galerias de Arte apresenta uma exposição individual de pintura de Carlos Canhão.

CERVEJARIA TRINDADE: até 8 de Janeiro, pintura de Ângela Vimonte.

MUSEU DE ETNOLOGIA: até 31 de Março de 89, a exposição "A Aventura Humana".

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA DE SETÚBAL: exposição de pintura sobre porcelana subordinada ao tema "Flores e Pássaros", de Fernanda Ruas.

BERTRAND DO CHIADO: pintura de Isabel Pavão.

VALE TUDO MENOS TIRAR OLHOS (R. Rodrigo da Fonseca, 25): até 7 de Janeiro, de terça a sábado das 15 às 20, exposição de fotografias do escocês John Thomson (1837-1921). As imagens expostas são os woodbury types da edição original de 1877-78.

GALERIA CÓMICOS (R. tenente Raul Cascais, 1-B): até 31 de Dezembro, pintura de Michael Biberstein.

GALERIA DE COLARES (R. Fria, 2-Colares): até 8 de Janeiro, às sextas, sábados, domingos e feriados das 14,30 às 19,30, pintura e cerâmica de José Joaquim Ramos.

GALERIA DN (R. Ant. Maria Cardoso, 41): a NOBAR-grupo Editorial, Lda. em colaboração com a Galeria Nasoni apresenta a exposição antológica de Domingos Pinho.



Farmácias

MÉDICO

DE

URGÊNCIA

76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Lisboa -
PERMANENTE - ALTO DE
SANTO AMARO: Santo Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A-B (T. 637070); **ALVALADE:** Brisália, Av. do Rio de Janeiro, 66-66-A (T. 882368); **AVENIDAS NOVAS:** Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A (T. 763107); **BAIRRO AZUL:** Sirius, R. Fialho de Almeida, 38-A (T. 544000); **BAIXA:** Barral, R. Augusta, 225 (T. 361534); **BENFICA - ATRAS DO CALIFA:** Rebouças, R. Tenente-Coronel Ribeiro dos Reis, 12-B, Calhariz (T. 743871); **CAMP DE OURIQUE:** Pinheiro, R. de Campo de Ourique, 135 (T. 686640); **CHELAS - COLEGIO VALSASSINA:** Serra, R. Luís Cristino da Silva, lote 221, loja 133, zona 2, Chelas (T. 853720); **FONTE LUMINOSA - ALAMEDA AFONSO HENRIQUES:** Paes, R. Abade Faria, 22-A (T. 883965); **LUMIAR - QUINTA DO LAMBERT:** Reis, R. Pedro Bandeira, 2-A (T. 7597432); **RATO:** São Mamede, R. da Escola Politécnica, 82-B (T. 660280); **SANTOS:** Poutoura Carvalho, R. de Santos-o-Velho, 12 (T. 662075); **CARNA-XIDE:** H. Amaral, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS:** Gonçalves, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 9815662); **PONTINHA:** Cruz Correta, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO - ARCO DO CEGO - ESTEFÂNIA: Palma, Av. Duque de Ávila, 25-31 (T. 547088); **AVENIDA DE ROMA:** Avis, Av. de Roma, 56-B-C (T. 895370); **CAMPOLIDE - SETE RIOS:** Nova, R. de Campolide, 297-C (T. 687475); **INFANTE SANTO:** Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (T. 666971); **LUZ - FRENTE AOS MENINOS DA LUZ:** Gény, R. Condeheiro José Silvestre Ribeiro, 12-A, ao 218 da E. da Luz (T. 7140342); **OLIVAIS SUL:** Fernandes Borges, R. D. Aleixo Corte Real, lote 388, cruzamento com a R. Cidade de Bolama (T. 311091); **PE-DROUCOS:** Sociedade Higienista, R. de Pedrouços, 50-52 (T. 610280); **PENHA DE FRANCA:** Higienista, R. Heliodoro Salgado, 20-A (T. 844361); **PICHELEIRA:** Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16 (T. 880703); **SANTA APOLO-NIA - CAMINHOS DE FERRO:** Pereira, Sucursal, R. do Paraíso, 98, Santa Clara, Hospital da Marinha (T. 863224); **TIVOLI:** Morais Sarmiento, R. de Santa Marta, 16-A-B (T. 546490); **BRANDAO - AMADORA:** Correia, Urbanização Alformelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **BURACA - AMADORA:** Vaz Martins, Pt. Fernando Pessoa, loja E, 36-B (T. 970660); **OLIVAS BASTO:** Nova, R. dos Acores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO:** Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda -
ALMADA: Reis, R. Comandante António Feio, 19 (T. 2750504); **PERMANENTE:** COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva, R. Dr. Alberto Araújo 19-A (T. 2750337); **PERMANENTE:** MONTE DE CAPARICA: Nova, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436); **Até às 19 horas:** COSTA DE CAPARICA: Carlos, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060); **Até às 19 horas:** LARANJEIRO: Oliveira Sérgio, R. dos Alamos, 2-A (T. 2296464); **Até às 22 horas:** SESIMBRA: Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **Até às 19 horas:** LAVRADIO: J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126); **Até às 19 horas:** BARREIRO: Silva Inácio, P. Gomes Teixeira, 45 (T. 2071826); **PERMANENTE:** BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira, B. de Moçambique, 84-B

(T. 2040946). **Até às 19 horas:** CORROIOS: Bento Lino, R. do Ribatejo, 2-A (T. 2211131); **PERMANENTE:** ARRENTELA: Ana Branco, Quinta da Murtineira (T. 2215590); **Até às 22 horas:** MONTIJO: Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370); **Até às 22 horas:** MOITA: Parque, Av. Dr. Egas Moniz, 24 (T. 2392294); **Até às 19 horas:** ALHOS VEDROS: Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020); **Até às 19 horas:** ALCOCHETE: Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100); **Até às 19 horas:** SETUBAL: Fuzeta, Av. da Bela Rosa, BIE, 1-C (T. 72747). **PERMANENTE:** Normal do Sul, P. do Bocage, 137 (T. 22216). **PERMANENTE:** Sálao, Av. da Portela, 55 (T. 22709). **Até às 22 horas.**

Linha de Cascais -
ALGÉS: Cabrita, P. de Miraflores, lote 12 (T. 4101486); **PERMANENTE:** LINDA-A-VELHA: Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 419235); **PERMANENTE:** TIRES: Gulmarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616); **Até às 22 horas:** ALCABIDECHES: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363); **Até às 22 horas:** PORTO SALVO: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015); **Até às 22 horas:** MALVEIRA DA SERRA: Luz, E. Nacional (T. 2850635); **Até às 22 horas:** PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034); **PERMANENTE:** OBRAS: Ribeiro, R. Dr. Flávio Resende, 9-A, Quinta do Marques (T. 2466066); **PERMANENTE:** CARCAVELOS: Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037); **PERMANENTE:** SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361); **Até às 22 horas:** PAREDE: Mendes Junqueiro, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838); **PERMANENTE:** SASOIEIROS: Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312); **Até às 22 horas:** BIRRE: Imanil, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA:** Madeira, R. A (T. 2476326); **Até às 22 horas:** AMOREIRA: Abrantes, Viveria Maria Carlos Anjos (T. 2682313); **Até às 22 horas:** MONTE ESTORIL: Suíça, Cruzeiro (T. 260087); **Até às 22 horas:** CASCAIS: Cascals, R. Conde de Monte Real, Bairro das Cai-xas (T. 282407). **PERMANENTE.**

Linha de Sintra -
AMADORA: Clabel, R. António Sardinha, 23-D (T. 4938551); **PERMANENTE:** Carlos, R. Sebastião da Gama, 28-B, Casal de São Brás. **PERMANENTE:** Heleno, R. 1, lote C, Reboleira Sul (T. 964746); **Até às 22 horas:** QUELUZ: O'Neill Pedrosa, R. Casal Oliveira, lote 3, Massamá (T. 4377205); **PERMANENTE:** Albergaria, Queluz de Baixo. **Até às 22 horas:** CAMARATE: Nova da Charneca, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626); **Até às 19 horas:** CACÉM: Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120); **PERMANENTE:** MEM MARTINS: Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103); **PERMANENTE:** MERCES: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 915275); **Até às 22 horas:** RINCHOA: Cargaleiro Lourenço, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006); **Até às 22 horas:** SINTA: Misericórdia Pen-doa, 17 (T. 9231070); **PERMANENTE:** COLARES: Abreja (T. 9290088).

Outras Farmácias -
MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234); **Até às 22 horas:** SACAVEM: Lourenço, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151); **PERMANENTE:** LOURES: Saraiva, Av. da República, 86 (T. 9830027). **Até às 22 horas.**

TEATROS

Maria Matos
Av. Miguel Contreiras - Tel. 89 70 07
De 3.ª a sexta, às 21.30; sábados, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados às 16.00 e 21.30

«ENFIM SÓS»!, de Carlos Cruz, Mário Zambujal e José Duarte. Intérpretes: Eugénio Salvador, Henrique Viana, Luísa Barbosa, Natalina José, Henrique Santos, Maria Vieira, Dulce, Fernando Luís, Vítor de Sousa e Amélia Videira.

Variedades
Parque Mayer. (Telef. 326037)
De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, matiné às 16.00
A PROVA DOS NOVOS, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga e Nuno Nazaré Fernandes.

Casa da Comédia
R. São Francisco de Borja, 24, às Janelas Verdes
Tel. 69 72 99
De 3.ª a sábado, às 21.45; sábados e domingos, às 18.00

«PEQUENO REBANHO NÃO DESESPERES», de Christian Giudicelli. Encenação: António Feio. Intérpretes: Fernanda Borsatti e Susana Prado.
5.ª, sábado e domingo, às 16.00
«PIERROT E ARLEQUIM», de Almada Negreiros. Pelo Grupo de Teatro da Casa da Comédia. Encenação: Filipe la Féria.

Os Comediantes
R. Gonçalo Cristóvão, 190 - Tel. 20 412
De 5.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO», de William Shakespeare. Dramaturgia e encenação: Isabel Alves. Direcção de cena: João Paulo Costa. Cenários e figurinos: José Manuel Melo. Música: Emílio Caio. Desenho de luzes: João Lorga. Movimento: João Malafaia. Máscaras e adereços: Eduardo Gomes.

Porto - Auditorio Carlos Alberto
R. das Oliveiras - Tel. 24 540
De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos, às 16.00

«VIEUX CARRÉ», de Tennessee Williams. Pelo Grupo de Teatro Hoje. Encenação: Carlos Fernando. Cenários: Dalton Salem Assef. Direcção musical: Carlos Curto. Execução musical: Carlos Curto, Joana Bagulho e Zé Bruno. Tradução: Manuel João Gomes. Intérpretes: Carlos Fernando, Elisa Lisboa, Fernanda Coimbra, Isabel de Castro, João Romão,

Maria José, Maria José Pascoal, Luís Lucas, Manuel Mendes, Armando José Oliveira e Fernando Gomes.

Teatro Aberto
P. de Espanha - Tel. 77 09 69
De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00
Estreia, dia 21 de Dezembro
«ROMÉU E JULIETA», de William Shakespeare. Versão portuguesa: João Lourenço e Vera de San Payo Lemos. Encenação: João Lourenço. Dramaturgia: Vera de San Payo Lemos. Música: Eduardo Paes Mamede. Apoio corporal: J. Stobbaerts. Movimento de baile: Olga Roriz. Figurinos: Renée Hendrix. Cenário: Jocken Finke. Execução musical: Simon Wadsworth e Francisco Sales.

ABC
Parque Mayer - Tel. 36 67 45
Sábados, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30. De 3.ª a sábado às 21.30
«PIJAMA PARA 6», de Marc Camoletti.

M. Estoril - T.M.M. Casimiro
Av. Fausto Figueiredo - Tel. 267 03 20
De 3.ª a 6.ª, às 15.00 e 21.30; sábados e domingos, às 16.00 e 21.30. Até 18 de Dezembro
«D. JOÃO NO JARDIM DAS DELÍCIAS», de Norberto de Ávila. Encenação: Carlos Avilez.

Ritz Clube
R. da Glória, 57 - Tel. 32 51 40
De terça a domingo, às 21.30
«O BAILE». Pelo grupo A Barraca. Guião e encenação: Hélder Costa.

Villaret
Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A - Tel. 53 85 86
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00
«O LEITINHO DO NENÉ», de Alfonso Paso. Adaptação: Henrique Santana. Encenação: Francisco Nicholson. Intérpretes: Carlos Miguel, Maria Dulce, António Montez e Rui Luís, entre outros.

Sociedade Portuguesa de Autores
Av. Duque de Loulé, 31 - Tel. 54 62 50
Todos os dias, às 18.00
Entrada livre. Até 16 de Dezembro.
«OLÁ FERNANDO», de J. Salazar Sampaio. Pelo Teatro do Semeador de Portalegre. Encenação: Augusto Telo. Cenários e figurinos: Vladimir Franklin.

Teatro Vasco Santana
Av. da República, na Feira Popular - Tel. 76 86 09
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00
Estreio, dia 20 de Dezembro.
«HABEAS CORPUS», de Alan Bennett. Pelo Teatro Estúdio de Lisboa. Encenação: Luzia Maria Martins. Intérpretes: Helena Félix, Lia Sena, Maria José Baião, Fernanda Garção, Célia David, Carlos Santos, Manuel Mendonça, António Machado, José Brás, Vítor Hugo e Rui Anjos.

Coliseu
De 3.ª a domingo às 16 e 21.30.

Circo do Natal
Companhia Internacional. Leões, tigres, trigões, revista canina. Trapezista, quadrante aéreo, ciclistas, perchistas, táxi louco, equilibristas e palhaços.

Circo Chen
P. de Touros Campo Pequeno
Às 21.30. A maior e mais espectacular Companhia Circense. Atracção: O rinoceronte gigante.

Amadora - C.D.I. Almeida Garrett
R. Santos Matos, 2 - Tel. 493 01 19
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«O PRÍNCIPE PERFEITO», de António Borges Coelho. Encenação: José Martins e José Peixoto. Música: António Victorino d'Almeida. Cenários: Acácio de Carvalho. Figurinos: Manuela Bronze. Coreografia: Wanda Ribeiro da Silva.

FIL - Teatro Infantil

R. Leão de Oliveira, 1 - Tel. 63 99 74
Sábados, domingos e feriados
«A NUVEM QUE NÃO QUERIA CHOVER»

Teatro Iberico
R. de Xabregas, 54 - Tel. 38 25 31
De terça a sábado, às 21.30; domingos e feriados, às 17.00
«ORQUÍDEAS À LUZ DA LUA», de Carlos Fuentes. Encenação: Blanco Xil. Com: Fernanda Montemor, Alina Vaz e Francisco Soromenho.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 17 530

VERTICAIS:

- Acomete. Batel chato, sem leme nem vela e com duas proas levantadas.
- Recupera. Ofendi (fig).
- Clima. Preposição. Apologia.
- Lidam. Tens.
- Luz da Lua. Patrões.
- Mãe de Rômulo e Remo. Acrescentando uma vogal, é ilha do Pará.
- Rio da Suíça. Nome de mês. Aqui.
- Azáfama. Andai com as pernas tortas.
- Guarneceis de asas. Restabeleço.
- Ofereci. Bário (s.g).
- Avaliar. Aldeia de índios do Brasil.

RESOLVEU...

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										
11										

HORIZONTAIS:

- Um dos filhos de Sem. Apocantado.
- Possuir. Fiéis.
- Átomo. Cidade de Portugal.
- Imitação. Ópera de Verdi.
- Acorrentam. Entes.
- Arara. Antes de Cristo.
- Amansar. Artigo definido.
- Pequena ilha francesa fortificada do Mediterrâneo. Fundador do Islamismo.
- Mais bom. Um dos dois nomes de orixá oxalá, na Baía.
- Pães de milho. Pesquisar.
- Camareiras. O mesmo que vésia (prov. minh).

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17 529

HORIZONTAIS:

- QUEM. NÃO. Ag.
- Ura. Ce. DEVE.
- Ja. Carregar.
- Ontário. Ari.
- Co. Mr. Ia.
- Aperraram.
- Grogue. És.
- To. Nadam.
- Vide. Sota.
- Má. Oó. NÃO.
- Elos. Arruas.

VERTICAIS:

- Quioco. TEME.
- Urano. Goa. Al.
- Ea. Ar.
- Campónios.
- Carregado.
- Néri. Rude.
- Ro. Rea. Ar.
- Ode. Cá. Ms.
- Ega. Re. ONU.
- Avarias. Taá.
- Geriam. Caos.

PROVERBIO: Quem não deve, não teme.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 16 344

HORIZONTAIS:

- Orifício que certos indígenas africanos fazem no lábio superior, para segurar e usar uma rodela. Carne seca (Bras).
- Formões de lâminas curtas. Prefíxo que designa ar.
- Vi. Passadas. Antes do meio-dia.
- Nome de fruto. Carta de jogar. Alvorada.
- Agarrar. Prendeis.
- Campeão. Quebradas.
- Disfarçar.
- Lavrem. Gálio (s.g). Idem.
- Senhor em inglês. Relativo aos rins.
- Flechas. Tens.
- Gostar muito de. Pessoa muito bondosa.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										
11										

VERTICAIS:

- Cabana que os esquimós constroem com blocos de neve ou gelo. Mistura.
- Mulheres que estão para consorciar-se ou casadas há pouco. Escarnecem.
- Quinhentos e um em romano. Carta de jogar. Espécie de frigideira larga e de pouco fundo.
- Nome de homem (inv). Espécie de mandioca do Peru. Viração.
- Flutuaram. Reis.
- Membros de aves. Brame.
- Pessoa que tem a seu cargo negócios graves.
- Neste momento. Moeda portuguesa de Dio.
- Dois vogais desiguais. Tijolo.
- Assanhada. Alumínio (s.g).
- Volume. Pega.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 343

HORIZONTAIS:

- Farra. Paris.
- Amais. Acama.
- Campo. Ra. Pi.
- Ao. Bras.
- De. Dais.
- Arcaríamos.
- Air. Dó. Sem.
- Ama. II.
- Varridos.
- Ruara. Ais.
- Armanos. Ora.

VERTICAIS:

- Facada. Arrá.
- Ama. Era. Ur.
- Rama. Ciavam.
- Ripo. Armara.
- Aso. Fr. Aram.
- Id.
- Par. Dão. Ias.
- Acabam. Adi.
- Rá. Rios. Oso.
- Impasseis.
- Sais. Mi. Ba.

Antena Um

17.00: Sete mares; 19.00: Informação e música; 20.00: A Europa dos doze; 20.30: Musical; 21.00: Música portuguesa; 21.30: Livre e directo. Notícias de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

17.00: Falar de cinema; 17.30: Compositores do século XX; 18.40: Caprichos, de Paganini; 19.00: Integrais; 19.40: Intérpretes portugueses; 20.40: Reportório de viola de gamba; 21.00: Alfa e omega; 21.45: Música antiga; 23.00: Eurorádio; 01.50: «Seis Danças Alemãs», KV. 571, de Mozart; 02.00: Música na madrugada em disco compacto. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média
(283, 290 e 397m)

14.00: Musical; 17.00: Média alta; 20.00: Peça que a gente passa; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo e resultados; 23.00: 24.ª hora; 01.00: Fantástico. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; 16.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Espaço Lubritex; 20.00: Espaço Inforgal; 21.00: O sabor da música; 22.00: As mil e uma noites; 23.00: Em órbita; 00.00: A volta da meia-noite; 02.00: Noites de festa. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional
de OM e FM

15.00: Banda da amizade; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: A viagem continua; 20.00: Boa nova; 20.30: Conversa de amigos; 21.00: Sequência; 22.30: Bola branca; 23.30: Suplemento especial da BBC; 23.55: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional

de FM Estéreo

16.00: Fórmula Trêz; 19.00: Atlântida; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico.

Voz do Alto Tâmega

15.00: Da veiga à serra; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fontes termas.

Voz de Lisboa

15.00: Voz de Lisboa; 18.00: Bola branca; 18.30: Voz de Lisboa; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Voz de Lisboa.

Voz do Minho

16.00: Linha do Minho; 18.00: Bola branca; 19.00: Jornal da região; 19.30: Largo do Coreto.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Grande Porto... informação; 20.00: Artistas do grande Porto; 20.30: Porto de abrigo; 21.00: Palácio de Cristal.

RTP

1

17.30 - Brinca Brincando

«Piãf», «A Galinha Pippa», «Hey Bumboo», «Tim Tim» e «He-Man».

18.15 - Tempos Modernos

54º Programa

19.30 - Telejornal

20.00 - Bolsa Dia a Dia

20.05 - O Tempo

20.08 - Direito de Antena

«Sindicato dos Capitães e Oficiais da Marinha Mercante», «Comissão dos Sindicatos não Filiados», «Associação dos Oficiais de Justiça» e «Comissão das Associações Profissionais».

20.15 - Boletim Agrário

20.20 - Passerelle

64º Episódio

20.55 - Telemundo

«Moçambique»

21.45 - O Dia em que Raptaram o Papa

Comédia de João Bettencourt, adaptada para TV por Bento Pinto da França, em que tudo começa quando um motorista de taxi resolve raptar Sua Santidade, exigindo um original resgate.

Intérpretes: Santos Manuel, Manuela Maria, Ruy Furtado, Carlos Cunha, Alexandra Pereira, Carlos Cabral, Carlos Wallenstein, Rui Luís, Melim Teixeira e Carlos Santos.

Realização: Bento Pinto da França

23.15 - 24 Horas

23.45 - Remate

24.00 - Pela Noite Dentro

«A Sedução de Miss Leona»: Leona DeVos é uma jovem professora que vive nos arredores de uma pequena cidade. Precisando de um carpinteiro para algumas reparações na sua casa, fala com Bliss Dawson, empregado do colégio onde ela lecciona. Os sábados transformam-se, assim, em dias de trabalho para Bliss em casa de Leona. A pouco e pouco, Leona sente-se atraída por Bliss. A mulher deste começa a ouvir os boatos que correm pela cidade. Interpretação: Lynn Redgrave, Anthony Zerbe, Conchata Ferrell, Brian Dennehy, Elizabeth Cheshire.

Realização: Joe Hardy

RTP-2

17.00 - Helena

128º Episódio

RTP 2



No 1º canal às 24.00, Pela Noite Dentro com «A Sedução de Miss Leona»

17.25 - Trinta Minutos Com...

18.00 - Os Celtas

4º Episódio

19.00 - Music Box

«Rocking in the U.K.»

19.55 - No Limiar da Realidade

14º Episódio

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - Maude

46º Episódio

21.55 - Café Central

3º Programa: À volta das mesas do Café Central e tendo por «fundo» o fado de Coimbra, António Brojo, António Portugal, Luís Goes, Manuel Alegre, Luís Filipe, Teixeira Santos, Aurélio Reis, Janita Salomé e Paulo Saraiva, entre outros, falam de Coimbra e da sua música, evocam o ontem e apontam pistas para o amanhã do fado.

Realização de Jorge Valsassina Galveias



Janita Salomé em «Café Central», no 2º canal às 21.55

23.15 - Berlim, Praça Alexandre

12º Episódio: Mieke perdoou Franz e resolve ficar a viver com ele, embora este a tenha quase morto num acesso de fúria, devido ao seu desgosto de amor.

00.15 - Rotações

(Desporto)

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - Juventude e Família

11.55 - Natal em Paris

13.00 - Notícias

13.10 - No Circo Soviético

14.00 - Sessão da Tarde

16.05 - Vivamúsica

16.45 - Miss Marple Investiga

17.35 - O Romance da Raposa

17.50 - O Nosso Século

19.15 - Sete Folhas

19.45 - Totoloto

20.00 - Jornal de Sábado

20.30 - O Tempo

20.40 - A Magia de David Copperfield

21.40 - Especial Fim do Ano

RTP-2

09.01 - Compacto Music Box

11.40 - A Nossa Turma

12.50 - Compacto Brega e Chique

16.00 - Estádio

19.30 - Magazine Cinema

20.00 - Music Box

20.50 - Elogio da Leitura

21.15 - Hill Street

22.10 - Cinema da Meia Noite

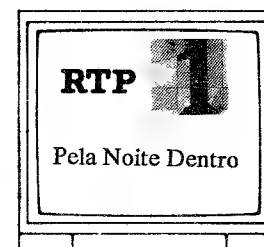
O «Diário de Lisboa» não se responsabiliza por alterações que a RTP introduza nesta programação e sobre as quais o jornal não seja informado em tempo devido.

AOS CONDUTORES

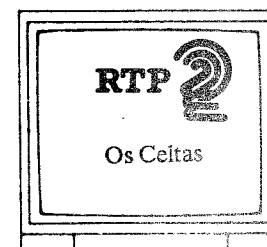
«Reduza sempre a velocidade ao avistar um grupo de crianças, porque estas vão normalmente distraídas e não dão atenção ao trânsito.»

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

LOEWE. seleccionou para si...



Pela Noite Dentro



Os Celtas

Representante Continente e Ilhas

PORTO
Telef. 9515003

SGO

LISBOA
Telef. 777924



PORTE
PAGO



Fundador Joaquim Manso

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SA
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços: Rua Luísa Soriano, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 64 5 - 32 02 71 2 3 - 32 02 71 2 3 - 32 02 71 2 3
Serviço de correio (diário das 21h): Rua da Mouraria, 115 - 1200 LISBOA
Endereço: Telefónica: 32 02 71 2 3 - 32 02 71 2 3 - 32 02 71 2 3
Distribuição: INTERPRESS, Rua de Norte, 115 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 - 32 22 04 - 32 21 04
Preço do -DL- nas Açores e Madeira: 65\$00

Director A. Ruella Ramos

Director adjunto Fernando Piteira Santos

DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

ÚLTIMA HORA

CONHECER A GEOGRAFIA É
IMPORTANTE SE UMA PESSOA
QUER COMPREENDER A
POLÍTICA...



O MEU PAI LEVOU-ME UMA VEZ
A PARIS... APRENDIA FALAR
FRANÇÊS. "BONJOUR, MIU-
DO!"... QUE TAL?



COMEÇO A PERCEBER
PORQUE É QUE TENS
NOTAS TÃO BAIXAS...



OS PROFESSORES NÃO GOS-
TAM DE MIÚDOS COM
GRANDES NARIZES!



PCP contra estrangeiros na agricultura

O PCP entende que Portugal não tem mecanismos de defesa contra a invasão de estrangeiros na agricultura portuguesa. Por esse motivo, já fez agenda para o próximo dia 12 o debate de um seu projecto sobre a matéria.

O problema põe-se particularmente no que se refere à actuação de muitas multinacionais ligadas à produção de pasta de papel que adquirem terrenos agrícolas, alterando produções e promovendo a desflorestação eucaliptização dos terrenos.

Futebolistas brasileiros passam a ser considerados estrangeiros

continuação da pág. 1

portugueses: só os estrangeiros (brasileiros incluídos) que já têm contratos firmados (e válidos), registados na nossa Federação, ou residam presentemente em Portugal, podem ficar ao dispor do nosso futebol na situação actual, até 1992.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extração de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO

32 417

180 000\$00 CONTOS

2.º PRÉMIO

47 075

36 000\$00 CONTOS

3.º PRÉMIO

11 297

12 000\$00 CONTOS

A sorte grande e o 2.º prémio foram vendidos aos balcões da Casa Sorte

Na 6.ª feira, dia 6, Lotaria Extraordinária dos REIS

130 000 CONTOS

Bilhetes a 13 000\$00 e décimos a 1 300\$00

Este Oficial e habilita-se para a próxima extração, nos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - PORTO - AVEIRO - VISEU - COIMBRA - SETÚBAL - FARO



Entradas de lotaria Sai sempre.

Prazo para recebimento de prémios - 3 meses

CASA VIOLA - «A SORTE QUE TOCA»

LISBOA - BRAGA - ESTORIL - VISEU - PORTIMÃO - SETÚBAL
CORREIO: R. Assunção, 67 - 1100 LISBOA

D/E/C/A/R/A/S/



FRANK SINATRA, LIZA MINELLI E SAMY DAVIES JR., juntos, em dois espectáculos a realizar no salão negro-prata do Casino Estoril, nos dias 11 e 12 de Agosto do próximo ano, eis uma hipótese que se apresenta com fortes probabilidades de se converter em certeza. Para já, as negociações entre a administração da Estoril-Sol e aqueles artistas podem considerar-se "bem encaminhadas". Sobre a vinda a Portugal do célebre intérprete de "My Way" e de tantos outros êxitos - "A Voz", como também é conhecido - já o "Correio da Manhã" dera hoje a notícia, assim como a apresentação, na mesma sala, de Charles Aznavour e de Dionne Warwick. Quanto à actuação, integrados no mesmo espectáculo, das três grandes figuras referidas, aqui fica a informação possível. Esperemos que a confirmação surja muito em breve.

Cavaco Silva desloca-se a Munique

O Primeiro-Ministro desloca-se a Munique, a 15 de Janeiro para ser o único orador na entrega do Prémio Thomas Dehler, do Partido Liberal Alemão, a um amigo. Trata-se do vice-presidente da Comissão da Comunidade Europeia encarregado do pelouro do Mercado Interno, Martin Bangemann, que solicitou a Cavaco Silva para que estivesse presente na cerimónia e fizesse uma intervenção.

Ontem, o Chefe do Governo recebeu em audiência o comissário português na CEE, Cardoso e Cunha, com quem procedeu à análise dos pelouros que lhe foram distribuídos na Comissão Europeia.

Segundo um porta-voz do gabinete de Cavaco Silva, «o Primeiro-Ministro está particularmente satisfeito com as novas tarefas que foram cometidas a Cardoso e Cunha na Comissão». Cavaco Silva e Cardoso e Cunha voltarão a encontrar-se nos próximos dias na ilha da Madeira, onde ambos estarão por ocasião da passagem de ano.

Fernando Madrinha não deixa o "Diário de Notícias"

Fernando Madrinha, da secção de editoriais do Diário de Notícias e que neste momento se encontra de férias, não vai deixar o cargo que ocupa naquele matutino e transfere-se de «malas e bagagens» para a revista Sábado, como ontem chegou a ser referido. O jornalista disse ao «DL» que apenas vai encetar uma colaboração regular, no início do próximo ano, com a revista.

Decisão que, segundo as suas palavras, já tinha sido comunicada há algum tempo a Dinis de Abreu, mesmo antes da crise que estalou no «DN», e que conduziu à sua nomeação para o cargo de director interino pela gestão de Antunes da Silva. Cargo que apenas ocupou durante cerca de três horas. Na segunda-feira, altura em que termina o período de férias, Fernando Madrinha regressa ao jornal onde trabalha há longos anos. Quem abandona definitivamente o Diário de Notícias é João Aguiar, que se muda, esse sim, para a «Sábado».

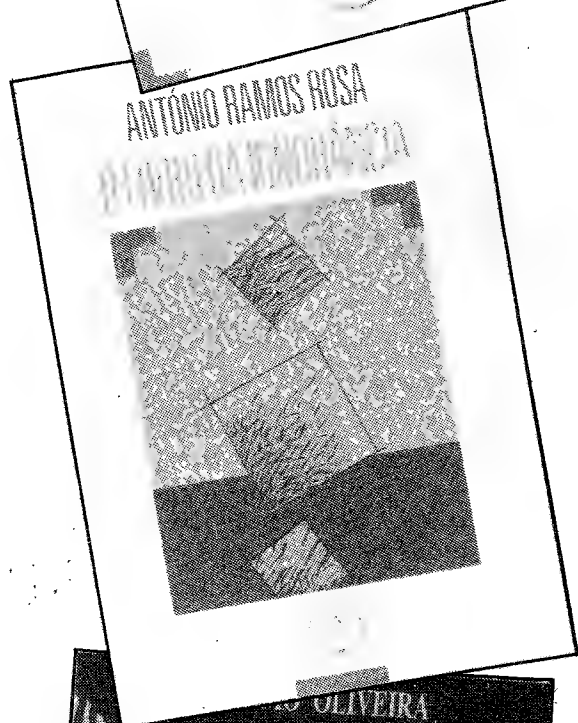
REVISTA DO ANO





CRISTÓVÃO DE AGUIAR

PASSAGEIRO EM TRÂNSITO



ANTÓNIO RAMOS ROSA

O LIVRO DA IGNORÂNCIA

(PRÉMIO PESSOA 1988)



ÁLAMO OLIVEIRA

ATÉ HOJE

A promessa estava feita. A de continuarmos a publicar livros. Por isso, pensamos que um livro é o que vale a pena — e, desde os Açores, onde é a nossa sede, trabalhamos nisso de que gostamos. António Ramos Rosa, Cristóvão de Aguiar, Álvaro Oliveira são três dos autores, com três livros surpreendentes: O Livro da Ignorância (Prémio Pessoa 1988), Passageiro em Trânsito e Até Hoje. Mas há mais, a seguir. Porque, já o dissemos, no novo catálogo da Signo, um livro vai ser mais que uma lembrança de amor.

NO CATÁLOGO

RUI ZINK, A Realidade Agora a Cores □ MARIA GUINOT, Esta Palavra Mulher □ ARMANDO MORENO, Histórias Quase Clínicas.

EM BREVE

NUNO JÚDICE, Poesia Completa □ FRANCISCO JOSÉ VIEGAS, A Invenção do Romance seguido de Nesografias □ ISABEL DE SÁ, Desvio da Escrita □ JOSÉ GUARDADO MOREIRA, Alva (em edição) □ JOSÉ MARTINS GARCIA, No Crescer dos Dias □ JOSÉ MARTINS GARCIA, Morrer Devagar □ F. J. VIEIRA PIMENTEL, Racional e Comovido □ CRISTINA CARVALHO, Até Já Não É Adeus (Histórias Perversas).

SIGNO

Rua das Cabaças, 26
9500 PONTA DELGADA - AÇORES

Calçada do Tojal, 24-B
1500 LISBOA
Tel.: 70 04 55

Queiram enviar-me ☐ à cobrança ☐ junto cheque/vale postal
os livros que assinalo:

- ☐ Até Hoje (1100\$00) ☐ _____
☐ O Livro da Ignorância (780\$00) ☐ _____
☐ Passageiro em Trânsito (980\$00) ☐ _____

Nome _____

Morada _____

Cód. Postal _____ Tel.: _____

O ANO POLÍTICO

Em termos políticos, 1988 foi dominado pela situação de crise nos dois maiores partidos da Oposição: o PCP e o PS. No que respeita aos comunistas, a crise foi, de algum modo, «importada». É certo que tinha havido a «avalanche côr-de-rosa» de Cavaco, subterrando velhos mitos da esquerda. Mas foi preciso que, do Leste, novos ventos soprassem, para que o velho bastião estalinista tremesse. Já no caso dos socialistas, imperou o efeito surpresa. Depois de dois Congressos vitoriosos, quem esperaria a demissão de Vítor Constâncio? Mas ela ocorreu e os preparativos para a sucessão dominaram o final do ano, disputando ao PCP as honras de primeira página. Para além destes dois acontecimentos, destaque, no ano que termina, terá ainda de ir para a consolidação da «ditadura da maioria», imposta pelo líder do PSD e protagonizada, sobretudo, na acção parlamentar de uma bancada obdientemente fechada ao diálogo. Neste plano, 1988 foi o ano dos «yes men».

JANEIRO

Início da guerra no PCP: Divulgado o primeiro documento do denominado «Grupo dos Seis» - constituído por Vital Moreira, Dulce Martins, Silva Graça, Vítor Louro Silva Marques e Veiga de Oliveira - que propõe a renovação do programa do partido e a eleição do Comité Central dos comunistas por voto secreto.

Guerra das autonomias: o PSD/Madeira declara guerra ao presidente da Assembleia da República por este se recusar a permitir a discussão de diplomas regionais no hemiciclo. O PSD/Madeira vai apresentar ainda outros diplomas para discussão naquele órgão de soberania, mas as suas pretensões são sempre frustradas.

VIII Congresso do CDS: Adriano Moreira recusa-se a aceitar a presidência do Conselho Nacional dos centristas, oferecida por Freitas do Amaral. Face a este renúncia, Freitas regressa à direcção do CDS, incontestado mas ainda não perdoado pelas massas.

FEVEREIRO

Base das Lajes: Frank Carlucci, secretário norte-americano da Defesa, vem a Lisboa para renegociar acordo da Base das Lajes, nos Açores. Na opinião das autoridades portuguesas, os americanos não cumprem o que tinham prometido há cinco anos e propõem «pagar em géneros» - ou seja, em equipamento militar em segunda mão - o que não podem pagar em dinheiro, mas Cavaco Silva não aceita e desloca-se a Washington para reivindicar o pagamento prometido, e em «cash».

Congresso Extraordinário do PS: Vítor Constâncio, reeleito secretário-geral com 94 por cento dos votos, sai deste congresso com uma posição reforçada. Jaime Gama, é o grande derrotado, bem como a minoria liderada por João Soares.

Reunião do Comité Central do PCP: os dirigentes comunistas marcam data do Congresso para o período entre 1 e 4 de Dezembro e prometem que haverá democracia interna, mesmo sem voto secreto.

MARÇO

Aniversário do PCP: os comunistas comemoram o seu 67º aniversário com a realização de dois grandes comícios, um no Campo Pequeno e outro no Palácio de Cristal.

Presidência Aberta: Mário Soares continua a sua política de presidência aberta, desta vez com uma estadia de cerca de uma semana no distrito da Guarda, onde é recebido com todas as honras.

Continua na pág. 4

PCP: sementes de mudança

O edifício comunista estremeceu este ano. Numa escala de Richter poder-se-ia dizer que atingiu um nível assinalável. Nada que se compare com o terramoto da Arménia, claro. No entanto, o abanão foi suficiente para abrir algumas brechas numa estrutura que parecia das mais sólidas. No ano em que comemorou o seu 67º aniversário, o Partido Comunista Português recebeu como prendas vários documentos contestando a sua direcção, a perda de dois dos seus dirigentes históricos e um Congresso em que figuras importantes do partido subiram à tribuna para desafiar a velha guarda.

Nada surge ao acaso - e apesar de termos falado em terramoto, um fenómeno imprevisível - a verdade é que há algum tempo se vinham a sentir pequenos tremores no seio do partido, agravados com as eleições de 19 de Julho de 1987 e com os ventos da perestroika vindos de Leste.

Militantes descontentes certamente que já os havia. Contudo, os primeiros a tornarem público esse desagrado para com a direcção do PCP foram Vital Moreira, Silva Graça, Dulce Martins, Vítor Louro, Silva Marques e Veiga de Oliveira, que constituíram o tão falado «Grupo dos Seis».

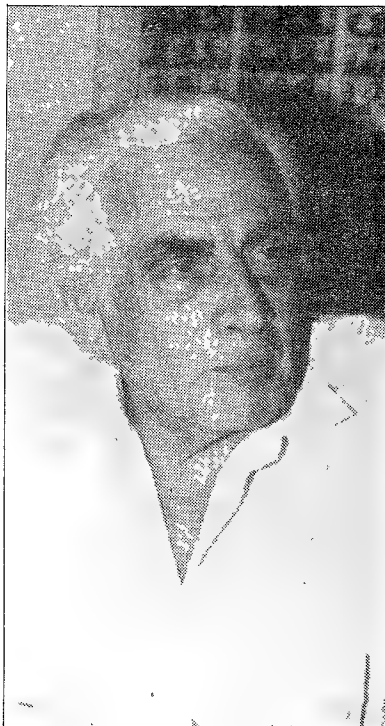
Logo no início de Janeiro, «O Jornal» publica na íntegra um documento elaborado por este grupo e que tem efeitos bombásticos em diversos sectores comunistas. Classificando-se como uma «contribuição para a preparação do próximo Congresso», o documento reivindicava fundamentalmente a revisão dos Estatutos e do Programa do partido, ambos considerados desactualizados. Se foi fuga de informação ou divulgação pro-

pósitada, até hoje não sabemos.

Quase a um ano de distância, o Congresso - que viria a ser marcado para Dezembro - dominava já o horizonte dos comunistas e surgia como o momento oportuno para a ala renovadora expor as suas discordâncias. Mas, paralelamente, e abafado durante algum tempo, delineava-se o que viria a ser conhecido como «o caso Zita Seabra».

Afastamentos dolorosos

Documentos anónimos, provenientes do Secretariado Político Permanente, e contendo violentas acusações ao comportamento partidário e político da «camarada Zita», trazem a público o facto de Zita Seabra, considerada durante anos como uma das «guardiãs do templo comunista», ter afinal discordâncias de fundo com a direcção do PCP.



Rebater publicamente as acusações que lhe foram imputadas - e que acabaram por conduzir, em Maio, ao seu afastamento da Comissão Política - tornou-se difícil para a dirigente comunista, que nem às bases do partido consegue fazer chegar o documento onde expõe as suas posições face ao processo de que estava a ser vítima.

Só muito mais tarde, em Novembro, alguns dias depois de ter sido destituída do Comité Central (a expulsão do próprio partido chegou a ser mencionada), Zita Seabra viria a publicar a sua «defesa» no livro «O Nome das Coisas», lançado numa das cerimónias mais concorridas do ano. Esta atitude arrojada acaba por a impedir de participar no Congresso.

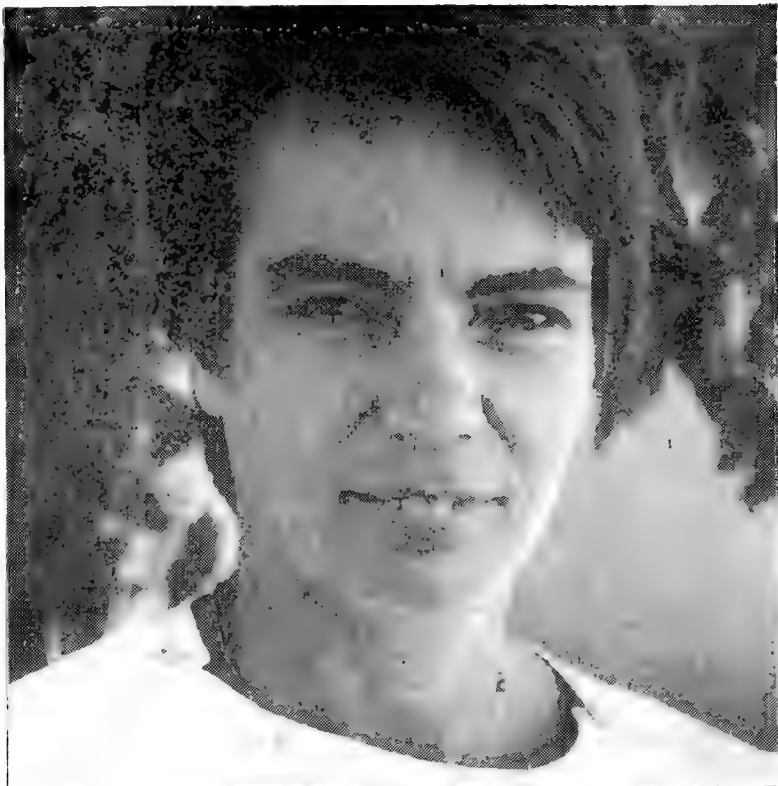
Sem tanto escândalo, mas igualmente doloroso para o partido, foi o afastamento de Vítor Neto, membro do PCP desde 1965, e responsável pelo Sector de Informação e Propaganda. Invocando razões de «natureza política», Vítor Neto, em Maio, demite-se do Comité Central apresentando um documento que nunca chegou a ser divulgado.

E como não há duas sem três, a direcção sofre ainda outro golpe: em Junho, um grupo de 500 militantes comunistas, no qual se incluíam intelectuais destacados como José Saramago, António Teodoro e António Hespanha, entre outros, assina um documento no qual reivindica a liberdade de estabelecer um debate interno, alertando para os perigos da bipolarização conducente à eventual ruptura do partido. Era a «Terceira Via», um movimento mais vasto,

Continua na pág. 4

Continuação da pág. 3

Caso Zita Seabra: a direcção do PCP divulga entre os quadros e funcionários do partido uma nota acusatória contra Zita Seabra, em resposta ao documento entregue pela militante comunista, em meados deste mês, e no qual questiona o funcionamento interno do partido. Zita é acusada de «ligações ao 'Grupo dos Seis', de frequentar meios hostis ao partido e de ter comportamento pré-fraccionista».



Zita Seabra, um dos casos do ano

ABRIL

Diálogo ibérico: Cavaco Silva encontra-se com Felipe Gonzalez em Doñana, perto de Huelva. OTAN, CEE e África Austral são os principais temas da agenda. Este encontro privado entre os dois chefes de Governo é entendido pelos observadores como uma «mudança qualitativa» nas relações diplomáticas entre Portugal e a Espanha.

Crise do PCP: A direcção do PCP desencadeia uma espécie de «porta a porta» sobre Zita Seabra junto dos militantes comunistas. Divulgam uma nota onde apontam os «pecados» da camarada, como a não comparência a reuniões e encontros com outros camaradas «com os quais não tem tarefas partidárias», especificamente com o «Grupo dos Seis». Mais tarde, quatro dirigentes - Álvaro Cunhal, Angeló Veloso, José Casanova e Domingos Abrantes - quebram o silêncio sobre a situação no seio do partido, insistindo na ideia de que «não há crise interna», mas admitem existir um «caso Zita Seabra».

CSSI: O Conselho Superior de Segurança Interna, o órgão máximo do Estado nesta matéria, presidido pelo primeiro-ministro e com a participação dos responsáveis de todas as forças de segurança do país, tem a partir deste mês existência legal.

MAIO

Direcção do PCP novamente reunida: A direcção do PCP, em reunião, decide propôr a revisão do seu programa e permitir a eventual utilização do voto secreto nas eleições dos delegados ao Congresso, prática que acaba por ser muito pouco utilizada. Ainda neste mês, concretamente no dia 5, Zita Seabra é afastada da Comissão Política do PCP.



Cavaco e Gonzalez: maior empenhamento na defesa da Europa

"Arranque" para a viragem?

Continuação da pág. 3

menos organizado e mais apaziguador.

Endurecem as posições

«Fraccionistas», «grupo secreto» e «fomentadores de uma campanha contra o partido» são expressões que a direcção começou a utilizar para se referir aqueles sectores. Sinal de que as posições tendiam para o endurecimento, tanto de um lado como do outro.

Os «seis», entretanto, lançam mais dois documentos: o primeiro, em Abril, insiste na necessidade de «democratizar» o partido e de actualizar o programa; o segundo, em Junho, dedica-se às questões estatutárias, propondo a criação de um novo órgão político destinado aos dirigentes históricos do PCP. Curiosamente esta sugestão viria em parte a ser aceite com o surgimento da Comissão Central de Controlo e Quadros, a «prateleira doirada» dos militantes mais «idosos».

Antes do endurecimento, há ain-

aprovados os projectos de Programa e Estatutos, o espírito de abertura é rejeitado. O próprio Álvaro Cunhal dá o aval às posições mais «duras» a nível estatutário.

Na Festa do Avante, o discurso do secretário-geral não deixa margem para dúvidas: quem não está com a direcção está contra ela. No encerramento da grande festa comunista, Cunhal ataca, com uma violência até então nunca utilizada, os críticos. Curiosamente, aqui é a «Terceira Via» que se mostra ofendida com as declarações do líder comunista, criticando-o, pela primeira vez, aberta e publicamente.

Jogadores definem o jogo partidário

À medida que o Congresso se aproximava, as posições dos intervenientes neste jogo partidário tornavam-se mais claras. O «Grupo dos Seis» declarou a sua intenção de não participar na reunião magna. Por outro lado, importantes quadros comunistas não ali-

rá no Congresso) e Gomes Canotilho, lançam propostas alternativas às sustentadas pelo CC.

E finalmente o Congresso. Aguardado com grande expectativa mesmo por que não partilha os ideais comunistas, o XII Congresso do PCP mobilizou, durante os seus quatro dias, as atenções da comunicação social e da opinião pública. Todos queriam saber o que dali ficaria para a história.

Se não se pode considerar que tenha ocorrido um terramoto demolidor, a verdade é que os abanões se fizeram sentir. O primeiro foi quando Judas, ainda mal tinha começado a festa, se atreveu a desafiar Cunhal em frente do representante da União Soviética. Pediu o voto secreto para a eleição do CC, mas foi derrotado.

Derrotadas foram também as propostas de alteração do Regulamento apresentadas por Delgado Martins, um jurista «fora da lei» e as personalidades, propostas pelos poucos críticos presentes, para o novo Comité Central. A sua composição final, não sendo propriamente renovadora, tem porém a novidade de estar claramente a



da um momento em que parece haver um ténue luz no fundo do túnel. Os «seis», tradicionalmente mais radicais, tentam uma aproximação com a «Terceira Via». A direcção do PCP mostra-se mais permeável, fazendo duas concessões às análises dos sectores críticos: a aceitação da realidade da CEE e o reconhecimento da democracia política como possuidora de um valor intrínseco.

No entanto, tudo não passou de uma vã esperança e, na reunião do CC realizada em Agosto, onde são

nhados em nenhum dos grupos, como José Luís Judas e Barros Moura, apelam à participação de todos os militantes. A direcção consegue reduzir ao mínimo a participação dos críticos, através de um controlo cerrado das eleições de delegados ao Congresso.

Novembro é um mês onde ainda se dão alguns passos. É publicado um novo documento do «Grupo dos Seis» e as células do Instituto Superior de Economia de Lisboa e da Faculdade de Direito de Coimbra, liderados respectivamente por António Mendonça (que participa-

preparar a sucessão de Cunhal no seio de um novo órgão: o Executivo da Comissão Política, espécie de mini-politburo onde os nomes mais «badalados» são os de Domingos Abrantes e Luís Sá.

Terramoto para a direcção, mas simples abanão para os críticos, foi a quebra da unanimidade entre os «camaradas». Mas, como a pedra no charco, o abanão teve, tem e terá inevitavelmente um efeito de propagação no futuro. Resta apenas aguardar se de facto as bases mudarão o cume...

Paula Sá e Dina Soares

Adesão à UEO: Portugal e Espanha iniciam em Haia negociações com vista à sua adesão à União Europeia Ocidental, após o convite formulado em Abril pelos estados membros daquela organização, considerada como o pilar europeu da Aliança Atlântica.

Convenção do PRD: o general Ramalho Eanes afasta-se definitivamente do partido renovador. Ao mesmo tempo, Hermínio Martinho vê o seu papel reforçado como líder incontestado do PRD, sendo eleito para presidente do partido, apesar da oposição de Pegado Liz e Magalhães Mota.

JUNHO

Crise do PCP: Vítor Neto, militante do PCP desde 1965, demite-se das funções de coordenador da Secção de Informação e Propaganda, alegando divergências de natureza política para o seu afastamento do aparelho e da direcção do partido. O «DL» divulga o primeiro documento da chamada «Terceira Via», subscrito por personalidades das mais diversas áreas do PCP, designadamente do sector intelectual, com destaque para José Saramago, Borges Coelho, António Hespanha e Urbano Tavares Rodrigues, entre outros. Os signatários do documento dizem querer o debate interno no partido, mas a direcção considera-os «fraccionistas».

Cavaco Silva em Cabo Verde: O chefe do Governo visita oficialmente Cabo Verde, após uma deslocação de dois dias ao Brasil. Esta visita ao território cabo-verdiano é a primeira de um primeiro-ministro português desde a independência do país, e é também a primeira que Cavaco Silva efectua oficialmente ao continente africano. É entendida como uma «visita espectáculo».



Um líder incontestado

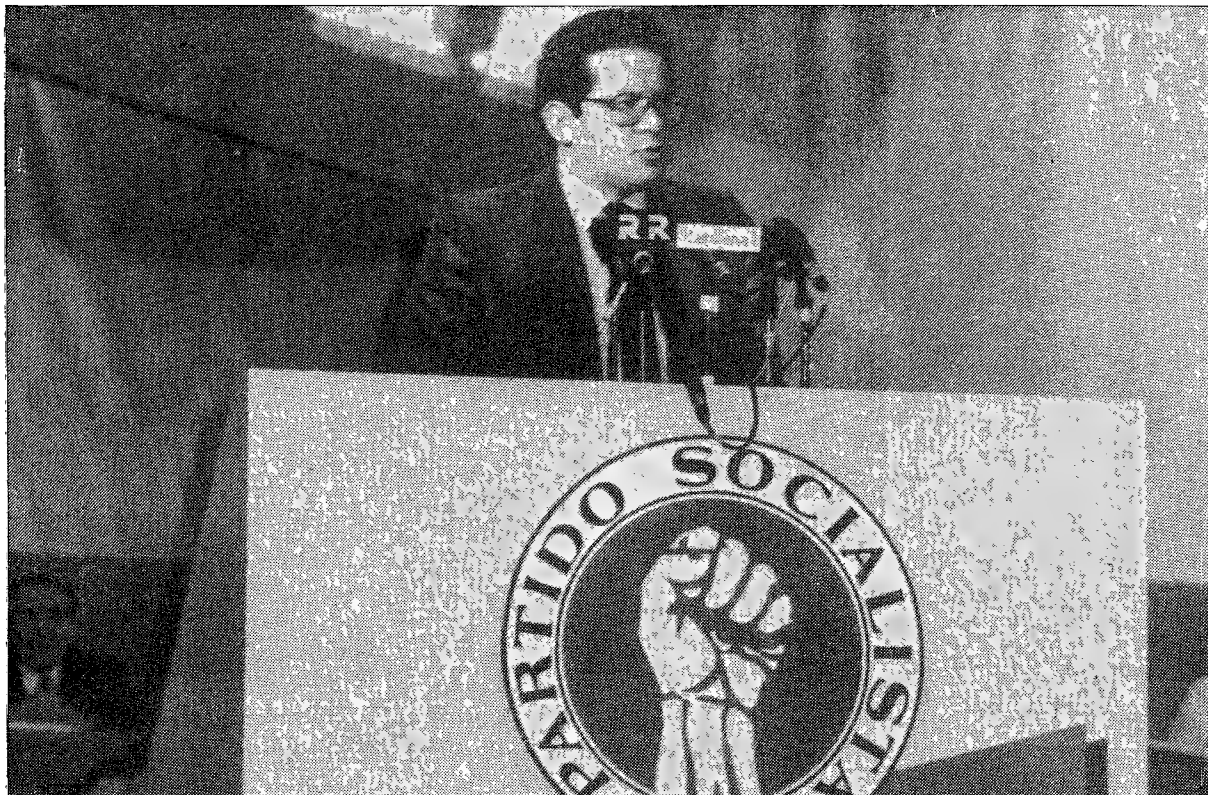
PSD em Congresso: Sob o lema «Modernização», os social-democratas dão início ao XVI Congresso no Coliseu de Lisboa. Uma reunião que não confronta os seus participantes com o problema da liderança partidária, três anos após a vitória de Cavaco Silva. Pelo contrário, dez moções estão em debate para reforçar esta liderança. Único pólo de discórdia, surgido à última da hora, foi o anúncio da impugnação das eleições da Distrital de Lisboa, por parte do líder da lista derrotada, Rui Carp. Do Congresso sai um pedido de inquérito parlamentar ao que se passa em Macau com a TDM.

Cabora Bossa: É assinado em Lisboa um acordo entre Portugal, Moçambique e a África do Sul, visando a reactivação da barragem de Cabora Bossa e garantindo, para isso, as linhas de transporte de energia. Um duro golpe para a Renamo, que através de sabotagens tinha transformado a barragem num enorme «elefante branco» muito oneroso a Portugal.

JULHO

Abandono em massa no PRD: trinta militantes renovadores abandonam o partido por discordarem da liderança de Hermínio Martinho. Os demissionários, entre os quais se incluem Pegado Liz e Magalhães Mota, são os subscritores da moção «Recomeçar Diferente», derrotada na última Convenção do partido.

Governo faz um ano: Cavaco Silva faz o balanço do seu primeiro ano de governo, destacando a aprovação das 14 reformas legislativas prometidas no programa do PSD e considerando que foram alcançados os objectivos propostos ao país. A Oposição reage em peso ao balanço feito pelo primeiro ministro, classificando o seu discurso de «demagógico e especulativo».



Constâncio, uma saída sem glória

PS: de Congresso em Congresso até à emancipação final

De «ano de graça» previsível, 88 transformou-se, para o os socialistas, em ano de «desgraça». Um Constâncio que parecia ter o partido na mão, acabou por bater com a porta -e abrir a janela, pon-do a nu uma paz que, afinal, era pôdre. Ao cair o pano de um longo ano, é de novo o Congresso o «acontecimento» no PS. A recente vitória de Sampaio deixa no ar uma questão: o partido já recuperou da «orfandade»?

O Partido Socialista abriu o ano de 1988 em Congresso (Ordinário) e abrirá 1989 em Congresso (Extraordinário). Só a associação destes dois episódios da história recente do maior partido da oposição dá que pensar. Este que agora se finda, parecia talhado para ser um «ano de graça». Na oposição, bem entendido, mas desse mal muitos se queixam. Ainda assim, um ano de paz no contexto interno. Constâncio esmagava adversários nas «primárias» do Congresso, logo em Janeiro e, aparentemente, tinha todas as armas na mão para mobilizar o partido. No entanto, se interpretado à letra, o seu discurso de demissão, em Outubro, revelou que, afinal, o PS estava em paz, sim, mas pôdre.

Um «score» superior a 90 por cento numa eleição, deixa de o ser: torna-se plebiscito. Espírito aberto, Vítor Constâncio quis abrir as portas da sua equipa dirigente a «toda a gente». Talvez esse tenha sido um dos seus principais erros políticos. «Pensando alto», Carlos Candal admitiu-o, ao reagir à demissão do líder nestes termos: «Constâncio criou uma abrangên-

cia excessiva. As abrangências dão sempre origem a faltas de fidelidade».

Pois é: as abrangências pagam-se. Nessa escorregadela não se inscreve, porém, todo o fenómeno de transformação do «ano da graça» em «ano de desgraça» no seio do Partido Socialista. Outros factores, exteriores ao partido, também o justificam. Hoje como ontem -isto é: nos últimos tempos- a «maior maioria de sempre» não mata mas mói. Como afirmou recentemente um analista político, o PSD é a «Situação». O resto, conversa.

Os «espartilhos»

É «bonito» dizer-se que um dos locais de eleição da batalha política é o parlamento. Em Portugal, contudo, se calhar...foi. Um batalhão de 148 deputados atou (todas as) oposições de pés e mãos e, se mesmo ele não bastasse, sempre o PSD arranjou maneira de reduzir a intervenção, deitando mão ao famigerado «Regimento da Assembleia».

Em primeiro lugar, bem antes do período em análise nesta prosa, Constâncio tentou deitar mão ao «acordo de cavalheiros». Depressa atirou a fórmula -revelada ineficaz- para as calendas. Depois, jogou o «Governo-Sombra». Um ou outro tiro no «porta-aviões», mas nenhum rombo. Até certo ponto, a sua liderança estava já «marcada» pelo apoio a uma célebre moção de censura na miragem do poder ali à porta que deu no que deu.

Chegavam e sobravam, os espartilhos externos à eficácia de uma liderança que, se impôs uma imagem de rigor, nem sempre logrou libertar-se de uma argumentação tecnocrática muitas vezes difícil de decodificar. Ganhou consistência a ideia de que a UGT estava a ser mais eficaz do que o PS no combate à hegemonia cavaquistam. Mas quem a interiorizou talvez esqueça que a central sindical tinha à mão «pretextos» concretos para «armar guerra». Por isso arrastou a CGTP para uma greve geral contra o pacote laboral, que fez Cavaco -ainda que não o reconheça- perder o sono. Talvez mais do que em qualquer outra noite este ano.

E o PS? O que «podia» o PS? Navegar nas margens de um rio cujo leito já estava mais ou menos traçado pelo Governo. Claro que também batalhou contra todos os «pacotes», claro que também pediu remodelações e demissões. Mas acabou por ter de estacionar no cais do acordo de Revisão Constitucional. No qual, se alguma coisa ganhou, também perdeu. E aí, talvez tenha perdido mais no interior das suas paredes. Apenas dois dirigentes se opuseram ao acordo, mas a verdade é que muito boa gente no partido não vê com bons olhos a eliminação do articulado constitucional dessa referência ideológica -o socialismo- tão solidamente instalada em certos imaginários. Além de ter sido «esquecida» também a «moção de censura construtiva», para dar um só exemplo.

Continua na pág. 6

AGOSTO

Madeira: A nova Lei Eleitoral proposta por Alberto João Jardim - aumentando o número de eleitores necessários para eleger um deputado à Assembleia Regional - é «chumbada» pelo Tribunal Constitucional.

Pacotes governamentais: O pacote Agrícola e o Imposto Único passam no Tribunal Constitucional e em Belém. Os protestos da oposição, com especial incidência do PCP, não conseguem impedir a aprovação das chamadas «reformas estruturais» do Governo.



Cuellar e Soares, o encontro algarvio

SETEMBRO

Timor-Leste: Na residência de férias do Presidente da República, na praia do Vau, no Algarve, Perez de Cuellar, Cavaco Silva e o próprio Mário Soares debatem a questão de Timor-Leste e as negociações de paz em Angola. A Comunidade Europeia adopta uma «posição histórica» face à questão timorense, uma causa que considerava até então perdida. Numa declaração os «Doze» dão o seu apoio à posição portuguesa face aquele território e manifestam a esperança «numa breve solução internacionalmente aceite», sob os auspícios da ONU.



Festa do «Avante!»: a tradição

Festa do Avante: Pela primeira vez a grande festa dos comunistas não se realiza no Alto da Ajuda, mas sim na Quinta do Conde, em Loures. No encerramento, Álvaro Cunhal faz as mais duras críticas, das tornadas públicas até então, aos «grupos fraccionistas». Estas críticas geram grandes protestos de parte da ala renovadora dos comunistas.

PSD em conflito: Os social-democratas de Famalicão deixam praticamente de ter «quorum» naquela cidade, com a demissão de sete dos onze membros da Comissão Política. Os dirigentes concelhios abandonam o partido em sinal de protesto contra os castigos aplicados pela Federação Nacional de Futebol ao Futebol Clube de Famalicão, baixando-o para a III Divisão. O executivo camarário do PSD de Viana do Castelo também se encontra em convulsão.



Gama e Sampaio: os dois principais concorrentes... mas o segundo foi mais forte

O ano da (des)graça do maior partido da Oposição

Continuação da pág. 5

Porta batida, janela aberta

Quem para «acabar» com Abecasis; finanças na rua da amargura; «muitos apoiantes, poucos defensores»; «nariz» de Belém no Rato: quatro razões (públicas) para um despedimento voluntário. Todas, ou quase, ligadas a um fio condutor: esse fenómeno tão típico da política portuguesa de jurar fidelidade, mas «minar» na sombra. Foi desse mal que Constâncio se queixou. E também de outro, ainda pior: clamar oficialmente o «não é nada comigo», mas portar-se como se afinal fosse. Pela primeira vez, o homem que recusa o espectáculo fez espectáculo, o da sua própria demissão. Pela primeira vez, o homem a quem acusavam de hesitante, não pestanejou, agiu: bateu com a porta.

Ao fazê-lo, no entanto, abriu a janela. O País ficou a saber -se já não sabia- que ao PS falta dinheiro. Que dos 90 e tal por cento de fiéis, nem todos o eram. Que Constâncio também não foi capaz de fazer-se impôr, como se exige de um líder. E fazer-se impôr em duas frentes: na interna e na exter-

na (leia-se, neste caso, junto da Presidência da República). De pouco vale agora saber se Soares se metia mesmo na vida do partido -imagem que, como as sondagens «dizem», já dificilmente apagará. Importa, isso sim, compreender a influência do fenómeno de «orfandade» na vida do PS desde que assumiu a Presidência.

Renascer das cinzas?

Quando Mário Soares era secretário-geral, ele «era o PS», mais do que o PS. A falta de pluralismo interno que alguns denunciavam, morria nas cascas de reacções mais ou menos discretas. O sótão da casa de Guterres reflectia afinal, uma omnipresença que mais tarde ou mais cedo teria de produzir efeitos. Como todos os grandes líderes, Soares não «indigitou» sucessor. Nasceram assim «delfins» e «contra-delfins», enquanto novos e velhos «secretariados» iam ganhando terreno no partido. Almeida Santos deu ao PS a maior derrota da sua história e com a eleição de Constâncio parecia que, finalmente, os socialistas tinham conquistado a emancipação.

Mas também o (ainda) secretário-geral falhou na tentativa de cortar o cordão umbilical e o receio de que o orfão não consiga mesmo «safar-se» por si próprio voltou a instalar-se. Foi mais ou menos isso que Constâncio assumiu, quando questionou o PS sobre a opção entre a «independência» e a «assessoria» de Belém.

Este o palco em que os candidatos a sucessores começaram a actuar. O que continuou em jogo, depois de separadas as águas, foi o «soarismo sem Soares» ou um «grito do Ipiranga» assente em teses antigas no partido, protagonizadas em tempos pelos homens do «Ex-secretariado». Jaime Gama jogou no beneplácito do «fundador da Nação» como fiel depositário da «chave» e perdeu. Sampaio talvez acredite que há agora condições para a «autonomia» e nessa esperança foi secundado por muitos. Terá consciência de que é apenas o II da «dinastia» pós-Soares, o que só por si tem um preço? É no renascer das cinzas de um PS em crise que aposta, com «campos minados» -eleições autárquicas e europeias- no horizonte. Até ao Congresso, no entanto, muita água vai correr debaixo das portas.

Paulo Martins



Algés foi a surpresa: João Soares saiu enfraquecido



OUTUBRO



A descida até às bases «empurrado» pelos socialistas

Eleições Regionais: Realizam-se as eleições regionais nos arquipélagos da Madeira e dos Açores e no território de Macau. Nos Açores, Mota Amaral vê a sua tradicional maioria posta em perigo, conquistando apenas mais um deputado que a oposição. Na Madeira, o PSD baixa 5,3%, mas mesmo assim consegue manter a sua confortável maioria. Em Macau, as eleições ficam especialmente marcadas pela alta taxa de abstenção (70,3%).



Uma assinatura que abriu o caminho para a revisão

Revisão Constitucional: O PS e o PSD assinam finalmente o acordo de revisão constitucional, após vários meses de negociações, nem sempre pacíficas. No que se refere à Oposição, os partidos à esquerda de PS reagem violentamente contra o acordo, enquanto o CDS se congratula com o facto.

Demissão de Constâncio: Vítor Constâncio demite-se inesperadamente do cargo de secretário-geral do PS, alegando «falta de solidariedade» e «bloqueios internos». Ao fim de dois anos de direcção, Constâncio retira-se, deixando o PS mergulhado numa terrível crise de liderança. Amizades e inimizades vêm imediatamente à superfície: ao mesmo tempo que a maioria dos socialistas desencadeia uma vaga de solidariedade para com o dirigente demissionário, tornam-se públicos os desentendimentos entre Constâncio e Mário Soares, e surgem críticas à actuação do líder socialista.

NOVEMBRO

Quinta Cimeira Luso-Espanhola: Felipe Gonzalez vem a Lisboa para uma cimeira com o seu homólogo português a fim de analisar as relações entre os dois países. As questões económicas dominam as conversações e tudo decorre de forma pacífica.

Último apelo a Constâncio: O Secretariado Nacional do PS reúne-se para fazer um último apelo a Constâncio, mas este não se deixa demover e, ao mesmo tempo que jovens, sindicalistas e autarcas afirmam que só apoiarão Constâncio, Soares critica os que tentam envolvê-lo na guerra. Dias depois, Jorge Sampaio e Jaime Gama iniciam a corrida para a liderança do PS, cuja eleição decorrerá durante o Congresso Extraordinário dos socialistas, marcado para Janeiro.

Assembleia da República: o ano de todos os Pacotes

Trabalharam, muitos deles o ano inteiro, a mata-cavalos.

Perderam noites em guerras verbais, algumas memoráveis, na fugaz esperança de que a qualidade dos argumentos possa algum dia impor-se à quantidade das mãos levantadas para votar.

Aprovaram todos os pacotes que Cavaco Silva queria ver aprovados, no seu primeiro ano de maioria absoluta, ainda que, para a Minoria, a contribuição no processo se tenha limitado à contestação sistemática, exaustiva, fatigante e vã--das intenções do nosso Primeiro.

Alguns esforços fizeram e bem sucedidos para diluir a generalizada má imagem dos parlamentares perante a opinião pública--remanescente ainda dos tempos do fascismo e da ditadura, quando o Parlamento só servia para carimbar as decisões do Chefe. Indícios persistem de que, com a maior Maioria de sempre, esses tempos possam regressar. Mas não há-de ser nada, supomos.

Muitos terão votado, em ocasiões várias, à revelia da sua consciência, imolando as convicções pessoais no altar da disciplina partidária. Outros não terão dito tudo o que o coração lhes ordenava, calando protestos que os inibiriam--ou, pelo menos, lhe travariam a celeridade do passo--de atingir os

objectivos a que se propuseram na vida pública.

Prepararam as suas intervenções, no plenário e nas comissões, em condições precárias, amontoados em salas de grupo, à míngua de gabinetes de trabalho dignos e adequados, e sem apoios eficazes na produção de estudos e documentos.

E como se tudo isto não bastasse, passaram a estar sujeitos a um novo Regimento, imposto pela Maioria e tão castrador do direito de intervenção individual e de grupo, que chegou a ser comparado, durante os debates para a sua aprovação, ao RDM da tropa, de má memória para milhões de mancebos portugueses.

Valeu que nas vésperas de partirem para férias, o seu pré foi substancialmente aumentado: hoje, os deputados ganham melhor e mesmo que distantes dos seus pares europeus--até nos termos relativos a que devem obedecer as comparações não demagógicas entre grelhas salariais de países diferentes--já podem levantar mensalmente uma remuneração digna para a função que desempenham.

Se trabalharem bem e forem assíduos, se não faltarem às reuniões das Comissões, se morarem longe e tiverem em Lisboa um familiar amigo com quarto disponível, podem juntar, em salário e mordo-

mias, umas trezentas notas de mil. Os 200 contos e alguns trocos de salário-base, mesmo que não bastem para suprir o que, eventualmente, deixem de ganhar nas suas actividades privadas, já dão para comprar uns fatinhos e a gravata e, claro, o leitinho para os filhos.

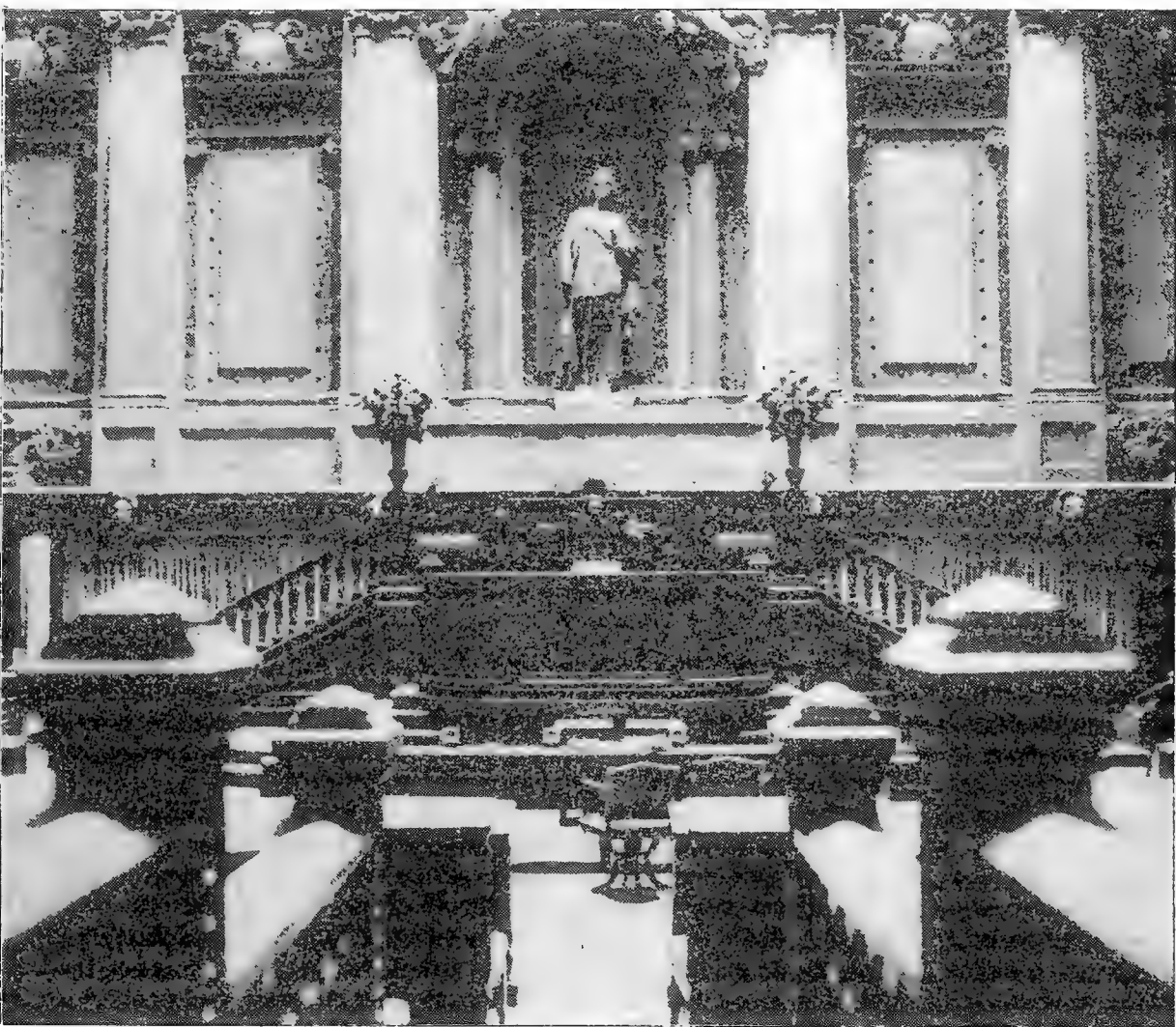
O ano de todos os pacotes

Eles são os deputados da Assembleia da República, os 250 intermediários dos cidadãos eleitores e os sujeitos efectivos da democracia representativa que vai estabilizando em Portugal não obstante a adolescência dos seus 14 anos.

E terão esses deputados, durante o ano de 1988, cumprido a função de representar os cidadãos que os elegeram? Julgamos que, em linhas gerais, isso aconteceu efectivamente. Vamos mais longe: o conhecimento directo da realidade parlamentar e da quantidade e qualidade do trabalho dos deputados, em função dos meios de que dispõem, obriga-nos a atribuir-lhes um crédito muito mais forte e mais justo de simpatia do que o atribuído pelo cidadão comum aos seus representantes no Parlamento.

Votando contra ou favor das

Continua na pág. 8





O livro foi a maneira de tornar pública a sua defesa

Expulsão de Zita Seabra: A dirigente comunista é expulsa do Comité Central do PCP por «incompatibilidades entre o comportamento assumido pela militante do PCP e a prática oficial do partido». A causa próxima desta decisão foi o anúncio, feito por Zita Seabra, do lançamento do seu livro «O Nome das Coisas», no qual dá a conhecer aos militantes do partido a sua defesa perante os ataques da direcção. O livro é apresentado dias mais tarde em Lisboa, ao mesmo tempo que a ala dirigente responde no «Avante» com a publicação de uma «Informação do Secretariado do Comité Central sobre a situação partidária de Zita Seabra».

Adesão à UEO: Portugal assina o protocolo de adesão à UEO, quatro anos após ter expresso a sua vontade de pertencer aquela organização, e no culminar das negociações iniciadas a 18 de Abril, altura em que foi formalmente convidado a entrar.

Portugal dirige a ATA: A Associação do Tratado Atlântico realiza a sua Assembleia Anual em Lisboa. Bernardino Gomes, antigo deputado do PS e vice-presidente daquela organização, é escolhido para exercer o cargo de presidente.

DEZEMBRO

XII Congresso do PCP: O mês começa com a reunião magna dos comunistas. Recusa do voto secreto para a eleição do Comité Central, algumas intervenções críticas e pouco mais levam o partido a uma renovação na continuidade. São aprovados novos Estatutos, um novo Programa e a Resolução Política propostos pela direcção. O debate à escala de todo o partido ficou adiado, quem sabe para o próximo Congresso de 1992.

PS em campanha eleitoral: com o mesmo empenhamento que teriam numa eleições nacionais, Jorge Sampaio e Jaime Gama percorrem o país de Norte a Sul em busca dos apoios que dentro do seu partido lhes possam garantir o lugar cimeiro na hierarquia socialista. No entanto, é uma campanha que se revela morna no confronto entre os dois candidatos, e cujo factor de maior polémica é a «infeliz» afirmação de Jaime Gama de que resolveria o problema financeiro do PS em dois meses.



Soares na Grécia: O presidente da República, retribuindo a visita a Portugal do seu homólogo grego, Christos Sartzakis, desloca-se à Grécia na altura em que este país está no termo do seu período de presidência da Comissão do Mercado Comum da CEE. A integração comunitária dos dois países constitui o fulcro das conversações entre os responsáveis portugueses e gregos.

Deputados sujeitam-se ao "RDM"

Continuação da pág. 7

propostas do Governo e dos projectos de cada grupo político com assento parlamentar, mas participando com a sua argumentação e o contributo do seu voto na vigência das novas leis, os 250 elementos do Parlamento apetrecharam o País, durante o ano de 88, com um acervo legislativo volumoso e susceptível de mudar muita coisa em relação ao passado, próximo ou distante.

Os diplomas legais mais importantes passaram todas por eles, chamem-lhe «reformas estruturais», como os designa o Programa do Governo, ou qualifiquemos de «pacotes» como o fez a Oposição. O ano parlamentar de 88 bem pode ser, aliás, recordado como «o ano de todos os pacotes» tantos foram os votados e aprova-

dos na segunda metade da primeira sessão da quinta legislatura e na primeira parte da segunda.

Pelo Parlamento passaram o pacote fiscal, com os seus mais importantes volumes do IRS e do IRC; o pacote judicial, nomeadamente com o novo código das custas e as diversas leis orgânicas, que tanto irritaram os advogados; o pacote agrícola, com diplomas dentro para os baldios, a reforma agrária e o emparcelamento; o pacote laboral—em primeira e segunda versões, depois do chumbo parcial pelo Tribunal Constitucional; o pacote das privatizações, à medida do que o Governo pretendia para o seu período de vida pré-revisão constitucional.

Talvez que o Parlamento tenha falhado a revisão constitucional,

uma das suas mais importantes tarefas previstas para o ano de 88. Mas não foi por culpa dos parlamentares. As negociações e decisões substancialmente relevantes, nesta matéria, passaram à margem do Parlamento porque delas se encarregaram os estados maiores do PSD e do PS. Ficaram os pormenores para decidir, a votos no plenário da Assembleia, e o articulação geral do que Cavaco Silva e Vitor Constâncio negociaram, com o que está a ser feito na Comissão Eventual de Revisão Constitucional.

Mas essa é já uma tarefa para o ano parlamentar de 1989, que deverá vir assim, a ser conhecido como o Ano da Revisão da Constituição.

Daniel Reis



Silva Marques, vice-presidente do Grupo Parlamentar do PSD, foi o autor material e o infatigável defensor do novo Regimento, autêntico azorrague de Cavaco Silva sobre as costas da minoria

INVESTIR PELO SEGURO

A COMPANHIA DE SEGUROS

IMPÉRIO

GRANDE INVESTIDORA INSTITUCIONAL,
OFERECE-LHE A POSSIBILIDADE
DE APLICAR, AGORA, AS SUAS POUPANÇAS

IMPÉRIO-INVESTIMENTO

Permite-lhe aplicar as suas poupanças a **médio prazo**, em unidades de valor único obtendo um rendimento anual elevado com um máximo de segurança: juro mínimo garantido de 8% e participação nos rendimentos obtidos pelo Fundo Autónomo.

CONTA POUPANÇA-REFORMA IMPÉRIO

Ajuda-o a criar, progressivamente e a **longo prazo**, um capital que complementa a sua reforma e lhe dá a garantia de manter, no futuro, o nível de vida a que está habituado.



Dois produtos IMPÉRIO que você pode escolher de acordo com o seu caso concreto. Ambos lhe garantem: **um rendimento elevado e seguro, fiscalidade favorável*, simplicidade e transparência.**

Contacte connosco.

Envie, hoje mesmo, o cupão que juntamos. Sem qualquer compromisso.

*Isenção total de imposto de capitais e de imposto de sucessões e doações e, ainda, dedução na matéria colectável do seu imposto complementar.

HIPER

Para informações à IMPÉRIO - direcção VIDA - R. Garrett, 62 - 1200 LISBOA
ou R. Sá da Bandeira, 84 - 4000 PORTO

Desejo receber sem compromisso informações sobre «CONTA-POUPANÇA-REFORMA»
e «IMPÉRIO-INVESTIMENTO»

Nome _____

Morada _____

Tel. _____

D. LISBOA

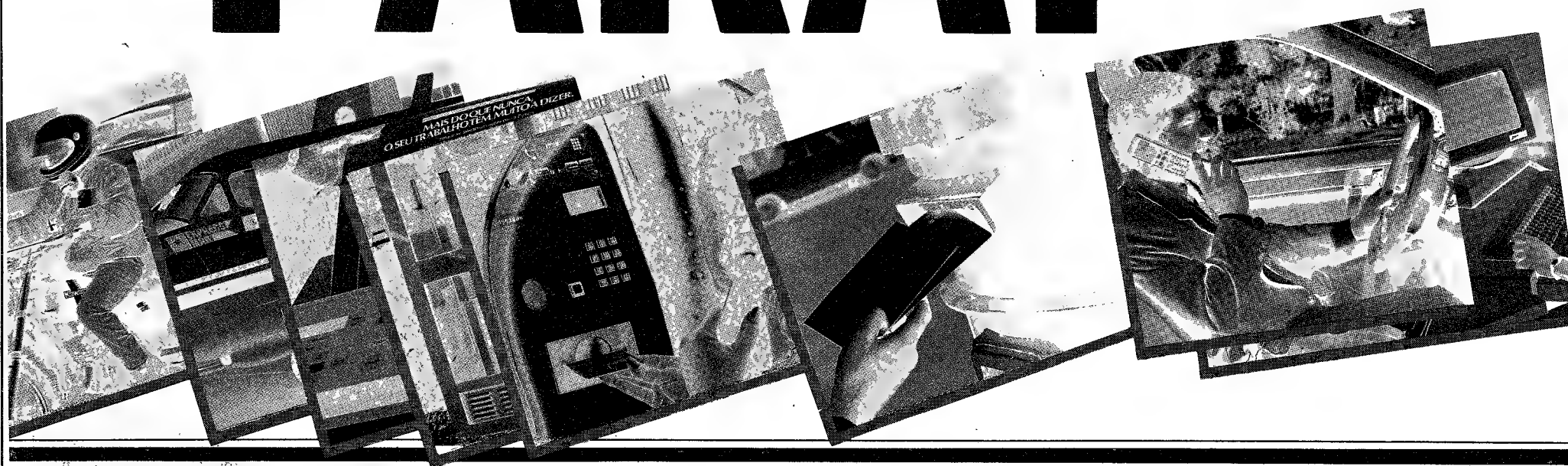


AO SEU SERVIÇO

IMPÉRIO
a sua seguradora

O MUNDO NÃO PÁRA!

Pelo contrário, o mundo
avança, todos os dias, a um
ritmo imparável.
No mundo das Comunicações,
a mudança é um desafio
a exigir uma resposta
pronta e eficaz.
É este o nosso caminho.
Porque o mundo não
para, respondemos
já hoje aos desafios
dos anos 90.



CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL



Telefones de Lisboa e Porto

O ANO ECONÓMICO

Todos os indicadores emitidos por insuspeitas fontes estrangeiras fornecem um prognóstico medianamente optimista: a economia portuguesa está razoavelmente bem, o futuro (ainda) não é sombrio. Mas, a moderação da OCDE, da Comissão Europeia ou do Banco Mundial não contrastam apenas com a excessiva euforia do «nosso» ministro das Finanças: contrariamente ao seu (contestado) discurso público, as análises que chegam de além fronteiras radicam boa parte dos «êxitos» na favorável conjuntura externa. Neste contexto, Miguel Cadilhe, tal como o rei da estórias infantis, desfilou nú em 1988. Para além disso, este foi, também, o ano do Mercado Único: um objectivo para 92/93.



A grande derrapagem

A política anti-inflacionista do Governo sofreu, este ano, um revés com a «derrapagem» do processo descendente da inflação, iniciada em 1985.

A taxa de 9,2 por cento registada em Outubro último, pôs termo a todas as previsões governamentais que apontavam para uma inflação entre 5,5 a 6,5 por cento.

Ninguém pediu milagres ao Governo, nem ninguém os esperava, afirmaria a Oposição ao verificar que os valores da taxa de inflação, em 1988, iriam ficar muito acima do previsto.

O Governo, porém, animado com os números de 1987, ano em que a inflação atingiu o valor mais baixo dos últimos 17 anos (9,4 por cento), considerou possível continuar o processo descendente da taxa e chegar aos 6,5 por cento.

Previsões contrariadas, logo de início, pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico) e pelos parceiros sociais, que sempre consideraram impossível atingir a meta governamental.

Em Junho do ano passado, a OC-

DE previa uma inflação de 7,5 por cento para Portugal em 1988, previsão que seria, mais tarde, rectificada para 8 por cento.

A Comissão das Comunidades Europeias rectificou, também, as suas previsões, mas para melhor — de uma inflação prevista de 8,4 por cento em Maio de 1987, passou para 6,5 por cento em Outubro.

Quanto aos parceiros sociais, todos disseram haver falta de credibilidade nas previsões do Governo, e as centrais sindicais secundaram a previsão de 8 por cento da OCDE.

Facto que, no entanto, não impediu a UGT de, mais tarde, juntamente com a CCP (Confederação do Comércio Português) e a CAP (Confederação dos Agricultores de Portugal), subscrever o acordo de política de rendimentos que o Governo levou à Concertação Social e que previa uma inflação máxima de 6,5 por cento para este ano.

O ministro das Finanças, Miguel Cadilhe, garantia que a inflação iria baixar, posição que manteve durante vários meses, mesmo quando tudo indicava o contrário.

Das metas propostas para 1988 — baixar a inflação para 6 por cen-

to, baixar o desemprego, promover o crescimento da economia nacional e o desagregamento do desequilíbrio externo — o Governo apenas conseguiu duas — Portugal tem actualmente a segunda mais baixa taxa de desemprego da CEE e a economia revela um crescimento «saudável».

Relativamente à inflação, os resultados são os conhecidos — em Outubro último a taxa situava-se em 9,2 por cento, prevendo-se que até ao final do ano se venha a situar em 9,5 por cento, de acordo com a síntese de conjuntura relativa a Novembro, do Banco de Portugal.

A balança comercial, por seu lado, sofreu um agravamento de 8,49 por cento nos primeiros oito meses de 1988, apresentando um défice de 462 milhões de contos.

Metas adiadas

O «milagre de São Cadilhe» — como alguns lhe chamaram — não se concretizou, o que não revela surpresa já que se torna difícil, se não mesmo impossível, conseguir baixar a inflação e o desemprego, ao mesmo tempo que se procura o crescimento da economia e o desagregamento do défice externo.

A inflação começou a apresentar sinais contrários às previsões do Governo logo no início do ano — os preços no consumidor subiram 0,8 por cento em Janeiro e 1,4 por cento em Fevereiro, o que, segundo a Oposição, implicava uma inflação bastante superior aos 6,5 por cento previstos, mesmo que os preços se mantivessem estáveis até finais de 1988.

O líder socialista, Vítor Constâncio, chegou mesmo a defender a remodelação da equipa económica do Governo, afirmando que Cavaco Silva se tinha enganado nas contas.

Mas Miguel Cadilhe manteve-se firme na sua posição — «Neste momento não vejo razões para anunciar medidas anti-inflacionistas» afirmou no Parlamento, no início do mês de Abril, justificando-se com o facto de o Instituto Nacional de Estatística (INE) utilizar um novo índice de preços, diferente do anterior e sobre o qual o Governo tinha feito as suas contas.

O ministro das Finanças reafirmou a sua promessa de baixar a inflação para 6,5 por cento, lembrando que a política do Governo, nesse domínio, foi cumprida em 1986 e em 1987.

Os números revelados pelo INE nos meses seguintes indicavam, porém, que a meta governamental ficaria por atingir, mas enquanto Cadilhe se recusava aceitar essa posição, defendida pelas

centrais sindicais, o Primeiro-Ministro começava a recuar.

Questionado sobre o assunto após o habitual encontro semanal com o Presidente da República, em meados de Julho, Cavaco Silva diria que se o objectivo governamental não fosse alcançado até Dezembro, seria, porém, conseguido até Março de 1989.

Embora recusando a possibilidade de a meta do Governo estar irremediavelmente comprometida, o Primeiro-Ministro adia a questão para o ano seguinte, e, tal como o ministro das Finanças, salientava outros factos «positivos» devidamente realçados nos relatórios do Banco de Portugal e da CEE.

«A economia portuguesa está de boa saúde e os portugueses estão a experimentar aquilo que não conheceram no passado — o aumento do poder de compra», disse.

Face a esta situação, Cavaco Silva considerou desnecessária qualquer revisão ao acordo de rendimentos e preços, como pretendiam as centrais sindicais.

A UGT denunciara, entretanto, o acordo de política de rendimentos para 1988, reclamando o reajustamento dos salários dos trabalhadores que, no início do ano, tinham sido aumentados apenas 6,5 por cento.

Continua na pag. 12

O "boom" da Imprensa



A derrapagem

Irrealismo prevalece

Continuação da pág. 11

A polémica sobre a inflação atingiu o seu ponto mais alto em Agosto, altura em que o INE revelou os números relativos a Julho — a taxa passou de 8,9 por cento para 9 por cento, invertendo, pela primeira vez, a tendência decrescente verificada desde o início do ano.

A UGT reclama um novo acordo de política de rendimentos, mas o Governo não aceita, apesar de apenas a CCP considerar ser ainda possível atingir os 6,5 por cento no final do ano.

O Governo acusa ainda a UGT de estar a despoletar uma subida da inflação ao pretender um novo acordo de rendimentos, e só em meados de Setembro abandona de vez a defesa dos 6,5 por cento.

Miguel Cadilhe afirma então que a economia revela um crescimento «saúdável e sólido», apesar de «factores externos terem determinado uma evolução menos favorável da inflação em Julho e Agosto».

Aponta como causas para a subida da inflação a seca nos Estados Unidos e as fortes chuvas de Maio e Junho em Portugal, que provocaram uma subida anormal nos preços dos produtos agrícolas.

A pressão da procura interna e os acréscimos das margens de lucro praticados, em média, pelas empresas, foram outros factores apontados por Cadilhe, que subalterna assim as directivas do acordo de política de rendimentos e preços.

O falhanço do Governo relativamente à inflação teve efeitos imediatos a nível comunitário e na OCDE.

Em Outubro deste ano, Portugal registava a segunda maior taxa de inflação da CEE, apenas inferior à da Grécia.

Quanto à OCDE, números relativos a Agosto referem que Portugal registou o segundo maior acréscimo de inflação, sendo apenas ultrapassado pela Turquia.

No que respeita a 1989, e apesar da derrapagem verificada este ano, as previsões do Governo mantêm-se optimistas.

Nas Grandes Opções do Plano e na proposta de lei de Orçamento de Estado para 1989, o Executivo reafirma o seu empenho em continuar o combate à inflação, e fala numa taxa máxima de 6 por cento.

Meta por muitos já considerada irrealista, já que mesmo congelando os preços ao nível de Dezembro de 1988 durante todo o próximo ano, a inflação se situaria entre os 5,1 e os 5,5 por cento.

A posição do Governo torna-se ainda mais incompreensível quando confrontada com as previsões da Comissão Europeia e sobretudo com declarações do próprio ministro das Finanças.

Em encontro recente com os jornalistas, recorde-se, Cadilhe admitiu que os valores da inflação podem atingir 7 a 7,5 por cento em 1989.

Um relatório da Comissão Europeia divulgado em Outubro, aponta por seu lado, para uma inflação de 7 por cento para Portugal em 1989.

Para já, parece que só o Governo acredita numa eventual redução da inflação para 6 por cento, facto que irá certamente criar obstáculos à assinatura, pelos parceiros sociais, de um acordo de política de rendimentos e preços para o próximo ano.

Cristina Cardoso
(Exclusivo Lusa/DL)

Este ano a «inflação» marcou pontos em Portugal, a sua subida foi incontrolável e atingiu mais de 30 por cento... O ministro Cadilhe nada pôde fazer para controlar o aumento ímpar de publicações diárias, semanais e mensais que já se verificou.

Com efeito, no início deste ano editavam-se em Portugal 32 publicações de âmbito nacional; a partir do mês de Maio o número começou a aumentar e, actualmente, existem mais 11 jornais e revistas.

Este grande surto da Imprensa portuguesa só é ultrapassado pelo verificado, após a Revolução de 1820, entre 1861 e 1890, espaço de tempo em que foi iniciada uma publicação média anual de cerca de 106 periódicos, que, nos 31 anos, totalizaram 3300.

«Não há, presentemente, loja de barbeiro, sapateiro, nem tenda nem taberna, ou outras quaisquer lojas desta espécie, que não estejam convertidas em Câmaras de Deputados sem procuração e onde se decidam magistralmente os destinos da Pátria; e há barbeirinho tão eloquente que, quando dá o fio a uma navalha, é capaz de escovar uma dúzia de ministros.»

Estas palavras foram escritas antes da restauração do Absolutismo, por um cronista da altura, mas, com ligeiras alterações, podiam-se adaptar à nossa época marcada por uma liberdade de pensamento e expressão, na qual, igualmente, sobe cada vez mais a importância do jornal como instrumento de cultura colectiva.

Com a restauração do Absolutismo desceu o número de periódicos, como refere José Hermano Saraiva na sua «História Concisa de Portugal». No entanto, este começou a subir depois da Regeneração e ao longo de toda a segunda metade do século passado.

A história é cíclica, as situações decalcam-se umas das outras. Neste ano de 1988, Portugal «sofreu» uma grande reviravolta a nível da

Comunicação Social e esta não se revelou apenas no aumento do número de publicações, mas também nas «transferências» de jornalistas, profissionais que estão, finalmente, a ser respeitados pelo seu valor.

A primeira publicação a contribuir para a «inflação» na Imprensa foi um jornal semanário que, intitulado «O Independente» e dirigido por Miguel Esteves Cardoso, surgiu nas bancas no dia 20 de Maio prometendo sair sempre à sexta-feira e ser diferente dos outros.

No mês seguinte, no dia 18, surge uma revista de «grande informação», com uma apresentação que se pretende semelhante a algumas publicações estrangeiras. Sexta-feira foi, também, o dia da semana escolhido para chegar ao grande público, embora esta revista, cujo director é o jornalista Joaquim Letria, se chame «Sábado».

Entretanto, os jornalistas «saltam» de um lado para o outro. A procura suplanta a oferta e, num só mês, são colocadas à venda três novas revistas mensais especialmente dedicadas ao público feminino. Duas têm títulos estrangeiros e uma é «para a mulher que pensa em português».

Já publicadas noutros países, surgiram agora em versão portuguesa a «Marie Claire», dirigida pela jornalista Maria Elisa, e a «Elle», com direcção de Teresa Coelho. A portuguesa denomina-se «Máxima» e tem por directora Madalena Frago. No mês seguinte, em Novembro, foi a vez dos jornais. No dia 3, com Madalena Paraíso na direcção, começou a ser editado, à quinta-feira, um semanário musical — «LP». Sete dias depois, apareceu um diário, o seu nome é «Europeu», embora deseje privilegiar as relações com África. O director é o jornalista Augusto de Carvalho.

Outro semanário, mas de informação geral, nasceu para o público no dia 26; sábado é o seu dia de

saída e «à cabeça» da equipa redactorial está o jornalista António Ribeiro Ferreira. Chama-se «Primeira Página» e pretende «roubar» leitores ao «Tal & Qual».

Outras publicações nasceram ainda ao longo deste período de tempo, como foi o caso da revista «Classe», com periodicidade mensal e valorizando a economia; e, ainda, por altura do Verão, os semanários «Sexus» e «Star».

Mas a ebulição da Comunicação Social não foi apenas marcada pelo aparecimento de novas publicações; as transformações nas já existentes contribuíram também para este «rebolicho» na Imprensa.

O vespertino «A Capital» foi vendido à empresa de Pinto Balsemão. Tratou-se do primeiro jornal estatal a ser posto à venda e esta atitude implicou mudanças na direcção de duas publicações: na própria «A Capital» e no semanário de espectáculos «Sete».

O antigo director do vespertino, Rudolfo Iriarte, foi dirigir o «Sete», que passou também a apresentar uma nova revista de astrologia, o «Astrosete»; o lugar vago em «A Capital» acabou por ser ocupado, em Outubro, pelo jornalista da RTP Mário Crespo.

Entretanto, o jornalista Pacheco de Andrade demitiu-se do «Diário Popular» e foi substituído pelo historiador José Hermano Saraiva; o «Século» passou a ser dirigido por Artur Albarran e, a 8 de Novembro, começou a sair a cores e fez renascer as revistas «Vida Mundial» e «Século Ilustrado». A agência Lusa também se renovou e para a dirigir, no sector da informação, foi nomeado Eduardo Oliveira e Silva, que deixou idêntico cargo na RDP.

Por outro lado, dois semanários mudaram o papel das suas revistas, o «Expresso», que reduziu também o formato, e «O Jornal». O «Semanário», por seu turno, aumentou o número de páginas da sua «Olá». Alterações verificaram-se

igualmente no «Tal & Qual», que passou a apresentar uma primeira página a cores e a contar com o jornalista Mário Zambujal no cargo de director-geral.

De referir, igualmente, que os diários «Correio da Manhã» e «Jornal de O Dia» passaram a incluir, respectivamente, à sexta-feira e ao domingo, duas novas revistas.

Por último, registem-se aqui as mudanças operadas no centenário «Diário de Notícias», que são, de longe, as mais surpreendentes.

De facto, há dias (a 12 deste mês), sem que nada o fizesse prever, o Conselho de Gerência deste órgão de informação demitiu toda a direcção composta por Dinis de Abreu (director) e por Helena Marques e Bettencourt Resende. Foram apresentadas «razões de estrita natureza funcional». Para director interino foi nomeado o jornalista Fernando Madrinha, que pertencia ao gabinete editorial.

Madrinha não chegou, contudo, a ocupar o cargo. Ao saber que o Conselho de Gerência se tinha demitido, Fernando Madrinha seguiu os seus passos e foi o nome do jornalista Fernando Pires que apareceu, dia 14, a substituir, interinamente, Dinis de Abreu.

Seguiu-se a demissão de dois membros do Conselho de Gerência, entre eles Antunes da Silva, que acusou o ministro Couto dos Santos de ter, em tempos, sido ele próprio a solicitar a demissão da direcção do «DN».

Couto dos Santos desmente, e novo Conselho de Gerência surge então.

A outra novidade ligada ao «DN» prende-se com o facto de este passar a incluir um novo quotidiano europeu, em várias línguas. Trata-se do «The European», cujo número zero saiu no dia 10 de Dezembro, mas que só começará a aparecer, diariamente, em Maio do próximo ano.

Anabela Natário
(Exclusivo Lusa/DL)



O desafio do Mercado Único

A Europa, a Ocidental ou a que como tal tratamos, tem 48 meses para mudar de cara, de corpo e de cabeça. Mudar de cara, porque as fronteiras internas serão abatidas ao entrar-se no primeiro minuto de 1993, momento em que nascerá a realidade do Mercado Único Europeu. Mudar de corpo, porque tudo o que é sistema nacional, tudo o que configura o quotidiano organizado de uma nacionalidade será, em maior ou menor grau, alterado pela internacionalização que a

CEE significa. Mudar de cabeça, porque o pensar pequeno ou médio será implacavelmente esmagado pelo pensar gigantesco e unificado que o viver em um Mercado Único de 320 milhões de pessoas a todas elas obrigará. Denis Healey, antigo Chanceler do Tesouro britânico, disse-o clara e secamente: «Não pode haver um mercado europeu sem um sistema europeu».

A preparação deste «sistema europeu» decorre desde a assina-

tura do Acto Único Europeu, e, tal como se afirmou na recente cimeira de Rodes, já está aprovada pelo Parlamento de Estrasburgo mais de metade das 279 medidas preconizadas no Livro Branco que pormenoriza os grandes princípios previstos no Acto Único. Mas não só é imperioso completar essa legislação europeia (e há pela frente grandes obstáculos) como importa estar consciente, em teoria e na prática, de que o processo de integração é irreversível, sobe como

maré imparável e continuará para além de 1993.

Oitenta por cento

O presidente da Comissão Europeia, Jacques Delors, avisou, na conferência de Imprensa que deu em Bruxelas, em fins de Novembro passado: «Dentro de dez anos, oitenta por cento da legislação económica e também talvez da legislação social será comunitária; por isso digo que os Paramentos

nacionais devem envolver-se mais num trabalho europeu».

O Estudo Cecchini prevê que do Mercado Único resultarão os seguintes benefícios gerais: crescimento de 5% do PNB da Comunidade, descida de 6% dos preços e a criação de 2 milhões de postos de trabalho. Apesar de aridamente aritméticos, estes números representam um futuro relativamente doirado mas existem várias manchas escuras neste irreversível

Continua na pág. 14

1993, o quê?

Governo

Mobilização nacional

A realização do mercado interno até finais de 1992 é o grande desafio que a Comunidade enfrenta. Para nós, portugueses, é também o desafio do desenvolvimento.

Não se ilude que, tratando-se de um desafio, apresenta riscos e oportunidades: há que maximizar estas e limitar aqueles para que o horizonte de 1992 venha a ser preenchido por um projecto de sucesso para todos.

Não cabe apenas ao Governo a preparação para esses desafios: todos partilhamos a responsabilidade de lançar o País para a nova era de progresso e modernidade. Exige-se uma verdadeira mobilização nacional.

Em 1988 foram muitos os passos firmes que o País realizou em direcção a esses objectivos de 1992, dos quais destaco três.

Informação

Em primeiro lugar a preparação de um programa de aplicação dos fundos comunitários até 1992 (Portugal-1992). Até ao fim daquele ano cerca de mil e duzentos milhões de contos vão fluir da Comunidade Europeia para Portugal, na sequência das reformas decididas no Conselho Europeu de Fevereiro passado.

Em segundo lugar, o lançamento do PEDIP, verdadeira oportunidade histórica para a indústria portuguesa se preparar para o mercado único.

Finalmente, o início da campanha de informação Europa 1992, com a criação do Secretariado Europa 1992 e o lançamento público de um caderno sobre o mercado interno.

Victor Martins

Secretário de Estado da Integração Europeia

CIP

A ausência

Desenvolvemos junto da Confederação das Indústrias Portuguesas - CIP - as mesmas diligências que junto das outras entidades cujo testemunho aqui publicamos, sobre o que foram, ou não foram, em 1988, os preparativos levados a cabo em Portugal com vista ao Mercado Único de 1993. Tínhamos, naturalmente, uma data limite para o recebimento dos textos mas nem uma prorrogação de 24 horas nos permitiu obter o testemunho da CIP.

A explicação dada foi a da ausência de responsáveis que pudessem apresentar a opinião da confederação sobre este tema. Não temos razão para duvidar da dificuldade. Lamentamos, no entanto, não ter o parecer daquele que é, precisamente, um dos organismos mais directamente ligado ao desafio de 93 e no qual, pelos vistos, não abundam os técnicos interessados em escrever umas quinze linhas com o que a CIP pensa neste caso.

Continua na pág. 14





O desafio

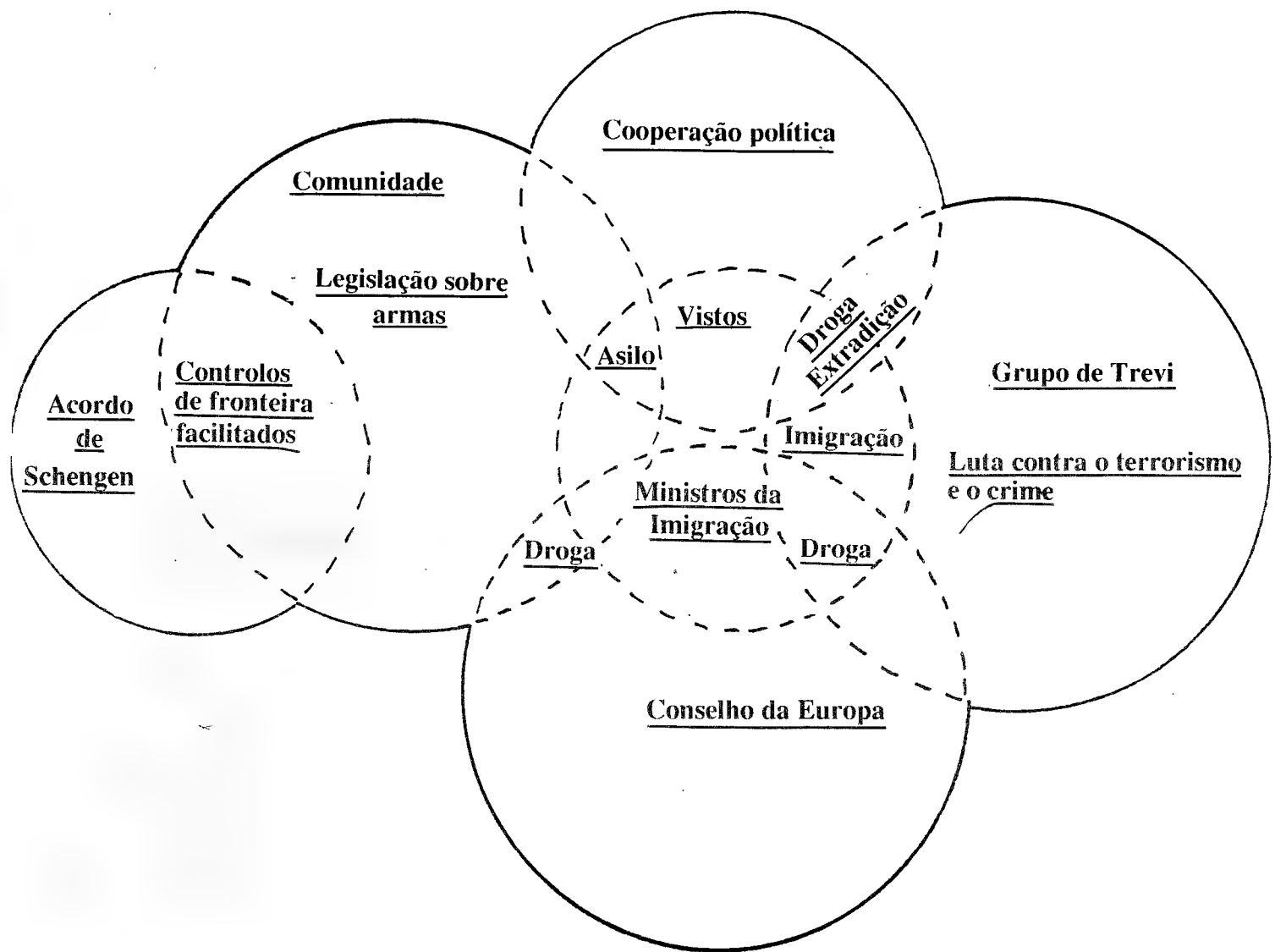
Continuação da pag. 13

processo doirado. Ainda há menos de um mês, em entrevista ao "Financial Times", Carlo de Benedetti, grande patrão da Olivetti e de mais coisas, dava um alarme: «As instituições políticas da Comunidade Europeia precisam de desenvolvimento e de fortalecimento se os Doze quiserem enfrentar com êxito o drama das empresas "mortas e feridas" que lhes vão aparecer pela frente assim que abrir o Mercado Único.....As companhias europeias estão a ser lentas na internacionalização das suas actividades, encontrando grande dificuldade numa reestruturação através das fronteiras nacionais».

É irreversível

A leitura dos testemunhos portugueses que nesta página reproduzimos poderão gerar uma confusão de sentimentos em relação ao Mercado Único, mistura de optimismo não mais do que moderado com a inquietação do grande desafio que vem aí. Em 1988, as cimeiras europeias de Hanover (Junho) e de Rodes (Dezembro) definiram e confirmaram a irreversibilidade do processo que nos leva ao Mercado Único. E o ano que acaba agora registou grandes progressos nesse caminho, sobretudo na sua primeira metade. Mas se não forem levadas até ao fim maciças campanhas de informação que mudem a cara, o corpo e a cabeça das entidades públicas e privadas e da maioria dos 320 milhões que vão viver na futura Europa dos Cidadãos, então gozem 1989 porque 1993 poderá ser o ano em que os maus alunos apanharão reguadas.

Paulo David



A utilização da geometria na análise de forças (políticas, sociais e muitas outras, quase todas...) tem arduos partidários. Embora possa dar uma falsa aparência de nitidez ao complexo jogo de forças, a geometrização apetece. E Jacques Delors não foge à regra, com esta sua «galáxia». Aplica-se ela ao problema do desmantelamento das fronteiras, na CEE, com a entrada em vigor do Mercado Único, em 1993. Um minuto de atenção à gravura e teremos ideia de como departamentos autónomos se sobrepõem e por esta sobreposição são arrastados para a prática da sua legislação e para a coordenação das suas acções

1993, o quê?

Continuação da pag. 13

C. C. P.

Mais responsabilidade

Algo se fez, sem dúvida, em 88 tendo em vista a próxima entrada de Portugal no Mercado Único Europeu...

...Quanto ao que ficou por fazer ou se fez de forma manifestamente insatisfatória destaca-se a legislação laboral e o processo das privatizações (dependente de um moroso - demasiado, pensamos - processo de revisão constitucional desbloqueado favoravelmente com o acordo entre os dois maiores partidos nacionais).

Quanto ao que se fez, o destaque vai, em primeiro lugar, para a crescente consciência, por parte de todos, do carácter imperioso de estruturar e modernizar rapidamente a nossa economia. O Mercado Único é encarado com manifesto optimismo pela esmagadora maioria dos agentes económicos prontos a enfrentar o desafio que ele representa, mas também se reforça um sentimento de responsabilidade acrescida, quer dos agentes económicos quer do país no seu todo.

Programa especial para o Comércio

A aprovação do PEDIP poderá constituir um acelerador da reestruturação do nosso desequilibrado sector industrial, mas se não fôr complementado com outras acções noutros sectores, especialmente, no sector terciário, a sua utilidade será diminuta.

A apresentação pela CCP ao longo de 88 de um Programa Especial de Desenvolvimento do Comércio (PEDEC) que, não sendo cópia, nem se pautando por critérios idênticos, de outros programas sectoriais, irá constituir um importante contributo para enfrentarmos como

economia no seu conjunto o Mercado Único de 320 milhões de consumidores. Neste momento finaliza-se o conteúdo deste programa através do diálogo com o Governo, visando, igualmente, a sua aprovação por este já que as estruturas representativas do comércio já o fizeram nas instâncias próprias...

CAP

Feito e não feito

O que foi feito em 1988:

- Contribuição importante da distribuição de fundos Comunitários para a modernização da Agricultura Portuguesa.
- Início da liberalização da comercialização de cereais com a finalidade de serem criadas infraestruturas para a sua comercialização.
- Começo ainda que tímido do programa de reestruturação do sector vitícola.
- Melhoramento ainda que parcial da rede viária e electrificação rural.

O que não foi feito em 1988:

- Não se organizou o mercado agrícola Português com vista ao abastecimento interno e à exportação.
- Não se adaptou o programa da produção de leite com vista ao aumento da procura interna e às carências agora verificadas no mercado externo.
- Não se definiu por parte do Governo o destino a dar aos antigos organismos de intervenção tais como Junta Nacional do Vinho, E-PAC, etc.
- Não se caracterizou a tão decantada especificidade da Agricultura Portuguesa.
- Não se incluiu a floresta Mediterrânica de sobreiro no programa de acção florestal.

TDM/MACAU

Um "escândalo" apontado a Belém que irritou os chineses



Tudo começou na administração Pinto Machado, quando Nuno Delerue, secretário-adjunto do Governador de Macau que tinha a seu cargo a comunicação social, chamou ao seu gabinete António Ribeiro, presidente da TDM, para lhe comunicar que o ia demitir, alegando irregularidades diversas por ele praticadas na gestão da empresa. Em 16 de Junho de 1987, Leal de Carvalho, com base num relatório apresentado por Maria Belém, propôs ao Governador Pinto Machado procedimento disciplinar contra António Ribeiro, por suspeita de irregularidades. Pinto Machado já tinha nessa altura pedido a sua exoneração e deixou a batata quente para o seu sucessor, Carlos Melancia, que deste modo recebeu uma herança envenenada e se viu envolvido num caso com o qual, inicialmente, nada tinha a ver.

Em cena entra também Maia Cadete, jornalista levado para Macau por António Ribeiro. Numa inesperada entrevista a um jornal local, Cadete acusa o presidente da TDM de irregularidades financeiras. Tudo isto iria dar origem a um controverso processo judicial, distribuído ao juiz José Manuel Celeiro, que manda prender António Ribeiro como suspeito de «peculato sob forma tentada».

Como cenário de fundo apresenta-se o interesse da Emáudio numa participação no capital da TDM. Há contactos diversos, estudos de

viabilidade, encontros com o Governador para discutir a questão. Melancia quer que RTP assumia uma posição na TDM. A RTP mostra-se inicialmente interessada mas, ao que parece, não quer assumir a parte que lhe corresponderia no passivo da empresa e põe-se de lado, apresentando um conjunto de justificações pouco convincentes.

Cresce a bola de neve da polémica e da contra-informação. Cada um aduzindo as suas razões e tentando atribuir a Melancia o papel de protagonista de uma negociação tendente a favorecer a Emáudio, empresa de que havia sido fundador mas da qual já se havia retirado há bastante tempo.

Estava em marcha o chamado «escândalo TDM». Sobre o governador Carlos Melancia e sobre o próprio Presidente da República desaba uma campanha de inusitadas proporções. Cedo se compreende que, para alguns dos intervenientes, o objectivo era provocar a demissão do governador e atingir a imagem de Mário Soares. As pressões sobre Belém sucedem-se. Soares não cede e reafirma a sua confiança a Carlos Melancia. O Presidente da República compreende perfeitamente que há uma tentativa para o fazer entrar na discussão pública. É nítido que querem obrigá-lo a falar. Soares distancia-se do problema e fica a ver de cima a algararra que se faz no terreiro dos interesses.

Quem formasse a sua opinião unicamente com base no muito que se escreveu sobre o chamado caso TDM, ficaria convencido de que Macau se resume a um pequeno espaço com a TDM de um lado, o Palácio do Governo do outro, e no meio uns tantos funcionários envolvidos em permanentes mexericos e querelas pessoais.

Continuaria a desconhecer que o território é de uma enorme vitalidade económica, que apresenta um espectacular índice per capita de exportações, que só de têxteis venderá, este ano, para os mercados externos, mais de 270 milhões de contos, que as contas públicas apresentam invejáveis excedentes apesar dos grandes investimentos em curso, que a moeda local apresenta uma taxa de cobertura invulgar em qualquer parte do mundo.

Em termos de informação, em 1988, Macau reduziu-se, assim, ao chamado «escândalo» TDM. Uma empresa altamente deficitária, por condicionalismos locais sem perspectivas, foi apresentada como o negócio do século. Algumas alegadas irregularidades de forma na sua gestão, foram promovidas à categoria de «escândalo» do ano. Daí partiu-se para uma violenta campanha contra a actual administração do território e, de uma forma mais velada, contra o próprio Presidente da República, enquanto em Portugal, o escândalo dos dinheiros do Fundo Social Europeu passava para segundo

plano. Escândalo por escândalo, o da TDM cabia na cova de um dente desse que envolve os dinheiros comunitários.

É evidente que um grande escândalo não pode servir de justificação para apagar um pequeno escândalo. Mas tudo tem a sua dimensão própria. O empolamento dado à questão da TDM acabou por retirar credibilidade aos argumentos utilizados.

De qualquer forma, exportou-se para o território um clima de instabilidade que irritou visivelmente os chineses. É significativo observar que, enquanto a imprensa portuguesa de Macau se dividia nesta questão, os jornais chineses, chamavam a isto «o pequeno incidente da TDM» e criticavam os que em «Portugal tentam transferir para o território os seus conflitos e gerar a instabilidade». Um desses jornais, escrevia mesmo, ainda há algumas semanas, que aqueles que em Portugal tentam criar a instabilidade em Macau, podem vir a ser acusados de estarem a violar o acordo luso-chinês, o que não pode deixar de ser interpretado como um aviso à navegação portuguesa naquelas paragens.

O período de transição que se vive tanto em Macau como em Hong Kong não é fácil e apresenta perspectivas contraditórias face aos interesses que se movem. É por isso que a «estabilidade» assume uma importância total para as comunidades chinesa e macaense. O caso TDM, apresentado em Por-

tugal como «escândalo», não é visto em Macau da mesma forma.

Mas, independentemente de haver ou não escândalo, e do que a justiça vier a apurar, um equívoco a desfazer é que a TDM fosse um grande negócio, com os seus três ou quatro milhares de telespectadores. Faria talvez mais sentido dizer que o Governador queria ver-se livre de uma empresa que lhe entrava pesadamente no orçamento do que de estar a favorecer uma determinada entidade, aliás a única que pareceu interessar-se pelo projecto. Aliás, para haver privilégios é necessário que existam privilegiados e lesados. É significativo que, até hoje, não se conhece nenhuma entidade que se tenha apresentado como lesada neste caso.

O processo judicial segue agora os seus trâmites normais, ao que parece esvaziando-se por todos os lados. Carlos Melancia foi ouvido como declarante, no seu gabinete do Palácio da Praia Grande, pelo juiz José Manuel Celeiro. A opinião pública em Macau, na sua grande parte, acredita que tudo se tem vindo a clarificar num sentido diferente daquele com que as coisas foram inicialmente apresentadas. E não se vê muito bem como possa agora ser posto em causa um procedimento do Governador que viria a ser aprovado por unanimidade, no dia 16 de Dezembro último, pela própria Assembleia Legislativa de Macau.

Augusto Vilela

1989

Livros de que vai ouvir falar

FICÇÃO PORTUGUESA E ESTRANGEIRA CONTEMPORÂNEA

Agualusa, José Eduardo, **Estória de Uma Traição**
Courtade, Pierre, **A Praça Vermelha**
Gonçalves, Olga, **Ora, Esquadae!**
Ibarguengoitia, Jorge, **Os Conspiradores**
Martins, Filipe Leandro, **A Face de Lado**
Pires, Isabel Cristina, **A Árvore das Marionetas**
Ramirez, Sérgio, **Tiveste Medo do Sangue?**
Silva, José Marmelo e **Sedução**
Torres, Alexandre Pinheiro, **A Nau de Quixibá**

e ainda:

Um novo romance de Almeida Faria

POESIA PORTUGUESA

Bretes, João Almeida, **Mar Redondo**
Candeias, João, **O Narrador, o Mar**
Ferreira, Isabel Mendes, **As Ondas. As Línguas**
Letria, J. J., **Cesário: Instantes da Fala**
Moutinho, José Viale, **Registo de Sombras**

A POESIA DO NOVO CANCIONEIRO. Reedição dos dez volumes da colecção. Organização, prefácio e notas de Alexandre Pinheiro Torres.

ENSAIO

Acosta, Leonardo, **Música e descolonização**
Arab-Ogly, E. A., **Dentro em Breve Seremos 6000 Milhões**
Baptista, António Martinho, **A Arte Rupestre em Portugal**
Barré-Sinoussi, Françoise; Chermann, Jean-Claude e Rosenbaum, Willy, **SIDA**
Barros Moura, José, **Portugal e a CEE**
Bosseur, Dominique e Bosseur, Jean-Ives, **Revoluções Musicais**
Banco, João Maria de Freitas, **Dialéctica, Ciência e Natureza**
Ruhr, Manfred, **Immanuel Kant**
Castro, Armando, **Conhecer o Conhecimento**
Chapple, Steve e Garofalo, Reebee, **Rock e Indústria**
Chomsky, Noam, **O Conhecimento da Língua**
Coelho, António Borges, **Príncipe Perfeito e Portugal na Espanha Árabe**
Conceição, Gisele da, **Ler Althusser, Leitor de Marx**
Dias, Luiz Oliveira, **O Porto a Sorrir**
Duarte, João Ferreira, **A Contrapelo**
Dubinin, N. P.; Karpets, I. I. e Kudriavtsov, V. N., **Genética, Comportamento e Criminalidade**
Farias, Victor, **Heidegger e o Nazismo**
Ferreira, Manuel, **História das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**
Guimarães, Fernando, **A Poesia Contemporânea Portuguesa e o Fim da Modernidade**
Júnior, Eliseu Figueira, **Renovação do Sistema de Direito Privado**
Krauss, Werner, **Teoria da Literatura**
Laia, M. Roque, **Guia das Assembleias Gerais**

Marinho, Maria de Fátima, **Anos 40-60 — Grupos e Movimentos Literários**
Markl, Dagoberto, **A Pintura Portuguesa nos Séculos XIV e XV**

Marques, Luís, **Património Cultural**
Massada, Leandro, **Lesões Musculares no Desporto**

Mateus, Maria Helena Mira, Duarte, Inês, Faria, Isabel Hub e Brito, Ana Maria, **Gramática da Língua Portuguesa**

Mendes, Margarida Vieira, **Padre António Vieira, Gênese da Oratória Barroca**

Mendonça, António, **A Crise Económica e a Sua Forma Contemporânea**

Miná, Gianni, **Um Encontro com Fidel**

Neto, José, **A Observação no Futebol**

Pimenta, Carlos, **Os Salários em Portugal**

Ramade, François, **Ecotoxicologia**

Sá, Luís, **Regiões Administrativas. O Poder Local Que Falta**

Santos, Elsa Rodrigues, **As Máscaras Poéticas de Jorge Barbosa**

Santos, Odete, **O trabalho de Projecto**

Serrão, Vítor, **Estudos de Pintura Maneirista e Barroca**

Sousa, Maria Augusta de, **Quatro Anos de Experiência Pedagógica**

Tengarrinha, José Manuel, **História da Imprensa Periódica em Portugal**

Torres, Alexandre Pinheiro, **Ensaio**

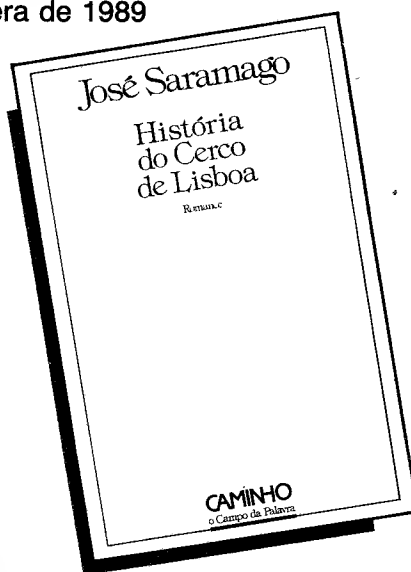
Winington, Alan, **Pequeno-Almoço com Mao**

3 ainda:

Dicionário de Eça de Queiros, A. Campos Matos
Dicionário de Camilo Castelo Branco, Alexandre Cabral

Dicionário de Cinema Português (1962-1987), Jorge Leitão Ramos

O próximo romance de José Saramago. Data prevista de publicação: Primavera de 1989



obras completas

Cochofel, João José, **Obras Completas (vol. 2)**
Lopes-Graça, Fernando, **A Música Portuguesa e os Seus Problemas (vols. 1 e 2)**
Santareno, Bernardo, **Obras Completas (vol. 5)**

CAMINHO DE BOLSO

Ficção Científica

Ballard, J. G., **Olá, América!**
Bradbury, Ray, **As Maças Douradas do Sol**
Bradley, Marion Zimmer, **Filha da Noite**
Chayetsky, Paddy, **Estados Alterados**
Disch, Thomas M., **Nas Asas da Canção**
Kilworth, Garry, **Deus Gémeos**
Sargent, Pamela, **O Espaço Dourado**
Strugatski, Boris e Strugatski, Arkadi, **O Arco-Íris Longínquo**
Vonnegut, Kurt, **Galápagos**

Policial

Engels, Howard, **O Crime Tem Uma Revelação**
Fowles, John, **O Coleccionador**
Hillerman, Tony, **Onde os Mortos Dançam**
Nabb, Magdalen, **O Sargento e a Louca**
Nicolau, Henrique, **O Assombrado**
Rendell, Ruth, **A Mulher com Véu**
Sjowall, Maj e Wahloo, Per, **Um Homem na Varanda**
Yurick, Sol, **os Guerreiros**
Valin, Jonathan, **Lago de Fogo**

Em Setembro serão publicados os Prémios Caminho de Bolso de Literatura Policial e Ficção Científica.

LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Alves, Manuela, **Salpico**
Bastos, Glória, **A Galinha Tonta e As Três Adivinhas**
Colaço, Maria Rosa, **A Gaivota**
Garfield, Leon, **Rosa de Dezembro**
O'Dell, Scott, **Regatos para o Rio, Rios para o Mar**
Olimpio, Eduardo, **António dos Olhos Tristes**
Pinhão, Carlos, **O Senhor ABC**
Ronai, Córa, **A Princesa e a Abóbora**
Trease, Geoffrey, **Setas Contra os Barões**
Zei, Alki, **O Tigre na Vitrine**

Serão ainda publicados em 1989 novos livros de Alice Vieira, Catarina da Fonseca, Ana Maria Magalhães, Isabel Alçada, Fernando Bento Gomes, Carlos Correia, Maria Alberta Menéres e Natércia Rocha.

CAMINHO

o prazer de ter bons livros para ler

O ANO PELO PAÍS

Deixemo-nos de fitas: antes de ser pasto das chamas, naquela inesquecível madrugada de 25 de Agosto, o Chiado já estava a ser devorado pelos mais diversos interesses. Não é novidade para ninguém: a grandeza de outrora era corroída pela fancaria, pelo popularucho de lucro fácil, pelas negociatas dos trespasses mais ou menos encobertos pelo princípio da livre iniciativa. Mas na verdade toda a gente o sabia. Só num país como o nosso os ventos cruzados destes interesses passariam sem que fosse dado o alarme ou o grito de alerta seria tomado por impertinência ou jogo político. O Chiado já era um fogo, uma chaga, um perigo antes de 25 de Agosto. Os homens que lá foram, nessa manhã, prometer em nome do Poder que tudo entraria nos eixos apenas choravam lágrimas de crocodilo.

JANEIRO

Paz, justiça e buracos: Começa mais uma «voltinha» de 365 dias e sucedem-se as saudações de sempre. Chefes de Governo, religiosos ou outros, menores ou maiores, vêm a público numa de optimismo, sobre as boas condições favoráveis a um bom ano. Por cá, Lisboa, começa com fortes chuvadas o que representa um grande buraco, ou, melhor, uma sucessão de buracos pelas ruas. Alarmam-se os utilizadores, privados ou colectivos. E, se Justiça é o que de melhor se pode desejar a qualquer cidadão, diga-se que o ano começa bem... e mal: o Procurador Geral pronuncia-se sobre o novo Código Penal: «A democracia constrói-se na liberdade e não no medo». Como se tivesse ouvido o recado, Fernando Nogueira (ano atribulado à vista...) veio a público e disse: «A justiça não é só desgraças». Prometia edifícios e um serviço de atendimento público.

Janeiro, sinal de um ano: Mas Janeiro revela-se um mês de prenúncio no que se refere aos grandes temas. Ou seja, a paz natalícia e festiva cedo cedo se afogou na onda de problemas que se põem por esse país fora. As escolas, por exemplo, entravam logo em derrapagem por carência de pessoal e não só, dado que o frio era causa de insucesso escolar em Bragança, para dar um sinal dos tempos; o pacote laboral e a respectiva contestação apresentava os primeiros sinais, então só com a CGTP a dar sinal de si - a UGT mexia-se com a «purga» mas... - ambas as centrais, em conjunto, paravam a Carris a cem por cento; Beleza preparava-se para mexer nas carreiras médicas, a Lei de Gestão Hospitalar encontrava-se para promulgação em Belém e a ministra anunciaria o seu objectivo de pôr o Júlio de Matos à troca; o Governo fazia aprovar no Parlamento a Lei da Rádio, na generalidade, a a privatização dos jornais tornava-se mais próxima com a entrada de uma proposta na AR; registavam-se mais nove casos de sida em três meses de estatísticas; Otelo estava na ordem do dia com o «habeas corpus» dependente do Supremo Tribunal de Justiça.

Mais a droga e as autarquias: Mas não era tudo. Um dos grandes problemas do momento levantava-se em números: a droga tinha levado 1826 pessoas à prisão em 1986 e 32 por cento dos traficantes eram estrangeiros. No capítulo das autarquias, era conhecida a intenção governamental de dissolver a Câmara de Gondomar, um conflito que não chegou a existir com o Presidente da República - ele nunca subscreveu a decisão governamental. A EDP tomava conta da distribuição da luz do Porto, face ao diferendo quanto aos preços e dívida por parte da autarquia. O PSD já se agitava no desejo de fazer alianças no sentido de derrotar o PCP onde fosse possível. Sonhos para 1999, claro.

FEVEREIRO

Coisas de loucura: houve muito, ao longo do ano, de «non sence», só justificado pelas características da sociedade portuguesa. Uma delas vinha de Janeiro, com o anúncio da passagem a patacos do Júlio de Matos. Chegou a dar-se como certo que o Miguel Bombarda lhe seguiria as pisadas, veio a saber-se no fim de ano que não. Bom es-



Lágrimas de crocodilos não alimentam agulhetas de bombeiros...

paço para fins urbanísticos e respectivos lucros, apesar das também melhores condições hospitalares, é o Júlio de Matos. Os socialistas da Câmara de Lisboa conseguiram entretanto o êxito possível: a verificação aprovou uma sua proposta no sentido de que o hospital não poderá ser demolido sem autorização camarária. Barahona Fernandes, psiquiatra, dizia ao «DL» que a destruição do Júlio de Matos é uma autêntica ameaça à saúde mental. Afinal, ainda em Fevereiro, o caso ficaria mais claro: os terrenos valem 50 milhões de contos, segundo um director de Serviços do Hospital.



O país parou mas houve quem fizesse ouvidos de mercador

Greve geral marcada: Foi o mês em que tudo se decidiu a favor de uma greve geral, marcada para 28 de Março. Líder que foi da contestação ao chamado «pacote laboral», a CGTP fica hesitante e acaba por ser a UGT a avançar com uma data. Cavaco Silva vem a público dizer que não recuará um milímetro, para comentar que a ameaça de paralisação geral não lhe tira uma hora de sono e que «dentro da UGT há forças imobilistas e conservadoras». No dia da greve, acrescentou, ficará a trabalhar como a maioria dos portugueses. Sinal das questões que se põem no seio da UGT, entre socialistas e social-democratas será a surpresa demonstrada por Pereira Lopes, presidente, quanto à convocação da greve geral. Tinha sido este o mês do Congresso desta central, em Braga, com a eclosão da guerra entre os dois blocos pela liderança da organização. A Carris tinha andado parada e foi uma prova de força: Cavaco ordenou a requisição civil.

Droga no Algarve, demolições na Fonte da Telha: A droga passa de ano para ano, de mês para mês, com os seus sinais exteriores de riqueza: mortes, apreensões e dúvidas sobre a luta que lhe é movida. Neste mês, a PJ marca pontos com a apreensão de 147 quilos de cocaína, a segunda maior da Europa. A polícia interveio numa residência de Faro e deteve dois estrangeiros que já «viviam» em Portugal. No mesmo domínio, segundo uma sondagem oficiosa, sabe-se que 80 por cento dos portugueses exigem prioridade no combate à droga. E é anunciado que mais de cinco toneladas de droga foram apreendidas no ano anterior (naturalmente, não se sabe quantas passaram). A Secretaria de Estado do Ambiente começava a mexer os cordelinhos de uma operação que teria algum apoio em termos de opinião pública: a demolição dos clandestinos da Fonte da Telha.

Ah, esta educação!: O ministro da Educação vem a público reconhecer que temos o recorde europeu em matéria de insucesso escolar e analfabetismo.

Apoio a Otelo, mais condenações nas FP: O caso, já velho mas sempre actual, continua. Agora acontece que mais 200 pessoas, nomes sonantes, subscrevem um movimento de apoio à amnistia para Otelo e outros detidos no âmbito do «caso FP-25». Como que em resposta, no dia 2, eram condenados 25 réus deste processo, o 2º, com penas que variavam entre os dez e os 15 anos e num total de 286 anos. Ilibados três arrependidos.

MARÇO

A 28 é que foram elas: Estava marcado e cumpriu-se. Discutiu-se de tudo um pouco, até em guerrinha entre as duas centrais sindicais. Métodos governamentais confirmados no resto do ano: Silva Penada veio mesmo dizer que Torres Couto tinha dado luz verde ao projecto de «pacote laboral». E à última da hora aparecem modificações de circunstância, ao que parece para ver se pega. Mas cumpre-se a ordem de greve geral, UGT e CGTP unidas e é a ver quem tem razão quanto aos números: o Governo ou os sindicatos. O que vale, depois de tudo, é que a greve geral ficou na memória de todos. E é mês, ain-

Chiado: basta dizer catástrofe

Que horas seriam exactamente quando tudo começou? Quem deu o alarme? Quanto tempo demoraram os bombeiros a chegar ao local do sinistro? E com que meios?

Quais foram as dificuldades encontradas? Por que se propagaram tão rapidamente as chamas?

Certo, certo, é que os armazéns do Grandela, pela madrugada dentro sem causas conhecidas, começaram a arder. O vigilante, o único «fantasma» que a essas horas

deambulava por aqueles espaços, estaria em qualquer outro andar, área, secção. Sistemas de detecção automática de incêndios, em edifício tão crítico como este (como noutros da zona, viu-se), era coisa desconhecida. apesar de a lei, envelhecida reconheça-se, até prever o caso, os casos.

Assim, o alarme foi dado quando o homem, de súbito, depois de alegadamente ter dado por um estrondo, algures, no interior do es-

tabelecimento, abrir uma porta e deparar com tudo a arder. Mas telefones também não havia, o único a funcionar estava para lá do anel de fogo. O vigilante corre para a rua do Ouro e começa a pedir socorro ao escuro dessa noite quente. Acaba por subir, de volta, até ao Governo Civil, donde o pedido de bombeiros se concretiza.

Fazemos o relato deste modo para que se entenda. Em aberto continua a rapidez de resposta dos

Continua na pág. 19



1.ª EDIÇÃO

Diário de Lisboa

ANO 48 N.º 22 248

Quinta-feira, 25 de Agosto de 1988

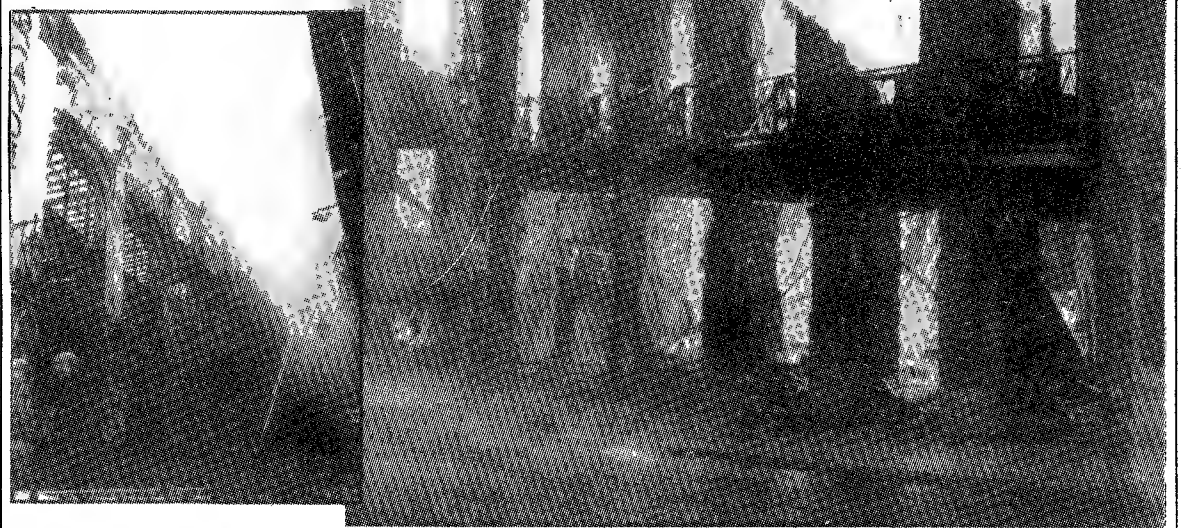
Preço 500\$00

Edifícios desmoronam-se: é um segundo terramoto

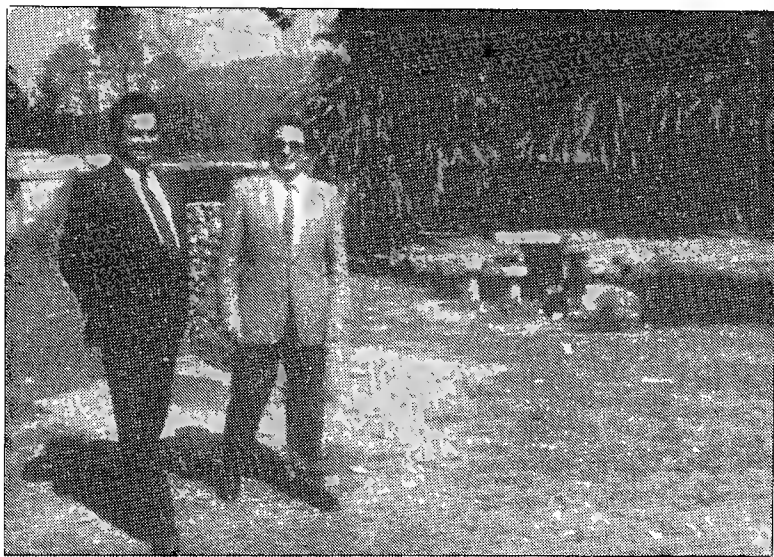
CATÁSTROFE

Coração de Lisboa em chamas

Milhares de bombeiros com centenas de viaturas e auxiliados por meios aéreos combatiam, ao fim da manhã — apesar de o sinistro ter sido já dado como praticamente controlado — o pavoroso incêndio que deflagrou pouco depois das cinco da manhã nos Armazéns Grandela, praticamente fálidos e cujo proprietário tinha sido libertado horas antes do incêndio, depois de ter sido acusado pela polícia de burla ao fisco e de fogo posto. As chamas tinham provocado, até ao fecho desta edição, um morto e vários feridos (16) — um número de vítimas baixo mas só possível porque se trata de uma zona predominantemente comercial e porque o fogo começou e alastrou antes da abertura das lojas. Mas — drama, catástrofe — foi o facto de não ter sido possível salvar uma boa parte da baixa histórica de Lisboa. Para tanto, terá contribuído em boa parte a actual arquitectura da Rua do Carmo e as inerentes dificuldades no acesso dos bombeiros ao local onde as chamas se iniciaram. Uma responsabilidade ainda não apurada na íntegra mas sem resposta do presidente da Câmara de Lisboa, Krus Abecasis. As suas declarações, até agora, vão no sentido de que a recuperação não será possível sem um projecto global. Cavaco Silva, que chegou ao local pouco antes do meio-dia, já referiu que se trata de «uma catástrofe para Lisboa». Mário Soares, antes, tinha declarado que «vamos recorrer a todos os meios possíveis para acorrer ao que for necessário».



Impressão: Companhia Imprensa RENASCENÇA GRÁFICA, SA
Lisboa: Rua da Liberdade, 100 - 1200 LISBOA
T. 212 45 30 - 212 45 31 - 212 45 32 - 212 45 33 - 212 45 34 - 212 45 35
F. 212 45 36 - 212 45 37 - 212 45 38 - 212 45 39 - 212 45 40 - 212 45 41 - 212 45 42 - 212 45 43 - 212 45 44 - 212 45 45 - 212 45 46 - 212 45 47 - 212 45 48 - 212 45 49 - 212 45 50 - 212 45 51 - 212 45 52 - 212 45 53 - 212 45 54 - 212 45 55 - 212 45 56 - 212 45 57 - 212 45 58 - 212 45 59 - 212 45 60 - 212 45 61 - 212 45 62 - 212 45 63 - 212 45 64 - 212 45 65 - 212 45 66 - 212 45 67 - 212 45 68 - 212 45 69 - 212 45 70 - 212 45 71 - 212 45 72 - 212 45 73 - 212 45 74 - 212 45 75 - 212 45 76 - 212 45 77 - 212 45 78 - 212 45 79 - 212 45 80 - 212 45 81 - 212 45 82 - 212 45 83 - 212 45 84 - 212 45 85 - 212 45 86 - 212 45 87 - 212 45 88 - 212 45 89 - 212 45 90 - 212 45 91 - 212 45 92 - 212 45 93 - 212 45 94 - 212 45 95 - 212 45 96 - 212 45 97 - 212 45 98 - 212 45 99 - 212 45 00 - 212 45 01 - 212 45 02 - 212 45 03 - 212 45 04 - 212 45 05 - 212 45 06 - 212 45 07 - 212 45 08 - 212 45 09 - 212 45 10 - 212 45 11 - 212 45 12 - 212 45 13 - 212 45 14 - 212 45 15 - 212 45 16 - 212 45 17 - 212 45 18 - 212 45 19 - 212 45 20 - 212 45 21 - 212 45 22 - 212 45 23 - 212 45 24 - 212 45 25 - 212 45 26 - 212 45 27 - 212 45 28 - 212 45 29 - 212 45 30 - 212 45 31 - 212 45 32 - 212 45 33 - 212 45 34 - 212 45 35 - 212 45 36 - 212 45 37 - 212 45 38 - 212 45 39 - 212 45 40 - 212 45 41 - 212 45 42 - 212 45 43 - 212 45 44 - 212 45 45 - 212 45 46 - 212 45 47 - 212 45 48 - 212 45 49 - 212 45 50 - 212 45 51 - 212 45 52 - 212 45 53 - 212 45 54 - 212 45 55 - 212 45 56 - 212 45 57 - 212 45 58 - 212 45 59 - 212 45 60 - 212 45 61 - 212 45 62 - 212 45 63 - 212 45 64 - 212 45 65 - 212 45 66 - 212 45 67 - 212 45 68 - 212 45 69 - 212 45 70 - 212 45 71 - 212 45 72 - 212 45 73 - 212 45 74 - 212 45 75 - 212 45 76 - 212 45 77 - 212 45 78 - 212 45 79 - 212 45 80 - 212 45 81 - 212 45 82 - 212 45 83 - 212 45 84 - 212 45 85 - 212 45 86 - 212 45 87 - 212 45 88 - 212 45 89 - 212 45 90 - 212 45 91 - 212 45 92 - 212 45 93 - 212 45 94 - 212 45 95 - 212 45 96 - 212 45 97 - 212 45 98 - 212 45 99 - 212 45 00 - 212 45 01 - 212 45 02 - 212 45 03 - 212 45 04 - 212 45 05 - 212 45 06 - 212 45 07 - 212 45 08 - 212 45 09 - 212 45 10 - 212 45 11 - 212 45 12 - 212 45 13 - 212 45 14 - 212 45 15 - 212 45 16 - 212 45 17 - 212 45 18 - 212 45 19 - 212 45 20 - 212 45 21 - 212 45 22 - 212 45 23 - 212 45 24 - 212 45 25 - 212 45 26 - 212 45 27 - 212 45 28 - 212 45 29 - 212 45 30 - 212 45 31 - 212 45 32 - 212 45 33 - 212 45 34 - 212 45 35 - 212 45 36 - 212 45 37 - 212 45 38 - 212 45 39 - 212 45 40 - 212 45 41 - 212 45 42 - 212 45 43 - 212 45 44 - 212 45 45 - 212 45 46 - 212 45 47 - 212 45 48 - 212 45 49 - 212 45 50 - 212 45 51 - 212 45 52 - 212 45 53 - 212 45 54 - 212 45 55 - 212 45 56 - 212 45 57 - 212 45 58 - 212 45 59 - 212 45 60 - 212 45 61 - 212 45 62 - 212 45 63 - 212 45 64 - 212 45 65 - 212 45 66 - 212 45 67 - 212 45 68 - 212 45 69 - 212 45 70 - 212 45 71 - 212 45 72 - 212 45 73 - 212 45 74 - 212 45 75 - 212 45 76 - 212 45 77 - 212 45 78 - 212 45 79 - 212 45 80 - 212 45 81 - 212 45 82 - 212 45 83 - 212 45 84 - 212 45 85 - 212 45 86 - 212 45 87 - 212 45 88 - 212 45 89 - 212 45 90 - 212 45 91 - 212 45 92 - 212 45 93 - 212 45 94 - 212 45 95 - 212 45 96 - 212 45 97 - 212 45 98 - 212 45 99 - 212 45 00 - 212 45 01 - 212 45 02 - 212 45 03 - 212 45 04 - 212 45 05 - 212 45 06 - 212 45 07 - 212 45 08 - 212 45 09 - 212 45 10 - 212 45 11 - 212 45 12 - 212 45 13 - 212 45 14 - 212 45 15 - 212 45 16 - 212 45 17 - 212 45 18 - 212 45 19 - 212 45 20 - 212 45 21 - 212 45 22 - 212 45 23 - 212 45 24 - 212 45 25 - 212 45 26 - 212 45 27 - 212 45 28 - 212 45 29 - 212 45 30 - 212 45 31 - 212 45 32 - 212 45 33 - 212 45 34 - 212 45 35 - 212 45 36 - 212 45 37 - 212 45 38 - 212 45 39 - 212 45 40 - 212 45 41 - 212 45 42 - 212 45 43 - 212 45 44 - 212 45 45 - 212 45 46 - 212 45 47 - 212 45 48 - 212 45 49 - 212 45 50 - 212 45 51 - 212 45 52 - 212 45 53 - 212 45 54 - 212 45 55 - 212 45 56 - 212 45 57 - 212 45 58 - 212 45 59 - 212 45 60 - 212 45 61 - 212 45 62 - 212 45 63 - 212 45 64 - 212 45 65 - 212 45 66 - 212 45 67 - 212 45 68 - 212 45 69 - 212 45 70 - 212 45 71 - 212 45 72 - 212 45 73 - 212 45 74 - 212 45 75 - 212 45 76 - 212 45 77 - 212 45 78 - 212 45 79 - 212 45 80 - 212 45 81 - 212 45 82 - 212 45 83 - 212 45 84 - 212 45 85 - 212 45 86 - 212 45 87 - 212 45 88 - 212 45 89 - 212 45 90 - 212 45 91 - 212 45 92 - 212 45 93 - 212 45 94 - 212 45 95 - 212 45 96 - 212 45 97 - 212 45 98 - 212 45 99 - 212 45 00 - 212 45 01 - 212 45 02 - 212 45 03 - 212 45 04 - 212 45 05 - 212 45 06 - 212 45 07 - 212 45 08 - 212 45 09 - 212 45 10 - 212 45 11 - 212 45 12 - 212 45 13 - 212 45 14 - 212 45 15 - 212 45 16 - 212 45 17 - 212 45 18 - 212 45 19 - 212 45 20 - 212 45 21 - 212 45 22 - 212 45 23 - 212 45 24 - 212 45 25 - 212 45 26 - 212 45 27 - 212 45 28 - 212 45 29 - 212 45 30 - 212 45 31 - 212 45 32 - 212 45 33 - 212 45 34 - 212 45 35 - 212 45 36 - 212 45 37 - 212 45 38 - 212 45 39 - 212 45 40 - 212 45 41 - 212 45 42 - 212 45 43 - 212 45 44 - 212 45 45 - 212 45 46 - 212 45 47 - 212 45 48 - 212 45 49 - 212 45 50 - 212 45 51 - 212 45 52 - 212 45 53 - 212 45 54 - 212 45 55 - 212 45 56 - 212 45 57 - 212 45 58 - 212 45 59 - 212 45 60 - 212 45 61 - 212 45 62 - 212 45 63 - 212 45 64 - 212 45 65 - 212 45 66 - 212 45 67 - 212 45 68 - 212 45 69 - 212 45 70 - 212 45 71 - 212 45 72 - 212 45 73 - 212 45 74 - 212 45 75 - 212 45 76 - 212 45 77 - 212 45 78 - 212 45 79 - 212 45 80 - 212 45 81 - 212 45 82 - 212 45 83 - 212 45 84 - 212 45 85 - 212 45 86 - 212 45 87 - 212 45 88 - 212 45 89 - 212 45 90 - 212 45 91 - 212 45 92 - 212 45 93 - 212 45 94 - 212 45 95 - 212 45 96 - 212 45 97 - 212 45 98 - 212 45 99 - 212 45 00 - 212 45 01 - 212 45 02 - 212 45 03 - 212 45 04 - 212 45 05 - 212 45 06 - 212 45 07 - 212 45 08 - 212 45 09 - 212 45 10 - 212 45 11 - 212 45 12 - 212 45 13 - 212 45 14 - 212 45 15 - 212 45 16 - 212 45 17 - 212 45 18 - 212 45 19 - 212 45 20 - 212 45 21 - 212 45 22 - 212 45 23 - 212 45 24 - 212 45 25 - 212 45 26 - 212 45 27 - 212 45 28 - 212 45 29 - 212 45 30 - 212 45 31 - 212 45 32 - 212 45 33 - 212 45 34 - 212 45 35 - 212 45 36 - 212 45 37 - 212 45 38 - 212 45 39 - 212 45 40 - 212 45 41 - 212 45 42 - 212 45 43 - 212 45 44 - 212 45 45 - 212 45 46 - 212 45 47 - 212 45 48 - 212 45 49 - 212 45 50 - 212 45 51 - 212 45 52 - 212 45 53 - 212 45 54 - 212 45 55 - 212 45 56 - 212 45 57 - 212 45 58 - 212 45 59 - 212 45 60 - 212 45 61 - 212 45 62 - 212 45 63 - 212 45 64 - 212 45 65 - 212 45 66 - 212 45 67 - 212 45 68 - 212 45 69 - 212 45 70 - 212 45 71 - 212 45 72 - 212 45 73 - 212 45 74 - 212 45 75 - 212 45 76 - 212 45 77 - 212 45 78 - 212 45 79 - 212 45 80 - 212 45 81 - 212 45 82 - 212 45 83 - 212 45 84 - 212 45 85 - 212 45 86 - 212 45 87 - 212 45 88 - 212 45 89 - 212 45 90 - 212 45 91 - 212 45 92 - 212 45 93 - 212 45 94 - 212 45 95 - 212 45 96 - 212 45 97 - 212 45 98 - 212 45 99 - 212 45 00 - 212 45 01 - 212 45 02 - 212 45 03 - 212 45 04 - 212 45 05 - 212 45 06 - 212 45 07 - 212 45 08 - 212 45 09 - 212 45 10 - 212 45 11 - 212 45 12 - 212 45 13 - 212 45 14 - 212 45 15 - 212 45 16 - 212 45 17 - 212 45 18 - 212 45 19 - 212 45 20 - 212 45 21 - 212 45 22 - 212 45 23 - 212 45 24 - 212 45 25 - 212 45 26 - 212 45 27 - 212 45 28 - 212 45 29 - 212 45 30 - 212 45 31 - 212 45 32 - 212 45 33 - 212 45 34 - 212 45 35 - 212 45 36 - 212 45 37 - 212 45 38 - 212 45 39 - 212 45 40 - 212 45 41 - 212 45 42 - 212 45 43 - 212 45 44 - 212 45 45 - 212 45 46 - 212 45 47 - 212 45 48 - 212 45 49 - 212 45 50 - 212 45 51 - 212 45 52 - 212 45 53 - 212 45 54 - 212 45 55 - 212 45 56 - 212 45 57 - 212 45 58 - 212 45 59 - 212 45 60 - 212 45 61 - 212 45 62 - 212 45 63 - 212 45 64 - 212 45 65 - 212 45 66 - 212 45 67 - 212 45 68 - 212 45 69 - 212 45 70 - 212 45 71 - 212 45 72 - 212 45 73 - 212 45 74 - 212 45 75 - 212 45 76 - 212 45 77 - 212 45 78 - 212 45 79 - 212 45 80 - 212 45 81 - 212 45 82 - 212 45 83 - 212 45 84 - 212 45 85 - 212 45 86 - 212 45 87 - 212 45 88 - 212 45 89 - 212 45 90 - 212 45 91 - 212 45 92 - 212 45 93 - 212 45 94 - 212 45 95 - 212 45 96 - 212 45 97 - 212 45 98 - 212 45 99 - 212 45 00 - 212 45 01 - 212 45 02 - 212 45 03 - 212 45 04 - 212 45 05 - 212 45 06 - 212 45 07 - 212 45 08 - 212 45 09 - 212 45 10 - 212 45 11 - 212 45 12 - 212 45 13 - 212 45 14 - 212 45 15 - 212 45 16 - 212 45 17 - 212 45 18 - 212 45 19 - 212 45 20 - 212 45 21 - 212 45 22 - 212 45 23 - 212 45 24 - 212 45 25 - 212 45 26 - 212 45 27 - 212 45 28 - 212 45 29 - 212 45 30 - 212 45 31 - 212 45 32 - 212 45 33 - 212 45 34 - 212 45 35 - 212 45 36 - 212 45 37 - 212 45 38 - 212 45 39 - 212 45 40 - 212 45 41 - 212 45 42 - 212 45 43 - 212 45 44 - 212 45 45 - 212 45 46 - 212 45 47 - 212 45 48 - 212 45 49 - 212 45 50 - 212 45 51 - 212 45 52 - 212 45 53 - 212 45 54 - 212 45 55 - 212 45 56 - 212 45 57 - 212 45 58 - 212 45 59 - 212 45 60 - 212 45 61 - 212 45 62 - 212 45 63 - 212 45 64 - 212 45 65 - 212 45 66 - 212 45 67 - 212 45 68 - 212 45 69 - 212 45 70 - 212 45 71 - 212 45 72 - 212 45 73 - 212 45 74 - 212 45 75 - 212 45 76 - 212 45 77 - 212 45 78 - 212 45 79 - 212 45 80 - 212 45 81 - 212 45 82 - 212 45 83 - 212 45 84 - 212 45 85 - 212 45 86 - 212 45 87 - 212 45 88 - 212 45 89 - 212 45 90 - 212 45 91 - 212 45 92 - 212 45 93 - 212 45 94 - 212 45 95 - 212 45 96 - 212 45 97 - 212 45 98 - 212 45 99 - 212 45 00 - 212 45 01 - 212 45 02 - 212 45 03 - 212 45 04 - 212 45 05 - 212 45 06 - 212 45 07 - 212 45 08 - 212 45 09 - 212 45 10 - 212 45 11 - 212 45 12 - 212 45 13 - 212 45 14 - 212 45 15 - 212 45 16 - 212 45 17 - 212 45 18 - 212 45 19 - 212 45 20 - 212 45 21 - 212 45 22 - 212 45 23 - 212 45 24 - 212 45 25 - 212 45 26 - 212 45 27 - 212 45 28 - 212 45 29 - 212 45 30 - 212 45 31 - 212 45 32 - 212 45 33 - 212 45 34 - 212 45 35 - 212 45 36 - 212 45 37 - 212 45 38 - 212 45 39 - 212 45 40 - 212 45 41 - 212 45 42 - 212 45 43 - 212 45 44 - 212 45 45 - 212 45 46 - 212 45 47 - 212 45 48 - 212 45 49 - 212 45 50 - 212 45 51 - 212 45 52 - 212 45 53 - 212 45 54 - 212 45 55 - 212 45 56 - 212 45 57 - 212 45 58 - 212 45 59 - 212 45 60 - 212 45 61 - 212 45 62 - 212 45 63 - 212 45 64 - 212 45 65 - 212 45 66 - 212 45 67 - 212 45 68 - 212 45 69 - 212 45 70 - 212 45 71 - 212 45 72 -



Macário: o fumo dos cigarros não o deixava ver os outros...

da, para os médicos anunciarem dois de greve nacional logo para baptizar Abril.

Acidez corrói o ambiente: Pelouro difícil o que coube a Macário Correia, ainda para cúmulo a sua condição é a de sucessor de Carlos Pimenta. As demolições de clandestinos caem bem, mas quem se preocupa com estas matérias sabe que não é essa a causa das chuvas ácidas que matam as florestas do centro e, a não haver cautelas, saber-se-á noutro mês, lá mais para a frente, chegarão a outros pontos do país, como a serra do Algarve. Claro que houve exercícios em Estarreja, um dos «vulcões ambientais» do país. Serviu para verificar que há falhas. Em compensação, o secretário de Estado vem dizer que vamos ser mais europeus: fumar tornar-se-á mais complicado. E sabe-se que foi gasto meio milhão de contos com o Ano Europeu do Ambiente mas «o maior lucro foi a sensibilização estudantil».

Arrependido é o que está a dar: Três dos arrependidos do segundo processo das FP-25 já saíram para o estrangeiro. Um deles viajou para Paris, ao encontro de um seu «explorador», Macedo Correia encontra-se em Itália, Guedes Monteiro em Londres. Os «30 dinheiros» neste caso, em moeda corrente, equivalem a 15 mil contos por bico. A rede de contrabando de Aveiro, essa começou a ser desmantelada. Lá mais para a frente também surgiram arrependidos...

ABRIL

Estradas, o caminho mais curto para a morte: O «DL» tinha referido em Março muitas das deficiências existentes nas rodovias portuguesas, analisando particularmente o mistério da tinta sinalizadora que «desaparece» dos pisos. São deficiências que, aliadas às falhas humanas e ao curso normal dos acontecimentos fazem aumentar, dia a dia, a lista dos mártires das estradas. Logo a 2 de Abril, um autocarro espanhol choca em Alcoentre e «ai mi madre», para 17 dos «nuestros hermanos». Claro que há promessas de melhorar aqui e ali. É o caso da ponte 25 de Abril: o seu alargamento é anunciado para 1991.



Santa Margarida não aceita velas com pólvora

Valha-nos Santa Margarida: A notícia cai como uma granada de morteiro em área de paz: dois recrutas dos comandos morrem em exercícios no Campo Militar de Santa Margarida, com três outros encaminhados para o hospital em consequência da violência dos exercícios. Não se ficaria por aqui o ano, porque mais casos seriam denunciados. Lá de cima, a justificação isenta a instituição militar: eles morreram por excesso de generosidade. Há recrutas para tudo, mas os militares feitos, esses, trazem a público o seu descontentamento

Sempre mais fogo do que os homens

Continuação da pág. 18

bombeiros sobre esse telefonema, mas é aceite como facto que a essa hora já tudo estava em brasa no interior do casarão. Talvez as chamas já tivessem mesmo invadido outros domínios, os armazéns do Chiado, e pelo efeito das altas temperaturas e do vento de Nordeste andassem por janelas e telhados da vizinhança a caminho Largo do Carmo.

Que se saiba, os bombeiros nunca tinham feito um ensaio deste tipo, a esta hora, com a Rua do Carmo habitada por canteiros, esplanadas e artifícios caprichosos criados pela Câmara. Compareceu o que é de uso, dizem os responsáveis dos bombeiros da paz. Um piquete para ver as proporções e pedir a frota e os homens necessários.

A medida que a manhã crescia

era sempre mais fogo do que homens. Já se alarmava gente por todos os cantos, acorriam responsáveis, desde os médios aos «tops», dos indirectos aos mais directos. Os bombeiros também. Ia-se reconhecendo a dimensão brutal do sinistro e eram pedidos reforços, esgotavam-se as corporações da capital e acorriam as de fora. Era um rio de água e lama que escorria pelas ladeiras e esgotos da Baixa, além da que se evaporava na volatilização súbita do contacto com os fornos de fusão.

As chamas, essas, iam subindo. A brisa quente da madrugada subia ao encontrar este foco e os ventos aumentavam de velocidade. Desapareciam prédios, memórias, esquinas. Relíquias deixaram de o ser. Lutava-se para que o desastre não chegasse mais além, Rua Garrett acima, cruzando o

Largo do Carmo, consumindo valores como a Brasileira, o Grémio Literário, e perigos potenciais como a GNR, aquartelada ao lado das ruínas de outros tempos, e o Governo Civil. E, pasme-se, até armas e munições em quantidade, se encontrariam nos paíóis destas unidades...

Quando se circunscreve o cenário, é um suspiro de alívio. Foram horas indescritíveis. A saga ficou em muitas páginas de jornais, em muitas horas de emissão de rádio e televisão, em noites de debates que por aí têm sido feitos.

Que tenha valido a pena. Para os que tiverem menos memória ou teimarem em não acreditar, é ver do palco, já inventado, que é acessível neste fim de ano de 1988.

Não vale a pena pôr mais na carta, pois não?

Rogério Vidigal



Rua do Carmo: os canteiros e esplanadas, desde o início contestados, provaram, na tragédia, ser um obstáculo à actuação dos bombeiros. Foram demolidos, já entre os escombros

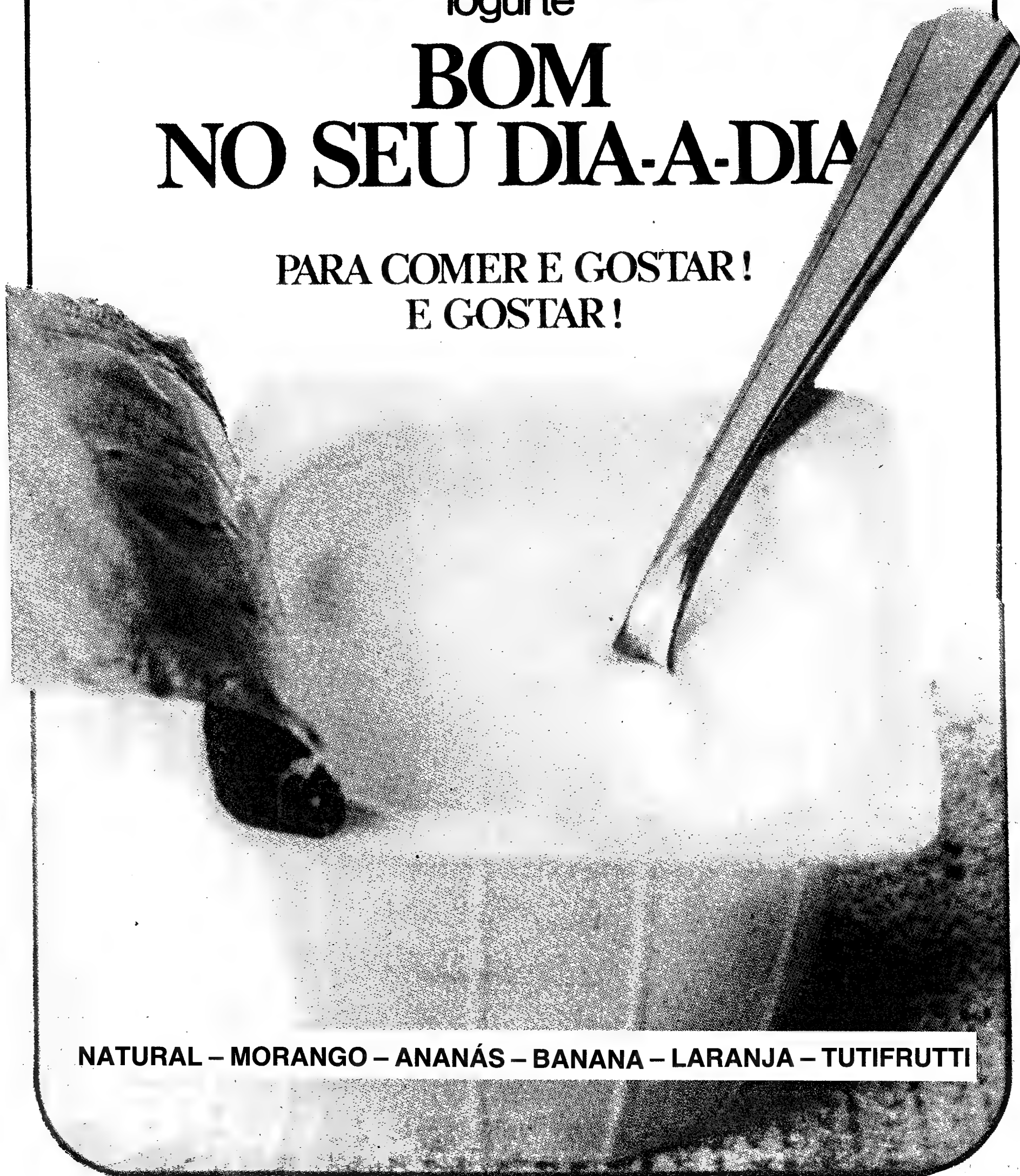


Bom Dia

iogurte

BOM NO SEU DIA-A-DIA

PARA COMER E GOSTAR!
E GOSTAR!



NATURAL – MORANGO – ANANÁS – BANANA – LARANJA – TUTIFRUTTI

com os aumentos salariais. E os sargentos também dirão das suas razões.

Era uma vez um Evo: Falava-se dele por ser da Renamo, porque estaria para deixar de ser, por convergências e divergências. Depois, foi a notícia de que tinha desaparecido. Por fim, levantadas hipóteses de «bluf», o corpo apareceu à beira de uma estrada, como é comum nestas histórias. Tiros no corpo são o primeiro sinal, especulações não faltam. Ao fim de algum tempo, surgem dois nomes: Joaquim Messias e Alexandre Chagas. Será a polícia marroquina a encontrá-los, lá mais para a frente.

Clandestinos sim, clandestinos não: As demolições na Fonte da Te-lha entram em fase concreta com o apoio de organizações ecológicas e tudo. É tal o espírito reinante, que não há espanto quando o Governo não acata a ordem de suspensão do tribunal e manda as «bulldozers» seguirem em frente. O trabalho é muito, qualquer coisa como mil construções a destruir. Uma nota curiosa a propósito, de fonte oficial: o Ministério respectivo tinha detectado alvarás de loteamentos ilegais em 26 autarquias. As Câmaras também se enganam ou quem constrói é enganado?

A juíza escapou por um triz: Peça de «fait-divers», com uma pitada de gozo e outra de «pode lá ser»: a juíza do tribunal do Barreiro escapou por um triz à derrocada dos processos que se acumulavam sobre a secretária à qual normalmente trabalhava. Informação sobre o acontecimento para Fernando Nogueira: «Não tenho luz natural desde que para aqui vim», disse ela ao «DL».

MAIO

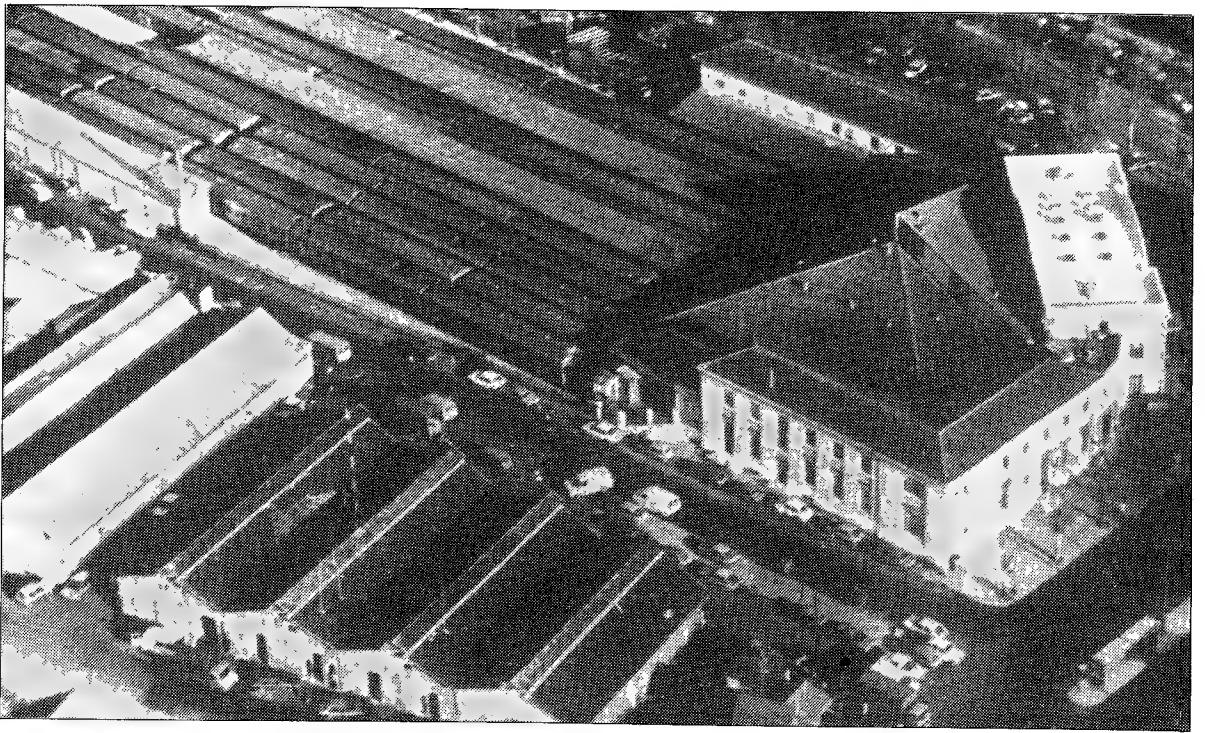
E como vamos de saúde?: As greves vinham de Abril e novas núvens se acumulam no horizonte: talvez lá para os santos populares haja nova «chuvada». Os médicos conseguem finalmente ser recebidos por Cavaco Silva, embora sem resultados de monta. Mais: os médicos, que chegaram a reunir-se em Assembleia Nacional, afirmam não reacear a requisição civil. Beleza foi ao Parlamento e ninguém conseguiu conversar com ela. Era assim a saúde, em Maio.



Evo: o crime de uma estrada qualquer

O folhetim Evo: Morto o homem e encontrados dois suspeitos em terras de Marrocos, a Polícia dedicou-se a duas tarefas: procurar indícios no corpo e tentar a extradição, respectivamente. Assim, o funeral foi dias e dias anunciado e adiado, até que se efectuou para Cascais. O repatriamento dos suspeitos foi aguardado, aguardado, mas não se concretizou. Viria a ser feito só em Outubro, quando Cavaco Silva visitou Marrocos.

Primeiro de Maio e pacote: Nem o primeiro de Maio repetiu o que o pacote tinha conseguido. CGTP e UGT não saíram à rua em conjunto e os sindicalistas social democratas manifestaram-se atentos a esse possível pretexto para mais tensões no seio da central. E verificou-se que, afinal, o Governo não tinha a consciência tão tranquila como isso: voltou a pôr o «pacote laboral» a discussão pública, para «tirar dúvidas». (A má consciência prolongar-se-ia pelo ano todo: em Dezembro eis que o pacote ressuscita de novo...).



A 28 de Março, no Cais do Sodré, era assim. O Primeiro Ministro foi tomar o pequeno almoço ao Porto...

Se não estiver em greve geral

Abra o leitor este "pacote"

«Foi a página mais dourada do movimento sindical e uma derrota profunda do Primeiro Ministro», considerou a UGT, enquanto a CGTP afirmava: «Foi o maior protesto e a maior greve de sempre». Para o Governo de Cavaco Silva, «o país funcionou normalmente». Este o balanço feito a 28 de Março pelas três forças em confronto, dia que marcou a primeira greve geral conjunta das centrais sindicais portuguesas. O problema vinha de 1987, e chamava-se «pacote laboral».

O ano começou como termina: conflitualidade social em todos os sectores e ameaça de greve geral contra a proposta governamental de revisão da legislação laboral. Pelo meio ficaram duas requisições civis e o protesto de trabalhadores de actividades tão diferentes como Direito e transportes, Função Pública e médicos ou bancários.

E 1989 promete não ser melhor: a assinatura de um Acordo sobre Política de Rendimentos e Preços está cada vez mais comprometida, e as centrais carregam baterias para nova greve geral, em Fevereiro próximo.

1988 iniciou-se cheio de promessas. O Primeiro Ministro, na sua mensagem de Ano Novo, sublinharia: «O investimento, que subiu muito em 1987, prosseguirá em bom ritmo, assim reduzindo o desemprego. A inflação, que está hoje a menos de um terço do nível de há três anos, continuará a descer em 1988».

Mas na rua a situação era diferente: os trabalhadores das salas de jogos dos casinos mantinham-se em greve desde há três dias,

protestando contra a decisão governamental de tributar as gorjetas; a União de Sindicatos de Lisboa convoca uma grande manifestação contra o pacote laboral e os funcionários da Indep vêm os seus postos de trabalho ameaçados com o fecho das instalações da empresa em Braço de Prata e Barcarena. Concentrando-se à porta protestando contra o que apelidam de «lock out», proibido por lei, assistem à chegada da polícia e vários acabam o dia no Hospital de S. José.

Logo na primeira reunião do Conselho Permanente de Concertação Social, Torres Couto, presidente da secção de Trabalho daquele órgão, adverte o Governo: «será difícil chegar a consenso quanto a uma posição face às propostas de leis laborais do Governo». A CGTP, em documento entregue na altura, reafirma a sua condenação ao pacote laboral, afirmando que se ele for aprovado vai «institucionalizar o terrorismo nas empresas».

Depois de várias horas «a partir pedra» sobre seis dos pontos mais controversos da proposta do Governo - justa causa objectiva para despedimento, contratos a prazo, despedimentos colectivos, processos disciplinares em pequenas empresas, não reintegração do trabalhador despedido sem justa causa e período experimental de trabalho - os parceiros sociais são unânimes: a reunião «não foi conclusiva».

Mas não seria a única. Todas as que se realizaram sobre a matéria ao longo do ano tiveram o mesmo desfecho.

Carris inicia onda de greves

O Acordo de Política de Rendimentos (APR) assinado a 25 de Janeiro veio desencadear uma onda de greves que se prolongaria até final do ano. Estabelecendo como referenciais de inflação esperada para o corrente ano valores que variam entre os 5,5 e os 6,5 por cento, o APR/88 contou com o apoio da CAP, CCP e UGT. De fora ficaram a CGTP - previa uma inflação no final do ano de 7,8 por cento - e a CIP, que pretendia ver estabelecido que parte significativa dos ganhos de produtividade seriam para investimento nas empresas.

O Acordo estabelece que «o crescimento sustentado da inflação exige que as negociações salariais sejam conduzidas em função da inflação esperada», acrescentando-se-lhe os ganhos de produtividade do sector ou empresa. E o problema reside aí: administrações (essencialmente das empresas do sector empresarial do Estado) «esquecem-se» de contar com a percentagem dos ganhos de produtividade, tentando impor aumentos salariais de apenas 6 por cento - o valor previsto para a inflação.

A Carris inicia as negociações de revisão das tabelas com base nos 6 por cento e o resultado não se faz esperar: greves em carroucel por períodos de quatro horas deixam as ruas de Lisboa sem um autocarro.

A conflitualidade estende-se às restantes empresas do sector e sucedem-se dias sem transporte:

Continua na pág. 22

JUNHO



A RTP foi a última a rir?

Perde-se o humor na RTP: Chama-se Herman José e fazia cócegas a muita gente, desde há uns tempos, com o seu «Humor de perdição», em que, glosando a própria televisão e gozando alguns dos seus protagonistas, variava por temas como a História. Já tinham sido tabus como o Infante D. Henrique, era a vez da Rainha Santa Isabel. Inquisição e silêncio. Explicação dos «santos oficiais»: é obrigação da RTP defender os valores históricos e culturais de Portugal.

Ganha-se o humor na rádio: Primeiro tinha sido todo aquele entusiasmo do Governo e do seu partido pelas rádios privadas, mais a televisão também sem o Estado como patrão. Mas cedo surgiram os sinais de que a festa não poderia ser bem assim. Patrões privados sim, mas quem? Em Junho, a maioria social democrata impõe no Parlamento o silenciamento prolongado das rádios-piratas. De nada servem os argumentos da oposição. Manda quem pode. E a televisão continua em suspenso com a Igreja a reclamar...



Alcochete: barrete por barrete, que não lhe tirem o verde

Alcochete: só lhe dão o que não quer: Há tempos que os alcochetenses se batem contra o Campo de Tiro que os militares lhes querem oferecer. Nem conseguem sensibilizar Macário Correia por causa do mau ambiente que tal traz à Reserva Natural do Tejo. Agora querem tirar-lhes o hospital: tentam sensibilizar Beleza com cinco mil assinaturas.

A corrupção em números: Há quem viva desta actividade de corromper, conseguir os seus lucrozinhos sabe-se lá como (se não, como é que havia tantos carros bons, aqueles bons fatos, as noites bem bebidas, etc.). Mas há quem queira saber donde vem a massa. É a Alta Autoridade Contra a Corrupção. Os números falam assim, para um período entre 1984 e 1987: foram feitas 26 comunicações à PJ, 16 aos tribunais, 11 ao Ministério Público e seis aos Tribunais Administrativos para efeitos de acção penal. Há 400 casos pendentes, em 1987 foram abertas 365 investigações. Ah, se se soubesse tudo...

Greve geral começa em Braga com acordo total na UGT

Continuação da pág. 21

nem comboios, nem autocarros, barcos da Transtejo ou carreiras da Rodoviária. E a TAP ameaça também parar.

Cavaco Silva tenta reduzir a dimensão das greves apenas àquele sector, mas é apanhado pelos protestos da EDP, CTT, Função Pública e bancários, entre outros.

Unidade na acção é a «palavra de ordem»

Sindicatos protestam contra o que apelidam de «tecto salarial de 6 por cento» e as greves sucedem-se, praticamente sempre com adesões na ordem dos 100 por cento. E entre os protestos de aumentos salariais mantém-se o «firme propósito» de não deixar passar o pacote laboral.

A «unidade na acção» que se verificou na greve geral iniciou-se antes, nas empresas, com os sindicatos das duas centrais sindicais e independentes a compreenderem que o sucesso das suas reivindicações estava na marcação de acções de luta para os mesmos dias e horas. Mais uma vez, a Carris deu o exemplo: as propostas de aumentos salariais eram diferentes, as reuniões de negociação separadas, os pré-avisos de greve entregues separadamente. Mas convergiam todos para a mesma data. Para o Governo, a onda de greves «não tem razão de ser», pelo que não passa de um «aproveitamento político».

Os conflitos agravam-se quando, no final de uma reunião extraordinária do Conselho de Ministros, Fernando Nogueira anuncia: «a contragosto, o Governo viu-se obrigado a proceder à requisição civil dos trabalhadores da Carris, com efeitos imediatos, em virtude de se haver esgotado a capacidade negocial da empresa». Os sindicatos acatam-na mas pro-

testam, afirmando tratar-se de uma «violação da lei da greve».

Lutar por direitos adquiridos

No entanto, não foi a única: pouco tempo depois seria a vez dos trabalhadores do Metro. Justificação governamental: não foram cumpridos os serviços mínimos obrigatórios, decretados pela empresa, e já anteriormente aplicados à Carris.

Para as administrações das duas empresas, «serviços mínimos» correspondiam à circulação da frota a 100 por cento nas horas de ponta, e a metade nos restantes períodos.

Os sindicatos acabam por assistir, impotentes, a negociações colectivas que resultam em aumentos salariais insuficientes, e à tentativa de retirada de direitos e regalias há muito presentes nos contratos de trabalho. Ao contrário de outros anos (mesmo no tempo do fascismo), a maioria das lutas desenvolvem-se pela preservação de direitos e não para adquirir mais alguns. O caso dos bancários é exemplar.

Quanto aos aumentos salariais, os números falam por si: Carris 6,9 por cento; Metro 6,5; Rodoviária 6; STCP 6,5 (todos por actos de gestão), bancários 6,062 por cento, Função Pública 6,5 por cento.

A culpa - os sindicatos das duas centrais sindicais são unânimes - foi da má-fé do Governo, na interpretação do APR/88: não cumpriu as reduções de horário de trabalho prometidas, e as medidas compensatórias constantes no acordo não foram aplicadas, apesar da derrapagem da inflação.

O Governo tentou reduzir a inflação através de baixos salários e, quando as coisas começaram a correr mal, manteve-se intransi-

gente, o que levou o líder da CGTP a acusar Cadilhe de «má-fé», enquanto Torres Couto o apelidou de «coveiro da concertação» e, em Julho, a UGT denuncia o acordo.

O ministro das Finanças não se importou: as metas do Governo em matéria de salários estavam atingidas, que importa se os valores da inflação se cumprem um ou dois meses depois do previsto?

Mas em Agosto, depois do INE divulgar os índices de inflação do mês anterior, o ministro foi obrigado a dar «a mão à palmatória». Cadilhe convoca uma conferência de Imprensa e anuncia: entre o crescimento do emprego e a diminuição da inflação, o Governo optou pelo primeiro. Ponto final, para ele.

Greve geral nasceu no Congresso da UGT

Fevereiro, Braga: a UGT está reunida em Congresso, chega o «vento Norte»: ou o Governo altera os aspectos gravosos da sua proposta de alteração às leis laborais, ou uma greve geral de protestos parará o país.

A confrontação e o «ataque mútuo» Governo/centrais sindicais, a partir daí, agudizam-se e não param.

De versão em versão até ao «chumbo» do Tribunal Constitucional, o pacote laboral tem uma «viagem» atribulada. Depois das primeira e segunda versões serem discutidas em sede de concertação social e recusadas pelas centrais sindicais (CIP também não aceita, embora por razões diferentes), o Governo «chama» em particular a UGT para discutir uma terceira versão, da qual não deu conhecimento à CGTP. No entanto, a central rejeita também esta versão.

Silva Peneda «zanga-se» com os parceiros, recusa novas reuniões e anuncia solenemente: o projecto

Continua na pág. 23



O Governo não soube dialogar no Conselho Permanente de Concertação Social mas o órgão teve o mérito de «aproximar» as duas centrais sindicais

Médicos ameaçam, bancários pararam: Os médicos, depois de várias greves feitas, não conseguiram que a ministra da Saúde lhes desse «consulta». Agora aviam uma receita de choque: cinco dias de greve em Julho, duas semanas em Agosto. Os bancários, pela sua parte, pararam mesmo, com a habitual controvérsia. Mas depois, com cedências de parte a parte, bancários e banqueiros fizeram voltar os cofres à normalidade.

JULHO

Chuva de Verão apodrece Algarve e Ribatejo: É o que se chama uma faca de dois gumes, esta chuva de Verão. Por um lado, permite às autoridades demonstrarem que há menos incêndios do que noutros anos, bondade portanto do esquema delineado. Mas, quando se trata de agricultura no Ribatejo fica-se com um grande melão e caem os tomates de podres. Mais tarde, os produtores vêm de mãos na cabeça dizer que foi catástrofe. Outros, nunca se soube exactamente quantos, fizeram face às dívidas com o suicídio. No Algarve, face à exiguidade de utentes dos hotéis, quase se chega ao «agarrar que é turis-



Ribatejo apodrecido: a culpa foi do mau tempo

ta». Os hotéis descem das suas várias estrelas a promoções, há descontos em plena época alta, máxima!

Raia na estrada dos dois lados da raia: Continua a ser tempo de morte nas estradas. Impressionam os números quando um só acidente se agiganta nas proporções. A «baixa de Corroios» volta a ser «fatídica» para todos os jornais. Sete mortos de uma assentada quando um camião esmaga uma furgoneta. Do outro lado da raia, em Espanha, muitos emigrantes não conseguem vir morrer em português (mas houve 664 mil que conseguiram entrar, só por Vilar Formoso). Pior do que no ano passado. É a habitual mortandade como com as aves migratórias...

Mais dois mortos na tropa: O Estado Maior do Exército veio a público confirmar mais duas mortes (descobertas pelos jornalistas...) em Santa Margarida, negando embora acusações de falta de assistência médica. Mais um avião do Montijo não volta pilotado a terra. As autoridades da terra já andam por instâncias internacionais a contestar este pavor, mais o tal Campo de Tiro, estímulo natural aos sobrevoos.

Esgotos de Lisboa e cuidado com o caulino: Em Lisboa é apresentada obra de tomo. Uma Estação de Tratamento de Águas Residuais é implantada no Vale de Alcântara, bem dentro da urbe. Vitória, dizem os adeptos, «um bidé dentro da cidade», clamarão os ecologistas. É de Ambiente que se trata, convém não esquecer Barqueiros: a guerra do caulino prossegue e pelos vistos a autoridade oscila entre o Ambiente e os interesses empresariais. «É uma vergonha o que aqui se passa», diz o presidente da Junta de Freguesia, PSD, eleito. Não basta nem o «valha-nos S. Macário».

Sempre a mesma droga: Só no primeiro semestre foram apreendidos 500 quilos de drogas, dos quais 21 sob a forma de heroína. Nesta movimentação foram referenciados 211 traficantes, 403 consumidores e 142 mistos. O director-geral da PJ vem a público dizer que quando as fronteiras se abrirem em 1992, «chegará a Portugal muita gente má». O desmantelamento de redes, sabe-se entretanto, leva ao aumento de preços da heroína e da coca no mercado negro. Eles não perdem.

& vários: «A Capital» e o «Anuário Comercial» em saldo a 4 de Outubro. Bancários em greve dinamizaram os «multibancos». Ordem obtém de Beleza garantias em cinco pontos. Corte no crédito afasta dez mil da possibilidade de comprarem casa.

Cavaco tomou o pequeno almoço e não viu o que estava parado

Continuação da pág. 22

será apresentado em Conselho de Ministros. «O diálogo e a concertação não podem ser pretexto para acções paralisantes», justifica-se o ministro do Emprego. Fim da discussão.

Com Cavaco Silva nos EUA a discutir o acordo das Lages e Eurico de Melo a substituí-lo, o Conselho de Ministros aprova a proposta de revisão das leis laborais. O pacote laboral fica pronto para ser enviado à Assembleia da República, mas o conjunto de medidas sociais que o deveriam acompanhar ficam para «definir brevemente».

«Guerra de milímetros»

A UGT marca a greve geral para o dia 28 de Março, e inicia-se a «contagem decrescente», num cada vez maior «braço de ferro».

A paralisação anunciada pela central sindical, o Primeiro Ministro responde que «não cederá nem um milímetro» no que respeita à nova legislação laboral. Contrarresposta da central da Buenos Aires: a UGT «não recuará nem meio milímetro nas suas reivindicações». A CGTP, por seu lado, decide que «perante a complexidade do momento social em que vivemos, devem ser consideradas todas as formas de luta constitucionalmente permitidas, inclusive uma nova greve geral». Mas a decisão final fica adiada para mais tarde.

No Porto, em conferência de Imprensa para apresentar o balanço de seis meses de governação, muito bem-disposto, Cavaco pronuncia-se sobre a situação laboral. Para o Primeiro Ministro, no dia da greve geral, «o Governo estará a trabalhar e com ele a grande maioria dos quatro milhões de trabalhadores portugueses». Além

disso, a contestação não lhe tira «uma hora de sono».

Torres Couto enfrenta problemas na UGT

Mas nas centrais, a situação também não é pacífica. Torres Couto, depois de apelar à participação da CGTP na paralisação nacional, debate-se com problemas nas suas próprias hostes. Os TSD, que votaram favoravelmente a greve no Congresso, afirmam agora, depois de uma reunião «maratona» com Cavaco Silva e outros dirigentes do PSD, que se a outra central sindical participar, se desvinculam. E, em vésperas da paralisação nacional, tentam junto do secretário-geral da UGT uma «troca»: a greve geral terá a sua participação se a lista conjunta PS/PCP para as eleições no Sindicato dos Bancários do Sul for anulada. A proposta parte de Arménio Santos, líder dos TSD e (ainda) presidente daquele sindicato. O tiro saiu-lhe pela culatra: a grande maioria dos TSD's participaram na paralisação, em Abril perdeu a presidência do sindicato, e em Julho a «sua equipa» é excluída dos órgãos dirigentes da central, no Congresso do Coliseu. Vingança dos TSD's: a ameaça de uma terceira central sindical.

CGTP protesta nas ruas e faz plenários

A CGTP, por sua vez, vai protestando, fazendo manifestações e plenários, mas quanto à decisão final, continua muda. Finalmente, num plenário de sindicatos, decide-se: fará a «sua» greve geral também a 28 de Março, mas antes, a 17, realizará uma «jornada nacional de luta», composta por concentrações, manifestações, plenários, e sessões de esclarecimento.

E o Governo, claro, continua calmo e sereno. A possibilidade da greve geral não o incomoda. Mas, pelo sim, pelo não, poucos dias antes de 28 de Março, o PSD distribui milhares de «folhetos laranja» pelo correio e porta-a-porta, para explicar à população as «vantagens» do pacote laboral. A razão é simples: «a actual lei é injusta e imoral», e o Governo pretende alterá-la, tornando-a mais próxima das que estão em vigor nos restantes países da CEE.

Greve geral: agora é a guerra de números

Dia 28 chegou. Em vésperas, os líderes das centrais sindicais correm para a Guarda, onde Mário Soares se encontrava em «presidência aberta», a dar-lhe conta as «violações» que o Governo andava a fazer pelas empresas, com «autênticas ameaças» aos trabalhadores.

Ao fim do dia, as centrais sindicais clamam «vitória». Cavaco Silva, por seu turno, não viu nenhuma greve geral. As centrais sindicais acenam com o «estandarte» dos números - 80 por cento dos trabalhadores por conta de outrem estiveram parados -, o Governo contesta-os.

Ninguém de boa-fé pôde contestar que o país viveu a maior paralisação das últimas décadas. Não houve praticamente nenhum sector económico que, com maior ou menor incidência não fosse afectado. A greve tocou em todos, paralisando totalmente muitos deles, públicos e privados.

Em Lisboa, os transportes públicos foram praticamente inexistentes (excepto o Metro, sob requisição civil); a banca e os seguros funcionaram com menos de 30 por

Continua na pág. 24



O «selo» da aproximação entre a CGTP e a UGT, no âmbito de uma reunião do CPDS: apertaram as mãos, Torres Couto e Carvalho da Silva

AGOSTO

O mês do Chiado: Não vale a pena pormenorizar. Havia muito mais para arder, afinal não foi assim tão mau.

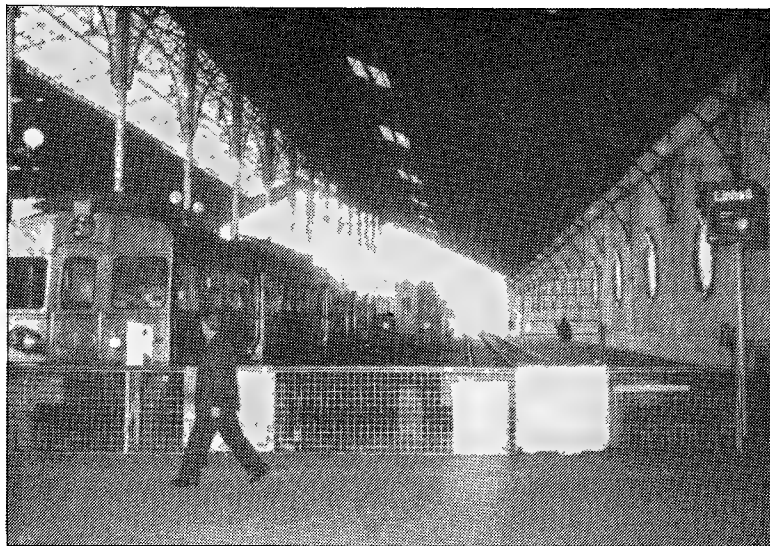
Era jovem o Artur: Foi uma história com muitos retratos de uma vida que o «DL» publicou. Os pais anunciaram a sua morte em anúncios de jornal como «mais uma vítima da droga». Despediu-se com um conto de réis de heroína, 45 comprimidos de Rohypnol e vinho.

Militares clandestinos em Alcochete: Ai protestam contra o alargamento? E os militares avançaram clandestinamente no Campo de Tiro de Alcochete. O secretário de Estado do Ambiente soube pelos jornais (?) e não lhe é conhecido protesto pelo facto.

Totoloto, toto: É uma constante de todo o ano. Uma febre. Uma angústia. Todos o esperam, alguns o ganham. «Jack pot», então... Desta vez foi para o proprietário de um quiosque em Armamar.

Mais jogo, este à mesa: Casinos e bingo movimentaram 40 milhões de contos em 87. Encerradas salas ilegais em Portalegre, Coimbra e Elvas, cujos frequentadores eram, em média, 90 por cento nacionais.

Estado estaciona mal: É a Câmara quem o denuncia. O Estado é o maior prevaricador em matéria de estacionamento. Sabe-se por causa da coima que nos querem impor.



Populações não querem ficar a ver os comboios passarem

Onde não há comboios...: Os comboios já eram maus. A CP avança com extinção de troços a que chama secundários. As populações revoltam-se, cortam estradas, fazem de tudo, para dizer não. E ...todos têm razão.

SETEMBRO

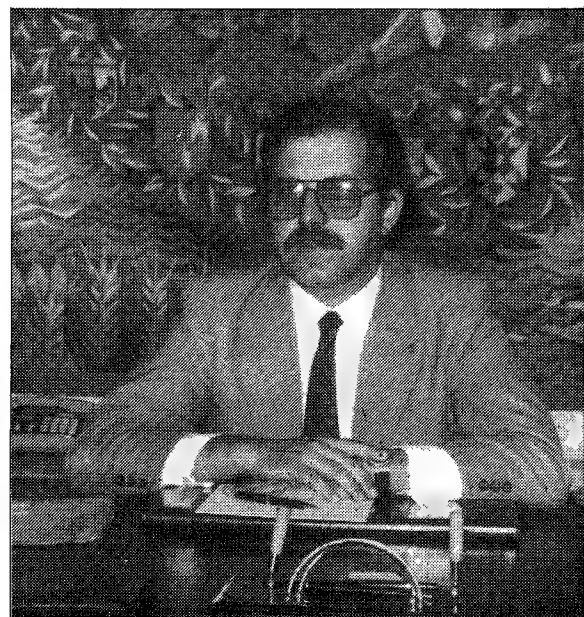
Bombeiros no seu próprio fogo: Tinham sido militarizados, os Sapadores de Lisboa, no mês em que o Chiado ardeu. Por todo o país, à civil, o que eles têm pretendido é condições de «trabalho». O XVIII Congresso dos Bombeiros insiste na regulamentação do seu estatuto social. Se querem regras fiquem-se com o RDM. Boa!

Agora todos chamam: É uma chiadeira em vários tons: até os jovens vão ajudar na reconstrução do Chiado, diz Couto dos Santos; Rua do Carmo de novo livre dos mamarrachos, propôs Abecasis e todos aprovaram; arquitectos estão de corpo e alma com Siza Vieira, segundo a AAP; a «limpeza» começou; concurso de ideias resolverá o problema. Abecasis diz à rádio: «Ninguém me pode vencer». Nunca houve oportunidade para reconstruir assim...

Celuloses, herbicidas, auto-estrada: O secretário de Estado do Ambiente, ao ler os jornais, neste mês, deverá ter deitado as mãos à cabeça. O que eles inventam! Na adjudicação da Auto-estrada do Estoril os socialistas recusaram-se a comparecer alegando que o estudo de impacto ambiental não considerou todas as vertentes; INIP investiga causas da morte de milhares de peixes no Sado, supõe-se logo que por herbicidas da agricultura; duas toneladas de nafta são derramadas acidentalmente no Sado; descarga das fábricas de celuloses, na bacia do Vouga, mata milhares de barbos, enguias, tainhas e car-



Cavaco tomou o pequeno-almoço «descansado» mas fez contas ao almoço. Silva Peneda, fez questão da sua imagem de «ministro»



Pacote laboral em 5.^a versão põe problemas para 1999

Continuação da pág. 23

cento dos trabalhadores nos seus postos e muitas dependências encerradas; as grandes casas comerciais tiveram as portas abertas mas a maioria do pessoal não compareceu, tal como nos serviços públicos; as zonas industriais e portuárias pareciam estar em fim-de-semana, a distribuição de correio não se fez. Quase normal, só parecia o pequeno comércio. Mas mesmo aí, no entanto, faltava qualquer coisa: os clientes, que deixaram igualmente os táxis e muitos restaurantes às moscas.

Para Cavaco Silva, que escolheu o Porto para passar o dia da greve, «o país está a funcionar normalmente, com excepção do sector dos transportes». E explicou: «Vi passar autocarros, o pequeno-almoço estava óptimo, o pão quente e o leite também. As pessoas circulavam como em qualquer outro dia para os seus empregos». Conclusão do Primeiro Ministro: «Se isto é uma greve geral, francamente não a notei».

Quanto ao sector dos transportes, onde o chefe do Executivo reconheceu o «êxito» da greve, foi muito claro: «vou pensar» na privatização das empresas do sector, afirmou.

Autorização legislativa e «chumbo» do Tribunal

A greve geral não «alterou em nada a cadência do Governo» e, a 14 de Abril, a bancada do PSD dava autorização ao Executivo para legislar sobre matéria laboral. Os deputados do CDS abstiveram-se, e os restantes partidos da Oposição votaram contra. Das mais de 100 propostas de alteração ao pa-

cote laboral que apresentaram, nem uma o partido do Governo deixou passar.

Frente à Assembleia, milhares de trabalhadores, respondendo ao apelo de estruturas da CGTP, concentraram-se gritando: «Estamos aqui milhares, mas representamos muitos outros milhares que exigem que o pacote laboral seja abandonado. Exigimos que a nossa voz seja ouvida». Lá dentro, tal como a UGT tinha anunciado, sindicalistas de gravata preta sentaram-se nas bancadas, em sinal de protesto. Mas não comoveram os deputados do PSD, que ordeiramente deram o seu voto favorável às intenções do Governo (que entretanto, algures entre o Conselho de Ministros e a entrada no Parlamento já tinha sofrido «pequenas alterações»). E, para que não houvesse mais confusões, o Executivo decide pôr novamente a sua proposta a discussão pública.

Mas não seria uma vitória muito duradoura. Cerca de um mês depois o Tribunal Constitucional - a quem o Presidente da República pediu um parecer - «chumbava» o pacote laboral do Governo, acusando-o de algumas inconstitucionalidades, nomeadamente no que se refere à violação dos artigos sobre direitos dos sindicatos e representantes dos trabalhadores, segurança no emprego e direito ao emprego.

Cavaco Silva «zangou-se» com o Tribunal, acusou os juizes de terem votado consoante as suas inclinações partidárias e pretende que se façam eleições para aqueles órgãos institucionais. As centrais sindicais rejubiliaram, partidas da oposição idem. E, durante os meses de Verão, lá vão declarando que o pacote laboral «não é assunto esquecido».

Nova Surpresa de Silva Peneda

Foi um compasso de espera até que em Novembro, surpreendendo tudo e todos, Silva Peneda, em conferência de Imprensa, anuncia que a nova versão do pacote laboral está novamente à discussão pública por 30 dias.

Mais uma vez o ministro «esquece-se» das regras democráticas: na véspera da conferência de Imprensa, interrogado sobre a matéria pelos parceiros sociais em sede de concertação, afirma que o pacote laboral está a ser ultimado.

O «contra-ataque» não demora muito tempo: as centrais sindicais continuam contra a nova versão da revisão das leis laborais, a UGT anuncia a possibilidade de nova greve geral em Fevereiro de 1989 e a CGTP ajuda: desta vez, afirma ao «DL» Manuel Lopes, é possível que se vá mais longe, e em vez de duas greves para o mesmo dia, se faça uma única, conjunta.

Mas as estruturas sindicais agem com precaução: o pacote laboral não será a única razão para a paralisação nacional: há também que ter em conta o falhanço do A-PR/88, a derrapagem da inflação, a perda de poder de compra deste ano e a dupla tributação no próximo, tentando assim abranger na luta também as classes médias, já descontentes: médicos, advogados, juizes e magistrados, que terminam o ano com greves, situação inédita em alguns daqueles sectores.

Se a greve for em frente, em Fevereiro a revolta dos trabalhadores será grande: os aumentos salariais não existiram. A explicação estará nos recibos dos vencimentos: foram absorvidos pelo novo imposto.

Elsa Andrade



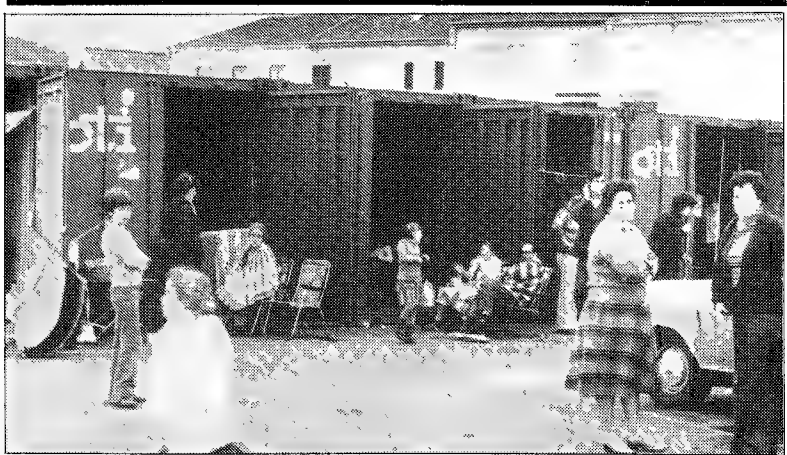
Não era só um problema de capital mas rendeu 350 mil pas (em 1985 tinham sido 35 bovinos atingidos no ciclo água/pastagens). Limpem-se os jornais.

«A Capital» noutro capital: Ganhou o capital da Sojornal na corrida para a compra de «A Capital». Uma «soit disante» cooperativa (com chefes e alguns jornalistas) não conseguiu ganhar. Rodolfo Iriarte, director, cessou, demitiu-se.

Churrasco de Setembro: Meio milhão de frangos não resistiu aos calores de Setembro (os produtores esquecem-se do ar condicionado...). A culpa é do consumidor. Que pague mais 30 por cento.

Seus analfabetos! Avizinha-se o novo ano lectivo e é «Dia da Alfabetização». Responda o menino: quantos não sabem ler cá pelo rectângulo? Cerca de 15 por cento dos seus compatriotas não juntam as letras e assinam com a impressão digital. Se não sabia, vá engrossar os números do insucesso escolar. É para isso que lhe prometemos um novo ano lectivo cheio de prosperidades.

OUTUBRO



Eleições tremidas nos Açores, terra que não pára

Eleições e tremores nos Açores: O primeiro a tremer foi o Governo. As eleições regionais quase lhe trucidaram a sua maioria parlamentar, foi mesmo por uma unha - no caso «um deputado» - negra. Depois, lá para o meio do mês, foi um «anticiclone» subterrâneo, S. Miguel a tremer como «valha-nos o Senhor Santo Cristo». Nada de leituras cruzadas. Com o tempo, dizem os vulcanólogos, a coisa volta ao sítio.

Abecasis e o seu nariz: Ele, o presidente da Câmara de Lisboa, foi de visita ao Chiado e - picaram-no - exclamou: «Só eu é que meto o nariz nisto». Querem explicações? «Aconteça o que acontecer serei eu a assumir todas as responsabilidades». Dois dias antes, vereadores diziam que estavam a tentar evitar Abecasis que Abecasis se transformasse no «ditador» do Chiado. Mas no fim do mês sabe-se que as demolições também se chamam destruição. Numerosos sinais recuperáveis vão nas pazadas ávidas das máquinas. Freguesias do Bairro Alto saem a terreiro pedindo defesas para o caso de sobrevir uma catástrofe. Falta cada vez menos para as autárquicas.

Uma extinção com 14 anos: Ainda eset ano a extinção do que foi a Pide (lembram-se?) custou 50 mil contos. Pelas escadarias, corredores e gabinetes anda um corpo de militares que procura passar o que resta em condições para consulta futura: «Enquanto não estiver definido em onde vão os arquivos que cá temos, quem tem direito a consultá-los, e durante quanto tempo o acesso a eles ficará reservado, este serviço é imprescindível». Disse Luís Birne, coronel, chefe do serviço.

EN SI NO



**Da
esperança
à
frustração**

O ministro que deu de si mas não só

Há um ano, a chegada de Roberto Carneiro ao Governo abriu perspectivas de esperança nos vários sectores do ensino e no povo português em geral.

Sucedia na pasta da Educação a responsáveis que escamoteavam os problemas em nome de uma política governamental de contenção de despesas num sector de importância capital para o desenvolvimento do país.

Contra o ignorar os problemas, o actual ministro teve no início a coragem de reconhecer publicamente a existência de uma crise no sistema de ensino, de reconhecer que não podia haver sucesso educativo enquanto houvesse fome e reconheceu até, pela primeira vez em Março deste ano, que o estatuto remuneratório dos professores se degradou de tal forma que o seu nível económico se equipara ao de há 20 anos atrás.

Mas que fez durante um ano para debelar a crise do sistema, promover o sucesso ou melhorar o estatuto remuneratório dos professores?

Comecemos pela Lei de Bases do Sistema Educativo. No início do seu mandato, o calendário previsto na própria lei para discussão e aprovação das várias matérias estava tão atrasado, que o então novo ministro propôs um novo calendário à Assembleia da República. Todavia, nem uma só das datas previstas foi cumprida e a Lei de Bases continua a ser uma miragem.

De acordo com as promessas iniciais do ministro, o estatuto da carreira docente estaria negociado até Dezembro de 88 e a grelha remuneratória no início de 89; mas, segundo o cronograma apresentado pelo secretário de Estado Adjunto à Federação Nacional dos Professores, a negociação do estatuto decorrerá no primeiro semestre de 89, enquanto a negociação da grelha salarial foi remetida para o segundo semestre do próximo ano.

Arrastamento lança o descontentamento

O arrastamento destas questões e a rejeição pelo Governo e da bancada do PSD de um reajustamento intercalar defendido pela Oposição (o CDS absteve-se), lançou o descontentamento na classe docente e deu origem a duas greves nacionais, a 28 de Outubro e 18 de Novembro, e três dias de greve rotativa no final do primeiro período lectivo, bem como à maior manifestação de sempre da classe docente a 18 de Novembro. E os professores prometem que o segundo período não será pacífico.

Um outro problema relacionado com falta de verbas chamou no princípio deste ano lectivo as atenções: as universidades, através dos conselhos directivos e reitores, suspenderam a abertura do ano académico por o orçamento do próximo ano ser, em termos reais, in-

ferior ao de 88 e não cobrir as despesas necessárias ao desenvolvimento e expansão do ensino superior, como seria desejável.

Poder-se-á dizer que o mau da fita não é Carneiro mas Cadilhe. A verdade é que o ministro da Educação, embora tenha estado ausente do debate parlamentar do OGE em plenário, manifestou a sua total solidariedade com a distribuição de verbas decidida pelo Governo na comissão parlamentar de Economia.

Relativamente ao programa interministerial de promoção do sucesso educativo, cujos resultados excessivamente positivos foram divulgados pelo ministro em conferência de imprensa, têm sido contestados por diversos sectores como não correspondendo à realidade.

Simultaneamente, e embora tenham sido criadas Direcções Regionais de Educação, o Ministério continua a transmitir uma imagem de casa imensa e desorganizada, de que são exemplo a publicação de um novo modelo de acesso ao ensino superior depois de começado o ano lectivo e a alteração do modelo de avaliação dos alunos do ensino preparatório, cujas fichas chegaram às escolas cerca de uma semana antes dos professores reunirem para atribuição das avaliações.

Finalmente, o Decreto-Lei sobre

Continua na pág. 26

NOVEMBRO



Um vento de loucura varreu a parada da GNR

Cabo violento em parada da GNR: Era o cabo Antunes. Louvado, considerado, tido como inteligente. Os estragos vieram pela manhã, na formatura de começar o dia. Enlouquecido (que outra explicação existe?) salta para a parada e com a sua caçadeira mata oficiais, sargentos e praças. São quatro mortos e 13 feridos. Depois, são os funerais e as interrogações. Razões para matar não teria, concluímos. O que podem é ter-lhe feito o suficiente para o levar à loucura. Às vezes os homens sentem a sua dignidade ferida.

Era bom mas acabou-se: Esta a síntese possível para o que se passa com as rádios «piratas». Era bom privatizar, era bom ouvi-las, era bom que houvesse coerência. Mas foi decidida a via do silenciamento, para 24 de Dezembro. Nessa noite, não teremos alternativas às missas e terços da Renascença, às vozes oficiais das outras emissoras. Quando houver privatizações a sério, talvez haja condições para que a «fera» se encontre igualmente domada. Canto do cisne foi o coro que 300 rádios difundiram por todo o país, com sede na TSF, em Lisboa. Protesto, lhe chamaram. No Governo, nesse dia, de certeza todos escutavam as suas emissoras.

O meu eucalipto é melhor que o teu: Andavam para aí a dizer que os eucaliptos eram prejudiciais à saúde dos terrenos. Que é mentira, insistiram sempre as celuloses. Mas vai uma e põe técnicos no laboratório: é possível melhorar o eucalipto, torná-lo mais amigo do Homem. Justificação para se anunciar que, em 1995, Portugal estará com o dobro daquelas arvoredinhas ideais para a pasta de papel. Mas também não tem grande importância. Está por demonstrar que alguém tenha morrido por eucaliptite. De tabaco sim, está tudo somado, em plena campanha anti: 5400 portugueses no ano passado cederam aos alcatrões e respectivos cancros. Mais meio, menos meio, claro.

Guerra dos mundos por um canudo: Era dia de lembrar a «Guerra dos Mundos», em nome de Orson Wells. Uma emissora local de Braga lembrou-se de repor a ficção adaptada aos montes e outeiros locais. Tudo por um canudo, pronto, a ver se era verdade. Muitos fugiram. Foi teste para saber que a Protecção Civil não funciona. Mas não se sabia? Veja-se o exemplo do Chiado, do jovem desaparecido na Arrábida, do «Reijin» que já este mês larga óleo pela costa de Gaia. Sempre é bom fixar.

Recaída: Volta a complicar-se tudo. Afinal Machado Macedo não conseguiu pôr água na fervura. E diz: «O documento elaborado pela ministra da Saúde pretende acabar lentamente com a clínica geral como carreira do Estado». Portou-se mal, a ministra e não foi convidada para a festa dos 50 anos da Ordem dos Médicos. Cavaco recusou-se a substituí-la no evento. Melhor ficou o Presidente da República que brilhou sozinho. Como Soares tem médico privativo, não há problema com as greves já anunciadas. Beleza também não terá aflições: em último caso recorre a um licenciado em Direito. Tem prática nestas soluções. Se para gestor hospitalar até foi buscar um engenheiro mecânico!

Ó malhão, malhão, dançar na rua: Não cabem todos os alunos a dançar no espaço do Conservatório de Lisboa. É para resolver estas questões que se inventou o Ministério. Toque de génio: dançam menos e poupam espaço/tempo. Eles, os jovens, chegaram a pensar em dançar na rua. Malhou?

Nem só com tiros se morre nem só com morte se lucra

Não falamos, aqui, do crime de faca e alguidar com clientela feita e bom vendedor de papel de jornal que, este ano, não terá registado um forte aumento, segundo fontes policiais. Tal representa, em análise de fundo, um sintoma de degenerescência da sociedade, de conflitualidade que passa do estado de latência ao facto. Muito será atribuível aos condicionamentos pessoais, é certo, mas o meio, aquilo que nos rodeia, as condições de vida têm de ser tomadas em consideração como uma componente forte.

Passemos, portanto, a casos que permitem tirar outras conclusões. Vejamos o caso da rede de contrabando de Aveiro, que levou, de forma totalmente inédita, a que um juiz de instrução criminal inquirisse um general português, fortemente suspeito de envolvimento na rede de corrupção. Mereceu-lhe, a sua posição hierárquica no Exército português, a regalia de ter um processo autónomo. Assinale-se que o processo referente a um outro caso importante - o da rede de contrabando de Setúbal, já mais antiga - graças a vários e sistemáticos recursos, se encontra actualmente com paradeiro desconhecido para o Tribunal daquela cidade.

Violência ainda, com direito a manchetes de jornais, foi o caso do cabo Antunes que num quartel da GNR, em Lisboa, disparou a esmo sobre alguns dos seus camaradas de armas, matando quatro e mandando mais 13, com ferimentos, para o hospital. (Ver cronologia, Novembro).

Há a droga, ainda, como um dos sinais mais avassaladores destes tempos e também da incapacidade dos Estados em geral no que respeita à luta e destruição de grupos de interesses, muitas vezes implantados a alto nível, que semeiam a destruição e a dor a troco de verbas verdadeiramente fabulosas. Talvez isso explique tudo. A tal ponto que um gabinete do Ministério da Justiça elaborou um estudo em que se conclui pela estranheza face às estatísticas: a

maioria dos condenados em processos referentes à droga são consumidores e não traficantes, como tudo faria prever.

Neste capítulo, ainda, o ano foi marcado por uma apreensão gigantesca, a segunda maior de sempre na Europa, referente a 150 quilos de cocaína, com a prisão de dois cidadãos estrangeiros.

E houve o caso de Evo Fernandes, esse, ao que tudo indica, com implicações políticas mas que igualmente se pode enquadrar nestes tempos portugueses do final da década de 80 (ver igualmente a cronologia).

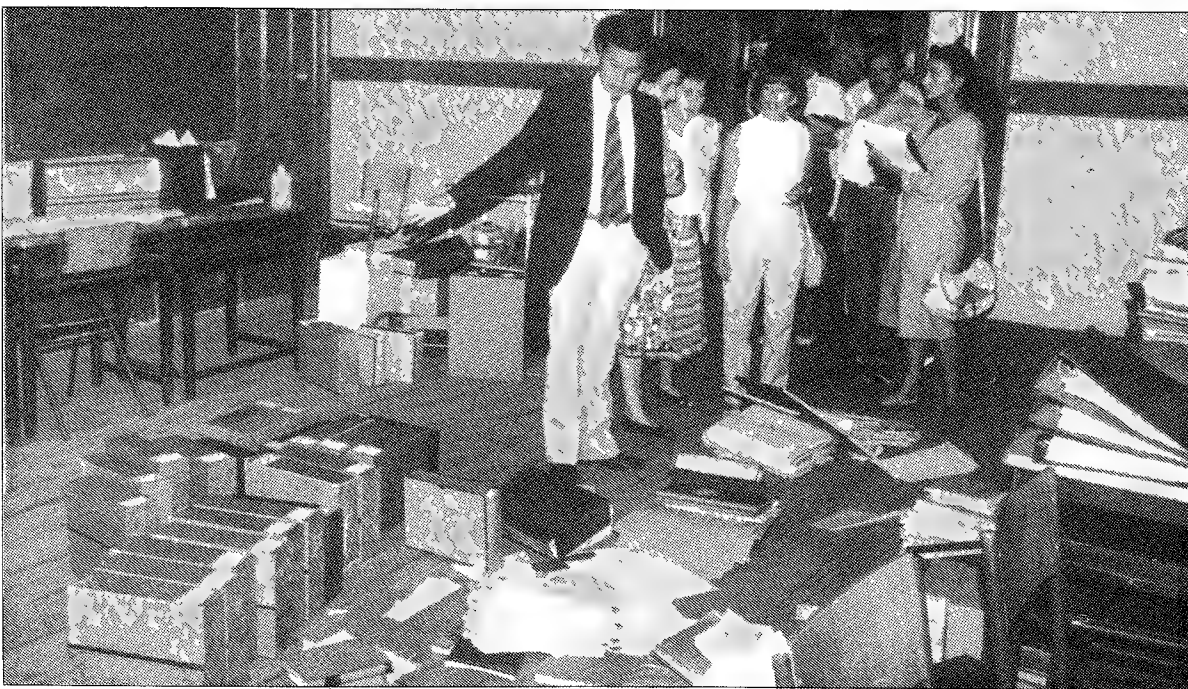
D. Branca: a bomba que não houve

E, depois, já como rescaldo do ano anterior, o início do julgamento de D. Branca, «a banqueira do povo» como era conhecida. Muito dinheiro circulou pelos seus «cofres» que nem existiam: vulgarmente, eram sacos plásticos que guardavam a euforia de depósitos feitos às cegas. O julgamento foi andando, com pequenos escândalos, muitas ausências, e até promessas de verdadeiras bombas. Mas, no final, surgiam sempre os eternos «desencontros» que faziam os detentores de tamanhas informações fecharem-se em copas. O gato continua escondido, portanto.

Por fim, mais um sucedâneo dos vários que têm tentado a sua chance um pouco por todo o país - a meio do ano, um outro tinha já sido condenado. Foi o caso, agora, de um «Conde», no Porto, que em vez de receber a juros emprestava com altos rendimentos. Coisa grossa, também dado que o prestamista (ficava com cheques datados para as cobranças) terá lucrado três milhões de contos. Dava para tudo: automóveis, subornos, e até segurança privada. Por fim, já nas malhas da lei, tentou livrar-se delas com os meios que conhecia: a «compra» do juiz instrutor.

Terá agravado a sua pena.

RV



Chiado também foi fogo posto na Educação

Uma casa imensa e desorganizada

Continuação da pág. 25

profissionalização em serviço impôs um esquema que, na opinião generalizada, é inferior ao que o antecedeu.

A protecção ao ensino privado, com a canalização de verbas cada ano mais avultadas para aquelas

escolas, o anunciado aumento (ao que consta substancial) das propinas do ensino superior e a filosofia subjacente à proposta de formação contínua, segundo a qual os professores adquirem formação (e, simultaneamente progridem na carreira) acumulando unidades de

crédito pagas por eles, confirmam uma política cujo lema poderá ser «quem quer ter educação, pague».

Passado um ano, as perspectivas de esperança foram paulatinamente transformadas em perspectivas de frustração.

Manuela Alves

DEZEMBRO

Os preparativos para mais um ano: Há os acontecimentos que não deixam rasto, ou seja, esgotam-se neles próprios como elemento de notícia. São os acidentes, os fenómenos, as declarações só para marcar presença. Mas o próximo ano herdará, naturalmente, muito do que foi dito e feito durante o ano todo e particularmente neste último mês do ano. Para 1989 sobram, naturalmente, os grandes conflitos que marcam a sociedade actual no nosso país, como os confrontos sociais, normalmente traduzidos em greves; as questões da droga e da violência; as dificuldades da vida, toda ela, agravada pelos preços que nos dão pelas barbas. Pode não ser uma tragédia mas há muito quem, aos primeiros dias do ano novo de interrogo sobre como vai ser. O IRS, por exemplo, com o problema de se saber se sempre pagaremos mais impostos.



Soares em Alcoentre: o importante era o refeitório

Como será nos tribunais?: Vinha desde o princípio do ano, como se sabe, o grande conflito generalizado no sector da Justiça, com um ministro (e um Governo) renitente em conversar. Mas os problemas agudizaram-se substancialmente nesta parte final do ano e particularmente em Dezembro. Então não aconteceu, quase como se se tratasse de uma imensa cabala contra o Governo, que desatou tudo «aos gritos»? Ele foram os juízes (caso único), ele foram os magistrados do Ministério Público, ele foram os funcionários judiciais, numa sequência de paralisações que se somaram no tempo e deixaram montes de papel e de casos em suspenso para o próximo ano. Mas não é tudo. Porque os próprios advogados voltaram à carga e pedem mesmo, não a cabeça, mas um gesto e uma posição de autocomplacência da parte de Fernando Nogueira, ministro da Justiça. E pediram-lhe que se demita... Justiça? Prisões? Então some-se o suicídio de mais um preso-homem, o 16º, em prisões portuguesas, durante o ano corrente, a que se soma o segundo por parte de uma mulher, no Funchal. Cadeias ainda: o Presidente da República foi de visita ao estabelecimento prisional de Alcoentre e puseram-no frente a um banquete que ele manifestamente não desejava. Resultado: abreviou-se a comedia e Mário Soares foi ao refeitório, porque o que ele queria era mesmo ver era como comem os presos. Como ele, Presidente, manifestou entretanto a não intenção de se recandidatar ao cargo, não deverá ter sido eleitoralismo. Até porque não há garantia de que a maioria dos «credores» do gesto já estejam em liberdade e possam votar na próxima consulta.

Pacotes, pacotes, pacotes e greve geral à vista: O Governo, aparentemente, permanece na sua posição de firmeza. Confrontos, parece fazer questão de demonstrar, não o preocupam, as posições que vencerão são as suas. Mas também no sector laboral em geral, com extensão ao sector público (professores, funcionários centrais e locais...), os problemas se agudizam. O ressurgimento súbito do velho «pacote laboral», depois da onda de contestações que suscitou, aí está como exemplo de uma espécie de arrogância que pode bem ser um sinal dos tempos que se seguirão. É que, como se sabe, perfila-se no horizonte mais uma greve geral, com a possibilidade de ambas as centrais sindicais conjugarem esforços para que ela seja um verdadeiro afrontamento ao executivo de Cavaco Silva. É de esperar que, à semelhança do que aconteceu em 28 de Março, Cavaco venha, em vésperas desse confronto, se ele se concretizar, a dizer que há na UGT «forças conservadoras, retrógradas...». Não era assim que ele punha a questão, em vésperas do 28 de Março?

Rogério Vidigal

Saúde

Privatizar é preciso

A união dos Sindicatos Médicos, de tendências políticas diversas, com a Ordem dos Médicos, tradicional bastião corporativo da classe, na oposição à Ministra da Saúde foi um dos factos mais relevantes no sector da saúde no ano de 1988, caracterizado por um autêntico «braço de ferro» entre Leonor Beleza e os médicos.

O aparecimento deste «frentismo» deve-se sobretudo ao desagrado generalizado pela política governamental no sector, mas também, em certa medida, ao estilo dialogante que Machado Macedo imprimiu à Ordem dos Médicos desde que, em 1987, foi eleito bastonário, abrindo caminho a um novo relacionamento com os Sindicatos.

A oposição unida realizou em Outubro, na Figueira da Foz, uma reunião em que Ordem dos Médicos e Sindicatos foram unânimes no «profundo desagrado» face à política ministerial que «limita progressivamente o acesso dos doentes à saúde», como afirma o comunicado final do encontro.

Em resposta a esta oposição concertada formou-se uma Associação Nacional de Jovens Médicos, presidida por um primo de Leonor Beleza, com a qual esta tem mantido um diálogo privilegiado, isto apesar de nenhum dos órgãos representativos da classe lhe reconhecerem estatuto para falar em nome dos médicos.

O ano de 1988 assinalou o início da privatização do Serviço Nacional de Saúde (SNS) que segundo o texto do acordo de revisão constitucional passou de «geral, universal e gratuito» para «geral, universal e tendencialmente gratuito».

Esta tendência para privatizar o SNS traduziu-se, por exemplo, na perspectiva de privatização dos centros de saúde através da introdução de um factor de desmantelamento das equipas de cuidados de saúde primários, que é a contratação de médicos convencionados para exercerem clínica em concorrência com os médicos de carreira.

Esta mesma perspectiva de privatização surge ainda consubstanciada no apoio do Governo a grandes unidades hospitalares privadas como o Hospital da Póvoa, no Porto, ou a Clínica da Póvoa da qual o ministro das Finanças, Miguel Cadilhe, é o principal accionista.

A primeira medida controversa tomada no sector da saúde surgiu logo em Janeiro, mês de publicação da nova lei de gestão hospitalar,

que aos administradores hospitalares apenas exige que sejam «gestores de reconhecido mérito», tudo isto tendo como pano de fundo uma filosofia economicista,

que pretende a equiparação dos hospitais a empresas.

Ao longo do ano, dezenas de pessoas sem qualificação específica foram nomeadas para gerir os hospitais, facto que motivou uma interpelação ao Governo na Assembleia da República e queixas ao Provedor de Justiça e Supremo Tribunal Administrativo.

E houve a questão do Júlio de Matos

Entretanto, rara era a semana que não trazia Leonor Beleza às primeiras páginas dos jornais. Uma das decisões que tomou e que mais tinta fez correr foi o desmantelamento do Hospital Júlio de Matos, facto que deu origem a acusações segundo as quais, subjacente a tal medida, estaria o negócio da venda do vasto terreno onde o Hospital se encontra implantado.

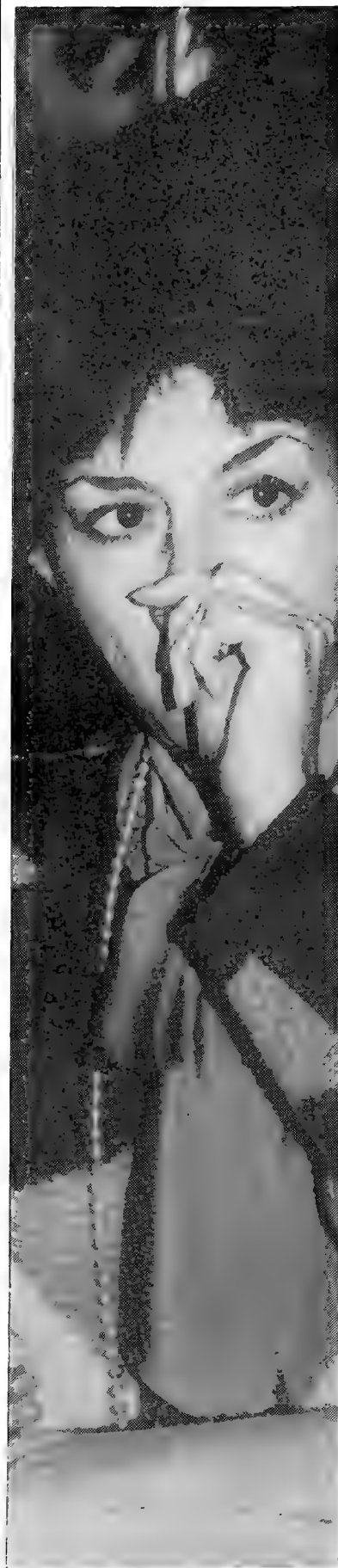
O desaparecimento do Hospital Júlio de Matos surgiu inserido no controverso Plano de Reorganização dos Serviços de Saúde Mental, que prevê a substituição das grandes instituições psiquiátricas por pequenos centros de saúde mental.

A crescente ameaça às carreiras médicas e recusa de aumentos de salários por parte do Ministério da Saúde que, para tal, invoca o relatório Sousa Franco e a anunciada reforma do sistema retributivo da função pública, motivou uma greve nacional dos médicos em Abril e Maio, culminando em Junho com uma paralisação de quatro dias. A classe aderiu maciçamente a esta greve que foi a terceira a nível nacional feita pelos médicos contra Leonor Beleza, cuja popularidade parece ter entrado em declínio no último trimestre do ano.

Mas não foram só os médicos e os administradores hospitalares que manifestaram ao longo do ano o seu desagrado para com a política governamental no sector da saúde. A contestação estendeu-se aos enfermeiros que lutaram pelo reconhecimento de um estatuto profissional e pela integração do curso geral de enfermagem no ensino superior.

Os doentes, sem espaço político onde erguer a voz, aguentaram calados os aumentos generalizados dos preços dos medicamentos e a redução das participações, assim como as filas de espera nas consultas que se mantiveram em 1988, apesar das visitas surpresa da Ministra aos centros de saúde em plena madrugada.

Isabel Brag.



Leonor Beleza foi, com Miguel Cadilhe, o mais contestado membro deste Governo. Iniciou uma ofensiva em forma contra a classe médica, teve de recuar, e terminou o ano num processo de negociações complicadas, que não fecharam as portas a novas greves.

Hoje, como ontem, conquistamos novos horizontes

Portugal venceu os mares.

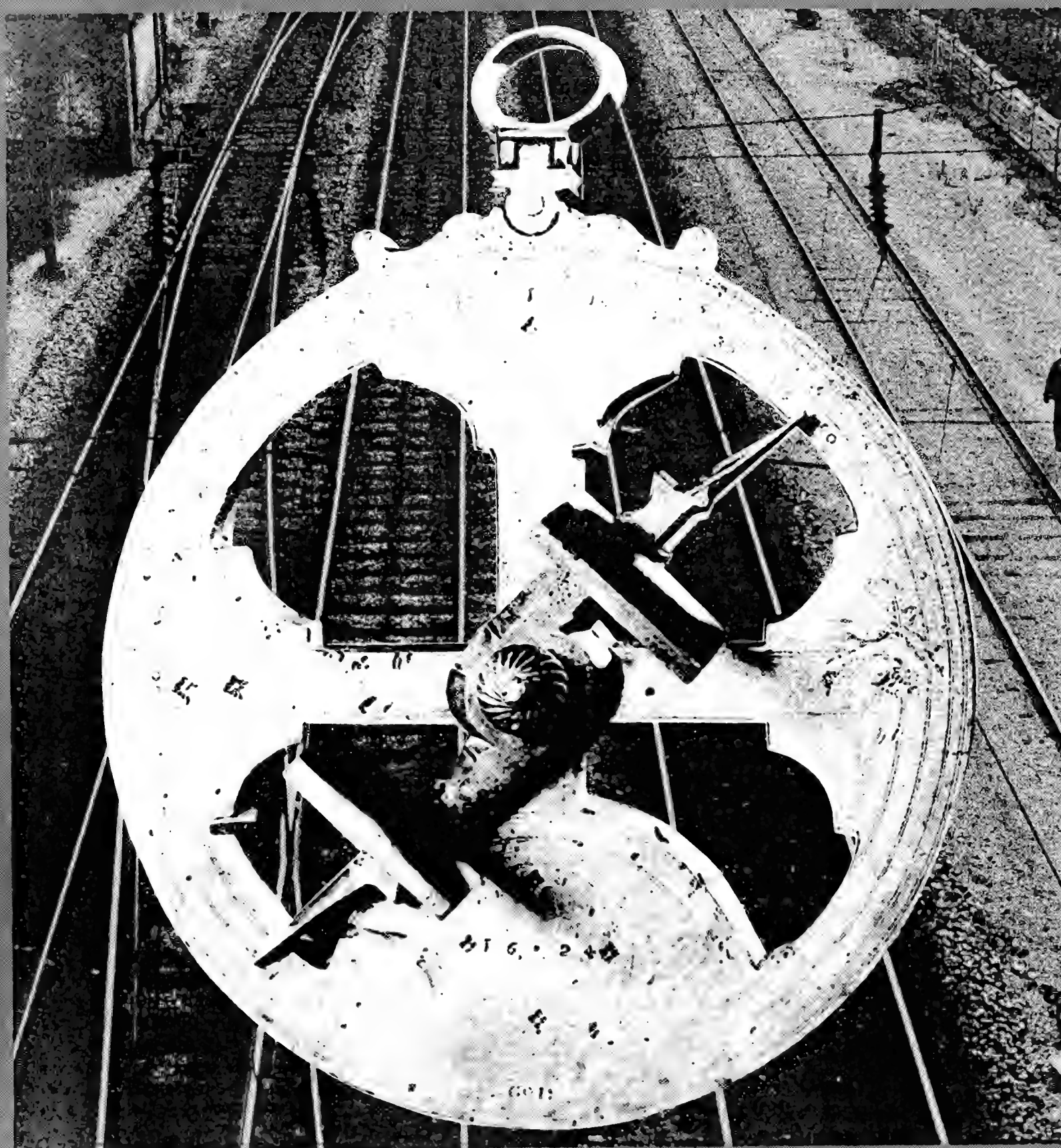
Chegou a novas terras, outros povos,
diferentes civilizações.

Dominou com arte a técnica e a ciência.
E enfrenta hoje, com a mesma
determinação, o desafio da modernidade.

A história do caminho-de-ferro em
Portugal é, também ela, uma história de
conquista.

Aproximando mais as pessoas,
criando novos espaços de comunicação,
favorecendo o desenvolvimento
económico, investindo nas tecnologias
mais avançadas.

Hoje, como ontem,
sabemos percorrer a via do progresso.
E conquistar novos horizontes.



Caminhos de Ferro
Portugueses

O ANO INTERNACIONAL

1988 foi um importante ano para a paz. Às cedências a que uma caótica situação na URSS obrigou Mikahil Gorbachev, adicionaram-se os progressos registados na África Austral e, mais recentemente, o início do diálogo americano-palestiniano, susceptível de alterar todo o panorama no Médio Oriente. Foram passos importantes os que se deram nos últimos doze meses e que poderão ficar registados na História. E não apenas no campo da segurança europeia, da diminuição da tensão no Médio Oriente ou da pacificação do Sul de África. No Extremo Oriente, os soviéticos retiram do Afeganistão, no Golfo, Irão e Iraque cessam hostilidades, na península da Indochina o Vietname dispõe-se a sair do Kampuchea.

JANEIRO

Cubanos em confronto com sul-africanos - A Força Aérea cubana bombardeou várias posições sul-africanas na província angolana de Cuando-Cubango, segundo a agência de notícias moçambicana (AIM). Foi a 1ª vez que efectivos cubanos entraram em confronto directo com os sul-africanos que ocupavam parte do território angolano.

Negociações directas com os "contras" - Iniciaram-se a 28 negociações directas entre o Governo nicaraguense e os "contras", para a obtenção de um acordo de paz. Espanha anunciou que participaria na comissão de verificação do acordo.

FEVEREIRO

EUA propõem plano de paz para o Médio Oriente - Israel divulgou no dia 10 pormenores do plano de paz norte-americano para o Médio Oriente, que previa a realização de uma conferência internacional, seguida de conversações directas entre israelitas e árabes.

Angola pronta a negociar - No início das conversações oficiais com o secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, o Presidente angolano, José Eduardo dos Santos, reafirmou no dia 19, em Luanda, que o seu país estava pronto a entrar em negociações com a África do Sul.

MARÇO

Nacionalismos na URSS - Moscovo impôs o recolher obrigatório na cidade de Sumgait, no Azerbaijão, após violentos distúrbios entre arménios e azerbaijanis. A URSS começou a manifestar preocupação pelo surto de nacionalismos nas duas repúblicas.

A guerra do golfo - O Irão informou as Nações Unidas no dia 10 de que estava disposto a suspender "incondicionalmente" os seus ataques contra objectivos iraquianos, se este país se compromettesse a fazer o mesmo.

Luanda propõe quadripartidas - Em busca de uma solução para o conflito na África Austral, o Governo de Luanda propôs no dia 18 a realização de conversações quadripartidas, incluindo Pretória.

ABRIL

Acordo para a retirada soviética do Afeganistão - Quatro nações assinaram no dia 14 um acordo de mediado pelas Nações Unidas para a retirada militar soviética do Afeganistão. Subscreveram o acordo, por um lado o Afeganistão e o Paquistão e, por outro, os Estados Unidos e a União Soviética, que aceitaram o papel de "garantes internacionais".

Oposição vence na Coreia do Sul - Pela primeira vez na história da Coreia do Sul, a oposição venceu no dia 26 as eleições legislativas, passando a controlar o Parlamento. O partido governamental conseguiu apenas 76 dos 224 lugares em disputa.



A difícil liderança

REFORMAS constitucionais e eleitorais, eventual transformação do Comecon num mercado comum socialista, abertura a alguns níveis de oposição e iniciativas desarmamentistas, foram sinais das mudanças no bloco europeu de Leste em 1988, o «Ano da Perestroika».

As mexidas nos aparelhos de Estado tendentes à liberalização — como na Hungria — ou a reafirmação da linha ideológica de dureza — como na Alemanha Democrática — foram reflexos pontuais das políticas de «glasnost» (transparência política, aplicada desde 1987) e de «Perestroika» (reestruturação económica), projectadas por Mos-

covo desde a assunção da liderança por Mikhail Gorbachev, em 1985.

Segundo Michel Tatu, editoralista de «Le Monde» e observador da realidade soviética, «a grande originalidade de Gorbachev em relação aos seus antecessores foi não ter empreendido uma reforma económica, mas ter compreendido que esta não produziria resultados palpáveis se não fosse acompanhada de uma reforma política».

E este ano foram lançadas reformas constitucionais que, disse Gorbachev, só a doença crónica soviética do atraso na aplicação das decisões pode levar a que tudo tenha sido debalde.

As reformas eleitorais incluem a disputa por número ilimitado de candidatos, e com campanha feita à custa do Estado, para um congresso de deputados com 2250 membros, no próximo ano. Fará a escolha do presidente da URSS e do Soviète Supremo, com 400 a 450 membros, em substituição do actual órgão de 1500 membros.

Por outro lado, a transferência de decisões económicas específicas, que agora cabem ao partido, para os soviets implica a reestruturação do aparelho do PCUS e a redução dos seus funcionários, ao

Continua na pág. 30

MAIO

Início das quadripartidas sobre África Austral - Começaram em Londres no dia 3 as conversações quadripartidas sobre a guerra em Angola e a independência da Namíbia. Sentaram-se à mesa representantes de Angola, de Cuba e de África do Sul e dos Estados Unidos, como mediador.

Onda de greves na Polónia - As autoridades polacas, alegando que os interesses nacionais estavam ameaçados, intervieram no dia 5 na Siderurgia Lenine, em Nova Huta, detiveram os líderes da greve, que durava há 10 dias e declararam o seu fim. Mas a onda de greves no país prolongou-se até ao dia 10.

Mitterrand reeleito - O Presidente francês, François Mitterrand, foi reeleito no dia 8, para um mandato de mais sete anos, com 54,04 por cento dos votos contra 45,9 do candidato conservador, o Primeiro-Ministro Jacques Chirac.

Início da retirada do Afeganistão - A URSS iniciou no dia 15 a retirada militar do Afeganistão. Uma coluna militar com 1.300 homens e 270 tanques blindados deixaram Cabul com uma cerimónia marcial de despedida.

Cimeira Reagan Gorbachev - No dia 29 o Presidente norte-americano Ronald Reagan e o líder soviético Mikhail Gorbachev tiveram em Moscovo o seu quarto encontro, que durou três dias, tendo como tema central a questão do desarmamento e durante o qual foi também abordada a questão dos direitos humanos.

JUNHO

Tensões étnicas na URSS - As tensões étnicas reacenderam-se nos primeiros dias do mês, com confrontos em Baku, no Azerbaijão, e uma greve geral na Arménia. Em causa o enclave de Nagorno-Karabakh, cuja população, arménia, exigia a sua desanexação da república do Azerbaijão.

Seca nos Estados Unidos - A mais grave seca desde 1934 nos Estados Unidos estava a assumir proporções de catástrofe nacional, provocando a subida vertiginosa dos preços dos cereais e obrigando os criadores de gado a abater os animais.

Manifestação em Belgrado - Milhares de trabalhadores metalúrgicos manifestaram-se no dia 17 junto ao Parlamento jugoslavo contra o programa de austeridade do Governo e mais uma redução dos seus salários.

JULHO

Princípios de paz para Angola - O jornal "New York Times" revelou no dia 22 que os governos de Angola, Cuba e África do Sul haviam ratificado um acordo de princípios sobre a paz em Angola e a independência da Namíbia, durante uma ronda de conversações quadripartidas em Nova Iorque.

Eleições na URSS - A direcção soviética aprovou a 29 medidas no sentido de serem postas em prática as reformas aprovadas pela conferência nacional do PCUS. As propostas de Gorbachev, que foram aprovadas alteraram o sistema de eleição dos deputados para o novo Congresso.

AGOSTO

Mathias Rust libertado - O jovem piloto alemão-federal, Mathias Rust, preso e condenado na URSS a quatro anos de prisão, por ter aterrado na Praça Vermelha, foi libertado no dia 4, depois de ter cumprido 14 meses da pena que lhe fora aplicada.

A morte de Zia Ul-Haq - O Presidente do Paquistão, Mohammad Zia Ul-Haq, que durante 11 anos governou o país com "mão-de-ferro" perdeu a vida no dia 17 num acidente de viação. Não se exclui a possibilidade de atentado.

Cessar-fogo no golfo Pérsico - Entrou em vigor no dia 20 o cessar-

Apostar na paz para garantir o futuro

Continuação da pág. 29

que se crê em cerca de 30 por cento.

Os dirigentes soviéticos passarão a desempenhar os seus cargos pelo máximo de dois mandatos seguidos, ou dez anos, e o Soviete Supremo poderá vetar decretos do Presidium.

No plano económico, foram aprovadas as leis sobre a actividade económica privada, que vigora desde Maio, e sobre as cooperativas, a base jurídica do novo sistema de gestão.

Mas a falta persistente de alimentos foi declarada por Gorbachev, em Julho, «o problema mais agudo da sociedade soviética» e a prioridade está a ser dada à agricultura, com divisão das grandes propriedades colectivas e estatais em quintas familiares ou cooperativas com alugueres até 50 anos.

A mudança no campo económico foi apoiada por legislação reestruturando os escalões superiores da gestão administrativa, nos campos do planeamento, finanças, banca e sistema de formação de preços, entre outras. Desde 1 de Janeiro deste ano, 60 por cento das empresas industriais soviéticas — quase todas as dos transportes, parte das firmas de construção — funcionam em sistema de autofinanciamento e auto-gestão.

Na perspectiva mais optimista deste plano de reestruturação, o Estado pretende que as suas encomendas não representem mais de uns 20 a 30 por cento da futura produção das empresas e, mesmo assim, em sistema de competição. A aposta será na atribuição de encomendas basicamente no campo da defesa, grandes obras públicas ou contratos internacionais em áreas excepcionais.

No princípio deste mês, o Soviete Supremo terminou o debate do orçamento do Estado do próximo ano, prevendo um défice de 34 900 milhões de rublos (mais de 7800 milhões de contos), menos mil milhões de rublos do que no ano passado. Foi o primeiro anúncio feito sobre o alcance do défice orçamental da URSS e a explicação dada aos problemas financeiros crónicos do Estado, por causa dos subsídios esmagadores aos alimentos e cobertura dos défices das empresas.

As teses de Gostev

MUDANÇA ampla foi anunciada pelo ministro das Finanças, Boris Gostev, com a venda de acções de empresas estatais, o que envolve a criação de um mercado de valores. Na perspectiva de Gostev, será a melhor maneira de angariação de financiamento para o orçamento do Estado. A venda de acções servirá ao autofinanciamento das empresas e não resultará em receita directa para o Estado. A reforma do sistema económico, disse Gostev, passa pelo «estudo de vários sistemas capitalistas».

Para além dos efeitos a nível doméstico, a reforma do sistema levou a que parceiros capitalistas se interessassem a fundo na concessão de empréstimos a Moscovo. Este mês, consórcios bancários europeus emprestaram quase seis mil

milhões de dólares, o Deutsche Bank abriu uma linha de crédito de 1700 milhões de dólares e bancos franceses estão em conversações para a concessão de créditos superiores a dois mil milhões de dólares.

Em Setembro, previa-se para o fim deste ano a criação de uma «joint venture» bancária soviética com sete bancos ocidentais, um capital de cem milhões de rublos (25 milhões de contos) e controlo por Moscovo. Mas a partir de 1 de Janeiro próximo os parceiros estrangeiros poderão passar a controlar o capital de «joint ventures», aparentemente numa decisão que tem por fim acalmar os receios ocidentais de perda de controlo sobre tecnologias e padrões de qualidade.

Na perspectiva europeia ocidental, a União Soviética está a transformar-se num grande mercado — «uma das grandes oportunidades da economia mundial para os próximos 15 a 20 anos», segundo empresários ocidentais — com os seus 282 milhões de habitantes, para já para os bens de consumo corrente de que não dispõem e, por outro lado, de trabalho para companhias a formar no âmbito da Europa de 1992.

Em Novembro, foi dito pelo director do Gosplan, a comissão estatal de planeamento, Yuri Masliyukov, que a inflação está calculada entre 0,9 e 1,5 por cento ao ano, indicador obtido a partir dos dados disponíveis. Foi a primeira informação oficial sobre o índice de inflação soviético mas, segundo cálculos ocidentais, ele deve rondar os 8 por cento.

Em Outubro, a Tass fez um levantamento do desempenho da economia soviética, referindo melhora global este ano mas problemas agravados de realização por empresas em vários ramos, que não tinham já, em 1987, cumprido um quinto dos seus contratos nem satisfeito os padrões mínimos de qualidade. Em contrapartida, entre Janeiro e Outubro deste ano, foram criadas 105 empresas mistas com estrangeiros.

O Conselho de Ajuda Mútua Económica — Comecom — tenderá, entretanto, a transformar-se num mercado comum socialista, projecto que tem actualmente a resistência romena e alemã-democrática, os dois travões à avançada da «perestroika» na Europa de Leste.

O projecto de integração prevê a coordenação dos planos quinquenais económicos de 1991 a 1995 e um programa de desenvolvimento económico multilateral até 2005, altura em que o Comecom deverá constituir um mercado único com livre circulação de produtos, serviços, moeda e mão-de-obra.

Política externa e nacionalidades

NO plano externo, a reforma soviética levou ao início da retirada militar do Afeganistão, à activa participação indirecta nas negociações para a pacificação do Sudoeste Africano, de substanciais efeitos unilaterais de redução dos efectivos armados na Europa e na Ásia e às propostas parcelares para

abrandamento da tensão militar global, dos mares aos armamentos no espaço.

O ricochete sentiu-se nos aliados europeus da URSS, alguns com manifestações de maior interesse em prescindir dos contingentes de Moscovo, como a Checoslováquia ou a Hungria, a pretexto da assinatura do Tratado para Eliminação de Mísseis de Médio Alcance (INF) entre as superpotências.

Mas o grande efeito da política de abertura deu-se no próprio seio da URSS — o reacender mais ou menos violento ou apaixonado dos nacionalismos, dos estados bálticos à Arménia e ao Azerbaijão, que o Kremlin remeteu para plenário do Comité Central sobre as nacionalidades, a fazer, talvez, em meados do próximo ano.

O confronto arménio-azerbaijani, entretanto, fez este ano dezenas de mortos e levou à prisão de centenas de manifestantes e activistas que querem a exclusão do enclave arménio, Nagorno-Karabakh, do Azerbaijão.

O avanço mais rápido da «perestroika» na Estónia — proclamado pelo líder do Partido Comunista local — visa a soberania e afirmou-se inicialmente pelo decreto do poder de veto sobre as leis soviéticas. O Soviete Supremo teve que declarar inconstitucional a decisão da Estónia, o mais frontal dos três estados bálticos, e prometer maior atenção à questão.

Mas os problemas étnicos e reivindicações — ou de regresso à situação anterior à fixação das fronteiras soviéticas ou prévias ao rearranjo territorial da era de Estaline — não vão abrandar, nem nos casos mais noticiados nem nos menos referidos, como os tártaros da Crimeia e outras nacionalidades.

Ainda no plano dos direitos humanos, Gorbachev apelou este ano para uma maior tolerância para as religiões e prometeu libertar todos os presos por razões políticas ou religiosas, à excepção de quantos tenham proposto o derrube do governo. Há diferenças sobre o número final de abrangidos — dez, segundo o Ministério soviético da Justiça, cerca de 300 segundo grupos de defesa dos direitos do homem.

Para meados do próximo ano, está prevista uma lei sobre o direito de emigração dos soviéticos, impondo sete anos de limite para a recusa de vistos a detentores de segredos militares, industriais ou de Estado.

A dimensão dos problemas da nova realidade soviética pode ser sintetizada pela decisão surpreendente de Junho deste ano, quando o «Izvestia» anunciou o cancelamento dos exames de História para os estudantes entre os 6 e os 16 anos.

Foi o reconhecimento da existência de lacunas nos compêndios e da necessidade de incluir dados sobre os períodos mais delicados da história nacional recente. Um «cartoon» publicado em meados do ano pela revista satírica «Krokodil» sintetizou a situação, com uma criança que perguntava à professora de História: «Quer que lhe conte a verdade ou aquilo que o livro diz?».

Luísa Ribeiro
(Exclusivo Luísa/«DE»)

fogo entre o Irão e o Iraque, pondo fim a um conflito de quase oito anos que afectou a política mundial e provocou mais de um milhão de mortos.

Acordo de tréguas na África Austral - A África do Sul assinou a 22 um acordo de tréguas com uma delegação angolano-cubana, pondo fim a 13 anos de hostilidades no sul de Angola.

SETEMBRO

Negociações para a paz no golfo - O Irão e o Iraque, não obstante ameaças mútuas, iniciaram negociações de paz separadas, com o mediador das Nações Unidas, Jan Eliasson.

Acordo de Nkomati reactivado - Moçambique e a África do Sul concordaram no dia 12 em reactivar o acordo de Nkomati, implicando a cessação do apoio sul-africano à Renamo. As conversações decorreram em Tete e as partes comprometeram-se a intensificar a cooperação económica.

OUTUBRO

Mudanças políticas na URSS - O plenário do Comité Central do PCUS elegeu no dia 1 Mikhail Gorbachev para o cargo de presidente do Soviete Supremo, a chefia do Estado Soviético, em substituição de Andrei Gromiko, que se demitiu. Este plenário afastou da hierarquia soviética cinco personalidades de topo, consideradas adversas à "perestroika" e tomou outras decisões importantes para a implementação das reformas de Gorbachev.

"Não" a Pinochet - Um plebiscito presidencial realizado no dia 5 no Chile constituiu uma rotunda recusa do povo à permanência no poder do Presidente Augusto Pinochet. O "não" ao ditador obteve mais de 50 por cento dos votos expressos.

NOVEMBRO

Novo Presidente dos EUA - No dia 8, George Bush, do Partido Republicano, foi eleito para suceder a Ronald Reagan na Presidência dos Estados Unidos. A vitória do vice-Presidente da administração Reagan (54 por cento dos votos) sobre o seu rival democrata Michael Dukakis (46 por cento) já era esperada. Bush prometeu uma administração mais moderada e pragmática.

OLP declara Estado palestino - A Organização de Libertação da Palestina (OLP), liderada por Yasser Arafat, declarou o Estado da Palestina independente no dia 14, durante uma reunião do Conselho Palestino. Arafat, no seu discurso reconheceu implicitamente o Estado de Israel.

Vitória de uma mulher num país islâmico - O Partido Popular Paquistanês, de Benazir Bhutto, filha do antigo Primeiro-Ministro Ali Bhutto, venceu no dia 16 as eleições legislativas naquele país. Bhutto será a primeira mulher a chefiar um Governo num país muçulmano.

Agitação na Jugoslávia - Mais de um milhão de sérvios manifestaram-se em Belgrado, Jugoslávia, para exigir a incorporação de Kosovo na República autónoma da Sérvia. Este grupo étnico diz-se vítima da perseguição por parte da maioria albanesa.

DEZEMBRO

Gorbachev em Nova Iorque - O Presidente da URSS deslocou-se no dia 6 a Nova Iorque, tendo discursado na ONU, onde anunciou uma redução unilateral de forças na Europa. Teve igualmente encontros com Reagan e Bush.

Sessenta mil mortos na Arménia - Um violento tremor de terra sacudiu no dia 7 a república soviética da Arménia, provocando cerca de 60 mil mortos. O líder soviético, que se encontrava nos EUA, teve de encurtar a sua visita e deslocou-se às zonas sinistradas.

Acordo sobre Angola e Namíbia - Foi assinado em Brazzaville, Congo, um protocolo sobre os termos da retirada cubana de Angola e da independência de Angola. Este acordo poderá abrir caminho à paz na África Austral.

Diálogo entre os EUA e a OLP - O Presidente Reagan decidiu no dia 14 iniciar o diálogo com a OLP, sobre a paz no Médio Oriente. Washington considerou que Arafat, ao discursar na sessão da ONU, transferida para Genebra, tinha satisfeito as principais exigências: reconhecimento inequívoco de Israel e renúncia ao terrorismo.



Ano zero da independência

Em 1988 assistiu-se à viragem da estratégia da Organização de Libertação da Palestina (OLP) e à inversão das posições, perante a opinião pública mundial, das partes em conflito: árabes e israelitas.

A Intifada - levantamento popular não armado na faixa de Gaza e na Cisjordânia -, a proclamação do Estado independente palestino, com o reconhecimento implícito de Israel, a mudança temporária da sede das Nações Unidas para ouvir Arafat, em Genebra, e, finalmente, a aceitação, pelos Estados Unidos, da OLP como parceiros no processo de paz, foram os pontos altos da acção palestina.

A 9 de Dezembro, a Intifada completou um ano. Manifestações diárias de protesto, greves com apoio do comércio local e acções de sensibilização, fizeram a causa palestina marcar pontos junto da opinião pública mundial.

A resposta israelita à «guerra das pedras» foi idêntica à prevista para as acções armadas, tendo causado mais de 300 mortos entre os palestinos (301 ou 319, consoante as diferentes fontes oficiais), na sua maioria adolescentes.

Israel agiu na convicção de que, mais cedo ou mais tarde, os palestinos, através da OLP (ou de uma das suas facções mais radicais), regressariam à acção violenta.

Tal não aconteceu, pese embora o assassinio, na Tunísia, a 16 de Abril, de Khalil al Wazir, número dois da OLP e braço direito de Yasser Arafat, alegadamente perpetrado por um comando com li-

gações a Israel.

Em Setembro, com o apoio do grupo socialista europeu, a OLP aumentou a sua pressão diplomática internacional, quando Arafat discursou no Parlamento Europeu, em Estrasburgo, tendo deixado claro que aceitava as resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas que reconhecem o Estado de Israel e preveem, em simultâneo, a criação de um outro Estado árabe na região.

A OLP fez ainda outra inflexão na sua tática ao pronunciar-se, pela primeira vez, sobre as forças em presença nas eleições israelitas de 1 de Novembro, apelando ao voto nos partidos de esquerda, que defendiam a realização de uma conferência internacional para o estabelecimento da paz no Médio Oriente.

Para a XIX sessão do Conselho Nacional Palestino (o Parlamento no exílio), que decorreu em Argel, em meados de Novembro, estava já anunciada a proclamação do Estado independente palestino, já reconhecida por quatro dezenas de países, mas não se sabia até que ponto é que Arafat conseguiria impôr as suas posições, às facções mais radicais.

A vitória de Arafat só foi possível devido ao abandono da regra do consenso.

A OLP rejeitou e condenou todas as formas de terrorismo e apelou para a realização de uma conferência internacional sobre o Médio Oriente com base nas resoluções 242ª e 338ª das Nações Unidas.

Semanas depois, provando a sua boa fé, Arafat acaitou explicita-

mente a existência de Israel ao assinar, em Estocolmo, um comunicado conjunto com uma delegação de judeus norte-americanos, também eles empenhados no processo de paz para o Médio Oriente.

E terá sido precisamente para contrariar a nova imagem do líder da OLP que os Estados Unidos recusaram, ainda em Novembro, o visto de entrada a Arafat para falar nas Nações Unidas.

Para tanto, a administração Reagan argumentou com a existência de ligações ao terrorismo, como o fizera em meados do ano, quando pretendeu, sem êxito, encerrar a delegação da OLP junto das Nações Unidas.

Os resultados estão à vista: a Assembleia das Nações Unidas acabou por condenar, por esmagadora maioria (apenas com os votos contra dos EUA e Israel e a abstenção da Grã-Bretanha) a recusa norte-americana, e mudou a sessão sobre a Palestina para Genebra: «Como Maomé não foi à montanha, a montanha foi a Maomé».

Quando nada fazia prevêr, a situação conheceu, no dia 14 de Dezembro, uma nova e positiva evolução para o processo de paz no Médio Oriente, quando os Estados Unidos anunciaram o reconhecimento da OLP como representante do povo palestino.

Esta posição recolheu os maiores apoios, com a excepção, evidentemente de Israel, e logo no dia 15 a União Soviética propôs o início imediato dos trabalhos preparatórios para a realização de uma conferência com todas as partes para obter esses desideratos, sob a égide das Nações Unidas.



O secretário-adjunto norte-americano para os Assuntos Africanos, Chester Corcker, cuja mediação nas negociações para a paz na África Austral foi decisiva para a assinatura dos acordos de Brazzaville.



Aspecto de uma reunião quadripartida na capital congoleza, em que participaram delegações de Angola, Cuba e África do Sul, e os Estados Unidos no papel de mediantes.

África Austral: enfim, a paz?

Surpreendentemente, o ano de 1988 encerra com chave de ouro no que concerne à resolução do conflito na África Austral. Com efeito, a assinatura do "protocolo de Brazzaville", no passado dia 13, abriu perspectivas que há uns oito meses atrás se afiguravam muito improváveis: a implementação dentro em breve do processo que conduzirá a Namíbia à independência, a retirada das tropas cubanas de Angola e, talvez, o fim do conflito angolano.

Os Estados Unidos, cuja diplomacia desempenhou um papel determinante ao mediar as negociações entre Angola, Cuba e África do Sul, felicitaram-se pelo feliz desfecho do processo. Chester Crocker, o secretário adjunto para os Assuntos Africanos, sentiu-se um vencedor em Brazzaville. Por outro lado, o porta-voz do Departamento de Estado, Charles Redman, qualificou de "muito construtivo" o posicionamento da União Soviética em todo o processo, sem deixar de precisar que os EUA continuarão a fornecer à Unita "uma ajuda apropriada". Em Lisboa, o porta-voz deste movimento rebelde manifestou a opinião de que "mais tarde ou mais cedo", serão inevitáveis negociações entre a Unita e os detentores do poder em Luanda, sem o que, ameaçou, "intensificaremos a nossa luta armada". Na mesma altura, era anunciada pelas autoridades angolanas a promulgação, em breve, de uma lei de amnistia para pôr fim à guerra que assola o país há 13 anos.

O caminho percorrido

Depois da primeira reunião em Londres, no início de Maio, houve avanços e recuos, mas os obstáculos foram sendo sucessivamente aplanados, para se chegar a um entendimento conclusivo ao fim de dez encontros quadripartidos.

O quadro geral das negociações foi definido na capital britânica e, em Agosto, iniciaram-se em Genebra as reuniões consultivas. E é ainda na capital suíça, três meses mais tarde, que se entrevê uma saída para o processo negocial. Desde então, fica tudo estabelecido, mas apenas no papel. Os cubanos deverão abandonar o território angolano até Julho de 1991, no termo de uma retirada escalonada em 27 meses, a partir de 1 de Abril de 1989, data do início da aplicação da resolução 435 sobre a independência da Namíbia, que, se tudo decorrer como o estabelecido, deverá ser proclamada nos princípios de 1990.

A etapa seguinte verificou-se no passado dia 22, em Nova Iorque, quando cubanos, angolanos e sul-africanos assinaram um tratado que formalizou o "protocolo de Brazzaville". Foram nove dias aproveitados por Luanda e Havana para estabelecer os termos da cessação da "ajuda internacionalista" concedida por Fidel Castro ao Governo do MPLA - Partido do Trabalho. E é neste contexto que se situa a recente visita a Cuba do Presidente angolano José Eduardo dos Santos.

Estes dois tratados, bem como o processo de verificação da retirada do contingente cubano, em que a ONU desempenha o papel mais importante, seriam submetidos nos últimos dias de Dezembro à aprovação do Conselho de Segurança das Nações Unidas, entidade a quem cabe facultar os meios materiais para pôr em vigor a resolução 435, ou seja, cerca de 700 milhões de dólares para a manutenção, no território namibiano, de 7.500 "capacetes azuis". Esta força terá por missão fundamental a manutenção de um clima pacífico, propício à realização das eleições em Novembro do próximo ano.

Nessa altura, já as forças sul-africanas terão deixado a Namíbia e as bases situadas no norte terão sido desmanteladas.

Paralelamente a este processo, as tropas cubanas retirar-se-ão mais para o norte. Na primeira fase, e no prazo de quatro meses, para o Paralelo 15, e depois para o Paralelo 13, ao fim de um período de sete meses, ou seja em Novembro de 1989. Nessa data, que corresponde ao período eleitoral na Namíbia, já 25.000 cubanos deverão ter abandonado Angola.

A nova imagem de Pretória

Trinta dias depois da assinatura, no passado dia 22, do acordo tripartido em Nova Iorque, será constituída uma comissão conjunta de controlo, em que provavelmente os EUA e a URSS participarão como observadores, sendo a

verificação no terreno operada pela ONU. Essa comissão funcionará como uma instância de apelo com recurso possível ao Conselho de Segurança.

A África do Sul, segundo o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Roelof "Pik" Botha, obteve em Brazzaville garantias que considera "suficientes". Aliás, na cerimónia de assinatura do protocolo (à qual assistiu o Presidente congolês Denis Sassou Nguesso) presidiu um espírito de bom humor e os discursos proferidos sublinharam a importância do passo histórico dado no sentido da criação de uma nova era no Sudoeste de África.

"Pik" Botha aproveitou a ocasião para anunciar que o seu país estava a preparar-se para "acabar com a discriminação racial", uma declaração que foi efusivamente aplaudida.

O ministro sul-africano diria ainda: "Nós queremos ser aceites pelos nossos irmãos africanos. Nós vivemos em África e precisamos uns dos outros".

Comentando o discurso de Botha, o vice-ministro angolano dos Negócios Estrangeiros, Venâncio de Moura, fez notar que Pretória, em relação a Moçambique, nunca cumpriu o acordo de Nkomati, assinado em 1984. E acrescentou: "Não sou pessimista, mas todas as surpresas são possíveis".

É certo que o caminho ainda a percorrer é longo e cheio de ciladas. Entre o que está escrito e o que na prática vai acontecer pode não ser exactamente o mesmo.

Mas estamos em crer que Pretória não querará continuar por mais tempo a ser "o mau da fita", tanto mais que se prepara para lançar uma nova imagem de si no plano internacional. E para tanto é de esperar que a breve prazo empreenda uma cerrada ofensiva diplomática para "seduzir" os líderes africanos e recuperar o seu lugar no concerto das nações.

Mas há que não esquecer que um obstáculo a ter conta ainda resta para a consolidação da paz na África Austral. Referimo-nos, como é óbvio, ao movimento rebelde de Jonas Savimbi.

A retirada do contingente cubano vai colocar a Unita (com 12 mil homens armados e disciplinados) em posição de força no terreno, mesmo não podendo contar com a ajuda sul-africana.

Os Estados Unidos já deixaram bem claro que continuarão a ajudar a Unita. E mesmo os sul-africanos nunca deram a entender claramente que deixarão cair Jonas Savimbi.

Trata-se portanto de um problema que, enquanto se mantiver em aberto, fará com que não haja paz completa no Sudoeste de África. Pelo menos em Angola, a guerra continuará. A não ser que, e tudo é possível neste mundo de surpresas, Luanda flexibilize a sua posição e se disponha a dialogar com as forças rebeldes. Para já, é certo e sabido que uma vitória militar não se afigura possível para ambas as partes. Todos estes anos de conflito provaram-no cabalmente.

Jorge Ferreira



KLÖCKNER & CO
Steel Division International

AGENTES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL

LOMÃ, LDA.

Calc. Marquês de Abrantes, 103-2.º-E - 1200 LISBOA
Telef. (01) 60 75 98 - Telex 140 79 KLOMA Fax (01) 67 51 75
Av. da Boavista, 1681-4.º - 4100 PORTO
Telef. (02) 69 61 51 - Telex 227 30 LOMA Fax (02) 645 35



REPROFARO

Assistência a equipamento de escritório, Lda

FOTOCOPIADORES - DUPLICADORES

- MÁQ. ESCREVER

- TOSHIBA - Linha completa de copiadores
- SILVER REED - Máquinas de escrever electrónicas
- INFOTEC - Telecopiadores
- LEVIRA - Mobiliário de escritório
- Vasta gama de calculadoras e registadoras
- Consumíveis para todas as máquinas
- Assistência técnica especializada

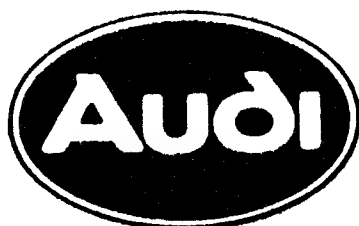


SEDE
Estrada de S.º Luís, n.º 50
☎ 089-2 83 84
8000 - FARO

A.M.A.

Auto Monumental do Aveiro
S.A.

CONCESSIONÁRIOS, OFICINAS, PEÇAS DA PRESTIGIADA MARCA



SEDE: Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8, 8-C, 8-D - Stand 10
Telefones: PP.C (4 linhas) 894185/6/7/8

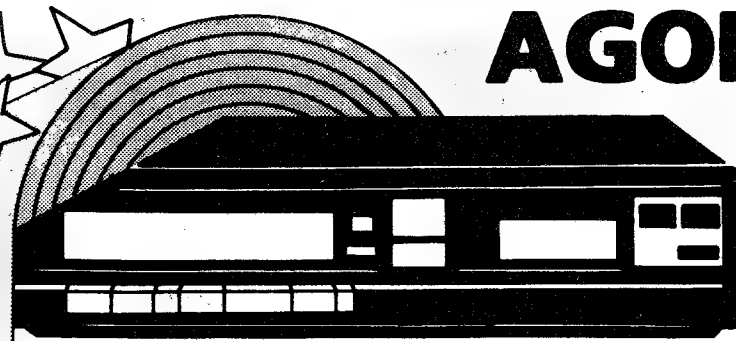


Telex: 63403 AMACAR - Telefax: 804775
Telegramas: Volcar - 1000 LISBOA

34 **1/9/8/8**

REVISTA DO ANO

**AGORA TAMBÉM EM
MASSAMÁ!**



**VIDEO CLUB
ARCO-IRIS**

SOMOS

uma empresa jovem,
dinâmica, trabalha-
do na área de aluguer
de videogramas.
**Somos UM GRANDE
CLUBE DE VÍDEO!**

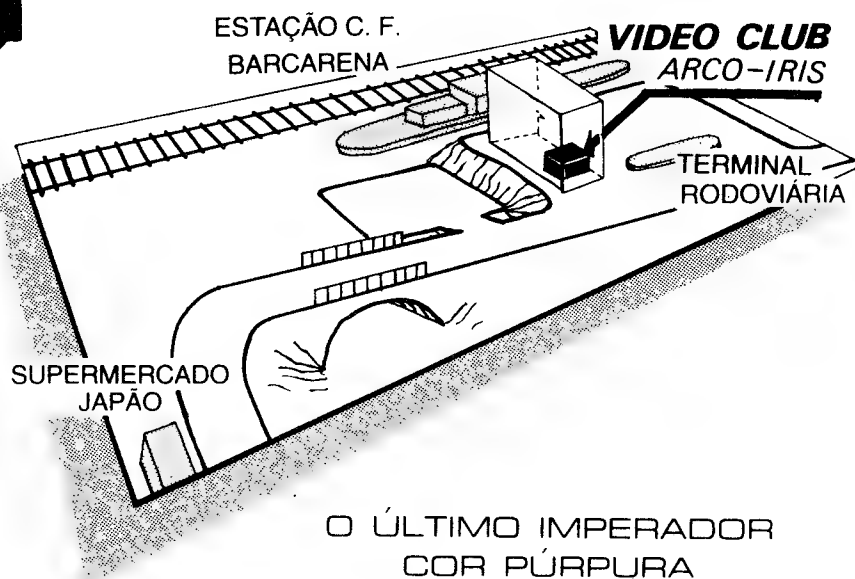
QUEREMOS

ser um espaço de acesso à cultu-
ra e ao entretenimento, propor-
cionando-lhe muitas horas de ci-
nema sem sair de sua casa **ATRA-
VÉS DO VÍDEO.**

TEMOS

a experiência de ser-
vir com qualidade,
atendimento perso-
nalizado e atencioso.
Além de uma esco-
lha criteriosa de
bons filmes.

**TUDO ISTO SEM JÓIA
E POR APENAS 200\$00**
(Cada aluguer de 24 horas)



O ÚLTIMO IMPERADOR
COR PÚRPURA
FEITIÇO DA LUA
ALIENS
PORTAS DO INFERNO
E.T.
INTOCÁVEIS
SICILIANO
PREDADOR
ESCOLHA DE SOFIA
COBRA
WALL STREET
ARIZONA JÚNIOR
NOITES ESCALDANTES
SELVAGEM E PERIGOSA
OLHOS DA TESTEMUNHA
IMPÉRIO DOS SENTIDOS
QUANTO PROTOCOLO
PASSAGEM PARA A ÍNDIA
MISSÃO
REGRESSO DE JEDY
CROCODILO DUNDEE
PIRATAS
TRÊS AMIGOS
NOVE SEMANAS E MEIA
JUMBO
UM CONTO AMERICANO
POPEYE
MICKEY
HERBIE
BELA ADORMECIDA
e muitos outros!

INSCREVA-SE JÁ!

sorteamos uma
câmara de vídeo entre os
primeiros 300 sócios.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Da Literatura — nem tão bem de saúde como alguns a querem, nem tão periférica e epigonal como outros a pretendem — ao Cinema (português) — que é hoje o maior cartaz cultural de Portugal no Mundo —, passando pelo Teatro — mais e melhor —, 1988 foi um ano a cima da média. Outro tanto se poderá dizer da Música que tivemos. No campos dos espectáculos, o pop/rock que produzimos, e o que importamos, satisfiz um vasto público. Já no campo do Património, fica para trás um dos anos mais tristes da história de Lisboa. Enquanto a edição Videográfica se incrementou, com títulos importantes lançados no mercado, no que respeita à Televisão a produção nacional manteve-se insuficiente e, na Rádio, este foi o ano do «grande silêncio».

JANEIRO

Elba Ramalho de novo: a cantora nordestina voltou ao nosso país para apresentar o mesmo show do Canecão do Rio de Janeiro, que foi considerado pela crítica carioca como o melhor de toda a temporada brasileira. Elba actuou dias 29 e 30 no Coliseu dos Recreios ("Duas horas de prazer no Coliseu" - titulouse o "DL"), e a seguir no Estoril e no Porto.

Cinema internacional em Tomar: mais de 60 filmes de cerca de vinte países foram apresentados na última semana deste mês, na nona edição do Festival Internacional de Cinema para a Infância e Juventude.

Plácido Domingo benemérito: o famoso tenor espanhol, que actuou no dia 11 de Janeiro na Ópera de Colónia, foi igualmente notícia pelo anúncio que fez de que iria construir duas aldeias em Espanha para abrigar famílias necessitadas.

José Gomes Ferreira, vida e obra: tema de uma exposição itinerante inaugurada dia 29 na Cooperativa Alves Redol em Vila Franca de Xira.

FEVEREIRO

Ouro para os Irmãos Chen: foi no Festival Internacional de Circo de Montecarlo, logo no início do mês, que eles conquistaram o "Clown de Ouro". Reincidentes, estes especialistas portugueses em "forças combinadas", que já no ano passado tinham ganho a medalha de ouro no Festival de Circo de Paris.

José Afonso homenageado: em Setúbal, três dias antes do primeiro aniversário da sua morte, o Círculo Cultural da cidade prestou homenagem à memória do inesquecível autor de "Grândola Vila Morena".

Umberto Eco em Lisboa: dia 11, na Fundação Gulbenkian, o autor de "O Nome da Rosa" foi o oitavo convidado do Presidente Soares nas conferências "Balanço do Século": uma estratégia em três actos.

Leo Ferré, o "último dos visionários": recital na Aula Magna, dia 11. Muito mais do que um espectáculo, foi um cerimonial.

A TSF finalmente: no dia 22, na banda dos 102.7 Mhz, a TSF-Rádio Jornal inicia as suas emissões regulares. Com um vasto leque de profissionais, dirigidos por Emílio Range.

MARÇO

Vergílio Ferreira, Ramos Rosa e Fernanda Botelho: foram estes os escritores contemplados com os prémios da Associação dos Críticos Literários, recebidos das mãos da secretária de Estado Teresa Gouveia, no 4º dia do mês.

Literatura

Dos Jerónimos à vala comum

Em matéria de Literatura, com L grande, 1988 foi o ano do centenário do nascimento de Fernando Pessoa e do centenário da primeira edição de «Os Maias». As ossadas do grande poeta foram levadas para os Jerónimos com pompa e solenidade; as de Eça de Queiroz escaparam à justa de ir parar à vala comum do cemitério do Alto de São João.

Percebe-se porquê. Pessoa era todo Espírito; Eça, não tanto. E a gente sobre a qual o Espírito nunca soprou, tem por ele a mesma adoração supersticiosa e reverente que os hotentotes manifestam aos aviões.

De facto, pode-se tranquilamente ler «Começo a conhecer-me. Não existo. / Sou o intervalo entre o que desejo ser e os outros me fizeram» (Pessoa) e ir à vidinha todo sensível. Eça, pelo contrário, é quase sempre um estraga pássaros, um bilioso com quem não se pode contar para passar «ratos» agradáveis, espirituais: «O público enjoado e indiferente... pagou - já dissemos que é a única coisa que faz além de rezar. Paga e reza. Paga para ter ministros que governam contra ele, Deputados que legizam contra ele, padres que rezam contra ele, soldados que o não defendem. Paga àqueles que o espoliam e àqueles que são seus parasistas. paga aos que assassinam, e paga aos que o atraíam. Paga aos seus reis e aos seus carcereiros. Paga tudo. Paga para tudo. E, em recompensa, dão-lhe uma farsa».

De e sobre Pessoa saiu muita coisa este ano: reedições, um «Fausto» preso pelos arames, a deslocar-se todo, uma «Fotobi-



— José Cardoso Pires



— Mário Cláudio

bliografia de Fernando Pessoa» e um «Fernando Pessoa no seu tempo», livros editados pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, com o primeiro a traçar o percurso de Pessoa através dos jornais, revistas, livros ou folhas soltas em que colaborou, e o segundo a ser catálogo da exposição patente na Biblioteca Nacional. Da vasta bibliografia pessoana, destaque, ainda assim, para «Pessoa e os Surrealistas», pequeno livro de Fernando J. B. Martinho, editado pela Hiena, que constitui a primeira abordagem de um tema que, apesar das decisivas implicações que tem na poesia portuguesa dos últimos 50 anos, jamais foi tratado, nem mesmo superficialmente. Também envolvendo aspectos da geração modernista, a Quimera publicou uma «Fotobiografia de Mário de Sá Carneiro», novo livro de Mariana Tavares Dias, dividido em quatro capítulos (infância, tempo de estudante e de escrita e representação teatral, Orpheu e Paris) com uma parte final relativa a homenagens de vários artistas ao poeta.

A bibliografia queirosiana é, naturalmente, mais magra: só a Caminho se lembrou do Eça, publicando «As Máscaras do Desengano», de Isabel Pires de Lima, ou «Os Maias» abordado como expressão estética excepcional dos caminhos e descaminhos por onde enveredou a geração intelectual a que Eça de Queiroz pertenceu. O sonhar e o desistir do «generoso projecto» dessa geração, das maiores que a nossa literatura alguma vez conheceu, é o tema de «Antero e a ruína do seu programa

Semana Cultural da APE: sábado, dia 12, no Forum Picoas, Mário Soares presidiu à "Semana Cultural da Associação Portuguesa de Escritores". Debates participados por cerca de 40 escritores, cineastas e artistas plásticos, o primeiro dos quais com Mário Dionísio, Isabel Barreno, Mário Cláudio, Eduarda Dionísio, Vasco e Rui Mário Gonçalves.

Fernando Lopes Graça, mais uma homenagem: desta vez foi em Coimbra, com um espectáculo integrado no II Encontro Internacional de Coros Universitários, no dia 13.

Dia do Livro Português: comemorado a 26, no Forum Picoas, por iniciativa da Sociedade Portuguesa de Autores e da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, com exposição-venda, lançamento de novas obras, filmes inspirados em textos literários e um espectáculo musical.

ABRIL

Carlos Paredes, Espelho de Sons: sobre o seu novo (e sensacional) disco, o maior da guitarra portuguesa dá ao "DL" uma importante entrevista, que publicamos dia 8. A vida, a obra, o talento, a humildade sem segundas intenções.



Fernando Namora: 50 anos de vida literária

Bertolucci, imperador dos oscars: O realizador italiano, com "O Último Imperador", foi o grande ganhador, no dia 11, das estatuetas atribuídas anualmente pela Academia das Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood. Nove, nem mais nem menos. Foi a festa europeia...

Fernando Namora, a homenagem da Academia: pelos seus cinquenta anos de vida literária, o escritor Fernando Namora foi homenageado no dia 27, durante uma sessão presidida pelo Presidente da República e em que intervieram Luís Forjaz Trigueiros e Urbano Tavares Rodrigues.

MAIO

Música Contemporânea na Gulbenkian: Os XII Encontros de Música Contemporânea decorreram entre os dias 2 e 12 nesta Fundação. No total, foram 16 concertos e 2 espectáculos de teatro musical, 1 colóquio e 3 conferências por compositores e musicólogos, além de um seminário sobre composição. Participação de portugueses e estrangeiros de reconhecido prestígio.

Cinema espanhol em Lisboa: No Forum Picoas, de 6 a 9, realizou-se o Festival de Cinema Espanhol, no qual foram apresentados 14 filmes (todos premiados), entre os mais significativos da cinematografia recente do país vizinho.

Televisões em português: durante 5 dias (entre 4 e 9) os representantes das Televisões de Angola, Brasil, Cabo Verde, Estados Unidos da América do Norte, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Portugal, reunidos em Lisboa (auditério da RTP) no I Encontro

Continuação da pág. 35

(1871-1875)), de Joel Serrão, onde se propõe ao leitor o desvendar de um dos «enigmas mais perturbantes da bem complexa caminhada filosófico-cultural de Antero».

Prosa de Ideias

Já que temos a mão na prosa de ideias, despachemos rapidamente o que há a mencionar, com mil desculpas por certas e fatais omissões: «Tempo e Poesia» e «Nós e a Europa ou as duas razões», de Eduardo Lourenço; o primeiro reúne uma série de ensaios que ao longo dos anos foram sendo publicados quer em revistas da especialidade, quer em órgãos de comunicação social, o segundo ganhou o Prémio Europeu de Ensaio. Mais ensaística: «Sobreimpressões», de Maria Lúcia Lepecki, colectânea de estudos de literatura portuguesa e africana, e ainda, embora também meta histórias e poemas, «Dispersos», de Agostinho da Silva, registo volumoso de um imenso labor cultural. Por último, «Somos todos hispanos», de Natália Correia, pequeno ensaio sobre os pontos-chave de referência da nossa identidade nacional.

Noutro registo, a nosso ver mais interessante, por aspirar à ciência sem descurar a poesia, «Timor», de Ruy Cinatti, «acima de tudo um poeta que chegou à antropologia pela sua superior capacidade de sentir e de amar a Terra, o Homem e Deus», no dizer do Prof. Jorge Dias; «Os Negros em Portugal - uma presença silenciosa», de José Ramos Tinhorão, brasileiro paulista saído do jornalismo para a área da pesquisa de temas ligados à música popular do Brasil, livro que veio colmatar uma larguíssima lacuna: a da pouca ou nenhuma bibliografia existente sobre a presença e a influência dos negros na sociedade portuguesa; «Construções Primitivas em Portugal», de Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamin Pereira, na colecção «Portugal de Perto» da D. Quixote, belo livro sobre um passado que desaparece, um passado varrido quase completamente da nossa paisagem.

Memórias e Ficção

Ataquemos agora o prato forte, que é a ficção. O ano de péssima

Ficção, o prato forte

memória que está prestes a expirar assistiu ao lançamento de «Missa in Albis», de Maria Velho da Costa, livro excessivamente, relativamente delirante, espécie de polifonia com uma aparente multiplicidade de narradores, onde cada indivíduo «só o é na medida em que entra em relação com outras pessoas», nas claras palavras com que Manuel Gusmão o apresentou. O livro tem a estrutura sequencial de uma missa e conta uma história de amor e paixão que acompanha a vida portuguesa até 1975. Pode-se dizer que é um livro luxuoso em relação à maneira de escrever prosa portuguesa, e talvez não se incorra muito em erro se se disser que se um dos seus temas é o problema da identidade nacional, não deixa de ser também um «melodrama», no sentido de drama com música.

A escrita solar de Maria Gabriela Llansol em «Finita/Diário 2» também deixou marcas em 1988: «Não é verdade que todos os seres vivos procuram permanecer fixando-se em certezas quanto à face do real e sabendo que o seu reverso, além de existente, lhe é particularmente inacessível? Viver seguro e esperar que da dobra, seu próprio mútuo, não lhe surjam surpresas, resume o modo de estar do ser vivo».

Dois livros importantes reservaram a saída para o final do ano: «A República dos Corvos», de José Cardoso Pires, e «Rosa», de Mário Cláudio. O primeiro reúne fábulas que metem porcos voadores, baratas, bizontes de camisa de seda, texugos parlamentares, pássaros de vozes, o célebre dinossauro excelentíssimo, além de cães, molossos e canitos, em narrativas marcadas pelo carácter absurdo, indecifrável, obscuro, misterioso, da realidade; o segundo é um momento poético alto e raro com que se completa a «Trilogia da Mão», iniciada com «Amadeo» e continuada com «Guilhermina».

Entretanto, ainda na área da ficção, saíram «psiché», de Fernando Campos, bela escrita de vocação filosofante onde o autor, a pretexto da narração da história da sua família, se ocupa do tempo e da sua brevidade; «A Costa dos Murmúrios», a escrita límpida e nua de Lídia Jorge; «As Naus», de António Lobo Antunes, em que as personagens principais são nomes da História dos Descobrimentos Portugueses, de volta ao solo pátrio; «O Pássaro de Vidro», de Manuel Pope, onde Veneza, com toda a sua decadência esplendorosa, é o cenário de um romance de amor e desamor («Meu Deus! eu não cuidei que o amor era um inferno!»); «Não há horas para na-

da», de Helena Vasconcelos, Prémio Inasset Revelação; «Contos Transmontanos», de Modesto Navarro, vinte e duas histórias, distribuídas por três partes: «Vila Amarga da Fantasia», «Terra Quente» e «Violência Cega Antes de Ser Livre»; «A Morte das Baleias», de Américo Guerreiro de Sousa; «Arte da Respiração», de Casimiro de Brito, colectânea de aforismo e meditações poéticas; «O Pequeno Mundo», quarto livro de Luísa Costa Gomes, romance epistolar, de feição camiliana; «Auto dos Drogadinhos», de Júlio Moreira, pequena contribuição para a desmistificação do flagelo da droga, a que a nossa sociedade assiste impávida; «Armandina e Luciano, o traficante de canários», história e histórias que narram por dentro, numa linguagem nua e crua, o inferno da prostituição; «A Praça de Liège», de António Rebordão Navarro, Prémio Círculo de Leitores; «O Trono do Altíssimo», de João Aguiar, uma ficção histórica que decorre em Braga, no século IV, com a heresia priscilianiana em fundo...

Altos momentos poéticos

Na poesia, o momento mais alto foi a publicação de «Última Ciência», extraordinário poema de Herberto Helder, dos maiores da língua portuguesa, a mais perfeita exemplificação de como se guarda e defende o sentido da perda, da ausência, contra as forças que hoje pretendem trair aquela memória, apagá-la na sua verdade.

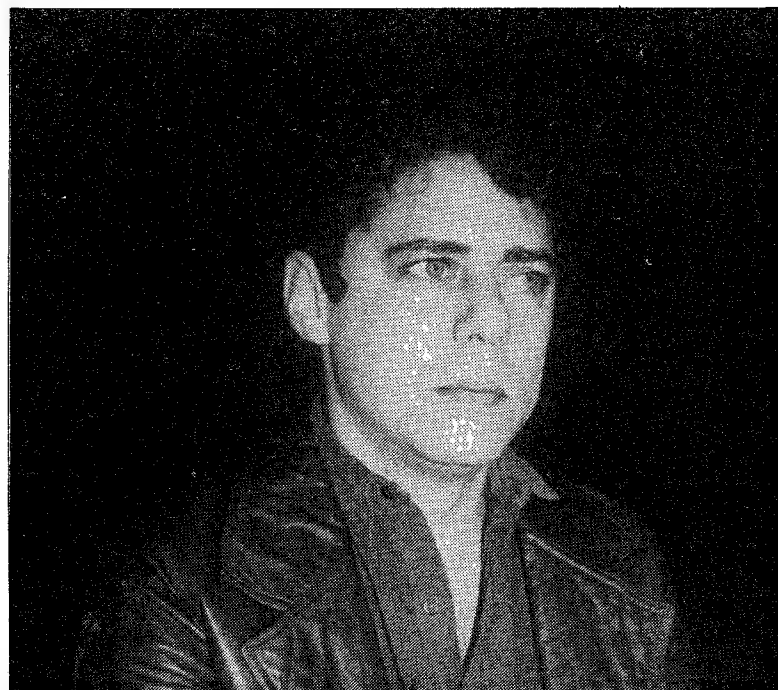
O ano também assistiu à publicação de «A Cidade Queimada», de Mário Cesariny, poemas-colagens, acompanhados de uma serigrafia d' «A Torre de Saint Jacques» (tiragem de luxo limitada a 180 exemplares).

Outros livros de poesia publicados em 1988: 3º volume da «Obra Poética» de João Miguel Fernandes Jorge (o autor, em nota inserta no final, define a poesia como «perqueno jogo entre o acaso e o destino, entre a matéria e memória»); «Meio Dia», último livro de poemas de Alberto Lacerda; «O Livro da Ignorância», de António Ramos Rosa; «Obra Poética», de David-Mourão Ferreira, que reúne 40 anos de poemas: 14 livros de poesia, acrescentados de um inédito que constitui o décimo quinto; e, finalmente, «Contra a Corrente», de Eduardo Guerra Carneiro, sentidos e segredos que o poeta não deixa apagarem-se.

Ernesto Sampaio

tro de Televisões de Língua Portuguesa, debateram temas tão importantes como a troca de programas e de informação, produção e formação profissional, entre outros.

JUNHO



Chico Buarque: triunfo em Lisboa

Chico Buarque no Campo Pequeno: a propósito de mais um triunfo em Lisboa do popular compositor e intérprete da Música Popular Brasileira, no 2º dia do mês, escreveu-se aqui no "DL": «Pode-se dizer que, de novo, agarrou o touro pelos chifres dando-lhe finalmente a estocada de morte»

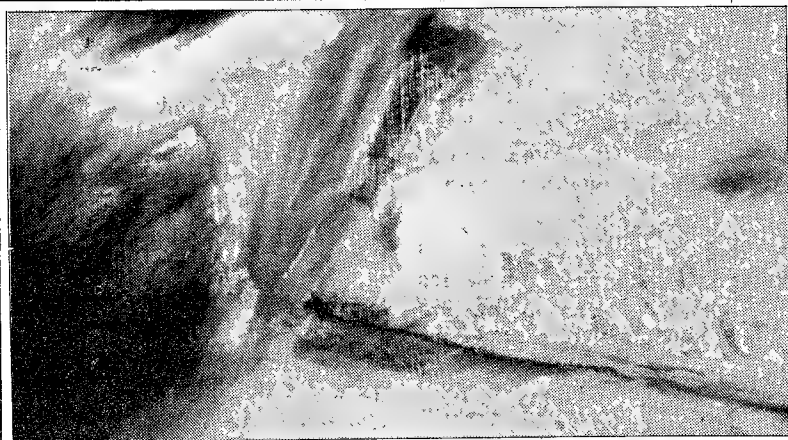
Prémios Inasset: também no princípio do mês, estes prémios foram entregues na Torre de Belém. Contemplados, Fernando Echevarri (grande prémio), José Oliveira (poesia), Catarina Fonseca (literatura infantil) e Maria Helena Vasconcelos (ficção).

Primavera de Bourges em Lisboa: dia 7 arrancou, no Instituto Franco-Português de Lisboa, a terceira edição do "Printemps de Bourges em Lisboa". Didier Lockwood deu início a uma "programação de luxo", que incluiu figuras como Julien Clerc, François Rabath, Pedro Caldeira Cabral e Michel Jonasz.

Leonard Cohen, inolvidável: também no dia 7, com a lotação do Coliseu dos Recreios completamente esgotada, o concerto do compositor e intérprete canadiano traduziu-se "numa espécie de cerimonial íntimo, quase religioso, entre velhos compinchas".

Vieira da Silva na Gulbenkian: no dia 13 inaugurou-se uma importante e significativa exposição da grande pintora portuguesa naturalizada francesa. Noventa trabalhos estiveram patentes ao público, obras provenientes de colecções públicas e particulares da Europa e dos Estados Unidos.

JULHO



Forum Picoas: importante mercado de arte

Forum de Arte Contemporânea: um importante mercado de Arte, entre os dias 1 e 6, no Forum Picoas. O público correu, os galeristas venderam, balanço positivo.

Cinema

Onde fica Portugal?

«ONDE fica Portugal?» — «No Cinema». Pergunta e resposta constituem o «slogan» de um cartaz afixado, desde o mês passado, em várias cidades da RFA e alusivo ao ciclo do novo cinema português ali em curso até Fevereiro próximo. É, obviamente, uma imagem, mas uma imagem que diz bem do impacto, hoje, no mundo, de uma arte que até ao 25 de Abril não nos tornara especialmente notados, no estrangeiro.

Hoje, porém, o cinema — o novo cinema português, que inclui evidentemente Manoel de Oliveira, apesar dos seus 80 anos — é, a par da literatura, o maior cartaz cultural do País em qualquer parte do mundo.

Este ano de 1988 só é particularmente assinalável neste campo porque foi ainda melhor do que os anteriores. A todos os níveis.

Se não, vejamos. Com três nomeações, «Os Canibais», de Manoel de Oliveira, esteve na final dos primeiros «oscares» europeus, depois de ter sido incluído na competição do Festival de Cannes. Ao Festival de Veneza, concorreu «Tempos Difíceis», de João Botelho; ao de Berlim «Uma Pedra no Bolso», de Joaquim Pinto; ao de Huelva (obtendo o grande prémio)

Quem os conhecia antes do 25 de Abril?

DIZER isto é realçar desde já que Portugal conseguiu penetrar (com «Tempos Difíceis»), numa das mostras mais selectivas do mundo: o Festival de Nova Iorque. E dizer também que em 1988, através do cinema, o nome de Portugal foi levado a países como Bélgica, Brasil, Canadá, Colômbia, Espanha, Estados Unidos da América, França, Holanda, Hong Kong, Inglaterra, Índia, Itália (onde, para além de filmes em exibição comercial, Salsomaggiore e Veneza, se realizou, em Pesaro, o maior festival de sempre de cinema português moderno, com 58 filmes em exibição), Marrocos, Moçambique, República da África do Sul, RFA, Senegal, Turquia, Uruguai... a lista se peca por omissão.

Nem todos os filmes mostrados no estrangeiro são da melhor qualidade (e é pena), nem todos afinam pelo mesmo padrão estético (e ainda bem, a diferença é um sinal de vitalidade), de qualquer modo, todo este conjunto quer dizer, evidentemente, alguma coisa.

Mas dirá muito mais se repararmos que, com excepção dos nomes de Oliveira, Lopes e Fonseca e

so do Rei», vários vão iniciar a rotação nos primeiros meses de 1989 e o IPC subsidiou este ano mais cerca de quinze projectos de novos filmes, batendo todos os recordes anteriores.

O prestígio adquirido (com, para além do mais, a escolha de João Botelho, José Álvaro Morais e Monique Rutler para integrarem júris internacionais importantes) nada faz prever que diminua no futuro próximo. Antes pelo contrário.

Protocolo SEC-RTP

PODE dizer-se que a política que, de alguns anos a esta parte, vem sendo seguida de apoio estatal ao cinema português tem dado frutos, este ano particularmente visíveis. 1988 foi, aliás, o Ano Europeu do Cinema e da Televisão. Portugal esteve ao nível da iniciativa, como se pode ver. Graças aos filmes produzidos, graças à política de subsídios do IPC, graças à obra ímpar da Cinemateca Portuguesa, no que respeita à exibição, publicação, formação e informação.

Mas Portugal correspondeu ainda de outro modo ao espírito e à letra do Ano Europeu do Cinema e da Televisão, através de um facto



«Os Canibais»

«A Mulher do Próximo», de Fonseca e Costa; ao de S. Sebastian, «Agosto», de Jorge Silva Melo; ao de Salsomaggiore, «Três Menos Eu», de João Canijo; ao de Hong Kong, «O Bobo», de José Álvaro Morais.

Dos grandes festivais internacionais, Portugal só não esteve presente em competição no do Rio de Janeiro. Em compensação, «Os Tempos Difíceis» foi aí incluído numa selecção dos «melhores filmes do mundo», sem dúvida por ter obtido em Veneza um prémio e uma menção honrosa, respectivamente, da crítica italiana e da crítica internacional.

Se destes festivais competitivos, passarmos para os outros, pode dizer-se que o cinema português, em 1988, esteve presente em mostras de prestígio, um pouco em todo o lado, mais concretamente em quatro continentes.

Costa, nenhum dos autores dos filmes portugueses que competiram internacionalmente em 1988, tinham sequer nascido para o cinema antes do 25 de Abril. Um cinema novo, o cinema português? Mais do que isso: um cinema jovem e em crescimento.

IPC: Um recorde

A prova desta juventude e deste crescimento reside também nalguns números relativos a 1988: seis filmes foram estreados comercialmente («Três Menos Eu», «A Mulher do Próximo», «Mensagem», «Matar Saudades», «Tempos Difíceis» e «Os Canibais»), três acabados este ano aguardam estreia («Agosto», «Os Emissários de Khalom» e «Uma Pedra no Bolso»), seis estão em fase de acabamento («O Sangue», «A Sétima Letra», «Onde Bate o Sol», «Rosa de Areia», «Serenidade» e «O Proces-

novo: o protocolo assinado entre a SEC e a RTP que permitiu à Televisão investir no cinema, resultando daí a exibição já dos primeiros filmes (de Paulo Rocha e Noémia Delgado) produzidos através daquele protocolo.

A política de subsídios agitou este Verão, de resto, o cinema português, constituindo um dos factos dominantes do ano. Por um breve período, pairou a ameaça de, através do fim do adicional sobre os bilhetes, se estancarem as receitas que têm permitido ao IPC o seu apoio ao cinema português. O bom senso (do Governo, registre-se) impediu, no entanto, que esta ameaça se concretizasse. O novo OE manterá, praticamente inalteráveis, as receitas do IPC, com uma combinação do adicional IVA, este último, pela primeira vez, entretanto, aplicado ao cinema.

Continua na pág. 38

Elisa Monte na Gulbenkian: "Uma noite mágica", escreveu-se neste jornal. Foi no Auditório ao Ar Livre, no dia 12. Esculturas em movimento.

Peter Murphy, o delírio: Pavilhão dos Belenenses, dia 26, espectáculo para os ouvidos e para os olhos. Ouviu-se o rock mais puro e duro...

AGOSTO

Castro de Leceia, a 12 quilómetros de Lisboa: no concelho de Oeiras fica o "Castro de Leceia". Para quem não soubesse, o "DL" publicou no dia 16 uma extensa reportagem, realizada no decorrer de mais uma campanha de escavações. Aqui se escreveu que este povoado pré-histórico, calcólico fortificado, é um caso ímpar na arqueologia portuguesa.

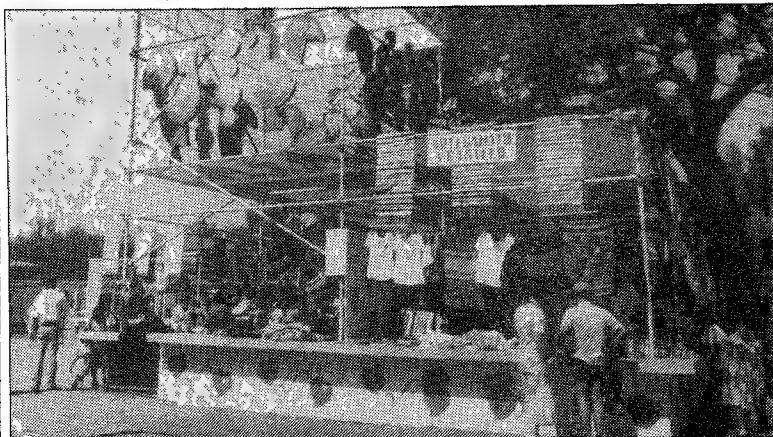
Ornette Coleman no Jazz em Agosto: a visita foi genial, mas o público não correspondeu. Aconteceu nos jardins da Gulbenkian, a 24 e 25, ou seja nas duas últimas noites, a Ornette Coleman e à sua Prime Time Band.

SETEMBRO

Escultura Portuguesa no Museu de Arte Antiga: a inauguração aconteceu logo no primeiro dia do mês e a exposição chama-se "Imagens no Tempo - Escultura Portuguesa do século XIII ao século XVIII". Esculturas, cor, fotografias, constituem a mostra, concebida de modo a que estes três elementos definam um todo.

"O Gigante Verde" subiu à cena: cinco anos após a morte do autor, Manuel Granjeio Crespo, esta peça teve a sua estreia absoluta no dia 2, numa iniciativa do Teatro Espaço, dirigido por Águeda Sena.

A Festa do "Avante!": inegavelmente um acontecimento cultural visitado por "gregos e troianos", começou dia 9 e encerrou a 11. Exposições, debates, Centro do Livro e do Disco, Teatro Música, Artes Plásticas, Artesanato, etc.



Artesanato na Festa do "Avante!"

Cuba dança no casino: A Companhia de Dança Contemporânea de Cuba exibiu-se no dia 22 no Casino Estoril: o grupo cubano procura restituir à dança uma forma dramática. O espectáculo apresentado, perante um público difícil de "incendiar", teve momentos de grande fulgor.

O maior salão fotográfico: o maior do mundo, acrescente-se, inaugurou-se na Gulbenkian no dia 21 e ali esteve patente até dia 28. Foi a apresentação, em Lisboa, do 14º Salão Internacional de Arte Fotográfica do Algarve, que este ano contou com a participação de 1738 fotógrafos de 51 países, com 6378 trabalhos a concurso.

OUTUBRO

Livros raros na Biblioteca Nacional: autênticas preciosidades em papel impresso, desde um missal dos monges carmelitas de Toulouse (séc. XIV) até aos dois volumes da Bíblia impressos por Gutemberg em 1454-55 ou a uma edição dos Lusíadas de 1572 e ainda algumas páginas manuscritas do romance "A Cidade e as Serras" de Eça de Queiroz. Tudo isto começou no dia 3.

Uma colectiva sobre a mulher: inaugurou-se no dia 7 na Galeria de Arte do Casino Estoril uma exposição de desenho, pintura e escultura subordinada ao tema "Mulher". Associada à beleza e à harmonia puras, motiva peças notáveis, assinadas por algumas e alguns dos nossos melhores artistas plásticos.



O maior cartaz de Portugal

Continuação da pág. 37

Exibição: O ponto negativo

ESTE problema veio chamar a atenção para um dos aspectos mais negativos de 1988 no que respeita ao cinema: a exibição. O prestígio que o cinema português continuamente ganha no estrangeiro não corresponde, nem de perto nem de longe, à sua exibição comercial em Portugal.

1988, neste particular, não foi muito diferente de anos anteriores. Portugal, como se sabe, no que à distribuição-exibição comerciais diz respeito é uma espécie de colónia da América.

Dá que, enquanto dos Estados Unidos se vejam por cá, o bom e o mau (mais mau que bom), de Portugal continuam por estrear vários filmes.

Não se irá indicar uma lista exaustiva, mas é pouco menos que escandaloso que — enquanto tanta mediocridade americana ocupa as nossas salas — continuem por estrear, por exemplo, três filmes de Paulo Rocha, o filme premiado no ano passado em Locarno com o grande prémio («O Bobo»), os filmes de Margarida Gil, de João César Monteiro e de Vítor Gonçalves, apresentados já em vários países

estrangeiros, em mostras, semanas e festivais.

De resto, não é só o cinema português que não é praticamente exibido em Portugal. Enquanto centenas de filmes americanos foram estreados este ano no nosso país, todos juntos, os filmes europeus — no Ano Europeu do Cinema e da Televisão — não terão chegado à meia centena.

E se da Europa passarmos para outros continentes, o panorama ainda é pior. Pensemos no que não vimos do cinema brasileiro, africano, asiático ou do Leste e far-se-á uma ideia até que ponto o nosso país se transformou num terminal colonizado das grandes distribuidoras norte-americanas de filmes.

Se compararmos os Óscares propriamente ditos (leia-se atribuídos pela Academia de Hollywood) com os chamados «oscares» europeus, e indagarmos do que por cá se viu de uns e de outros, ter-se-á uma ideia do cinema americano que em Portugal passa e do europeu que não passa. E quando se fala em Europa, fala-se no pouquíssimo da Europa da CEE, do nada ou quase nada da restante (Leste, países nórdicos, etc.). Dois exemplos — e de filmes europeus estreados em Dezembro: «A Lei do Desejo», do espanhol Pedro Almodovar, tem mais de dois anos; «A Mulher do Chefe da Estação», de Fassbinder, é... de 1976!

Menos salas ou outras salas?

OS filmes são exibidos em salas, já se sabe, e algumas destas encerraram em Lisboa. Mas outras abriram e novas se anunciam para breve. O número de espectadores diminuiu, mas não tanto como na média europeia. O encerramento de certas salas e a abertura de outras corresponde, assim, em Portugal, não tanto a um decréscimo do número de espectadores, como a um outro modo de ir ao cinema.

O facto não é novo, mas acentuou-se em 1988. Ir ao cinema deixou, há muito, de ser um ritual, para passar, cada vez mais, a ser qualquer coisa que se faz, de preferência, no intervalo de dois «hamburguers», para utilizar uma expressão usada por João Botelho, a propósito da estreia, este ano, do seu filme numa das salas do complexo das Amoreiras.

Para as Amoreiras (após o veto do Quarteto) iria parar o último filme de Manoel de Oliveira, «Os Canibais». Sinal dos tempos, símbolo de um 1988 que, para o melhor e para o pior, mais não fez do que acentuar as grandes linhas do cinema português.

Rodrigues da Silva



Gil Vicente : debate na Cornucópia

Obra vicentina em debate: por iniciativa do grupo de Teatro Cornucópia, efectuou-se, no Teatro do Bairro Alto, um colóquio em torno da obra de Gil Vicente. Durante três dias (de 12 a 14) prestigiados estudiosos vicentinos, nacionais e estrangeiros, debruçaram-se sobre a obra do nosso maior dramaturgo.

Salvar e recuperar, palavras de ordem: aconteceu em Beja, de 28 deste mês a 1 de Novembro, no decorrer do I Encontro Internacional de Municípios com Centro Histórico, no qual participaram representantes de 86 municípios do continente e ilhas.

NOVEMBRO

Tapeçarias de Vieira da Silva: No dia 4 foi a inauguração, no Museu Nacional do Traje. Trata-se de uma significativa mostra da obra em tapeçaria desta figura prestigiada da arte portuguesa. Patente até 28 de Fevereiro de 1989.

"Belles Etrangères de Portugal": entre 7 e 19, a maior embaixada de escritores portugueses que alguma vez esteve presente em França. Durante 12 dias, a literatura lusa saiu do seu cantinho "marginal" e deu o salto além Pirinéus.

Cinquenta mil contos por uma cómoda: obviamente que nos referimos a uma "raríssima e excepcional cómoda papelreira D. José, de invulgar beleza e concepção", mas foram mesmo 50 milhões de escudos que rendeu, num leilão realizado no dia 3, em Lisboa, apenas esta peça. No total, teriam sido movimentados cerca de quinhentos mil contos na aquisição de pouco mais de duzentas peças, aliás consideradas de alto valor artístico. Por isso, aqui fica o registo.

DEZEMBRO

Circo de volta ao Coliseu: é sempre aquela festa, na velha sala das Portas de Santo Antão. Assim aconteceu no primeiro dia deste derradeiro mês do ano com a estreia da companhia de Natal. Trapezistas, palhaços, ciclistas, domadores, chimpazés... fizeram as delícias do público, "genuinamente uma enorme massa de crianças. Uns no corpo, tantos outros numa espontânea infantilidade e nas suas memórias".

Centenário de Vieira de Almeida: entre 5 e 7, foi comemorado na Faculdade de Letras de Lisboa, estabelecimento de ensino onde foi mestre e catedrático de Filosofia. Sessão de encerramento com a presença do Presidente Soares.

Fernando Pessoa, encontro internacional: também de 5 a 7, três dias na Fundação Gulbenkian (ainda) para comemorar o centenário do poeta. Palavras de Eduardo Lourenço na sessão de abertura: «Não vamos celebrar o orfão de tudo e de si próprio para consolo póstumo seu».

Olga Roriz na Gulbenkian: foi na noite de sábado, dia 10, esgotando a lotação para a estreia de uma série de quatro serões - um corpo e um espaço por circunscrever fisicamente foram suficientes para mais um sucesso da bailarina e coreógrafa.

Rodrigues Borges

Teatro

Contas à Moda do Porto

MAIS teatro, embora ainda muito pouco teatro, melhor teatro, em certos casos, menos público no teatro, apesar de alguns êxitos, o surgimento de uma nova camada de actores - talvez se possa resumir nestes termos as tendências mais evidentes do teatro em Portugal em 1988.

M AIS teatro, melhor teatro, menos público no teatro — talvez se possa resumir nestes termos as tendências mais evidentes da actividade teatral em 1988.

Mais teatro, ainda embora ainda muito pouco teatro. De facto, as 70 estreias de Lisboa (número aproximado), incluindo revistas, peças de boulevard, espectáculos para crianças, estão muito longe de ser dignas de uma capital europeia.

Devemos, no entanto, sublinhar o aumento entre esses textos de obras de autores nacionais, à volta de 30, dos quais 16 de autores vivos. Foi talvez o facto mais relevante do ano teatral, confirmando e acentuando uma tendência que vinha de 87, a da presença nos nossos palcos de obras de dramaturgos portugueses dos nossos dias. Vai longe o tempo em que por razões de censura ou, posteriormente, por outras razões, essas obras se contavam pelos dedos de uma das mãos. Terá chegado o momento da reconciliação entre os produtores e os autores dramáticos? Só o futuro o dirá.

O autor português do ano foi Miguel Rovisco cuja morte voluntária e prematura o impediu, certamente, de revelar todas as suas potencialidades criadoras. Como tem

acontecido com outros autores, as suas obras representadas em 88 foram vítimas de um tratamento cénico insuficiente, em especial no caso do Teatro Nacional, com **Trilogia Portuguesa (O Bicho/Tempo Feminino/A Infância de Leonor de Távora)**; melhor, embora ainda insuficiente, o trabalho do grupo Persona sobre um texto menos ambicioso; **Circo dos Desenganos**.

De outro dramaturgo, também prematuramente desaparecido, Manuel Grangeio Crespo, registou-se a estreia de **O Gigante Verde**, pelo Teatro Espaço, dirigido por Águeda Sena.

Outros autores portugueses em foco: Norberto Ávila com **D. João no Jardim das Delícias (TEC)**; Mário Cláudio, com **Noites de Anto (Casa da Comédia)**; Alves redol, com **O Destino Morreu de Repente (Comuna)**; Fernando Dacosta, com **A Nave Adormecida (Novo Grupo)**; Castro Guedes, com **Estilhaços (TEAR)**; Hélder Costa, com **O Baile adaptação (Barraca)**; Natália Correia, com **Erros Meus, Má Fortuna Amor Ardente (ACARTE)**; Jaime salazar Sampaio, com **Desconcerto**, reposição, e **Olá, Fernando (Teatro de Portalegre)**; Maria Estela Guedes, com **O Lagarto de Âmbar (ACARTA)**; Augusto Abelaira, com **Anfitriões (Persona)**; Amadeu Lopes Sabino, com **As Portas (IFICT)**. É provável que a maior parte destas peças tenha sido imediatamente esquecida, que nenhuma delas venha a ficar numa história da dramaturgia portuguesa exigente. Representam, pelo menos algumas delas, passos indispensáveis para a realidade que essa dramaturgia não pode deixar de ser.

Falta citar **O Príncipe Perfeito**, (1) primeira obra dramática de um historiador que é também poeta, António Borges Coelho (CDIAG).

Ainda no capítulo da dramaturgia

nacional, atenção para outros propostas que incluem inevitavelmente o recurso a textos clássicos (Gil Vicente, Almeida Garrett, D. Francisco Manuel de Melo, Júlio Dinis), e o recurso a adaptações, além de Hélder Costa que foi buscar a base do seu espectáculo sem diálogos mas não sem dramaturgia a um espectáculo francês e a um filme italiano.

Citemos entre essas adaptações: com a **Arna de Bogart**, de Renato Solnado (CENA); **Maria! Não Me Mates Que Sou Tua Mãe! Mãe!**, que Fernando Gomes foi buscar a Camilo Castelo Branco; **Comunidade**, que Cândido Ferreira foi buscar a Luiz Pacheco; **Lisboa Monumental**, que Manuel João Gomes foi buscar a Fialho de Almeida; sem esquecer os espectáculos do Bando: **Nora**, sobre textos de Trancoso, e **Carcaças**, que Eduarda Dionísio foi buscar a histórias tradicionais. Também o **Fausto** se poderá pensar como adaptação dos fragmentos deixados por Fernando Pessoa, de quem se representou **O Marinheiro (TAS)**.

Os Outros

M AIS teatro, portanto. Mas que teatro, para além dos autores portugueses?

É provável que não haja diferenças substanciais em relação a 87 no reportório das nossas companhias e grupos que tentam recuperar algum do tempo perdido durante o qual estivemos separados das grandes obras do teatro universal.

Aliás, observa-se uma maior audácia por parte dos nossos criadores teatrais em enfrentar essas obras, incluindo os clássicos gregos ou um autor como Shakespeare cujas obras têm estado afastadas dos nossos palcos.

Continua na pág. 40



Encontros ACARTE: «Édipo-Rei»

Além de mais teatro, tivemos melhor teatro

Continuação da pág. 39

Estes espectáculos que vimos, não todos os espectáculos que se estrearam em Portugal.

Para voltar ao teatro português, outros domínios, no entanto, falta ainda referir. No chamado teatro comercial não vamos gastar espaço, que o não merece, com o bulvar. Em compensação, tenha-se em conta a tentativa de renovação do teatro musical com **Enfim Sós!** (T. Maria Vitória/Maria Matos), com a revelação no texto, encenação e produção que foi Carlos Cruz, e essoutra revelação que foi Dora; atenção ainda para a revista do Variedades **A Prova dos Novos** com um assinalável grupo de jovens valores, com Marina Mota, Carlos Cunha, Fernando Mendes, etc. Ainda na revista: **Cheira a Lisboa** homenagem a César de Oliveira (ABC); e **Festa no Parque**, de José Viana (Variedades).

Entre os espectáculos para a infância e juventude, citaremos: **Nora e Carcaças**, do Bando, **Andando, Andando**, de Teresa Rita (Pé de Vento); **A Núvem que não Queria Chover**, de Fernando Bento Gomes (TIL); **Ser Gato É...**, de Fernando Gomes; **Pierrot e Columbina**, de Almada Negreiros (Casa da Comédia); **Acender a Noite**, de José Caldas; **De Pequeno se Torce o Pepino**, de Virgílio Martinho (Escola Sec. do Pragal); **Olá Fernando**, de Jaime Salazar Sampaio (T. de Portalegre); **O Cavaleiro da Mão de Fogo**, de Javier Villafañe (CCE).

A estes grupos de espectáculos será necessário acrescentar as companhias e grupos que nos visitaram, isoladamente ou no âmbito de festivais. Tivemos uma vez mais o FITEI, dominado este ano pelo tea-

tro brasileiro; tivemos em Lisboa um novo festival, ou melhor a tentativa de criação do de um certame do género com o título Festival de Outono. Com os problemas que levantou, com a ausência de público, ficamos a dever-lhe a presença de espectáculos importantes e a vinda a Portugal pela primeira vez de Jérôme Deschamps com **C'Est Dimanche**.

Mais uma edição dos Encontros ACARTE que em 88 acentuou a tendência para jogar em vários campos, com espectáculos de texto, três deles portugueses (**Édipo Rei**, **Material-Medeia** e **De Noite**), e espectáculos de dança de que será justo lembrar **Callas**, da C.ª de Reinhilde Hoffmann; **Canard Pekinois**, da C.ª Joseph Nadj; **Coeur de Lion**, da C.ª de Jean-François Duroure; e ainda um concerto, **Close Distance** de Hary de Wit. Também o ACARTE organizou a mostra de Teatro Holandês. Outro festival de grande importância, em especial pelas manifestações paralelas que incluiu, foi a Bienal Universitária de Coimbra na qual estiveram presentes grupos oriundos da Checoslováquia, Espanha, Grécia, França, Bélgica, Finlândia, além de Portugal. Um outro festival internacional foi a Festa de Almada, tendo-se ainda efectuado o habitual Festival de Setúbal.

Mais Teatro. Melhor Teatro

UMA selecção mais rica de originais, um trabalho mais apoiado e mais cuidadoso a nível cénico, o aparecimento de novas actrizes e actores dotados — tudo isto ajuda a

explicar que além de mais teatro tivéssemos, duma maneira geral, melhor teatro.

Por ironia, o nível atingido em 88 pelo teatro em Portugal foi marcado por dois espectáculos baseados em textos de um velhíssimo mas sempre presente autor português: Gil Vicente, é claro. Cada uma a seu modo, as leituras renovadoras de Luís Miguel Cintra com o Teatro da Cornucópia do **Auto da Feira**, e de Rogério de Carvalhal com o TEUC do **Auto da Índia**, abriu horizontes novos para o entendimento daquele que continua a ser o nosso maior autor dramático. No caso do primeiro, o espectáculo sublinhava a continuidade de um trabalho altamente profissionalizado, no caso do segundo tratava-se de um trabalho de um grupo universitário, embora o **Auto da Índia** seja, como concepção e acabamento, indiscutivelmente profissional sobretudo graças à presença do encenador Rogério de Carvalhal e do cenógrafo José Manuel Castanheira, sem esquecer o compositor Alberto Lopes. Os três, de resto, propuseram com o mesmo grupo um outro admirável trabalho sobre **O Sonho** de Strindberg.

Aliás, encontraremos em espectáculos não-profissionais outras justificações deste ano teatral: **D. João Volta da Guerra**, de Odon von Horvath pelos alunos do 3.º ano da Escola Superior de Teatro e Cinema sob a direcção de Rui Mendes; e ainda **A Vida É Sonho** de Calderón pelo Teatro Universidade Técnica, dirigido por Jorge Listopad, representado na Torre de Belém.

Outros espectáculos, estes profissionais mas relativamente mar-

ginais às produções mais institucionalizadas, que valeram a pena; **Comunidade**, o formoso trabalho de Cândido Ferreira, encenação de José Carretas, cenografia de João Brites, sobre o texto de Luiz Pacheco; **Maria! Não Me Mates que Sou Tua Mãe!**, o estupendo trabalho de Fernando Gomes sobre o texto de Camilo; **Fragmentos**, de Beckett, encenação de Carlos Quevedo; os textos de Tchekhov encenados por Mário Viegas; **Crimes do Coração**, de Beth Henkey, encenação de João Canijo que nos permitiu redescobrir Rita Blanco.

Destaque para o trabalho global de alguns grupos, até pela qualidade do respectivo reportório: Teatro Hoje, com o ciclo de Tennessee Williams; Comuna com uma peça praticamente inédita de Alves Redol, **O Destino Morreu De Repente**, e com Sófocles; Seiva Trupe também com um Sófocles (Brecht) e Pirandello; C.ª de Teatro de Almada com **D. Rosinha a Solteira** e **As Velhacarias de Scapin**; TEUC, com **O Sonho**, de Strindberg, e de Gil Vicente; sem esquecer espectáculos isolados como **A Rua**, encenação de João Lourenço, além de outros já citados.

Quem faz?

Lógico: o ano teatral passou por elas e por eles. Não apenas Rita Blanco, claro, mas sobretudo Eunice Muñoz, espantosa Zerlina sob a direcção de João Perry; Cândido Ferreira em **Comunidade**; José Wallenstein em **Três Irmãos**, encenação de Rui Mendes e **Auto da Feira**, espectáculos do Teatro da Cornucópia; Carlos Paulo em **Édipo Rei**; poderia citar outros; João Cardoso, de Os Comediantes, Lia Gama e Alexandra Lencastre, do TEC; Teresa

Gafeira da C.ª de Teatro de Campolide; Sara Lima e Maria José Pascoal do Teatro Hoje, Virgílio Castela do Novo Grupo, Marina Mota do Teatro Variedades.

Mas este ano surgiram ou voltaram bastantes jovens que garantem a continuidade do teatro português: na **Rua**, Cristina Carvalhal e José Jorge Duarte; em **Velhacarias de Scapin**, Vítor Gonçalves; em **Auto da Índia**, do TEUC, Lígia Roque; no **Baile**, Maria João Luís e Vítor Torres; no **D. João Volta da Guerra**, Rui Luís Brás (o Romeu do espectáculo do Novo Grupo); no **O Sonho**, também do TEUC, José Neves, (já integrado nos intérpretes do **Fausto**).

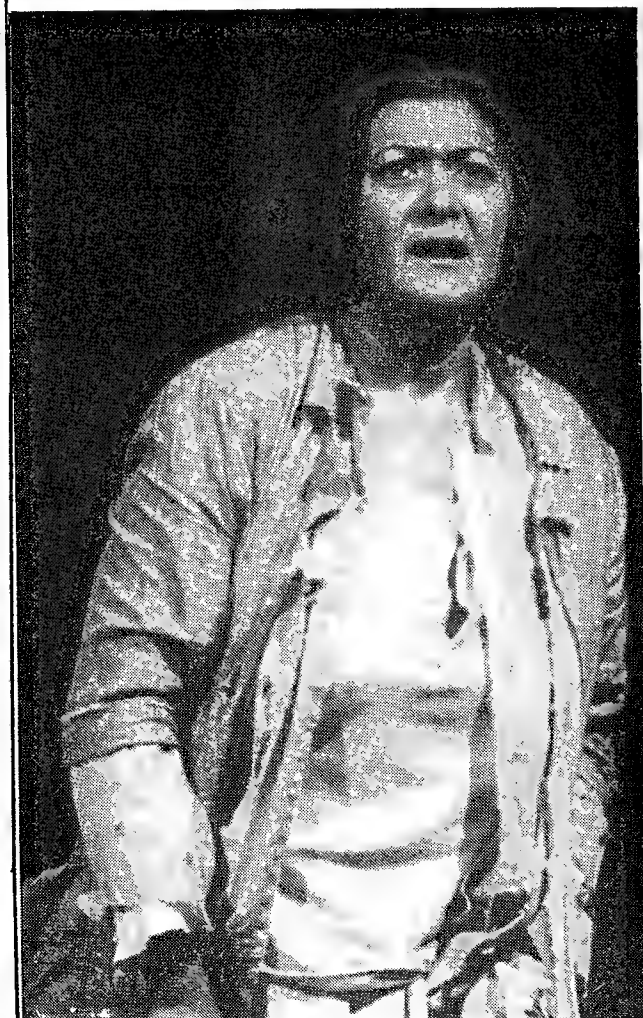
Mais Teatro melhor Teatro menos público

Como não dispomos de estatísticas não podemos garantir que as salas tenham tido menos frequência de público, embora tenhamos ouvido várias lamentações que iam nesse sentido e tivéssemos, por vezes, encontrado muito pouco público a assistir aos espectáculos. No entanto, espectáculos houve com boas casas como **Édipo Rei** da Comuna, o **Auto da Feira**, da Cornucópia, **Bruscamente no Verão Passado**, do Teatro Hoje, **Tchekhov de Mário Viegas**, **Enfim Sós** e **A Prova dos Novos**, no campo do teatro musical. É possível que tenha havido outros. No entanto, em relação à quantidade e à qualidade da oferta, parece-nos ter sido inferior a recepção por parte do público.

Mortes

Deixaram-nos em 1988: os escritores de teatro César de Oliveira, Mendes de Carvalho e Miguel Franco, e as actrizes Elisa de Guisete, Cremilda Torres e Alda Rodrigues.

Carlos Porto



Alda Rodrigues em «Grande Paz» e «O Baile»





**câmara
municipal**

amadora

zona livre de armas nucleares

Informação

31 de Dezembro — 22 horas Corrida de São Silvestre

Percurso

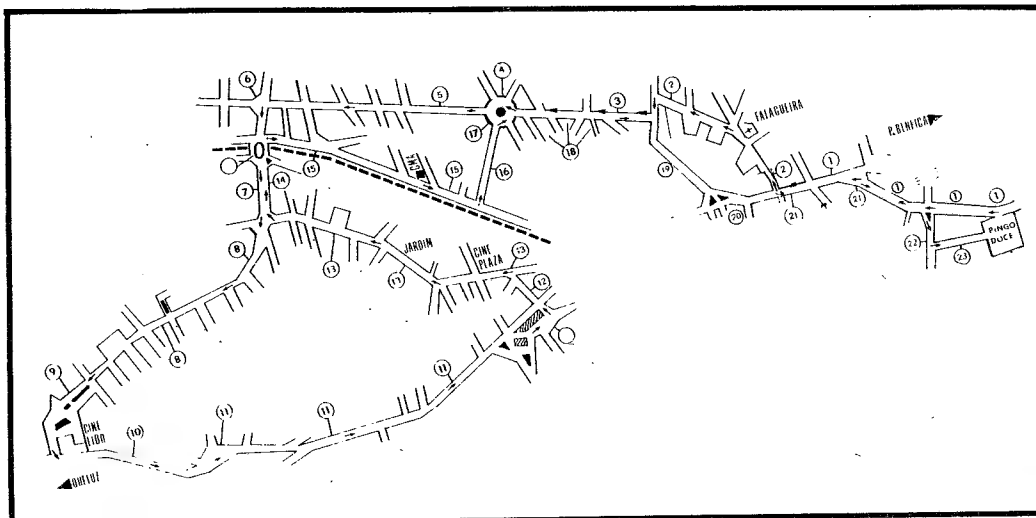
PARTIDA — Largo do Pingo Doce · 1 — R. Elias Garcia, 2 — Est. Falagueira, 3 — Av. Gen. Humberto Delgado, 4 — P. 25 de Abril, 5 — Av. Gen. Humberto Delgado, 6 — Av. Pedro Álvares Cabral (Ponte), 7 — R. António Feijó, 8 — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 9 — R. D. João I, 10 — Est. Velha de Queluz, 11 — P. da Batalha, 11 — R. Gonçalves Ramos, 12 — Rua 27 de Junho, 13 — R. Elias Garcia (Jardim 14), — R. António Feijó (Ponte), 15 — R. Cardoso Lopes, 16 — Av. dos Bombeiros Voluntários, 17 — P. 25 de Abril, 18 — Av. Gen. Humberto Delgado, 19 — Av. Com. Luís António Silva, 20 — (Bairro Bosque), 21 — R. Elias Garcia, 22 — R. Vice-Alm. Azevedo Coutinho, 23 — R. João de Deus — META.

Distância: 8500 m

Participam 10 atletas olímpicos.

Organização: D. O. RANGEL

Apoio: Câmara Municipal da Amadora



INVENTA
1.º SALÃO DE INVENTOS
DA AMADORA /88

DE 28 DE DEZEMBRO A 15 DE JANEIRO

D. JOÃO V - DAMAIA

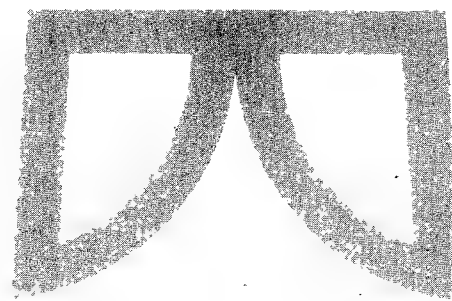
Colóquios dia 4 Janeiro às 21.30 horas

A Criatividade no Desporto para Deficientes — por Carlos Pinto — director do Departamento de Desporto para Deficientes do Sporting Clube de Portugal.

Dia 6 de Janeiro — às 21.30h, o Homem e a Criatividade — pelo dr. António Roseiro.

Dia 11 de Janeiro às 21.30 — Psicomotricidade na Recuperação de Crianças Distanciadas — por Alberto Mota.

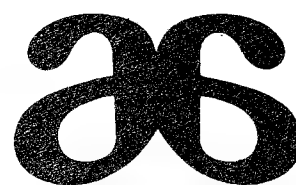
Dia 13 de Janeiro às 21.30h — Contactor Electrónico Multipolar Programável pelo eng.º José António Oliveira Martins.



**CENTRO DRAMÁTICO
INTERMUNICIPAL
ALMEIDA GARRETT**

“O Príncipe Perfeito”
de António Borges Coelho
Recreios Desportivos da Amadora
De 15 de Dezembro a 22 de Janeiro

“Índias/Gil Vicente”
Sociedade Filarmónica Recreio Artístico da Amadora
De 17 de Janeiro a 3 de Fevereiro



**Associação de Municípios
para a Área Sociocultural**

Amadora • Loures • Sobral M. Agraço • V. F. Xira

GIRP

GABINETE DE IMPRENSA E RELAÇÕES PÚBLICAS

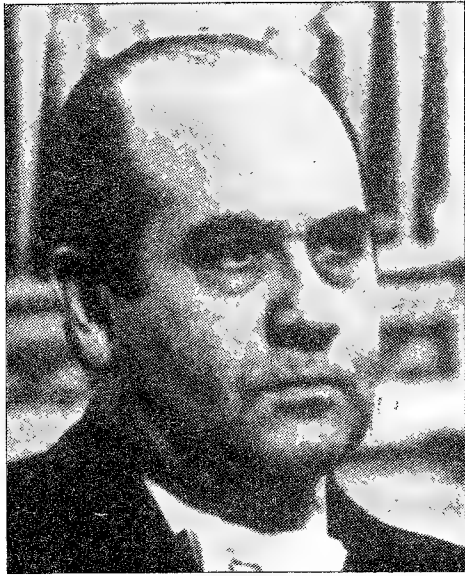
Gabinete de Imprensa ☎ 494 29 30 — Ext. 321 — Telex 40 104 CMAMAD P



Nella Basola Maissa



Artur Pizarro



Igor Oistrakh



Maria João Pires

Música

A temporada musical

Lançando uma vista de olhos sobre a temporada musical de 1988 no que se refere a Lisboa e arredores, verifica-se que a Fundação Gulbenkian mais uma vez se impôs. A bem dizer devem-se-lhe não só o maior número de concertos - cerca de uma centena - como algumas das melhores realizações neste campo.

Artistas de renome internacional surgiram no palco do Grande Auditório, a par de outros menos conhecidos mas justificando-se a sua presença. Entre os pianistas tivemos nomes sonantes. Seguindo a ordem por que se apresentaram, encontramos o francês René-François Duchable, detentor de vários primeiros prémios e cedo distinguido pelo grande Rubinstein; Daniel Barenboim, célebre como pianista e como chefe de orquestra; a jovem e talentosa soviética Elena Bashkistrova; e o famosíssimo Claudio Arrau. Mas outros nomes sonantes de pianistas portugueses figuraram na temporada, como Maria João Pires e Sequeira Costa, e ainda Tania Achot, Nella Maissa, Adriano Jordão e os moços mas já consagrados António Rosado e Artur Pizarro.

Violinistas famosos também não faltaram, destacando-se, no entanto, Igor Oistrakh (filho do grande David Oistrakh), o italiano Salvatore Accardo, por sinal um dos fundadores do grupo «I Musici» e o japonês Mayum Fujikava, Anibal Lima representou condignamente os violinistas portugueses.

No terreno do canto, conhecemos dois grandes cantores e intérpretes excepcionais: Robert Hol, em «lieder» sobre poemas de Heine, e Nicola Ghiuselev, em melodias russas.

Alguns conjuntos de câmara excelentes animaram outras manifestações e a Orquestra Gulbenkian colaborou com frequência. Mas um dos maiores acontecimentos foi a actuação da Sinfónica de Ba-

den-Baden, no Coliseu e no Grande Auditório, dirigida pelo notabilíssimo regente Michael Gielen. Admirável e impressionante a versão da 4ª Sinfonia de Mahler. E a temporada musical da Gulbenkian encerrou-se com três concertos corais-sinfónicos, com a participação da Orquestra e do Coro Gulbenkian e cinco solistas, destacando-se as duas cantoras portuguesas: a já consagrada Elsa Saque e a mais jovem Filomena Amaro.

É ainda à Gulbenkian que se deve a organização dos «Encontros de Música Contemporânea» e as «Jornadas de Música Antiga». Isto permitiu-nos tomar contacto com obras que nunca (ou raramente) se ouviam, em execuções de músicos especializados.

No caso dos «Encontros» tivemos uma representação vultosa de compositores e agrupamentos portugueses. A 1ª audição em Portugal de «Pli selon Pli», de Pierre Boulez e uma comemoração extremamente significativa dos 80 anos de Oliver Messiaen, que culminou com a imponente partitura de «Des Canyons aux Étoiles», merecem particular realce.

Quanto às «Jornadas», dois aspectos devem salientar-se: a realização (em versão de concerto) da Ópera «Il Ritorno de Ulisse in Patria», de Monteverdi, e uma substancial chamada de atenção para a obra de Marcos Portugal, compositor muito citado mas afinal praticamente desconhecido do nosso público.

Também o S. Carlos não esteve parado. Ali se deram alguns concertos com a Orquestra Sinfónica do próprio Teatro e numerosos recitais e concertos de câmara, estes no Salão Nobre, por vezes em colaboração com outras entidades ou associações. E há que referir o lugar neles reservado a intérpretes e conjuntos portugueses, como, por exemplo, o recentíssimo «Ensem-

ble de clarinetes».

Por seu lado, a RDP levou a efeito, com grande êxito de público, concertos semanais no belo cenário das Ruínas do Carmo, durante o período estival. O maestro Silva Pereira dirigiu quase todos estes concertos. Aliás, ele tem contribuído largamente para que a Orquestra Sinfónica da RDP mostre que ainda está viva... É também à RDP e a José Manuel Nunes (o director de programas) que se deve a criação do concurso Jovens Músicos destinado a revelar novos valores. E não há dúvida que os resultados são positivos.

Uma referência especial para a justa homenagem a Armando José Fernandes, notável compositor português, falecido há cinco anos. A iniciativa deve-se ao Conselho Superior da Música. No Salão Nobre de S. Carlos esteve patente uma exposição evocativa da personalidade de A. J. Fernandes. Realizaram-se ainda dois concertos com a colaboração de destacados intérpretes nacionais, procurando-se estabelecer uma perspectiva da obra do artista.

De salientar também outro acontecimento relevante. Refiro-me à Nova Filarmonia Portuguesa (criada e dirigida pelo maestro Álvaro Cassuto), que se destina principalmente a percorrer o País, levando à província boa música bem executada.

Os Festivais

Como se sabe, os Festivais de Música proliferam entre nós. Nos arredores de Lisboa realizam-se três: Festival de Sintra, da Costa do Estoril e dos Capuchos. Assisti a alguns concertos dos dois primeiros.

De há uns anos para cá, os organizadores do Festival de Sintra têm procurado subordinar as manifestações a uma determinada temática. Em 1988 assim aconteceu

com obras pianísticas do período romântico. E foi, na verdade, um desfile de vedetas do teclado. Recordem-se especialmente, pelo nível que os recitais atingiram, Sequeira Costa, Byron Janis e György Cziffra, este insuperável.

Quanto ao Festival da Costa do Estoril, ofereceu-nos igualmente momentos muito elevados, com o concerto pela Filarmonia de Moscovo dirigida pelo excelente regente Dmitri Kitaenko; o recital do grande guitarrista Alirio Díaz e, acima de tudo, o recital do soprano Gundula Janowitz, uma cantora-intérprete de altíssimo quilate.

Mas outro agrupamento ou instituições culturais estrangeiras, que desenvolveram uma actividade mais ou menos regular organizando manifestações musicais de qualidade, não devem ser esquecidos.

A Ópera

S. Carlos que, há uns anos para cá, tem a sua orquestra e o seu coro completo e a sua companhia residente, apresentou em 1988 nove Óperas, duas de compositores portugueses, num total de trinta e três espectáculos. A Administração do nosso teatro lírico (há pouco cessante), presidida pelo Dr. Serra Formigal e tendo mais recentemente como director artístico o Dr. João de Freitas Branco, guiou uma temporada muito equilibrada, com récitas em que actuaram bons artistas estrangeiros contracenando com artistas da companhia residente, e espectáculos inteiramente a cargo dos nossos cantores. Neste caso destaca-se a ótima realização das «Bodas de Figaro» de Mozart, que podia atravessar fronteiras sem complexos. Excelentes, também, as récitas da «Tosca» de Puccini, como Galina Savova na protagonista; da «Sonambula», de Bellini, que nos re-

velou um estupendo soprano-colouratura: Enedina Loris; e do «Barbeiro de Sevilha» de Rossini, como o barítono Santos Ariño e Manuela Castani no papel de Rosina. «La Mère Coupable» completou a trilogia de Beaumarchais. menos interessante do que «O Barbeiro» e «As Bodas», quer pelo texto literário quer pela música de Milhaud, não deixou, contudo, de valer a pena incluí-la no cartaz.

A nova temporada começou já perto do fim do ano, com «Manon Lescaut», de Puccini. Foram espectáculos notáveis, que se devem à antiga administração. A interpretação de Mara Zampieri, na heroína de Prevost, é paradigmática.

Como se vê, a temporada musical de 1988 foi recheada de acontecimentos. Se olhássemos apenas ao número das realizações e ao alto nível de muitas delas, teríamos de concluir que, entre nós, a música vai de vento em popa. Infelizmente não é assim. O exemplo mais gritante quanto às falhas que existem no nosso meio encontramos-lo, por ventura, no estado a que se deixou chegar a Orquestra Sinfónica da Radiodifusão com as estantes desfalcadas e sem que, por enquanto, se vislumbre a resolução deste gravíssimo problema.

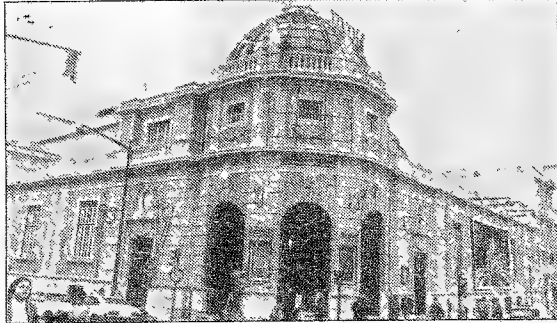
Outro aspecto preocupante que se prende com a falta de estruturas, diz respeito ao ensino. Este terá que ser encarado com mais realismo, tanto no capítulo das matérias que comporta, como no atinente às condições em que é ministrado (instalações, inclusive).

E muito haveria ainda a lamentar. Porém não quero terminar esta resenha num tom desiludido e muito menos fatalista. Esperemos que neste Portugal à beira mar plantado (turisticamente tão conhecido pelo sol e as lindas praias) a cultura - e a música faz parte dela - mereça maior atenção às entidades oficiais.

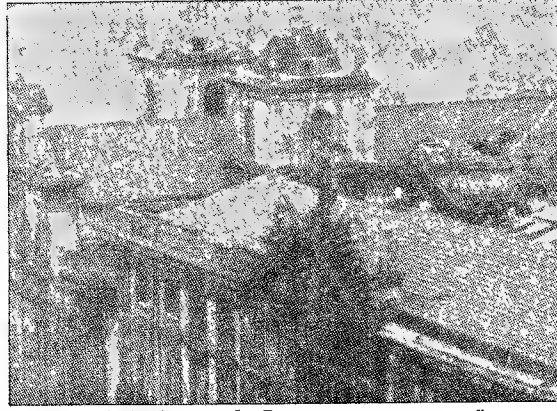
Maria Helena de Freitas



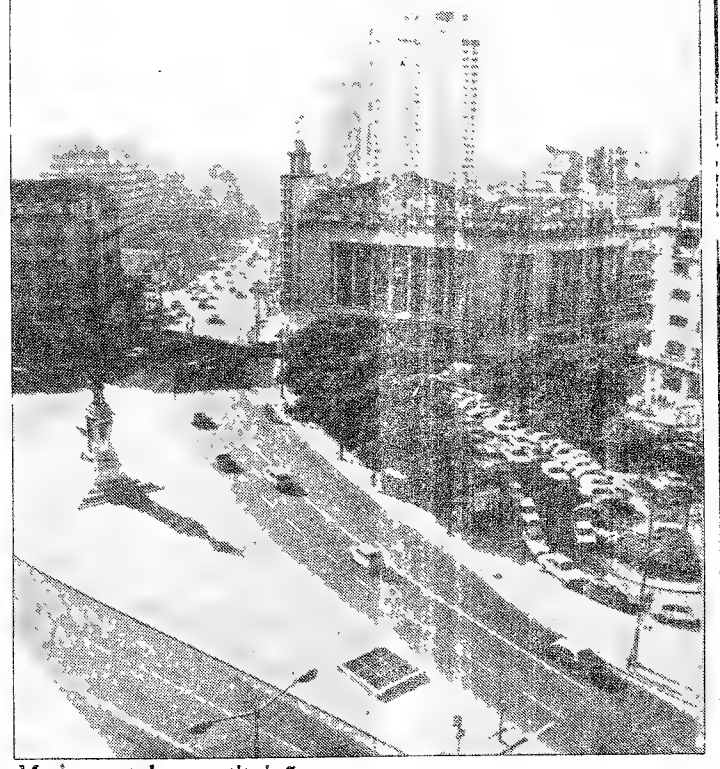
Chiado: a destruição



Tivoli: a ameaça



Cadeia de Relação do Porto: a recuperação



Monumental: a substituição

Património

O ano de todas as desgraças

Na edição do dia 25 de Agosto dizíamos já que 1988 seria para sempre, na história de Lisboa, o ano do grande incêndio do Chiado. Agora, que o ano finda, sabemos já que 1988 fica sendo, também por outras razões, um dos anos mais negros para o património lisboeta. Senão, veja-se.

Tornou-se irreversível a alienação dos terrenos do Hospital Júlio de Matos; soube-se que no lugar do antigo Monumental vai crescer um "trambolho" com 12 pisos e que também será sacrificado o edifício conhecido por "Prédio do Anjo", mesmo em frente; divulgou-se ainda mais o projecto (de Troufa Real) que transformaria (transformará?) o belíssimo imóvel do Tivoli no suporte de uma caixa de cimento e vidro para tornar mais rentável aquele pedaço de Avenida (no grande negócio há muitos interessados... por exemplo, Nuno Rocha); descobriu-se também que o Clube Militar Naval, mais acima, será substituído por uma "taveirada", apesar de ser o edifício mais importante de Praça Marquês de Pombal; encerraram mais quatro cinemas (Roxy, Roma, Estúdio 444 e Castil); perderam-se mais dois cafés, transformados em restaurante (Ribatejano e Monte Carlo); descobriu-se que a proposta para renovação do Café Martinho da Arcada (projecto de Hestnes Ferreira) não devolverá o estabelecimento ao seu aspecto "pessoano"; já este mês, mais um prédio desabou em Lisboa, agora na Rua Filipe Folque, o edifício onde morou o General Humberto Delgado...

E para rematar em beleza, a grande notícia de Dezembro é esta: por causa de uma despesa

clandestina do Hotel Avenida Palace, um cais da Estação do Rossio pode ruir a qualquer momento, pondo em risco a estação e o próprio hotel, que é o melhor edifício dos Restauradores.

Chiado
assunto do ano

Entretanto, já há quem considere "de loucos" o projecto do Centro Cultural de Belém, próximo do mosteiro e das casas quinhentistas. Também neste caso, está no segredo dos deuses aquilo que nos espera. Para já, a obra está orçada em dez milhões de contos e a proposta vencedora no concurso público é italiana. O prazo para conclusão das obras é outra surpresa: Outubro de 1991.

Duas notícias do final do ano poderão resultar em histórias felizes: a demolição do número 16 de Rua Coelho da Rocha, o mais "pessoano" dos imóveis lisboetas pois foi o único onde o poeta viveu durante 15 anos, será provavelmente travada pela Câmara Municipal de Lisboa, que acordou tarde para o problema - mas acordou. Também a sepultura de Eça de Queiroz, cujos restos mortais estiveram por edital à beira da vala comum, deverá ser salva a tempo.

Também salvo a tempo será o bairro da Lapa, se a Câmara prestar atenção ao apelo dos moradores, que a alertam para a descaracterização da zona. E como nestas coisas há sempre o outro lado da moeda (normalmente com mais algarismos antes do cifrão), já está a construir-se um hotel de 94 quartos "a partir" do palacete Hintze Ribeiro... motivo principal dos

protestos dos moradores do bairro. Quando será que a Câmara veta um destes projectos... ainda que não seja uma vez por exemplo, que seja uma vez sem exemplo? Quando?

Com o Chiado "na terra", não admira que os outros assuntos relativos ao património alfacinha tenham ficado na sombra e que, numa sondagem recente, seja o arquitecto Siza Vieira a mais popular figura da cultura portuguesa em 1988. Mas para quem estimava a parte desaparecida do Chiado, as perspectivas continuam negras. Porque além do ano do grande incêndio, 1988 foi também o ano que provou a incapacidade camarária para lidar com uma catástrofe. Ninguém sabe se o principal património de zona - as suas lojas centenárias - poderá alguma vez ser recuperado. Isto, quatro meses após o incêndio. Os comerciantes continuam a ignorar se lhes será permitido voltar para as suas antigas moradas; os trabalhadores ainda não sabem se recuperam os postos de trabalho; os lisboetas desconhecem aquilo que deveria estar determinado (e tornado público) antes de qualquer projecto arquitectónico: qual a função a que serão destinados os edifícios, e se teremos o Grandella transformado em banco, os Armazéns do Chiado em passagem para a Rua do Ouro e a Casa José Alexandre ou a Casa Aguiar, por exemplo, deslocadas eternamente para um ponto distante dentro da cidade...

Chega a ser escandalosa a falta de pressa em tomar públicas coisas como estas. E escandaloso mesmo para os proprietários dos imóveis que, neste momento, julgam muito naturalmente possuir

um bocado de terra ardida em pleno Chiado e a render há quatro meses.

Recuperações no Porto

Deixemos Lisboa (uma cidade de triste destino) e recordemos eventos mais alegres em 1988. No Porto, o Instituto Português do Património Cultural encarrega-se da recuperação da antiga Cadeia de Relação (onde Camilo escreveu o seu "Amor de Perdição") e da Igreja de S. Francisco. Em Tróia e em Conímbriga, as ruínas romanas também merecem uma atenção especial - e um programa de recuperação. Piódão, aldeia classificada "imóvel de interesse público" desde 1978, possui agora um "plano de recuperação e reabilitação". A Câmara e o Gabinete Técnico Local de Arganil pretendem devolver à aldeia as suas características tradicionais e, simultaneamente, criar condições para "uma maior qualidade de vida dos habitantes".

Na Batalha, o celebrado mosteiro continua em risco. Principal causa: a poluição da autoestrada que lhe passa "no adro". Há cerca de uma semana, o jornal "Europeu" alertava: "A pedra não é eterna". E o calcário é particularmente vulnerável.

Também muito vulnerável - desta vez à especulação dos solos - era o Teatro Avenida, de Coimbra, que não teve melhor destino do que o seu homónimo lisboeta. Apesar das tradições académicas e da hipótese de classificação patrimonial, o teatrinho desapareceu do dia para a noite, no final de Agosto, depois de ter sido astutamente emparedado por edifícios que lhe minaram os alicerces. Em breve crescerá no local o inevitá-

vel "Edifício Avenida" que, para calar a boca aqueles que se preocupam com as coisas da Cultura, até vai ter salas de cinema... Recorde-se a propósito que Coimbra é outra cidade malfadada em termos patrimoniais. Consegue ser a única cidade portuguesa onde o Estado Novo demoliu um bairro inteiro, com igrejas setecentistas e tudo (o massacre da Mouraria lisboeta, também nos anos 40, não era nada, ao pé disto). Foi a tragédia da "Alta" e, desde então, a cidade parece ter destino marcado pelos especuladores, pelos aventureiros e pela "distracção" camarária.

É costume formularem-se desejos em vésperas de Ano Novo. Tornou-se impossível resumir o problema do património construído português a dois ou três desejos. Impossível, mesmo, reduzi-lo a esta apesar de tudo curta lista.

Mas, destacando alguma coisa, a sugestão poderia ser que em 1989 se criasse um estatuto semelhante ao de Imóvel de Interesse Público, destinando-se à protecção exclusiva dos estabelecimentos comerciais que fazem parte do património dos lugares. E isto através de benefícios fiscais, apoio para recuperações, legislação para intervenções nesses interiores e proibição de trespasses que não assegurem a conservação do mesmo ramo de comércio. Só assim se teriam salvo os cafés deste país... e agora já é tarde. Só assim se salvarão as lojas centenárias do Chiado... e, isso, ainda é possível neste novo e promissor ano da Graça de 1989, que, além de mais, é ano de eleições autárquicas...

Marina Tavares Dias

Pop/Rock

Ano de boa colheita

88. Capicua. Ano que deu sorte no que se refere a concertos em Portugal. Uma média de um concerto por semana. Equilíbrio entre os de músicos de cá e os da estranja. Música para todos os gostos e feitios. Mesmo os apreciadores de estilos e *ondas* precisados. Bandas de primeira, segunda grandeza como as da cultura subterrânea, puderam ser vistas por quem quis e teve com que pagar o bilhete de acesso a umas dezenas de minutos de sonho, escape ou mobilização.

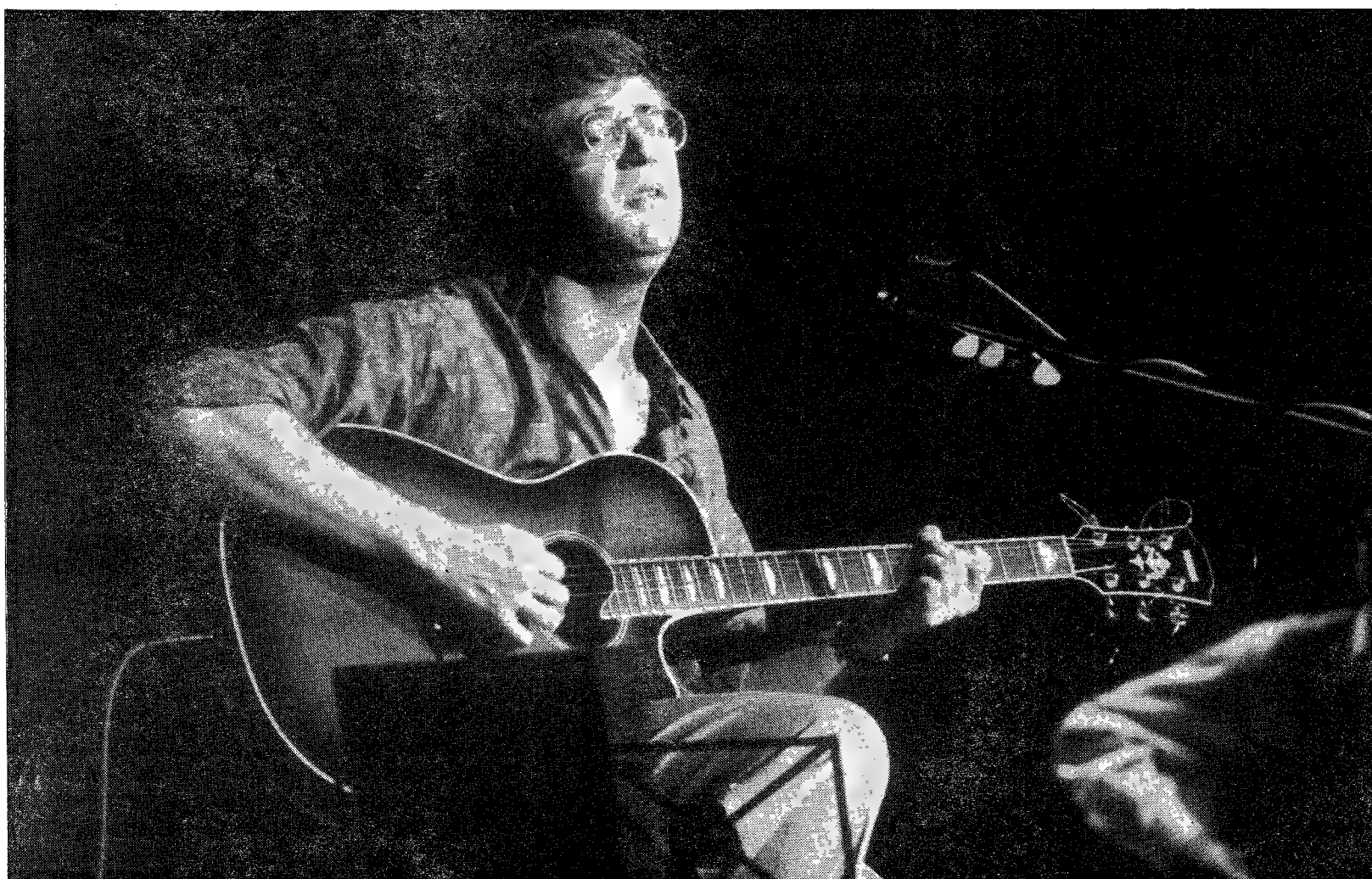
Se tivéssemos que eleger o melhor concerto de 88 o embaraço da escolha seria demasiado. No entanto, alguns poderão ser nomeados para candidatos ao título. Peter Murphy, Suicide, John Cale, Nick Cave e Wire seriam os sérios concorrentes à taça.

Santos da casa fazem milagres

Concertos com bandas e solistas portugueses, em Lisboa e Porto, houve de vários tipos: os colectivos e os individuais. Na última categoria o concerto maior, porque o mais completo em termos de espectáculo e suas componentes luz e som, terá sido, sem dúvida, o de Rui Veloso. Uma viagem ao seu mundo musical em *cinemascope*. Atrás não lhe terão ficado os Xutos & Pontapés num triplo concerto com uma original *matinée* infantil. Também os Trovante tiveram o seu grande concerto que permitiu um disco rapidamente adquirido por todos os admiradores deste grupo decano destas andanças.

Menos concorridos, mas assinaláveis, terão sido os espectáculos de Rão Kyo e Lena d'Água. Lamentável o ostracismo a que foi votado Janita Salomé, o alentejano da voz cristalina e cantos deslumbrantes. Uma injustiça a reparar urgentemente.

No campo da música independente, há certo ponto marginal, o apelo para a coragem e espírito empreendedor dos Pop dell'Arte e seu vocalista, alma da editora Ama Romanta, João Peste. Ousaram um concerto na Aula Magna, acompanhados pelos Linha Geral, e não saíram vencidos da empresa.



A taça do Nacional para Rui Veloso

Quanto aos espectáculos colectivos ressaltam-se os "Sons do Parque", "Artejo" e o "Amar o Tejo, Viver a Paz". Assim, embora acompanhados por outros, houve oportunidade de assistir a prestações ao vivo de Mler Ife Dada, Jorge Palma, Sérgio Godinho, Victorino, Essa Entente, GNR, Carlos Mendes, Sétima Legião, Mafalda Veiga, Delfins, Peste & Sida, Rádio Macau e Ban. Tendo alguns destes, acrescidos de Tomcat, Mão Morta e Falecido Alves dos Reis, feito as primeiras partes de alguns dos grupos estrangeiros.

Da estranja

Sem dúvida que os melhores momentos internacionais terão estado a cargo dos ex, Velvet Underground John Cale, Genesis Steve Hackett, Bauhaus Peter Murphy. No campo do rock pós-punk fomos visitados por duas bandas que não deixaram o estilo moribundo, antes pelo contrário, mais vivo, se possível ainda. Os Wire e The Lords of New Church mostraram como quase vinte anos depois se pode continuar a ser tão actual. Mais vanguardistas mas não menos apetecíveis terão sido as passagens por Portugal dos Jesus and Mary Chain e Nick Cave. De gozo maior, como tudo o que é descomprometido, num cenário deslumbrante, que são as Ruínas do Carmo, vivemos o *underground* americano pela mão de Alan Vega com o seu Suicide. Ainda utilizando formas musicais avançadas e por esta ordem também por cá passaram os Felt, Immaculated

Fools e os Durutti Column.

Da poesia e da *soul* o inesquecível concerto dos Simply Red, o arco-íris que não tem só o tom simplesmente vermelho. De alegria e sensibilidade inegável foi o espectáculo de Lloyd Cole. Houve também a passagem, nunca efémera, das bellíssimas baladas do solitário Leonard Cohen. Em termos de delicadeza e poesia ficamos por aqui. Nada mal servidos, diga-se de passagem.

Ainda na área da Pop não poderíamos esquecer o fascínio dos Bolshoi e dos Mission.

Dos lados do *heavy metal* o ano também não terá sido fraco. Assim os *metálicos* puderam ver os Iron Maiden, Destruction, Girlschool, Motorhead e Saxon. Tendo estes últimos participado no Rock Benfica com os Wailers, Bonnie Tyler e Bryan Adams que Portugal pode finalmente aplaudir.

Por maioria o concerto banhada de língua inglesa terá sido o dos Woodentops, para quem lá esteve a esquecer, senão corre-se o risco do trauma para o resto da vida.

Para que não se pense que só os anglo-americanos nos visitaram faz-se notar a heterogénea comitiva francesa, que embora discreta não deixou de contar com a presença maldita do cantor da liberdade Léo Ferré. Para outros gostos musicalmente mais refinados houve Didier Lockwood, Michel Jonasz e Jean-Luc Ponty. Tendo nos surpreendido a delegação francesa com a *chançonnette* roqueira urbana de Renaud.

Do nordeste brasileiro os

momentos trazidos por Djavan e Elba Ramalho. Pouco concorrido mas de grande qualidade o rever, matando saudades, Milton Nascimento. Agradando a gregos e troianos reapareceu fulgurante Chico Buarque. Com nada de novo e vindo regularmente, como se já fizessem parte da casa, recebeu-se a visita quase entediante de Maria Bethânia e Gal Costa. Conheceu-se o bom novo rock brasileiro dos Titãs. E como não podia deixar de ser a comitiva brasileira teve lugar para a piroseira dos Roupas Nova, que de novo, possivelmente só a roupa.

Pr'ó rico e pr'ó pobre

Só os ricos puderam disfrutar da presença em Portugal de Ray Charles, The Platters e Rita Coolidge. Os saudosistas tesos tiveram que se contentar com as imagens da sua chegada à Portela e das reportagens dos jornalistas atentos. É que de facto só alguns têm dinheiro suficiente para pagar uma refeição intragável no Casino do Estoril para ouvir alguns bons músicos que só o C.E. tem dinheiro para pagar. Desta forma escondidos das massas estiveram também o top de vendas Julio Iglésias, Tony Bennet e Roberto Carlos, o decrépito Adamo ou a, e só isso, sensualíssima Paloma San Basilio.

Para os menos ricos, mas não completamente tesos, houve os que são capazes de ir à estrada (mentar Kerouac) aqui mesmo

em Espanha, aconteceram concertos, quase todos os dias, com nomes internacionais. Tentando não esquecer os mais importantes refiro: Sting, Supertramp, Frank Zappa, Michael Jackson, Pink Floyd, Whitney Houston, Bruce Springsteen e Deep Purple. Tal como o recentemente televisionado Concerto da Amnistia Internacional.

Também em Madrid, mais discretamente, passou Iggy Pop, o odiado quarentão que como ninguém encarna, ainda hoje, a essência do rock.

Os pobres, esses, ficaram mais ricos porque festivais aconteceram muitos por todo este país. O aplauso merecido às autarquias que a preços módicos possibilitaram às carteiras magras momentos diferentes.

Nesta última categoria cabe também a Festa do Avante, este ano abrilhantada pelo africano, *griot* de sempre, Mory Kanté. E para os que não conheciam a surpresa de Luís Gonzaga, filho de Gonzagão, surpreendente pelo que ainda se desconhece da música feita no Brasil.

E, finalmente, o reaparecimento em Lisboa das Marchas Populares, e no Porto da Serração da Velha, na Ribeira.

Registe-se a estreia dos filmes: "Rattle and Hum", dos U2 e "Moonwalker" de Michael Pepsi Jackson.

Esperemos que 89 se não for melhor, pelo menos, seja igual em diversidade, quantidade e qualidade.

Maria José Belo Marques

Televisão

Obrigado, Brasil!

I O facto mais saliente da televisão dos nossos dias é a ausência de um programa estrela. Ficar-se em casa, por exemplo, para ver a **Família Forsight**, ou mais tarde o **Zip-Zip** ou, ainda não há muitos meses o **Humor de Perdição** e **Roque Santeiro**, é coisa que, hoje, não acontece em termos de cumplicidade geral. Alguns ficarão para ver a **Mala de Cartão**, o **Norte e o Sul**, **Modelo e Detective**, o **Alf**. São franjas, não um conjunto significativo.

Já se disse que, em termos gerais de programação, a televisão portuguesa é melhor do que muitas televisões estrangeiras. Verdade. Por dois motivos: porque só temos dois canais, porque temos ainda um número reduzido de horas de emissão. Se aumentar a bagunça aumenta o lixo. Inevitável.

Um facto importante a assinalar no ano que termina é a importância acrescida dada à programação nacional. Sendo certo, porém, que a participação estrangeira ainda é suficientemente maioritária, com realce para a dos Estados Unidos.

O inglês é a língua mais falada no mundo da ficção. É em inglês que o nosso imaginário se exprime. Existe uma verdadeira colonização das emoções, dos sentimentos, da reflexão ao nível do sonho. Apenas o Brasil resiste. Obrigado, Brasil!

A Europa quase desapareceu da televisão. De França, que me lembre, vieram a **Mala de Cartão**, esse encanto de mediocridade, e **Molière, comédia e charme**, de excelente qualidade.

Da Itália recordamos principalmente **Fontamara**, em quatro episódios.

A Alemanha enviou-nos **Berlim, Praça Alexandre**.

A Suécia participou com uma suequíssima **Medeia**.

Da União Soviética vieram alguns programas de **ballet** e **circo**.

Da Espanha, nada. Pelo menos capaz de ficar na memória.

Os ingleses avançam com algumas obras de qualidade e outras menos: **Oscar Wilde**, **Sim, Senhor Primeiro Ministro**, (lembram-se não é?) **Miss Marple investiga**, o **Quarto dos Fundos**, **Acasos da Guerra**, o medíocre **Regresso a casa**, **Pulavsky, detective privado** (injustamente retirado de cena) e duas produções de elevado nível: **A Campanha**, que denunciava os poderes da «classe política» e o **Diário de Adrian Mole**, notável de humor, de realidade, de conhecimento humano.

Recebemos da Austrália **O Império Carson**, folhetim muito apreciado entre nós; **Quanta água correu debaixo da ponte**; e uma história (**A Demissão**) ponderosamente reflexiva.

Os brasileiros vieram em socorro da língua portuguesa com alguma artilharia pesada: **Roque Santeiro**, a telenovela inesquecível, à frente de todos; depois **Tudo ou nada**, **a Selva de Pedra** (tão despercebida entre nós, apesar de por

muitos estudiosos brasileiros ser considerada a mais importante na história das telenovelas no Brasil); **Anos Dourados**; **Joana**; **Helena**; **Imigrantes** e, ultimamente, o **Primo Basílio**, trabalho em que a Rede Globo jogou forte, e para ganhar, e a telenovela **Brega e Chique**.

Da América veio a parte de leão: **Norte e Sul**, o **Justiciero** (tontice «em defesa do governo e da lei») o **Alf** (toda a sabedoria americana da arte de contar uma história), o **Fugitivo** (em ruminância) **Modelo e Detective** (aí está, é difícil contar melhor!) **Maude** (demasiado ianque...) **Fama e Dallas** (ambas a resvalar na decadência dos horários...) o «eterno» **Hill Street**, as **Teias da Lei**, a **Quinta dimensão** — e um sem número de dramáticos em série para gente em série de que seria fastidioso dar notícia aqui.

II

Já se fez a devida justiça ao incremento dado à produção nacional. Carlos Pinto Coelho prometeu e está a cumprir.

Só que esse aumento se tem reflectido ainda exageradamente nas rubricas percíveis, no **self-service** da TV, ou seja, nos programas de conversa, jogos, concursos, tarefas de estúdio, variedades, género «aponta a câmara e dispara». Programas que nascem todos os dias ou todas as semanas, sem lastro para o futuro. É atirar dinheiro à rua, todo aquele que não se investe na construção da memória.

Tivemos o **Estúdio 4** (não vale a pena bater mais no ceguinho) **Clube Amigos Disney** (enfim, talvez seja melhor isto do que a SIDA) **Ponto por Ponto**, **Estude-o**, o nosso século, com pés e cabeça, **clubíssimo**, **30 minutos com o deixem passar a música** (coitado, não faz mal a ninguém) o **piano bar** — nome que pronuncio com alguma ternura, nem sei bem porquê, **O caçador da Ribeira** que deixaram cair sem eu ainda saber porquê.

As crianças viram-se visadas com

rubricas várias, cheias quase sempre com produção estrangeira, alguma (enfim!) dobrada. Marco a assinalar: **O Romance da Raposa**, em cinema de animação.

Para a ficção, verdade se diga, foi ano grande, digamos que foi ano de viragem.

Manteve-se o popularíssimo **Duarte & Companhia**; vieram os **Homens da Segurança**, **Contos e vigários** (lembram-se daquele «Um homem sério?»), de António Vitorino d'Almeida, as **Histórias quase clínicas** (uffff!) «A vida ao pé de nós», de Luís Filipe Costa, etc.

O teatro teve representação condigna, embora de presença muito limitada: **Cobardias**, **Um jeep em segunda mão**, **Octávio**, o **corrigidor**, **Topaze**, para citar o teatro feito pela Televisão.

Ressuscitaram-se velhos bacamartes e no 2.º canal passaram-se várias peças que andaram pelos palcos.

Lá em casa tudo bem não caiu em graça e **Sétimo Direito** é mesmo uma desgraça.

Recordarei algumas rubricas salientes no decorrer do ano.

Tempos Modernos; **O Elogio da Leitura**; **Africaníssimo**; **Parlamento**; **Concordo ou Talvez Não**; **Setenta Vezes Sete**; **Primeiro Andamento**; **A Escrita da Casa**; **A Hora da Verdade**; **Mátria**; **Eu, Pessoa**; **Gente de Sucesso**.

Recordemos mais: o ano de 1988 foi o ano memorável dos Jogos Olímpicos e do Europeu de Futebol, no plano desportivo.

Foi o ano do reaparecimento tímido (6, país de brandos costumes...) da telenovela portuguesa.

Foi o ano de uma das maiores broncas de sempre: a degola, sem anestesia, do **Humor de Perdição**. Aqui, o amor à verdade, à crítica, à imaginação, escrevia-se com H. Herman José começava a fazer parte do nosso património cultural. Os curas e barbeiros deste país não gostam disso.

O pior sector da RTP continua a ser o da Informação, completamente sujeita às rédeas oficiais. É uma correia de transmissão de propaganda do poder, ou seja, é tudo menos informação. Desacredita-se em cada dia que passa.

Mário Castrim

REALCES

DESporto — *Os Jogos Olímpicos.*

HUMOR — *Humor de Perdição.*

CONCURSO — *Com Pés e Cabeça.*

INFANTIS — *O Romance da Raposa.*

TELENOVELA — *Roque Santeiro.*

TELETEATRO — *Um Jeep em 2.ª Mão.*

REPORTAGEM — *Hora da Verdade, a violência sobre as crianças.*

RUBRICA POLÍTICA — *Parlamento.*

MODERADOR — *Hélder Freire.*

BASE DE INFORMAÇÃO — *Manuela Moura Guedes.*

VARIEDADES — *Tom Jobim (da Rede Globo).*

REALIZADOR — *Jaime Campos (Um Jeep em 2.ª Mão).*

REALIZAÇÃO PELO CONJUNTO DA OBRA — *Artur Ramos.*

PROJECTO TEATRAL (O AVEJÃO,

AMPAPO DE MÃE, A BIRRA DO MORTO) — *Fernando Midões.*

PROGRAMA DIÁRIO — *Tempos Modernos.*

PRODUÇÃO NACIONAL

DE FICÇÃO — *A Vida ao Pé de Nós.*

REVELAÇÃO CULTURAL — *O Elogio da Leitura.*

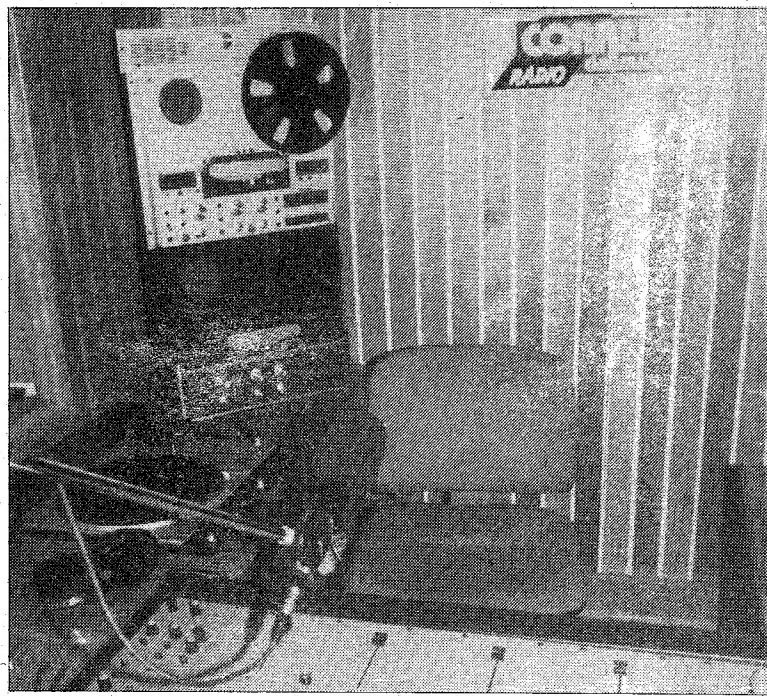
PRODUÇÃO ESTRANGEIRA — *O Primo Basílio.*

APRESENTADOR DE CONCURSOS — *Fialho Gouveia.*

PROGRAMA RELIGIOSO — *Setenta Vezes Sete.*

PROGRAMA DE DEBATE — *Concordo ou Talvez Não.*

MUSICAL — *Primeiro Andamento.*



A "lei do silêncio"

Em termos de Comunicação Social, o acontecimento da década, a nível nacional, é o aparecimento e proliferação das rádios livres, novas, ou como lhes queiram chamar.

Ao fenómeno da massificação transnacional, operado pela difusão via satélite de emissão de televisão para todo o mundo, «opõe-se» um movimento irresistível de «desmassificação» operado pelas rádios locais.

As rádios locais, que surgem na base de projectos amadores ou semiprofissionais, foram, até ao último ano, o vector fundamental das rádios livres.

O ano passado, com o aparecimento do «Correio da Manhã/Rádio», projecto profissional que roda em torno de um «núcleo duro» de jovens vindos das estações oficiais, núcleo esse personificado pelo profissional mais talentoso «surgido» nesta década, Rui Pêgo, a situação alterou-se.

Já existiam algumas estações de âmbito local ou regional com alguma projecção: a Rádio Azul (Setúbal), a Telefonía de Lisboa e a Rádio Universidade Tejo, e sobretudo a Rádio Cidade (Amadora).

Enquanto a Rádio Cidade, ainda hoje a mais popular rádio nova da zona da Grande Lisboa, assentava o seu dispositivo na «novidade» de um esquema cheio de tiques, maneirismos e locução abasileirados, o «Correio da Manhã/Rádio» (CMR) surgia aparentemente como mais uma Rádio «gira-discos» (como o são a RFM e, menos, a Comercial), caracterizada no entanto, por um estilo, um projecto e um público-alvo bem determinados.

Na Primavera deste ano, começaram as emissões de outra estação, a TSF, que tinha como base uma cooperativa de profissionais (descontentes) da emissora oficial — a RDP.

Emissora tipicamente de «news and music», dando um extraordinário relevo à **informação viva**, à reportagem, à «cacha», ao debate, ao directo e à informação especializada, rapidamente a TSF se impôs como uma obrigação diária permanente àqueles para quem a informação é vital.

A compreensão das característi-

cas da «sociedade da informação», que cada vez mais é o padrão das civilizações avançadas, levou o CMR a evoluir no sentido de uma estação do tipo «music and news»: programas especializados, ao fim-de-semana, em músicas e músicos, noticiários breves de hora a hora e até longas entrevistas com personalidades públicas («Conversa Aca-bada»).

Se, como se diz no título deste «balanço», 1988 terá sido o «ano de todas as rádios», porque a todos foi permitido falar e emitir, também foi o ano em que as rádios oficiais apanharam um enorme «banho» e se mostraram envelhecidas e ancladasas...

As rádios locais levantaram e debateram os problemas das suas terras, o CMR mostrou a melhor música pop e falou dela como ninguém, a TSF informou antes, melhor e de uma forma mais completa do que toda a concorrência.

Também em termos de profissionais não há um único que eu me lembre que se tenha «revelado» ou «confirmado» nas estações oficiais.

Pelo contrário, seria infundável a lista de revelações das rádios novas, das quais destacaria Elizabeth Caramelo, Manuel Acácio e Miguel Barroso, da TSF, e Margarida Pinto Correia, do CMR. E a «revelação do ano», foi, sem margem para dúvidas, José Frágoso, da TSF, editor do magnífico «Jornal Olímpico».

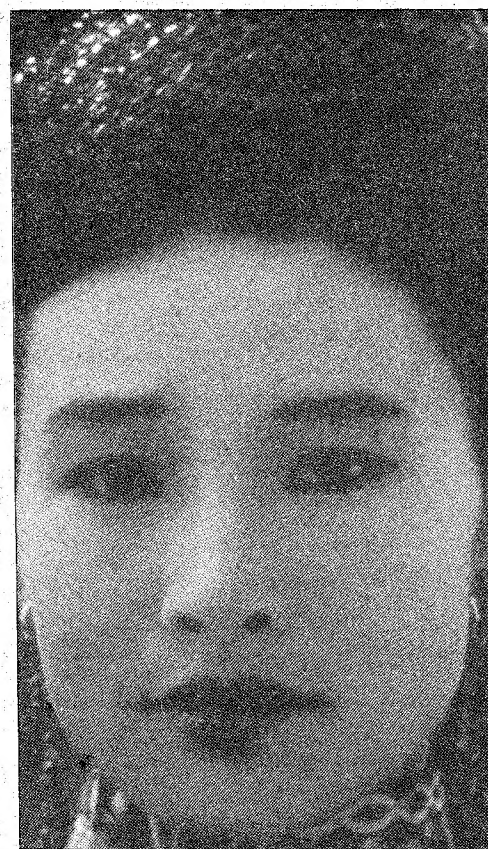
Falar em confirmações é falar também nas rádios «novas»: Manuela Paraíso (excelente!), da RGT, João Gobern e José Mariño no CMR, Maria Flor Pedrosa, na TSF.

A Rádio fora dos limites das rádios novas foi um zero quase absoluto, de tal procura que sobre ela não me vou pronunciar.

O balanço de 1989, e espero estar cá para o fazer, será seguramente diferente. A «lei do silêncio», imposta por Cavaco Silva e seus pares, poderá trazer muitos amargos de boca, muitas tristezas e muitas distorções.

A esperança, é, no entanto, a última coisa que se perde...

Rui Cartaxo



VÍDEO

Os cinco mais do ano

ESCOLHER estes filmes porque eles são como certos livros e algumas pessoas elogios ao nosso bom gosto. Começar o ano de 89 com qualquer uma destas películas é um luxo merecidamente conquistado. Tal como o champagne.

(A) Escolha de Sofia

A Escolha de Sofia, ou a imitação da felicidade como também se poderia intitular este filme, é a adaptação bem conseguida do romance homónimo de William Styron, que, como é sobejamente conhecido, valeu a Meryl Streep a conquista do famigerado óscar. Não obstante, este não é sequer o aspecto mais meritório da película como reflexão que consegue ser acerca dos anos que se seguiram ao final da 2.ª Guerra Mundial e da impossibilidade de esquecimento por parte de quem lhe sobreviveu. Sofia, polaca de nascimento, antiga prisioneira de um campo de concentração é, de resto, a melhor encarnação desta realidade, ainda que ela ansie reencontrar o fio do destino ou mais simplesmente uma razão para esquecer. Será, pois, no seio de um casamento conflituoso com Nathan, o seu protector nos Estados Unidos, que a memória se transforma num tabu que atinge Sofia em permanentes estilhaços. É o piano, é a máquina de escrever de Stingo e a marca indelével de uma escolha feita nos anos da guerra. É o paradoxo aparente entre os parques de diversões, as merendas no telhado e a certeza da decadência.

É sobretudo uma das grandes edições de 88 que ao bom cinéfilo não pode escapar.

ET - O Extraterrestre

POUCOS são os realizadores da actualidade que se poderão dizer autores de clássicos quando esta designação continua quase exclusivamente atribuída a filmes rodados na chamada época de ouro. Steven Spielberg conseguiu-o, primeiramente com **Os Salteadores da Arca Perdida**, onde reinventa o gosto pela aventura em si mesma, e pouco depois com este **E.T. - O Extra-Terrestre**, que se mantém até à data como o seu trabalho mais conseguido: a obra-prima.

A história é de todos conhecida e prestar-se-ia a um discurso cinematográfico relativamente vulgar se os excelentes meios técnicos de que usufrui não fossem combinados com um bom trabalho fotográfico e uma capacidade imaginativa a todos os títulos notável. A cena do voo das bicicletas, digna de figurar em qualquer boa antologia de cinema é, aliás, sem qualquer dúvida, o melhor exemplo desta atitude.

É evidente que a alguns assistirá o direito de dizer que deste e de outros filmes de Spielberg não consta qualquer especial mensagem, mas será que **E.T.**, cuja videocassete é de razoável qualidade, necessita de outra justificação que não seja uma récita sobre a amizade, aliada à inovação estética? Ou incomodar-nos-á que na inverosimilhança da sua narrativa, o extraordinário sucesso deste filme acabe por se converter no testemunho da emergente necessidade de maravilhoso, própria a estes tempos difíceis que se vão julgando inteiramente desmistificados?

E.T. - The Extra-Terrestrial. Realização: Steven Spielberg (EUA - 1982). Intérpretes: Dee Wallace, Peter Coyote; Drew Barrymore, Henry Thomas Elliot. 110 minutos. Cor. Maiores de 6 anos. Edição Edivideo.

Eva

DOS anos dourados da cinematografia norte-americana chegou-nos este ano, via videoclubes, uma obra magnífica que dá pelo breve mas sonoro nome de **Eva**.

Sendo a história de uma jovem desconhecida que para atingir a notoriedade no meio teatral novaiorquino ilude e atraiçoa todos quantos a auxiliaram, **Eva** não envereda, no entanto, pelo discurso caduco dos bons e dos maus, dos que se mantêm verticais e dos outros, mais sinuosos. Ao invés, realizador e argumentista optam por nos brindar com um conjunto de personagens excepcionalmente representadas, tão humanamente cheias de dúvidas, tão contraditórias que **Eva** se torna rapidamente na mais bela homenagem que o podia oferecer ao teatro e seus artistas.

É, aliás, de sublinhar que paralelamente à narração das múltiplas traições de **Eva** seja questionada a fobia do envelhecimento de que pode sofrer uma grande actriz. O medo das novas rivais e de parecer ridícula no corpo de uma personagem adolescente. As dúvidas, as interrogações onde outro argumentista menos sensível apenas falaria de incertezas.

A videocassete que mantém a excelência do preto e branco original é por outro lado de tão elevada qualidade que quase descobrimos um fulgor de nostalgia no olhar de Bette Davis quando faz esta espantosa afirmação:

«Todas as mulheres têm uma carreira em comum: ser mulher. Tarde ou cedo, temos de nos dedicar a ela, independentemente de todas as carreiras.»

All about Eve. Realização: Joseph Mankiewicz (EUA-1950). Intérpretes: Anne Baxter, Bette Davis, George Sanders. P/B. Drama.

126 minutos. Maiores de 12 anos. Ed. Publivideo/CBS Fox.

Quarto com vista sobre a cidade

A vocação encantatória deste filme começa com o título deliciosamente impressionista a recordar um quadro de Renoir ou um qualquer poema de Cesário. De resto, a analogia não é de todo gratuita já que o excelente trabalho de fotografia vem ao encontro das expectativas dos mais exigentes, conseguindo traduzir com eficácia e mestria a perturbação sensorial dos ingleses mais racionais quando em férias na bela Florença, tornada palco da sedução onde, dando livre curso às paixões, é possível esquecer que «time is money».

Trata-se, afinal, de uma subtil reflexão acerca da perspectiva algo estereotipada, senão mítica, que os anglo-saxónicos possuem da pobre Europa estéril que nas margens do Mediterrâneo vive sustentada pelo coração. Parecem-nos a este propósito bem significativas as diferenças que a título de exemplo regem os comportamentos amorosos da protagonista, primeiro em Florença e mais tarde na Grã-Bretanha natal, à sombra das conveniências, a sensualidade da escrita da romancista que faz do hotel florentino um autêntico observatório de emoções ou mesmo a atitude inesperadamente tolerante da parente austera para com ingénuas leviandades de viagem.

Claro que a quem não apeteça reflectir sobre estas e outras questões que o filme possa eventualmente levantar, resta sempre a possibilidade de usufruí-lo sob uma perspectiva lúdica, tanto mais que a cassete é de boa qualidade e a história tem final feliz.

A Room with a View. Realização: James Ivory (GB-1985). Intérpretes: Maggie Smith, Denholm

Elliott, Judi Dench. Cor. Comédia dramática. 118 minutos. Maiores de 12 anos. Ed. Sonoro Filme/Videio Sif.

(O) Último Imperador

A PÓS um certo ambiente de crise nos ecrãs nas décadas de 1960 e 70, é de saudar veementemente o regresso do cinema-espectáculo, tanto mais que este não é um humilde regresso sem bagagem aos estereótipos das grandes produções tradicionais como as de Cecil B. de Mille. **Pu Yi** é radicalmente diferente de Moisés, dos faraós egípcios, dos imperadores romanos que repetem sistematicamente os mesmos tiques maquiavélicos numa perpétua tentativa de aproximação ao poder. A sua personagem desenvolve-se muito gradualmente, vive e sofre vicissitudes num ritmo impressionante que se relaciona com os outros, com as particularidades da história e do espaço — uma China confrontada com a ameaça militar do Japão e o fascínio do Ocidente. Mas **O Último Imperador** é igualmente uma abordagem da ostentação e da impotência, a alusão a um homem que nasceu filho do Céu, participou em demasiadas despedidas.

Como se tais razões não bastassem, há que referir a espantosa fotografia, bem como a banda sonora, alicerces do maravilhoso e do sonho a que não é alheia a construção deste filme que se foi tão vivamente premiado por motivos de todo estranhos ao cinema merece que o classifiquemos entre os filmes da nossa vida.

The Last Emperor. Realização: Bernardo Bertolucci (EUA, Itália-1987). Intérpretes: John Lone, Joan Chen, Peter O'Toole. Cor. Drama. 165 minutos. Maiores 12 anos. Ed. Publivideo.

Maria João Martins

O ANO DESPORTIVO

Não fosse o comportamento de Rosa Mota em Seul, as Olimpíadas de 88 teriam sido um «grande buraco» para as cores nacionais. De Seul, registre-se ainda, como memória do ano, a avalanche de casos de «doping» de que foi espoente máximo Ben Johnson. Na área futebolística o ano foi ainda menos brilhante. Do outro lado do oceano fomos bombardeados com os mais variados goleadores que, salvo raras excepções, não fizeram jús à fama. Quanto à selecção nacional, aguardemos para ver...

Uma rosa floriu em terra coreana

«O desporto, tu és paz! Estabeleces relações felizes entre os povos, aproximando-os do culto da força dominada, organizada e senhora de si própria. Contigo a juventude universal aprende a respeitar-se, e, assim, a diversidade das qualidades nacionais torna-se a origem duma generosa e pacífica emoção».

Foi com estas (e muitas outras) palavras que o historiador, pedagogo e sociólogo, Pierre de Coubertin firmou a perspectiva humanística de criar e fazer prosperar o imparável Movimento Olímpico.

Coubertin legou um pensamento e materializou uma acção, tendo em vista que o olimpismo «serve não só para defender os exercícios físicos e os brilhantes lucros do desporto na alta competição, mas, principalmente, para ajudar a criar pessoas humanas que se distingam pela sua ética, carácter e comportamento».

E, ressaltando, o triste e trágico dia 5 de Setembro de 1972 quando na cidade germânica de Munique se registou o terrível massacre que vitimou 18 israelitas, o «caso das duas Chinas», o boicote dos países africanos, mais o dos soviéticos em Los Angeles e dos americanos em Moscovo, diremos que o ideal olímpico continua a sobreviver mau grado o «doping» comece a constituir motivo para meditação e razão para algumas preocupações.

Em Seul, foram mais de uma dezena os casos que mancharam de vergonha desonra alguns atletas e os países que representaram. O mais escandaloso terá sido o do canadiano Ben Johnson que, por via de um produto denominado Estanozolol, foi desapossado da medalha de ouro a favor do americano Carl Lewis, mas outros houve que mandaram às malvas a dignidade desportiva.

Mas o que este «apontamento» pretende realçar é a relevância dos XXIV Jogos Olímpicos que, inquestionavelmente, se considera o acontecimento desportivo internacional de superior envergadura no ano de 1988.

Portugal lá esteve representado por 66 atletas a competir em 13 modalidades e por obra e (muita) graça da «rainha da Foz» sua alteza D. Rosa Mota o hino de Keil e Mendonça fez-se escutar na tarde

do dia 24 de Setembro e a bandeira das «quinas» trepou ao mastro de honra. Rosa Mota (a Rosinha de todo o nosso encantamento) venceu de forma convincente a maratona e repetiu o cometimento até aí só conseguido por Carlos Lopes na tarde do dia 12 de Agosto de 1984, em Los Angeles. Antes, apenas havíamos conseguido prata trazida por Carlos Lopes, Armando Marques, pelos irmãos Quina (José e Mário) e pelos manos Belo (Duarte e Fernando) e bronze por Rosa Mota, António Leitão, Joaquim Fiúza, Rebelo de Andrade, Mena e Silva, Francisco Valadas, Fernando Pais, José Beltrão, Marquês de Pombal, Paulo Eça Leal, Mário Noronha, Jorge Paiva, João Sassesti, Henrique Silveira, Frederico Paredes, Mouzinho da Silveira, Hélder Martins e Borges de Almeida.

Em resumo e durante a história dos «JO», Portugal arrecadou 13 medalhas, sendo duas de ouro, quatro de prata e sete de bronze.

E porque estamos com a tecla nas medalhas, diremos que desde 1986 até 1988 foram distribuídas 9375 e, por curiosidade, talvez o leitor goste de saber quem são os dez países que se colocam no topo do «ranking». Por isso, tome nota: EUA somou 1777, URSS (1000) Grã-Bretanha (562), França (459), RDA (443), Suécia (429) Itália (367), Hungria (363), RFA (309) e Finlândia (281). Isto, quanto ao conjunto ouro/prata/bronze, já que quanto ao ouro os dez mais medalhados foram: EUA (786), URSS (395), Grã-Bretanha (164), RDA (160), Itália (141), França (140), Suécia (134), Hungria (122), Finlândia (96) e Japão (87).

Sobre a distribuição das 918 me-

dalhas (ouro, prata e bronze) em 1988, encontrará o leitor um quadro nesta página, de onde ressalta a inesperada supremacia dos soviéticos e dos germânicos democráticos perante os Estados Unidos.

OS nossos em Seul

SOBRE o «erguer da bandeira» da menina da Foz está tudo dito. Ela provocou a imensa alegria e orgulho a todos nós e quando poisou em Pedras Rubras lá estava todo o Portugal a agradecer-lhe. Sobre os demais 65 companheiros menção honrosa para Domingos Castro (4.º lugar na légua), Alexandre Yokochi (vencedor da final «B» nos 200 m. bruços) João Rebelo (presença nas meias-finais do tiro aos pratos), para o comportamento de Mário Silva, Albertina

Machado, Albertina Dias, António Pinto, Malta da Costa (entrada de leão e saída de cordeiro), Rui Borges, Diogo Madeira, Sandra Neves e Paulo Trindade (todos estabeleceram novos «máximos nacionais na natação), Hugo Assunção (vencedor de dois combates) e principalmente para os ginastas Hélder Pinheiro e Sónia Moura a passarem a barreira dos 9 pontos.

Os outros

A grande ganhadora dos «Jogos» foi a nadadora Kristin Otto (RDA) que arrecadou seis medalhas de ouro, mas outros se evidenciaram de forma singular, tais como: Matt Biondi (EUA), Florence Griffith (EUA), Jackie Joyner Kersee (EUA), Carl Lewis (EUA) John Nguggi (Quénia), Vladimir Artenov (URSS), Michael Gross (RFA), Steffi Graff (RFA), Harry Butch Reynolds (EUA), Peter Ronno (Quénia), Robert Wangila (Quénia). Todos estes e alguns mais, ganharam acesso a figurar no painel das figuras lendárias dos «Jogos» ao lado de Spiridon, Pava Kahanamoka, Jim Thorpe, Paavo Nurmi, Jesse Owens, Ademar da Silva, Abebe Bikila, Wilma Rudolph, Cassius Clay, Vassili Alexeelev, Alberto Juanturema, Nadia Comaneci, Dick Fosbury, John Weissmuller, Mark Spitz e tantos outros «monstros sagrados» do desporto mundial.

Barcelona à vista

Ofogo olímpico mantém-se aceso e Barcelona-92 está à vista. Para lá seguirá a cruzada da confraternização e da paz. A obra imensa pelo objectivo e dimensão que nos foi legada por Pierre de Coubertin, continuará a ser erguida e a bandeira dos cinco anéis em fundo branco de paz, vai certamente manter-se a flutuar, simbolizando o espírito de sã competição, a alegria do triunfo e a amizade entre os povos. E que bom seria que outra rosa florisse...

Alves Henriques



Rosa impõe o izar da bandeira lusa ao som de «A Portuguesa»



"Ponte da amizade" só tem um desembarque

Contra avalanches sucessivas de pés-de-obra desaguados por estas bandas, em setenta por cento dos casos não merecendo (sequer) uma palavra de entusiasmo, cada vez vão ficando mais longe os tempos em que ultrapassámos fronteira para ir mostrar habilidades futebolísticas. E, talvez a memória dos tempos nos atraia mas estamos em crer que o cabo-queiro, o inicial garimpeiro desbravador das matas do pontapé-na-bola terá sido Francisco Pires, o avançado minhoto que voltou dos Estados Unidos naturalizado norte-americano e, como «Frank Pires», se tornou o primeiro estrangeiro a alinhar no futebol benfiquista. Ele tinha habilidade aos punhados: outros (como Bravo em Espanha, Cabrita em França) dispunham também de um talento especial para atingirem as redes contrárias. Porém, o nosso sector de emigrantes esteve sempre muito confiante: mestre (sempre respeitado) o professor Cândido de Oliveira não vingou no Brasil, ficando na mesma cova para onde o louco Helenio arrojou o serpenteante Rogério Lantres de Carvalho. Mais tarde, o Brasil veria um Fraguito (nas camadas jovens do Vasco da Gama), um Lito (perdido nas praias de Copacabana) e um Fernando Peres (impante) erguendo aos ares o seu título de campeão nacional. Pequena exceção.

A Bélgica (essa, teve sorte): aplaudiu Raul Águas e Norton de Matos, hoje técnicos de vanguarda rasgada. Também andou por lá Valtér Ferreira, eterno está-não está, sempre em fuga para outra zona. Na Áustria, actuou José Águas em fim de carreira, como mais tarde seria a vez de um largo punhado de poderosos que foi juntar um braçado de dólares aos Estados Unidos: Matateu e Eusébio, Simões e Calado, Artur Correia e Jordão, que traçaram o Atlântico

para irem vender futebol a retalho, muitas vezes em salões ou estádios regidos por leis desconhecidas para os europeus. Lá andou também o super-sónico Seninho, como largas dezenas de anos antes Emídio Graça rasgara (em Espanha) novo percurso-continuidade do rumo de Bravo: foi a hora e a vez de Carlos Duarte, José Pereira, Carlos Gomes, Oliveira, Bastos, Damas, Gomes Jordão, o eterna esperança Freire ou Quinito que, como treinador, atulharia os bolsos na Arábia Saudita. Fernando Mendes esteve nos palcos dos dólares mas também foi trabalhador na África do Sul, enquanto João Alves se tronava vedeta em Espanha e França, entre os parisienses acompanhado por Humberto Coelho. Mais modernamente, Fernando Cabrita deu um salto sobre o Mediterrâneo e foi arrebanhar um campeonato a Marrocos.

Mas, estes e alguns outros (poucos) casos não justificam, em qualquer instância, estarmos agora obrigados a importar operários ou instrutores de vinte e tal países para virem preencher, em centenas de casos a peso de ouro, lugares que poderiam (em força da prata) ser perfeita e modeladamente ocupados por gente da casa.

Estaremos, no aspecto brasileiro, pagando o que lá saqueámos desde Pedro Álvares Cabral? Talvez, é bem provável: e os juros acumulados transformam tostões em milhões. Em contrapartida, que raio fizemos a outros países (Paraguai, Argentina, Egipto, Marrocos, Suécia, Nigéria, Zaire, Argélia, Polónia, Bulgária, Inglaterra, Uruguai, Bélgica, Venezuela, França, Hungria, Holanda, Espanha, Jugoslávia, África do Sul, Dinamarca, Guiné Konacri) para todos terem para aqui exportado o que havia ao dispor na prateleira? Certo e correcto que tenhamos os braços abertos a países que têm língua de expressão portuguesa

(Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné) mas parece-nos bondade demasiada despejar o que resta de magros cofres para ficarmos a ver navios no Alto de Santa Catarina, deixando deslizar pelo verde dos palcos futebolísticos a esperança de alguns dos nossos melhores valores conseguirem assomar à janela da boa esperança.

Precisamente nesta volta de calendário (outras estarão para desaguar...) um lote de, no máximo, quarenta executantes brasileiros, podem dizer que custaram tuta e meia: a compensação logo surge naqueles que estão custando fortunas com muitos zeros para a gente e cifrões pagos em dólares (que os sujeitos não são parvos, não buscam nem vêm por escudos para forrar paredes ou cruzados para atapetar o chão), anda por estas terras, certamente tornando bem luso-brasileiro o campeonato da loja.

Sem preocupação de me anteciper a Pepe (José Macia) ou Osvaldo Silva, no recrutamento dos brasileiros a que podem fazer apelos para o decantado jogo a favor das vítimas do incêndio no Chiado, olhem só a galeria que vale aplauso: Everton, Celso, Hugo e Gilmar (guarda-redes), João Luis (defesa direito), Mozer, Geraldão, Duffio, Luizão, Fernando e os dois Ricardos (centrais de cobertura), Zé Mário, Marcos António e Branco (laterais da canhotia), Elzo («trinco»), Silas, Pingo, Chiquinho, Du-du, Pitico, Marlon Brandão, Valdo, Nivaldo, Nelson Borges, Zinho, Wado, Mário, Silvinho e Dino (meio-campo), Cascavel, Jorge Andrade, Dino, Everton, Roldão, Mauríciozinho e Ademir (frente atacante). Aqui também já se podendo contar com Douglas e Lima, os brasileiros que estiveram desiludindo no primeiro andamento do luso-brasileiro torneio agora afastando-se das dezenas de compatriotas que (arrastando-se ou fu-

gazmente cintilando) nos campeonatos secundários vão fazendo pela vidinha o melhor que lhes é possível.

A verdade é que, mesmo sabendo-se que a nossa moeda dispõe de fraca cotação nas paridades internacionais onde moram proximidades de opulência, continua a verificar-se onde o estranho caso da tão apregoada «ponte aérea» só funcionar para um lado. É que, sem qualquer paradoxo, também no campo artístico o fenómeno fica idêntico: desde Gal a Simone, de Ney Matogrosso a Nara, do Chico até João Gilberto, passando por Djavan e Robertinho, Baden Powell e Joana, dos Roupa Nova até Maria Betânia, de Creusa aos saudosos Vinicius e Elis, de Fábio Júnior à opulenta Fafá de Belém, dos tempos já longínquos de Tóquio, Leny Eversong e Grande Otelo, do Odyr Odillon e da Mara Abrantes, tudo o que merece aplauso ou vale sómente uma pequena reflexão, chega até Portugal e, desembarcando de braços ao alto, proclama: «cheguei! Meus irmãos, estou em terreno conquistado!»

Na volta, meia dúzia de tímidas arremetidas: para além de Amália, Francisco José e Maria da Graça, viu-se que Rui de Mascarenhas e Maria de Lurdes Resende viajaram quase incógnitamente e, para adiantar a aplauso às Irmãs Meireles foi necessário remeter o passinho em frente do louro Roberto Leal ou a palavra bonita de Carlos do Carmo e Paco Bandeira, Marco Paulo Paulo e Maria da Fé para consumo restricto; anteriormente Luis de Campos batendo-se para impor Maria José Valério, Mário Rocha apostando em Paula Ribas, o sempre incompreendido Abílio Herlander debatendo-se num coleite de forças paralelo do que circulo Madalena Iglésias, agora um ouzado Dino Meira também a vingar-nos com a força da sua pene-

tração no folclore lusíada. Mas, só isso: unicamente para consumo interno.

Por cá, mora-se em paraíso que se totalmente vindimado. Ao menos (será pedir muito?) deixem-nos ficar esperando dias em que também a Rádio não nos impinja, hora-a-hora, sotaques que fugiram da América do Sul imaginando (hoje) que estão desenrolando a fala para os morros ou entre as favelas. É tempo de se parar a nova colonização, travar às quatro rodas à porta de um abismo. O grito do Ipiranga tem de ser dado ao contrário, antes que todos voltemos ao tempo em que (por lá) se usava tanga e andava com penas na farta cabeleira. Já nós vestíamos pela moda do Mundo («mundial» de Inglaterra, êxitos uesteiros do Benfica, Sporting e Porto, sucesso estrondoso dos «dragões» em Tóquio, depois de também termos brilhado no «europeu» desenrolado em terras tricolores) mas, apesar do belo comportamento das nossas mais jovens camadas nas compitas onde se apresentam, regressámos novamente (e em ritmo veloz) à estaca zero. Porque, mesmo os bons professores apenas se limitam a dar meia dúzia de aulas: passam por aqui, em voo planado junto às tesourarias e, por via desse tal «leasing» que é a última salvação-artimanha de certos momentaneos excursionistas no mundo do futebol, logo zarpam para outras paragens, gozando à brava o barrete que enfiaram aos pobres de Cristo que, teimosos e persistentemente, masoquistas ou perfeitos palermas, ainda vão indo aos estádios, suportando tudo e mais alguma coisa. Para sempre se arrependem: e logo voltarem ao lugar onde foram flagelados. Com os braços abertos da tradicional hospitalidade portuguesa.

Neves de Sousa